



LORA
ROBERTS

Amor de verão

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AMOR DE VERÃO

Summer pleasures

Nora Roberts

HARLEQUIN BOOKS

Rio de Janeiro

2006

SUMMER PLEASURES Copyright © 2002 by Harlequin Books SÁ

SECOND NATURE Copyright © 1985 by

ONE SUMMER Copyright © 1986 by

Tradução: Alexandre D'Elia

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

ISBN 85-7687-061-4

Digitalização: Silvana Bayer

Revisão: Marcilene Chaves

Versão ePub: AZ

Sinopse

Amor de verão é mais uma antologia de sucessos de Nora Roberts, na qual a autora explora a linguagem do desejo, da atração e dos sentimentos através de dois romances que ficarão na memória e no coração do leitor por muito tempo.

Segunda Natureza é a história de Lee Radcliffe, repórter determinada a conseguir uma entrevista exclusiva com o escritor Hunter Brown, conhecido pelos seus livros de terror e pelo estranho hábito de viver isolado.

Apesar de não dar entrevistas, Hunter, fascinado pelo magnetismo de Lee, abre uma exceção, mas com a seguinte exigência: ela deveria acampar com ele por duas semanas em Oak Creek Canyon, no Arizona. Disposta a enfrentar adversidades em nome do trabalho, Lee aceita a proposta.

Com o passar dos dias, fica difícil manter o relacionamento no nível profissional. Agora, Lee terá de optar entre conseguir a entrevista mais importante de sua carreira ou escutar a voz do coração e dar um passo rumo a um futuro incerto.

Em Retratos de um Verão é contada a história da fotógrafa Bryan Mitchell, amiga de Lee. Ao ser convidada para criar um ensaio cujo tema é o estilo de vida americano durante o verão, Bryan sente que essa é uma boa oportunidade para mostrar que seu trabalho não se restringe aos ricos e famosos. O único problema é que ela terá de realizar o projeto em parceria com o foto jornalista Shade Colby.

Shade é o tipo de homem que incomoda Bryan. Bruto e cínico, ele também não está nem um pouco satisfeito com a ideia de dividir seu tempo com outra fotógrafa. Mas, como não há brechas na proposta, os dois partem em uma viagem de Los Angeles a Nova York, discordando do início ao fim em todos os aspectos e decisões.

Ao longo do caminho, Shade passa a admirar o jeito bondoso e acolhedor de Bryan, sempre disposta a perceber o lado belo da vida. E, junto com a admiração, ele começa a sentir afeição pela companheira.

Em pouco tempo, Bryan e Shade descobrem que terão de tomar, talvez, a decisão mais importante de suas vidas. E antes do fim do verão.

Sumário

[Segunda Natureza](#)

[Retratos de um Verão](#)

SEGUNDA NATUREZA

Para Deb Horm, pelas lembranças recíprocas.

Prólogo

...com a lua cheia e branca e fria. Ele viu as sombras se deslocando e tremendo como se fossem criaturas vivas por sobre a neve incrustada. Céu negro, lua branca, sombras negras, neve branca. Até onde conseguia enxergar, não havia mais nada. Apenas um vazio muito grande, uma ausência de cor. O único som era o gemido sibilante do vento em meio às árvores nuas. Mas ele sabia que não estava só, que não havia segurança no negro ou no branco. Um candente fio de medo perpassava seu coração. A respiração, extenuada, quase inexistente, exalava pequenas nuvens brancas. Por sobre o solo congelado emergia uma sombra negra. Não tinha para onde correr.

Hunter deu uma tragada no cigarro e olhou para as palavras à sua frente, envoltas numa neblina de fumaça. Michael Trent estava morto. Hunter o havia criado e moldado apenas para aquela morte fria e lamentável na lua cheia. Teve uma sensação que era muito mais de êxito do que de remorso por destruir o homem que ele conhecia mais intimamente do que a si próprio.

Entretanto, terminaria o capítulo ali, deixando os detalhes do assassinato de Michael para a imaginação dos leitores. A ambientação estava posta, os segredos, sugeridos, o destino era palpável, mas inexplicável. Ele sabia que esse seu costume ao mesmo tempo frustrava e fascinava os admiradores. E como esta era precisamente sua intenção, estava satisfeito. Nem sempre ficava.

Ele inventava situações assustadoras, de tirar o fôlego, indescritíveis. Hunter explorava os mais obscuros recantos da mente humana e, com fria precisão, tornava-os tangíveis. Tornava o impossível plausível e o sinistro, lugar-comum. O lugar-comum, ele frequentemente transformava em algo aterrorizante. Utilizava as palavras da mesma forma que um artista usava os pincéis, e produzia histórias envoltas em tal cromatismo e simplicidade, que o leitor sentia-se aprisionado desde a primeira página.

Escrevia histórias de terror, gênero no qual obtinha um sucesso fenomenal.

Fazia cinco anos, era considerado o mestre neste seu jogo particular. Produzira seis best-sellers galopantes, quatro dos quais transformara em roteiros de filmes. As críticas eram as melhores possíveis, as vendas não paravam de crescer, cartas de fãs chegavam de todos os cantos do mundo. Hunter não dava a menor importância. Escrevia primeiro para si mesmo, porque contar uma história era o que fazia de melhor. Se conseguia divertir alguém com suas histórias, ficava feliz. Mas, independente das reações de público e crítica, jamais se arrependia de ter escrito algo. Tinha seu trabalho; tinha sua privacidade. Essas eram as duas coisas mais importantes de sua vida.

Não se considerava um recluso; não se considerava antissocial. Simplesmente levava sua vida da maneira que escolhera. Fizera o mesmo seis anos antes... antes da fama, do sucesso e do grande progresso de vida.

Se alguém lhe perguntasse se o fato de ter escrito uma série de best-sellers havia mudado sua vida, ele responderia: e por que deveria ter mudado? Era escritor antes de *A dívida com o diabo* pular para o primeiro lugar da lista do *New York Times*. E era escritor agora. Se tivesse sido sua intenção efetuar mudanças na vida, teria se tornado encanador.

Algumas pessoas diziam que seu estilo de vida era calculado — que ele criava a imagem de excêntrico só para fazer efeito. Boa promoção. Algumas pessoas diziam que criava lobos. Outras diziam que ele nem mesmo existia. Era o produto inteligente da imaginação de algum editor. Mas Hunter Brown não tinha a menor consideração com o que diziam. Invariavelmente, ouvia apenas o que lhe convinha, via apenas o que desejava ver e lembrava de tudo.

Depois de apertar uma série de botões no processador de texto, preparou-se para o capítulo seguinte. O capítulo seguinte, a palavra seguinte, o livro seguinte, eram de muito mais importância para ele do que qualquer artigo hipotético que pudesse vir a ler.

Trabalhara por seis horas naquele dia, e imaginava que ainda aguentava mais duas, pelo menos. A história fluía como água congelada: fria e clara.

As mãos que digitavam eram bonitas — bronzeadas, enxutas, volumosas e com dedos longos. Alguém poderia olhar, parar e pensar que elas poderiam compor concertos ou poemas épicos. Elas compunham, na verdade, sonhos obscuros e monstros — não aqueles com garras e dentes à mostra e cheios de cicatrizes, mas monstros bastante reais, que davam arrepios. Ele sempre incluía uma boa dose de realismo e de cotidiano em suas histórias, o que fazia com que o terror adquirisse características reais e plausíveis. Havia uma criatura escondida no baú escuro de sua obra, e esta criatura era o medo particular de cada um. Ele sempre a encontrava. E então, centímetro a centímetro, abria o cadeado do baú.

Quase esquecido, o cigarro queimava no cinzeiro já transbordante perto de seu cotovelo. Fumava demais. Talvez fosse o único sinal exterior da pressão que se auto-impunha, pressão que não toleraria de ninguém mais. Queria terminar o livro até o final do mês, sua meta auto-imposta. Num de seus raros impulsos, concordara em falar em um congresso de escritores em Flagstaff na primeira semana de junho.

Não era comum ele aceitar aparecer em público, e quando aparecia não era nunca um evento grande e divulgado. Este congresso em particular reuniria não mais do que duzentos escritores e candidatos a escritores. Ele apresentaria seu workshop, responderia perguntas e depois voltaria para casa. Não haveria cachê para os palestrantes.

Somente neste ano, Hunter recusara sumariamente várias ofertas de algumas das mais prestigiosas organizações ligadas ao meio editorial. Prestígio não lhe interessava, mas considerava, a seu próprio modo peculiar, a contribuição à Corporação dos Escritores do Arizona Central uma questão de dívida pessoal. Hunter sempre entendeu que nada era de graça.

A tarde chegava ao fim quando o cachorro deitado aos seus pés ergueu a cabeça. O cão era esguio, com uma pelagem acinzentada e brilhante e a aparência retilínea e inteligente de um lobo.

— Já está na hora, Santanas? — Com um carinho que lhe parecia inato, a mão de Hunter acariciou a cabeça do cachorro. Satisfeito, mas já tendo decidido trabalhar até mais tarde, desligou o processador de texto.

Hunter deixou para trás o caos de seu escritório e dirigiu-se para a arrumada sala de estar com suas janelas altas e um loft no teto. Cheirava a baunilha e a margaridas. Grande e macio, o cachorro acompanhava-o.

Após abrir as portas que davam para o pátio de terracota, olhou para as espessas árvores que o circundavam. Tinham sua privacidade ao manter os outros afastados. Hunter nunca as levou muito em consideração, só sabia que precisava delas. Precisava da paz, do mistério e da beleza, da mesma forma que precisava dos grossos paredões vermelhos do canyon que se erguia ao redor de sua casa. No silêncio, conseguia escutar o barulho da água no riacho e aspirar a inebriante frescura do ar. Isso jamais lhe fora indiferente; não era algo que tivesse tido por toda a sua vida.

Então a avistou, caminhando despreocupadamente pela trilha espiralada que dava na casa. O rabo do cão começou a balançar.

Às vezes, quando a via assim, Hunter imaginava que seria impossível algo tão adorável pertencer a ele. Era morena e tinha um aspecto delicado. Movimentava-se com uma autoconfiança que o fazia sorrir mesmo quando sofria. Ela era Sarah. O trabalho e a privacidade eram as duas coisas vitais em sua vida. Sarah era sua vida. Ela justificara as lutas, a frustração, as lágrimas e a dor. Ela justificava tudo.

Olhando na direção dele, ela abriu um sorriso que brilhava em virtude do aparelho dentário.

— Oi, pai!

Capítulo 1

A semana de lançamento de uma revista como *Celebrity* é o caos total. Cada chefe de departamento fica à beira de um ataque de nervos. Escrivainhas ficam lotadas, telefones indisponíveis e almoços são deixados de lado. O ar fica saturado de uma sensação de pânico que cresce a cada hora. O bom humor desaparece e os pedidos beiram o ultraje. Na maioria dos departamentos, as luzes ficam acesas até tarde da noite. O forte aroma de café e a ardência da fumaça de cigarro estão sempre presentes. Caixas de antiácidos são devoradas e garrafinhas de colírio passam de mão em mão. Após cinco anos na equipe, Lee já considerava o pânico mensal parte do trabalho.

Celebrity era uma publicação fina e respeitável cujas vendas geravam milhões de dólares por ano. Além de histórias sobre os ricos e famosos, publicava artigos de eminentes psicólogos e jornalistas, entrevistas com políticos e astros de rock. As fotos eram de excelente qualidade, assim como o texto era cuidadosamente pesquisado e redigido de uma maneira concisa e enxuta. Alguns de seus detratores talvez a considerassem apenas fofoca de qualidade, mas a palavra qualidade nunca era esquecida.

Um anúncio em *Celebrity* era aposta certa para gerar vendas e interesse, e seu preço era igualmente proporcional. *Celebrity* era, em um negócio competitivo ao extremo, uma das mais importantes publicações mensais do país. Lee Radcliffe não teria buscado algo menos importante.

— Como ficou o trabalho com as esculturas?

Lee lançou um olhar para Bryan Mitchell, uma das principais fotógrafas da Costa Oeste. Agradeceu o copo de café que Bryan lhe passou. Nos últimos quatro dias, não dormira mais do que 20 horas.

— Bom — disse ela.

— Já vi trabalhos melhores rabiscados em becos. Embora concordasse, Lee apenas deu de ombros.

— Algumas pessoas gostam do que é sem valor e obscuro. Com um sorriso, Bryan balançou a cabeça.

— Quando me disseram para fotografar da melhor forma possível aquele emaranhado de fios pretos, quase pedi para eles apagarem a luz.

— Você fez o negócio parecer quase místico.

— Posso fazer um depósito de entulho parecer místico com uma iluminação adequada. — Deu um sorrisinho para Lee. — Da mesma forma que você pode fazer ele parecer fascinante.

Um sorriso surgiu no rosto de Lee, mas sua cabeça já estava se dirigindo para diversas outras direções.

— Tudo num dia de trabalho, certo?

— Falando de trabalho... — Bryan encostou os quadris bem feitos acomodados numa calça jeans na organizada mesa de trabalho de Lee e bebeu o café. — Ainda está tentando arrumar alguma coisa com Hunter Brown?

As benfeitas sobancelhas de Lee ergueram-se em conjunto. Hunter Brown estava se tornando uma odisseia pessoal e quase uma obsessão. Talvez por ele ser tão completamente inacessível, ela estabelecera a meta de ser a primeira a romper a nuvem de mistério. Levava quase cinco anos até conseguir chegar à função de repórter, e tinha a reputação de ser obstinada, meticulosa e impassível. Lee sabia que merecia os adjetivos. Três meses dando de cara com paredes vazias à procura de Hunter Brown não arrefeceram seu ímpeto. De um jeito ou de outro, conseguiria a matéria.

— Até agora não fui além do nome do agente dele e do telefone do editor. — Talvez se percebesse um quê de frustração na sua voz, mas a expressão era de determinação. — Nunca vi gente mais fechada.

— O último livro dele chegou às livrarias na semana passada. — Distraída, Bryan pegou uma folha do alto de uma das várias pilhas de

papéis com que Lee vinha sistematicamente trabalhando. — Você leu?

— Dei uma olhada, mas ainda não tive chance de começar. Bryan jogou para trás a longa trança cor de mel, que caiu sobre seu ombro.

— Não comece a ler numa noite escura. — Deu um gole no café e então soltou uma gargalhada. — Cara, acabei dormindo com todas as luzes de meu apartamento acesas. Não sei como ele consegue fazer uma coisa assim.

Lee levantou o olhar novamente, os olhos calmos e confiantes.

— Isso é algo que vou descobrir.

Bryan assentiu com a cabeça. Conhecia Lee fazia três anos, e não tinha dúvida que ela conseguiria.

— Por quê? — Seus olhos francos e amendoados pousaram sobre os de Lee.

— Porque... — Lee terminou o café e jogou o copinho na lixeira lotada — ninguém mais descobriu.

— A síndrome do Monte Everest — comentou Bryan, e deu um risinho espontâneo.

Um olhar de relance mostraria duas mulheres atraentes numa conversa informal num escritório moderno e bem decorado. Um olhar mais de perto revelaria os contrastes. Bryan, de jeans e com uma camiseta confortável, era totalmente descontraída. Tudo nela era informal e nem um pouco arrumado — dos tênis manchados às tranças soltas. Seu rosto encantador e de belas feições só recebera uma ligeira pincelada de rímel. Provavelmente tivera a intenção de passar batom ou ruge, mas se esquecera.

Lee, por outro lado, usava um elegante terninho azul-claro, e os nervos que a mantinham no ritmo eram evidentes nas mãos que nunca se aquietavam. Seu cabelo tinha um corte perfeito num estilo curto e pendente que precisava de muito cuidado — o que, para ela, era tão importante quanto a boa aparência. Sua pele tinha a delicadeza e a brancura que algumas ruivas adoram e outras odeiam. Sua maquiagem

havia sido meticulosamente aplicada naquela manhã, incluindo a sombra azul que combinava com os olhos. Possuía traços delicados e elegantes que compensavam a boca desmedida e obviamente teimosa.

As duas mulheres tinham estilos inteiramente diferentes e gostos inteiramente diferentes, mas, por mais estranho que parecesse, a amizade começou no instante em que se conheceram. Embora Bryan nem sempre gostasse das táticas agressivas de Lee e esta nem sempre aprovasse o jeito despojado demais de Bryan, a proximidade das duas ficou inalterada nesses três anos.

— E então — Bryan encontrou o chocolate que havia colocado no bolso da calça e começou a tirar o invólucro —, qual é o plano?

— Continuar indo atrás de informação — respondeu Lee, quase resmungando. — Tenho uns contatos na Horizon, a editora dele. Talvez algum deles apareça com alguma coisa. — Sem se dar conta, batucou na mesa, — Droga, Bryan, é como se ele não existisse. Não consigo nem saber em que estado ele mora.

— Estou meio inclinada a acreditar em alguns dos boatos — disse Bryan, pensativa. Do lado de fora do escritório de Lee alguém estava tendo um ataque histérico em relação ao fechamento de um artigo. — Eu diria que o cara vive em alguma caverna por aí, cheia de morcegos e uns lobos vira-latas. Ele provavelmente escreve os livros com sangue de ovelha.

— E sacrifica virgens a cada lua nova.

— Isso não me surpreenderia. — Bryan balançava preguiçosamente os pés enquanto comia a barra de chocolate. — Estou lhe falando. O cara é esquisito.

— Grito silencioso já está na lista de best-sellers.

— Eu não disse que ele não era brilhante — opôs-se Bryan. — Disse que era esquisito. Que tipo de mente ele tem? — Ela balançou a cabeça com um sorriso meio acanhado. — Posso lhe dizer que desejei jamais ter ouvido falar de Hunter Brown ontem à noite, quando estava tentando dormir com os olhos abertos.

— É exatamente isso. — Impaciente, Lee se levantou e correu na direção da pequena janela à direita. Ela não estava olhando para fora; a vista de Los Angeles não lhe interessava. Precisava apenas se mexer. — Que tipo de mente ele tem? Que tipo de vida ele leva? É casado? Tem 65 ou 25 anos? Por que escreve romances abordando o sobrenatural? — Ela se virou, a impaciência e a perturbação visíveis sob a superfície da sofisticada aparência. — Por que leu este livro?

— Porque era fascinante — respondeu Bryan, imediatamente —, porque já na página três eu estava tão envolvida na história que ninguém poderia me tirar o livro, nem com um porrete.

— E você é uma mulher inteligente.

— Certíssimo — concordou Bryan e sorriu. — E então?

— Por que pessoas inteligentes compram e leem algo que vai aterrorizá-las? — perguntou Lee. — Quando pega um Hunter Brown, sabe o que ele vai fazer com você, ainda que os livros dele cheguem insistentemente ao topo das listas de best-sellers para nunca mais sair. Por que um homem obviamente inteligente escreve livros dessa natureza? — Ela começou a fazer uma coisa que Bryan sempre identificou como uma característica dela, mexer em tudo que estava à mão: as folhas de um filodendro, a ponta de um lápis, o brinco esquerdo que havia removido durante uma conversa telefônica.

— Estou ouvindo uma certa desaprovação?

— É. De repente. — Franzindo o cenho, Lee levantou novamente o olhar. — O cara é o maior colorista em atividade no país. Se ele está descrevendo uma sala numa casa antiga, você sente até a poeira. Suas caracterizações são tão reais, você jura conhecer as pessoas nos livros dele. E ele usa esse talento para escrever sobre criaturas da noite. Quero descobrir por quê.

Bryan fez uma bolinha da embalagem de chocolate.

— Conheço uma mulher que tem uma das cabeças mais afiadas e precisas que jamais encontrei em toda a minha vida. Tem um talento para desencavar fatos obscuros, alguns incrivelmente áridos, que

depois transforma em histórias fascinantes. É ambiciosa, tem um notável talento para lidar com as palavras, mas trabalha em uma revista e deixa um romance parcialmente acabado jogado em uma gaveta. É encantadora, mas raramente seus encontros não se relacionam com os negócios. E ela tem a mania de entortar cliques enquanto fala.

Lee baixou os olhos na direção do pequeno pedaço de metal desfigurado em suas mãos e depois olhou friamente para Bryan.

— Sabe por quê?

Havia um certo bom humor no olhar de Bryan, mas seu tom era bastante sério.

— Venho tentando entender isso há uns três anos, mas não posso precisar exatamente a resposta.

Com um sorriso, Lee jogou o clipe na lixeira.

— Afinal, você não é repórter.

Como não era muito boa em seguir conselhos, Lee acendeu a luminária de cabeceira, esticou-se e abriu o último romance de Hunter Brown. Decidiu que leria um ou dois capítulos e depois dormiria logo. Dormir logo era quase um luxo pecaminoso depois da semana que tivera com a revista.

Seu quarto tinha um tom marfim predominante mesclado com vários tons de azul — do azul-piscina até o índigo. Ela esquecia do mundo ali, com suas dúzias de travesseiros macios, um enorme tapete turco e uma estante estilo Queen Anne, que acomodava uma urna cheia de penas de pavão e folhas de eucalipto. Sua última aquisição, uma grande figueira, ficava perto da janela e estava florescendo.

Ela considerava o quarto o único espaço verdadeiramente privado de sua vida. Como repórter, Lee precisava aceitar que era uma entidade pública tanto quanto as pessoas que entrevistava. Privacidade não era algo que podia levar em consideração quando estava fuçando a vida de outras pessoas. Mas naquele pequeno canto do mundo, conseguia relaxar por completo, esquecer que havia trabalho a fazer, degraus a

subir. Podia fingir que Los Angeles não era aquele burburinho lá fora enquanto contasse com seu oásis de paz. Sem ele, sem as horas que passava dormindo e desacelerando ali, sabia que ficaria sobrecarregada.

Como se conhecia muito bem, Lee percebia que tinha uma tendência a forçar muito a barra, a correr demais. Na quietude de seu quarto, conseguia recarregar as energias a cada noite para poder ficar pronta para a nova jornada de correrias do dia seguinte.

Relaxada, abriu o último esforço literário de Hunter Brown.

Com meia hora de leitura, Lee ficou perturbada, desconfortável e totalmente arrebatada. Teria ficado zangada com o autor por fazê-la perder tempo, se não estivesse tão compenetrada virando página após página. Ele colocara um homem comum numa situação extraordinária, e fizera isso com tamanha habilidade, que Lee já estava se familiarizando com o professor que, de repente, se encontrara numa pequena cidade envolto num obscuro segredo.

A narrativa fluía e os diálogos eram tão naturais que ela podia até mesmo ouvir as vozes. Ele preencheu a cidade com tantos detalhes reconhecíveis que ela podia jurar que já tinha estado lá. Sabia que a história lhe proporcionaria mais do que um momento de desconforto na escuridão da noite, mas tinha de continuar. Esta era a magia de um grande contador de histórias. Ela continuou a ler, xingando-o, entretanto, tão tensa que quando o telefone tocou ao lado, o livro caiu-lhe das mãos. Lee praguejou uma vez mais consigo mesma e atendeu.

Sua irritação por ter sido perturbada não durou muito. Pegou imediatamente um lápis e começou a escrever no bloco de notas ao lado do telefone. Com a língua presa nos dentes, baixou o lápis e sorriu. Ela devia um enorme favor ao seu contato de Nova York, mas retribuiria assim que pudesse, como sempre fazia. Mas agora, pensou Lee, passando a mão por sobre o livro de Hunter, tinha de se preparar para participar de um pequeno congresso de escritores em Flagstaff, Arizona.

Tinha de admitir que o país era impressionante. Como de hábito, Lee passou todo o tempo de voo de Los Angeles até Phoenix trabalhando, mas assim que entrou no pequeno avião que a levaria até Flagstaff, seu trabalho foi esquecido. Voou através de tênues nuvens por sobre uma vastidão quase impossível de imaginar após os arranha-céus e o trânsito de Los Angeles. Observou os picos, as inclinações e as rochas em formato de castelo do Oak Creek Canyon, sentindo uma retumbante excitação que era rara numa mulher que não se impressionava com muita facilidade. Se tivesse mais tempo...

Lee suspirou ao descer do avião. Jamais haveria tempo suficiente.

O pequeno aeroporto dispunha de um único lobby com uma máquina de venda de refrigerantes e chocolates. Nenhum alto-falante anunciava chegadas ou partidas de voos. Nenhum carregador chegou afobado para livrá-la do peso da bagagem. Não havia uma fila de táxis do lado de fora competindo pelos passageiros que haviam desembarcado. Com sua mochila no ombro, franziu o cenho para aquela inconveniência. Paciência não era uma de suas virtudes.

Cansada, com fome e, internamente, um pouco em frangalhos pelas sacudidas do pequeno avião, foi até um dos balcões.

— Preciso de um carro para me levar até a cidade.

O homem em mangas de camisa e gravata afrouxada parou de apertar botões no computador. Seu primeiro olhar educado ficou mais aguçado quando viu o rosto dela. Ela o lembrava de um camafeu que sua avó usava no pescoço em ocasiões especiais. Endireitou os ombros automaticamente.

— A senhora deseja alugar um carro?

Lee pensou na possibilidade, mas desistiu. Não tinha ido até lá para turismo, o que fazia com que um carro fosse totalmente dispensável.

— Não, gostaria apenas de um transporte para Flagstaff. — Mudou a bolsa de posição e forneceu ao homem o nome do hotel. — Eles têm algum serviço de transporte para os hóspedes?

— Com certeza. Vá até aquele telefone ali na parede. O número está na lista. É só ligar que eles mandam alguém.

— Obrigada.

Ele a observou caminhar até o telefone e pensou que ele é que deveria ter dito obrigado.

Lee sentiu cheiro de cachorro-quente ao cruzar o saguão. Como recusara a estranha refeição oferecida no avião, o cheiro colocou seus sucos gástricos em polvorosa. Com rapidez e eficiência, ligou para o hotel, deu seu nome e prontamente lhe garantiram que um carro chegaria em vinte minutos. Contente, comprou um cachorro-quente e sentou-se numa das cadeiras pretas para esperar.

Conseguiria realizar seu objetivo ali, disse para si mesma, impetuosa, ao avistar as montanhas distantes. O tempo não seria desperdiçado. Após três meses de frustração, finalmente conseguiria ver Hunter Brown pela primeira vez.

Foi necessária uma boa dose de habilidade e determinação para persuadir sua chefe a bancar a viagem, mas valeria a pena. Tinha de valer a pena. Recostou-se e lembrou as perguntas que faria a Hunter Brown assim que o encontrasse.

Tudo o que necessitava, pensou Lee, era de uma hora com ele:

60 minutos. Neste tempo, poderia arrancar informação suficiente para um artigo conciso e absolutamente exclusivo. Fizera exatamente o mesmo com o vencedor do Oscar deste ano, apesar da relutância dele, e também com um candidato à presidência, apesar da hostilidade deste último. Hunter Brown, provavelmente, teria ambas as atitudes, imaginou ela, com um meio sorriso. Apenas adicionaria um pouco de tempero. Se fosse do seu interesse uma vida amena e simples, teria se submetido à pressão e casado com Jonathan. Neste exato momento, estaria planejando sua próxima festa, em vez de estar calculando a melhor maneira de emboscar um escritor premiado.

Lee quase riu alto. Festas, jogos e o Iate Clube. Talvez tudo isso tivesse sido perfeito para sua família, mas ela queria mais. Mais o quê?

perguntava sua mãe, e Lee apenas respondia, simplesmente mais.

Olhou para o relógio, deixou a bagagem bem empilhada na cadeira e rumou para o toalete. A porta estava quase se fechando atrás dela quando o objeto de todo o seu planejamento adentrou o saguão.

Ele não realizava boas ações com muita frequência e, quando fazia, era somente para pessoas pelas quais tivesse muita afeição.

Como chegara à cidade com tempo de sobra, Hunter foi até o aeroporto com a intenção de pegar sua editora. Quase sem olhar em volta, caminhou na direção do mesmo balcão onde Lee estivera dez minutos antes.

— O voo 471 está no horário?

— Sim, senhor, chegou faz uns dez minutos.

— Por acaso uma mulher desembarcou? — Hunter deu uma olhada novamente no saguão, já quase deserto. — Vinte e poucos anos, bonita...

— Sim, senhor — interrompeu o atendente —, ela acabou de ir ao toalete. Aquela bagagem ali é dela.

— Obrigado.

Satisfeito, Hunter caminhou na direção da bem empilhada bagagem de Lee. Ela não acreditava em viagens leves, reparou ele, examinando a mochila, a pequena mala Pullman e a pasta. Mas que mulher acreditava nisso? Sua filha Sarah não levava duas malas para a curta estada de três dias com a irmã em Phoenix? Era estranho que sua filhinha já fosse quase uma mulher. Talvez não fosse tão estranho assim, refletiu Hunter. Os seres do sexo feminino já nascem quase inteiramente mulheres, ao passo que os seres do sexo masculino levam anos para sair da infância — quando saem. Talvez fosse por causa disso que ele confiava muito mais nos homens.

Lee o viu quando voltou para o saguão. Estava de costas para ela, de tal forma que teve a impressão de estar vendo apenas um homem

alto, esguio e de cabelos pretos descuidadamente encaracolados até a gola da camiseta. Bem na hora, pensou ela com satisfação e o abordou.

— Sou Lee Radcliffe.

Quando ele se virou, ela enrijeceu, o sorriso impessoal congelando-lhe o rosto. No instante inicial, não pôde definir por qual motivo. Ele era atraente — talvez atraente demais. O rosto era estreito, mas não tinha um ar acadêmico, tinha as feições duras, mas não rudes. Era, em excesso, uma combinação dos dois, muito mais do que uma característica ou outra. Tinha o nariz reto e aristocrático, ao passo que a boca era esculpida como a de um poeta. Seus cabelos eram escuros, cheios e rebeldes, como se tivesse dirigido em altíssima velocidade por horas a fio contra o vento. Mas não foi nada disso que a fez perder a voz. Foram seus olhos.

Ela jamais vira olhos tão escuros quanto aqueles, tão incisivos, tão... perturbadores. Era como se olhassem através dela. Não, não através, corrigiu de pronto Lee, dentro dela. Em dez segundos, eles olharam dentro dela e viram tudo.

Ele viu um formidável rosto, branco como o leite, com olhos melancólicos escancarados pela surpresa. Viu uma boca suave e feminina, com uma leve cor. Viu nervosismo. Viu um queixo obstinado e cabelos cor de cobre que deveriam parecer seda ao toque dos dedos. O que viu foi uma mulher equilibrada por fora e tensa por dentro, que tinha um aroma das noites de primavera e parecia modelo de capa da Vogue. Se não fosse a tensão interior, talvez a tivesse dispensado, mas o que ficava por baixo da superfície das pessoas sempre o intrigou.

Olhou para a organizada bagagem de modo tão veloz que seus olhos deram a impressão de que jamais abandonariam os dela.

— Pois não?

— Bem, eu... — Forçada a engolir as palavras, ela baixou o tom de voz. O que bastou para enfurecê-la. Não começaria a gaguejar por causa de um motorista de hotel. — Se você veio me apanhar — disse Lee, bruscamente —, vai precisar levar minha bagagem.

Ele ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada. O erro dela era simples e óbvio. Uma única frase da parte dele corrigiria tudo. Mas o erro era dela, não dele. Hunter sempre acreditou mais nos impulsos do que nas explicações. Pegou a Pullman e em seguida encaixou a correia da mochila no ombro.

— O carro está lá fora.

Ela se sentiu muito mais segura seguindo atrás dele com a pasta nas mãos. A sensação de estranheza, disse para si mesma, vinha da ansiedade e do longo voo. Homens jamais a surpreendiam; certamente nunca chamavam sua atenção daquela forma e muito menos a faziam gaguejar. O que precisava era de um banho e algo um pouco mais substancial do que um cachorro-quente para comer.

O carro ao qual ele se referira não era exatamente um carro, reparou ela, mas um jipe. Supondo que fazia certo sentido, com estradas íngremes e invernos inclementes, Lee entrou no veículo.

Movimenta-se com desenvoltura e veste-se impecavelmente. Ele também reparou que ela roía as unhas.

— Você é da área? — perguntou Hunter, puxando conversa enquanto acomodava a bagagem.

— Não. Estou aqui para o congresso de escritores.

Hunter entrou, sentou ao lado dela e bateu a porta. Agora ele sabia para onde levá-la.

— Você é escritora?

Ela pensou nos dois capítulos de seu livro inacabado que levara caso necessitasse de um disfarce.

— Sou.

Hunter contornou o estacionamento e pegou o caminho que dava na estrada principal.

— Sobre o que escreve?

Lee recostou-se e decidiu que talvez devesse tentar testar sua história nele antes de cair no meio de duzentos escritores e aspirantes a escritores.

— Já escrevi artigos e alguns contos — disse ela, sem mentir. Depois acrescentou o que raramente contava para alguém. — E comecei um romance.

Ele entrou na rodovia numa velocidade que a surpreendeu mas não a inquietou.

— E vai terminá-lo? — perguntou ele, demonstrando um discernimento que a perturbou.

— Acho que isso vai depender de vários fatores. Ele deu uma nova e cuidadosa olhada nela.

— Tais como?

Ela queria mudar de posição no assento, mas forçou-se a permanecer parada. Este era exatamente o tipo de pergunta a que talvez fosse obrigada a responder ao longo daquele fim de semana.

— Tais como, se o que fiz até agora tem algum valor.

Ele achou tanto a resposta quanto o desconforto dela razoáveis.

— Você vai a muitos desses congressos?

— Não. Esse é o primeiro.

O que talvez explique o nervosismo, imaginou Hunter. Mas não achou que tivesse descoberto toda a resposta.

— Tenho a esperança de aprender alguma coisa — disse Lee, com um pequeno sorriso. — Eu me inscrevi na última hora, mas quando soube que Hunter Brown estaria aqui, não pude resistir.

Ele franziu o cenho tão rapidamente que mal pôde ser notado. Ele havia concordado em dar o workshop apenas porque não haveria divulgação. Nem mesmo os inscritos teriam como saber que ele estaria lá até a manhã seguinte. Então, imaginou ele, como a ruivinha de

sapatos italianos e olhos noturnos descobriu? Ultrapassou um caminhão.

— Quem?

— Hunter Brown — repetiu Lee. — O romancista. Um impulso apoderou-se dele.

— Ele é bom?

Surpresa, Lee passou a analisar o perfil do homem. Era infinitamente mais fácil olhar para ele quando aqueles olhos não estavam focalizados nela.

— Nunca leu nenhum livro dele?

— E deveria?

— Acho que isso depende de você gostar ou não de ler com todas as luzes acesas e as portas trancadas. Ele escreve romances de terror.

Se tivesse olhado mais de perto, não lhe teria escapado o discreto sorriso nos olhos dele.

— Assombrações e monstros?

— Não exatamente — disse ela, depois de um momento —, nada assim tão banal. Se existir alguma coisa que o assusta, ele vai expressar isso em palavras e vai fazer você desejar mandá-lo para o inferno.

Hunter riu, bastante satisfeito.

— Quer dizer que você gosta de sentir medo?

— Não — respondeu Lee prontamente.

— E por que lê os livros dele?

— Já perguntei isso a mim mesma quando estou acordada às três da manhã terminando de ler um dos livros dele. — Lee deu de ombros enquanto o jipe diminuía a velocidade para pegar o desvio. — É irresistível. Acho que ele deve ser um homem muito estranho — murmurou, um pouco para si mesma. — Ele não deve ser como, bem... como as outras pessoas.

— E você é?—Após uma rápida e acentuada guinada, ele parou em frente ao hotel, mais interessado nela do que havia planejado inicialmente. — Mas escrever não é apenas palavras e imaginação?

— E suor e sangue — acrescentou ela, movimentando os ombros. — Só não consigo entender como pode ser confortável viver com uma imaginação como a de Brown. Eu gostaria de saber como ele se sente a respeito.

Hunter desceu do jipe e foi pegar a bagagem dela. Estava realmente se divertindo.

— Você vai perguntar para ele?

— Vou — Lee desceu —, vou sim.

Por um momento, permaneceram na calçada, em silêncio. Ele a fitava com o que talvez pudesse ser chamado de um leve interesse, mas ela notava algo mais — algo que ela não deveria sentir por um motorista de hotel que conhecia havia dez minutos. Pela segunda vez quis se movimentar, mas ficou imóvel. Sem perder mais tempo, Hunter foi na direção do hotel com a bagagem na mão.

Não ocorreu a Lee, até que começasse a segui-lo, que acabara de ter uma conversa sem interrupção com um motorista de hotel, conversa esta que não estava relacionada às brincadeiras usuais ou aos recantos turísticos. Ao vê-lo caminhar até o balcão, sentiu uma aura de firme autoconfiança nele, além de traços, traços muito sutis de arrogância. Por que um homem como aquele estava dirigindo para cima e para baixo sem chegar a lugar algum? imaginou ela. Chegou no balcão e concluiu que aquilo não lhe dizia respeito. Tinha outros interesses mais importantes.

— Lenore Radcliffe — disse para o recepcionista.

— Pois não, sra. Radcliffe.

Ele lhe entregou um formulário e debitou o cartão de crédito dela antes de lhe dar uma chave. Antes que ela pudesse pegá-la, Hunter

estendeu a própria mão. Só então ela notou o estranho anel em seu dedo mindinho, quatro fios de ouro e prata intercalados um no outro.

— Eu a acompanho — disse ele, e então atravessou o saguão, com ela uma vez mais atrás dele. Entrou em um corredor, virou à esquerda e então parou. Lee esperou enquanto ele destrancava a porta e acenava para ela entrar.

O quarto ficava no nível do jardim e possuía o próprio pátio, reparou ela, contente. Enquanto ela dava uma geral no quarto, Hunter ligou despreocupadamente a TV e começou a sintonizar diversos canais antes de checar o ar-condicionado.

— Pode chamar a recepção caso necessite de algo mais — avisou ele, acomodando a bagagem no closet.

— Tudo bem. — Lee deu uma busca em sua bolsa e pegou uma nota de cinco dólares. — Obrigada — disse ela, estendendo a mão.

Ele olhou novamente para ela, reproduzindo o mesmo choque gélido do encontro no aeroporto. Ela sentiu alguma coisa se agitar bem no fundo de seu ser, mas não tinha certeza se era a tentativa de ajudá-lo ou a luta para se esconder. Os dedos que seguravam a nota estavam quase tremendo. Então ele sorriu, tão rápido e com tanto charme, que ela ficou muda.

— Obrigado, sra. Radcliffe. — Sem piscar um minuto sequer, Hunter enfiou a nota de cinco dólares no bolso e foi embora.

Capítulo 2

Se os escritores eram normalmente considerados pessoas estranhas, congressos de escritores, Lee estava para descobrir, eram a própria estranheza. Eles, certamente, não poderiam ser considerados tranquilos ou organizados ou enfadonhos.

A exemplo de quase todos os outros duzentos ou mais participantes, ela estava em uma das dezenas de filas para inscrição às oito da manhã. Pelas gargalhadas, gritos de "oi" e abraços, era óbvio que muitos dos escritores e aspirantes a escritores se conheciam. Havia uma atmosfera de união de interesses, conhecimentos compartilhados e camaradagem. E para coroar tudo isso havia o entusiasmo.

Mesmo assim, alguns participantes que estavam no barulhento lobby mais pareciam crianças perdidas num naufrágio, grudados a um folheto informativo ou a uma pasta como se fosse um salva-vidas, e olhando em torno com reverência ou simplesmente confusos. Lee estava quase compartilhando a sensação, embora parecesse calma e equilibrada ao receber a apostila e afixar o crachá na lapela verde de seu blazer.

Concentrou-se em sua tarefa. Encontrou uma cadeira num canto e procurou o horário do workshop de Hunter Brown. Com um sorrisinho, pegou uma caneta e sublinhou.

A INVENÇÃO DO TERROR ATRAVÉS DA AMBIENTAÇÃO E DA EMOÇÃO

Palestrante a ser anunciado.

Bingo, pensou Lee, recolocando a tampa na caneta. Precisava garantir um lugar na primeira fila. Uma olhada no relógio indicou que restavam três horas até Brown começar a falar. Como não dava chance ao azar, pegou o bloco e começou a repassar as perguntas que havia

listado. Enquanto isso, pessoas desfilavam para cima e para baixo ou apenas matavam tempo, conversando.

— Se eu for rejeitada novamente, vou botar minha cabeça no forno.

— Seu forno é elétrico, Judy.

— O que vale é a ideia.

Lee, divertindo-se a valer, começou a ouvir os comentários dos passantes enquanto adicionava mais algumas perguntas.

— E quando trouxeram meu café da manhã hoje, encontrei um manuscrito de quinhentas páginas embaixo do prato. Perdi completamente o apetite.

— Isso não é nada. Apareceu um no meu escritório semana passada escrito a mão. Cento e cinquenta mil palavras de um caudaloso original.

Editores, refletiu ela. Ela poderia lhes contar várias histórias sobre alguns dos artigos que eram enviados para Celebrity para eventual publicação.

— Ele disse que seu editor fez picadinho de seu primeiro capítulo, então ele vai primeiro chorar antes de reescrever. É após uma rejeição que passo a pensar seriamente em me tornar um tecelão de cestas.

— Você ficou sabendo que Jeffries está aqui de novo tentando vender aquele manuscrito sobre uma virgem com acrofobia e telecinesia?

Não acredito que ele não vai deixar esse troço ter uma morte tranquila. Quando vai sair seu próximo assassinato?

— Em agosto. Envenenamento.

— Querida, você não pode falar assim de seu trabalho.

Ao passarem por ela, Lee apreendia a variedade de tons, alguns abafados, outros sofisticados, e outros, mais empolados. Gestos e falas

seguiam o mesmo amplo padrão. Boquiaberta, ela observou um homem surgir num longo e teatral manto negro.

Definitivamente aquele era um grupo bizarro, pensou Lee, mas afeiçãoou-se a eles. Era verdade que suas habilidades estavam restritas aos artigos e perfis, mas se considerava, de coração, uma contadora de histórias. Sua posição na revista foi obtida com dificuldade, ela construía seu mundo em torno de si. Apesar de toda a sua ambição, ela tinha um insistente medo da rejeição que mantinha seu próprio manuscrito não finalizado e enterrado numa gaveta por semanas, às vezes meses. Na revista, ela tinha prestígio, segurança e espaço para progredir. O salário semanal pagava seu teto, suas roupas e sua comida.

Se não tivesse sido tão importante provar que podia fazer tudo aquilo para si mesma, talvez pudesse ter arriscado enviar as primeiras cem páginas para uma editora. Só que... Ela balançou a cabeça e observou as pessoas dirigindo-se para o credenciamento, todos os tipos, todos os tamanhos, todas as idades. As roupas variavam de ternos profissionais em bom estado, passando pelas calças jeans, até cafetãs vistosos e macacões. Aparentemente, estilo era uma questão de gosto, e gosto, uma questão individual. Ela imaginou se veria tal variedade em qualquer outro lugar. Distraída, olhou para o manuscrito incompleto que jogara na pasta. Apenas para despistar, lembrou ela. Nada mais.

Não, ela não acreditava ter talento para ser uma grande escritora, mas sabia que tinha habilidade suficiente para fazer grandes reportagens. Jamais se engajaria em algo onde não pudesse ser do primeiro time.

Ainda assim, enquanto se encontrava ali, não seria de todo ruim assistir a um ou outro seminário. Poderia, quem sabe, pegar algumas dicas. Mais importante, disse para si mesma enquanto se levantava, poderia aproveitar esta viagem para escrever outro artigo sobre os prós e os contras de um congresso de escritores. Quem assistia, por quê, o que faziam, o que esperavam. Sim, poderia dar um artigo bem interessante. Seu emprego, afinal, estava em primeiro lugar.

Uma hora mais tarde, um pouquinho mais entusiasmada do que esperava após seu primeiro workshop, dirigiu-se até a cafeteria. Faria uma pequena pausa para assimilar as anotações que fizera e depois voltaria para garantir o melhor lugar para acompanhar a palestra de Hunter Brown.

Hunter tirou os olhos do jornal e a observou entrar na cafeteria. Lee Radcliffe, pensou ele, deduzindo que ela era mais interessante do que as notícias locais que estivera lendo. Gostara da conversa que tivera com ela no dia anterior e, quase sempre, ficava entediado com conversas. Ela tinha uma qualidade intrínseca — uma franqueza inata envernizada com sofisticação — que ele achava suficientemente intrigante para conquistar seu interesse. Um escritor obsessivo que acreditava que os personagens eram eles próprios o enredo de qualquer livro, Hunter sempre procurou o singular e o individual. Seu instinto dizia-lhe que Lee Radcliffe tinha uma incrível individualidade.

Sem que ela pudesse perceber, ele a observava. Pela maneira como passava os olhos pela sala, distraída, era óbvio que estava preocupada. O terninho que estava usando era bastante simples mas demonstrava estilo e gosto na cor e no corte. Era uma mulher que podia vestir-se com simplicidade, decidiu, porque era uma mulher que nascera com estilo. Se não estivesse enganado, ela também nascera rica. Sempre havia uma diferença sutil entre os que estão acostumados com o dinheiro e os que passaram vários anos ganhando dinheiro.

Então, de onde vinha o nervosismo?, especulou. Curioso, decidiu que valeria a pena gastar uma hora de seu tempo para tentar descobrir.

Hunter jogou o jornal para o lado, acendeu um cigarro e continuou a mirá-la, ciente de que não havia maneira mais rápida de chamar a atenção de alguém.

Lee, pensando mais na história que estava para escrever do que no café que motivara sua ida até ali, sentiu um estranho formigamento na espinha. Foi real o suficiente para obrigá-la a se virar e tomar o caminho de volta no exato momento em que percebeu que estava olhando diretamente para o homem que conhecera no aeroporto.

Eram os olhos dele, decidiu ela, a princípio não pensando nele como um homem ou como o motorista do hotel do dia anterior. Eram os olhos dele. Escuros, quase da cor de azeviche, eles se aproximavam de você, e se aproximavam, até você não ter mais saída, e então, todo e qualquer segredo que você jamais teve deixava de ser segredo. Era assustador. Era... irresistível.

Impressionada por tais pensamentos extravagantes percorrerem sua mente prática e organizada, Lee aproximou-se dele. Era apenas um homem, disse para si mesma, um homem que trabalhava para seu sustento como qualquer outro. Certamente, não havia motivo algum para se assustar.

— Sra. Radcliffe. — Com o mesmo olhar desprovido de simpatia, ele apontou para a cadeira à sua frente. — Posso lhe oferecer um café?

Normalmente ela recusaria, de modo educado. Mas naquele momento, por alguma razão intangível, Lee teve a impressão de que havia um ponto que deveria pôr à prova. Pela mesma razão intangível, sentiu que este ponto deveria ser posto à prova tanto para ele quanto para ela própria.

— Obrigada.

Assim que ela se sentou, uma garçonete apareceu para servir café.

— Está gostando do congresso?

— Estou. — Lee colocou um pouco de leite no café e mexeu até que um pequeno redemoinho se formasse no centro. — Mesmo com a desorganização geral, havia uma enorme quantidade de informação no workshop a que assisti hoje de manhã.

Ele deu um sorriso, tão leve, que foi quase imperceptível.

— Você prefere tudo organizado?

— É mais produtivo.

Embora estivesse vestido de modo mais formal do que no dia anterior, as calças de prega e a camisa aberta no pescoço continuavam

sendo bem informais. Ela imaginou o motivo de ele não ser obrigado a usar uniforme. Mas, pensou, podiam botá-lo num desses paletós brancos e alinhados com uma gravata bacana e os olhos dele simplesmente desafiariam aquilo tudo.

— Muita coisa pode vir do caos, não acha?

— Talvez,

Ela franziu o cenho, observando o redemoinho no copinho de café. Por que tinha a sensação de estar sendo sugada da mesma forma? E por que, pensou, subitamente impaciente, estava ali sentada tendo uma discussão filosófica com um estranho quando deveria estar esboçando as duas histórias que planejava escrever?

— Encontrou Hunter Brown? — perguntou ele, analisando-a por cima do copo. Estava inquieta consigo mesma, adivinhou ele corretamente, e ansiosa para realizar tudo.

— O quê? — Lee, distraída, olhou para cima e encontrou aqueles estranhos olhos ainda sobre ela.

— Perguntei se já encontrou Hunter Brown. — Um leve sorriso surgiu novamente em seu rosto, dessa vez em seu olhar, que nem por isso perdeu a intensidade.

— Não. — Na defensiva, sem saber o motivo, Lee deu um gole no café já frio. — Por quê?

— Depois do que disse ontem, fiquei curioso em saber qual seria sua reação assim que o encontrasse. — Ele deu uma tragada no cigarro e expeliu a fumaça. — As pessoas normalmente têm uma imagem preconcebida de alguém que raramente se confirma na prática.

— É difícil ter uma imagem preconcebida de uma pessoa que se esconde do mundo.

Ele ergueu as sobrancelhas, mas sua voz permaneceu calma.

— Se esconde?

— É a palavra que me ocorre — retrucou Lee, novamente achando que estava exprimindo seu pensamento em voz alta para ele. — Não existe foto dele na contracapa de nenhum livro, nenhuma biografia. Ele nunca dá entrevistas, nunca nega ou confirma nenhuma informação escrita sobre. Todos os prêmios que ele recebeu foram entregues ao agente dele ou ao editor. — Ela deslizava os dedos para cima e para baixo na colher. — Ouvi falar que ocasionalmente participa de eventos assim, mas somente se o congresso não for grande e não houver nenhuma divulgação da participação dele.

Durante todo o tempo da fala dela, Hunter não tirou os olhos de Lee, observou cada detalhe de sua expressão. Havia traços de frustração, ele tinha certeza, e de avidez. O belo rosto de camafeu estava tranquilo enquanto os dedos se moviam sem parar. Naquele instante, decidiu que ela estaria em seu próximo livro. Jamais havia encontrado alguém com tanto potencial para encarnar um personagem principal.

Como seu olhar intenso e profundo a fazia querer começar a gaguejar, Lee lançou-lhe um olhar duro e inflexível.

— Por que me olha desta maneira?

Ele continuou a fazê-lo sem demonstrar o menor desconforto.

— Porque você é uma mulher interessante.

Outro homem talvez tivesse dito bonita, outro ainda talvez tivesse dito fascinante. Lee poderia ter encarado ambos com um leve desprezo. Pegou novamente a colher e depois recolocou-a na mesa.

— Porquê?

— Você tem uma cabeça organizada, já nasceu com estilo e é um feixe de nervos. — Ele gostava do modo como o rosto dela se enrugava levemente quando franzia o cenho. Significava teimosia, para ele, e tenacidade. Ele respeitava ambos. — Sempre fui intrigado com bolsos. Quanto mais fundo, melhor. Estou aqui imaginando o que pode haver em seus bolsos, sra. Radcliffe.

Ela sentiu novamente o tremor na espinha, de cima a baixo. Não era confortável ficar perto de um homem que podia proporcionar algo assim. Sentiu uma solidariedade momentânea por todas as pessoas que entrevistara.

— Você tem um jeito estranho de se expressar — murmurou ela.

— Já me disseram.

Instruiu a si própria para levantar e sair. Não fazia sentido ficar sentada ali sendo perturbada por um homem que podia dispensar com uma gorjeta de cinco dólares.

— O que está fazendo em Flagstaff? — perguntou ela.—Você não me parece uma pessoa que ficaria satisfeita levando gente do aeroporto para o hotel dia após dia, carregando bagagem e coisa e tal.

— Impressões desdobram-se em pequenas e fascinantes pinturas, não?

Abriu um amplo sorriso para ela, como o do dia anterior, quando ganhara a gorjeta. Lee não sabia dizer por que sentira como se ele estivesse rindo dela naquela ocasião, assim como também não sabia dizer por que sentia exatamente a mesma coisa naquele instante. A contragosto, seus lábios esboçaram um sorriso como resposta. Ele achou o sorriso uma surpresa prazerosa e bastante tentadora.

— Você é um homem bem estranho.

— Também já me disseram isso. — O sorriso dele voltou a dar lugar ao olhar profundo. — Janta comigo hoje à noite?

A pergunta em si não a surpreendeu mais do que o fato de querer aceitar, o que quase aconteceu.

— Não — disse ela, recuando cautelosamente. — Acho que não.

— Me avise se mudar de ideia.

Mais uma vez ficou surpresa. A maioria dos homens teria insistido um pouco. Era, bem... o comportamento esperado, refletiu Lee, desejando poder compreendê-lo.

— Preciso voltar. — Pegou a pasta. — Você sabe onde fica o Salão Canyon?

Com um risinho contido, ele jogou algumas notas na mesa.

— Sei, vou lhe mostrar.

— Não é necessário — disse Lee, levantando-se.

— Tenho tempo. — Ele caminhou ao lado dela da cafeteria até o saguão amplo e acarpetado. — Está planejando fazer algum passeio turístico enquanto está aqui? -

— Não vou ter tempo. — Ela olhou através de uma enorme janela para a grandeza do Humphrey Peak. — Preciso voltar assim que o congresso terminar.

— Para onde?

— Los Angeles.

— Tem gente demais lá — disse Hunter, automaticamente. — Você não costuma ter a sensação de que todos estão desperdiçando seu oxigênio?

Ela não teria colocado a questão dessa maneira, nem teria jamais pensado a respeito, mas às vezes sentia alguma coisa parecida com claustrofobia. Mas, ainda assim, seu lar estava lá e, mais importante ainda, seu trabalho.

— Não. Da forma como está, tem ar suficiente para todo mundo.

— Você jamais esteve na borda sul do canyon e observou, e respirou.

Novamente, Lee lançou-lhe um olhar. Ele tinha um jeito de dizer as coisas que parecia uma descrição fotográfica. Pela segunda vez, lamentou não poder dispor de um ou dois dias para explorar a vastidão do Arizona.

— Quem sabe numa outra oportunidade.

Ela deu de ombros e acompanhou-o pelo corredor à direita.

— O tempo é volúvel — comentou ele —; quando você precisa dele, não há muito. Mas quando acorda às três da madrugada, há tempo em excesso. Normalmente, é melhor pegar logo do que planejar. Você devia tentar isso — disse ele, olhando novamente para ela. — Talvez ajude seus nervos.

Ela franziu as Sobrancelhas.

— Não há nada de errado com meus nervos.

— Algumas pessoas acumulam situações tensas por semanas, até que precisam achar aquela pequena válvula de escape. — Pela primeira vez, ele a tocou, apenas as pontas dos dedos nas pontas do cabelo dela. Mas ela sentiu, experimentou aquilo de maneira tão intensa e profunda que parecia que a mão dele estava segurando firmemente a dela. — O que faz para deixar a tensão escapar, Lenore?

Ela não enrijeceu, nem mesmo afastou a mão dele como teria feito normalmente. Em vez disso, ficou parada, divagando com uma sensação que não conseguia lembrar ter experimentado antes. Relâmpago e trovão, pensou ela. Havia relâmpagos e trovões naquele homem, bem abaixo daquela aparência estranhamente distante e peculiarmente aberta. Não seria pega no meio da tempestade.

— Eu trabalho — disse ela, sem pestanejar, mas seus dedos estavam segurando firmemente a pasta. — Não preciso de nenhuma outra válvula de escape. — Ela não recuou, mas deixou a arrogância que sempre a protegera dar o tom. — Ninguém me chama de Lenore.

— Não? — Ele quase sorriu. Era este olhar, percebeu ela, a diversão secreta que o espectador podia somente adivinhar, mas não enxergar, o que mais a intrigava. Pensou que ele, provavelmente, tinha conhecimento disso. — Mas lhe cai bem. Feminino, elegante, um pouco distante. E a única palavra ali falada era a sussurrada palavra, "Lenore" Sim. — Ele deixou seus dedos permanecerem um pouco mais no cabelo dela. — Acho que Poe teria achado você bastante apropriada.

Antes que pudesse prever, antes que pudesse antecipar, seus joelhos começaram a fraquejar. Ela sentira o som de seu próprio nome

acariciando sua pele.

— Quem é você? — perguntou Lee, quase sem perceber. Seria possível ser tão profundamente afetada por alguém de quem nem mesmo sabemos o nome? Ela deu um passo à frente, como se o estivesse desafiando. — Quem é você, afinal?

Ele sorriu de novo, com o charme estranhamente meigo que não deveria se encaixar em seu rosto, mas de alguma maneira se encaixou.

— Estranho você não ter perguntado antes. É melhor entrar — disse ele, ao ver que as pessoas começavam a se dirigir para o Salão Canyon —, você vai querer um bom lugar.

— Vou.

Ela lhe deu as costas, um pouco abalada pela ferocidade do desejo que sentia por saber mais sobre ele. Com um último olhar por sobre os ombros, Lee entrou e se sentou na primeira fileira. Estava na hora de voltar a pensar no assunto que a trouxera ali, e o assunto era Hunter Brown. Distrações tais como homens incompreensíveis que dirigiam jipes para sobreviver teriam de ser deixadas de lado.

Lee retirou da pasta um bloco de notas novo e dois lápis, um dos quais colocou atrás da orelha. Em alguns instantes poderia ver e analisar o misterioso Hunter Brown. Poderia ouvir e tomar notas com toda a liberdade. Depois da palestra, poderia lhe fazer perguntas e, conforme fosse, acertaria algum tipo de entrevista cara-a-cara para mais tarde.

Lee pensara com todo o cuidado na questão ética envolvida na situação. Não achava necessário contar para Brown que era repórter. Estava ali como uma escritora aspirante, e trazia consigo o manuscrito incompleto como prova. Todos tinham liberdade para tentar escrever e vender algum artigo sobre o congresso e seus participantes. Só no caso de Brown usar a expressão em caráter não oficial, iria mantê-la em sigilo. Não sendo assim, tudo o que ele dissesse seria de domínio público.

Esta história poderia ser seu próximo degrau escada acima. Seria, corrigiu Lee. A primeira história documentada e autenticamente pesquisada sobre Hunter Brown poderia impulsioná-la para muito além do alcance de Celebrity. Seria controversa, pitoresca e, mais importante, exclusiva. Com esta história debaixo do braço, até mesmo sua família, discretamente crítica, ficaria impressionada. Com esta história debaixo do braço, pensou Lee, ela ficaria bem mais perto do topo da escada, para onde ela sempre estava olhando.

Assim que chegasse no topo, todo o trabalho duro, as longas horas, a dedicação obsessiva, teriam valido a pena. Porque, assim que chegasse lá, seria para não mais sair. No topo, pensou Lee, quase enfurecida. No mais alto que pudesse alcançar.

Do outro lado das portas, do outro lado do corredor, estava Hunter com sua editora, tentando prestar atenção aos comentários dela sobre uma entrevista que fizera com um candidato a escritor. Ele pegou a essência da história, ela estava entusiasmada com o potencial do escritor. Era um talento dele conseguir levar uma conversa perfeitamente lúcida quando sua mente se concentrava em algo completamente diferente. Era algo que ele só se animava a fazer quando estava de bom humor. E assim, falava com sua editora e pensava em Lee Radcliffe.

Sim, com toda certeza a utilizaria em seu próximo livro. Era verdade que o enredo ainda não passava de uma vaga ideia em sua cabeça, mas já sabia que ela seria o eixo da história. Precisava ir mais a fundo para ficar totalmente satisfeito, mas não antevia nenhum problema. Se a avaliou corretamente, ela ficaria confusa assim que ele subisse ao palco, em seguida surpresa, e depois furiosa. Se ela queria tanto conversar com ele, como deixara claro, teria de sufocar a raiva.

Uma mulher forte, decidiu Hunter. Uma vontade de ferro e uma pele cremosa. Olhos vulneráveis e um queixo empinado de danem-se-todos. Um personagem não era nada sem contrastes, poderes e fraquezas. E segredos, pensou ele, já dando como certo que descobriria os dela. Ainda tinha um dia e meio para explorar Lenore Radcliffe. Hunter imaginou que era suficiente.

O corredor era só risos e reclamações e entusiasmo à medida que as pessoas flanavam de um lado para o outro ou adentravam a sala adjacente. Ele sabia o que era sentir-se entusiasmado por ser escritor. Se o prazer fosse resultado disso, ele continuaria a escrever. Era compelido a isso. Mas apareceria em seu trabalho. As emoções sempre apareciam. Nunca permitiu que suas sensações e pensamentos invadissem seu trabalho — eles invadiam independentemente de permissão.

Hunter considerava isso uma justa relação custo-benefício. Suas emoções, seus pensamentos, estavam lá para quem quer que estivesse interessado em lê-las. Sua vida pertencia a ele, total e completamente.

A mulher ao lado tinha sua afeição e seu respeito. Já discutira com ela a respeito de motivação e estruturação de sentença. Perdera tanto quanto vencera. Berrara com ela, rira com ela e lhe dera seu apoio emocional no decorrer de seu divórcio recente. Ele sabia sua idade, sua bebida favorita e sua tara por castanha de caju. Ela era sua editora havia três anos, o que é o mais próximo de um casamento a que muita gente pode chegar. Mesmo assim, não sabia que ele tinha uma filha de dez anos chamada Sarah, que gostava de fazer biscoito e jogar futebol.

Hunter deu uma última tragada no cigarro ao ver que o presidente do pequeno grupo de escritores se aproximou. O homem era um ótimo e criativo escritor de ficção científica que Hunter lera e gostara. Não sendo assim, ele próprio não estaria ali, a ponto de fazer uma de suas raras aparições na comunidade de escritores.

— Sr. Brown, não preciso lhe dizer novamente como estamos honrados em recebê-lo aqui.

— Não — Hunter lançou-lhe o costumeiro meio-sorriso —, não precisa.

— É provável que haja uma grande comoção quando eu o anunciar. Após sua palestra, farei tudo o que puder para manter a horda barulhenta afastada.

— Não se preocupe com isso. Eu me viro.

O homem assentiu com a cabeça, sem duvidar jamais.

— Vou dar uma pequena recepção na minha suíte esta noite. Gostaria de se juntar a nós?

— Agradeço, mas já tenho um compromisso para o jantar.

Embora não soubesse exatamente o que fazer com aquele sorriso, o presidente da organização era bastante inteligente para contar com a sorte quando se tratava de escapar de um ardil.

— Se já está pronto, vou anunciá-lo.

— Quando quiser.

Hunter seguiu-o até o Salão Canyon, depois se demorou um pouco antes de entrar. O salão já estava alvoroçado com o anticlímax e a curiosidade. O pódio estava colocado sobre um pequeno palco na frente de 200 poltronas, quase todas ocupadas. O burburinho se aquietou quando o presidente chegou ao palco, mas continuou em murmúrios esparsos mesmo após ele começar a falar. Hunter ouviu um dos homens que estavam perto dele sussurrar para um colega que três editoras estavam disputando seu original. Hunter deu uma olhada rápida na plateia, mal ouvindo o início de sua apresentação. Então seu olhar pousou novamente em Lee.

Ela estava olhando o apresentador com um sorriso discreto e educado, mas os olhos a traíam. Estavam nebulosos e ansiosos. Hunter baixou o olhar até chegar no colo dela. Lá, sua mão se abria e se fechava sobre o lápis. Um feixe de nervos e energia coberto por uma tênue camada de autoconfiança, pensou ele.

Pela segunda vez, Lee sentiu os olhos dele nos dela, e pela segunda vez se virou e possibilitou o encontro dos olhares. Uma leve ruga apareceu novamente em sua testa no instante em que imaginava o que ele estaria fazendo no interior da sala de conferência. Impávido, confortavelmente recostado na parede, Hunter olhava para ela.

— Sua carreira decolou firmemente após a publicação de seu primeiro livro, cinco anos atrás. Desde o primeiro, *A dívida do diabo*, ele

vem nos dando o prazer de nos sentirmos apavorados ao extremo a cada vez que pegamos um livro seu. — À simples menção do título, os murmúrios aumentaram e cabeças começaram a se virar. Hunter continuava a encarar Lee, e ela o encarava de volta, franzindo o cenho. — Seu último livro, O grito silencioso, já está há um bom tempo no primeiro lugar da lista dos mais vendidos. Temos a honra e o privilégio de receber, em Flagstaff, Hunter Brown!

Os aplausos efusivos competiam com a crescente azáfama de 200 pessoas no salão fechado. Fortuitamente, Hunter esticou-se na parede e caminhou até o palco. Viu quando o lápis caiu da mão de Lee e rolou pelo chão. Sem perder o ritmo, ele inclinou-se e pegou-o.

— Melhor segurar firme — aconselhou, olhando para os olhos embasbacados dela. Quando lhe devolveu o lápis, pôde observar o assombro se transformar em fúria.

— Você é um...

— Sou, mas é melhor me dizer mais tarde.

Assim que chegou ao palco, Hunter colocou-se atrás do pódio e esperou até que os aplausos arrefecessem. Passou os olhos novamente pela plateia, mas dessa vez com uma intensidade tão tranquila, que o silêncio foi absoluto. Por dez segundos não se ouviu nem a respiração das pessoas.

— Terror — disse Hunter ao microfone.

Desde a primeira palavra, ele enfeitiçou a plateia, mantendo-os cativados por 40 minutos. Ninguém se moveu, ninguém bocejou, ninguém saiu para fumar. Com os dentes trincados, Lee percebeu que o desprezava.

Encolerizada, lutando contra a vontade de se levantar e sair correndo dali, permaneceu em seu lugar, inflexível, tomando notas meticulosamente. Na margem do bloco desenhou uma caricatura reconhecível de Hunter com uma adaga enterrada no coração, o que lhe deu enorme prazer.

Quando ele aceitou responder perguntas por dez minutos, Lee foi a primeira a levantar a mão. Hunter olhou-a diretamente, sorriu e indicou outra pessoa três fileiras atrás.

Ele respondeu profissionalmente às perguntas de cunho profissional e evitou qualquer referência pessoal. Lee tinha de admirar sua habilidade, principalmente sabendo que ele raramente falava em público. Ele não se mostrava nervoso, não hesitava e não demonstrava nenhuma intenção de chamá-la a fazer uma pergunta, embora o braço dela continuasse levantado e os olhos lançassem pequenas rajadas de fúria sobre ele. Mas ela era uma repórter, lembrou-se Lee. Repórteres não chegam a lugar algum sendo cerimoniosos.

— Sr. Brown — começou Lee e levantou-se.

— Desculpe. — Com seu meio-sorriso, ele ergueu a mão — Acho que já ultrapassamos o tempo. Desejo muita sorte a todos vocês. — Ele deixou o pódio e o salão sob intensos aplausos. Quando Lee conseguiu chegar à porta de saída, já ouvira tanta ovação para Hunter Brown que sua cólera se transformara em ódio.

O nervosismo, pensou ela, enquanto alcançava, finalmente, o corredor. O inominável nervosismo. Ela não se importava de ser superada num jogo de xadrez; conseguia administrar bem ter algum trabalho seu criticado ou alguma sua opinião contestada. Na grande maioria das vezes, Lee se considerava uma pessoa sensata e pacata com nada mais do que uma razoável parcela de presunção pessoal. A única coisa que ela não podia tolerar e jamais toleraria era ser feita de boba.

Vingança foi o que passou a nortear sua mente, uma simples e maldosa vingança. Oh, sim, pensou ela, ao tentar passar pela multidão de fãs de Hunter Brown, ela teria sua vingança, de alguma maneira, de algum modo. E quando tivesse, seria perfeita.

Seguiu na direção dos elevadores, consciente de que estava bastante furiosa para lidar com Hunter naquele momento. Não teria proveito algum. Precisava de uma hora para esfriar e fazer seu plano. O lápis que ainda segurava partiu-se em seus dedos. Mesmo que fosse a

última coisa que fizesse na vida, obrigaria Hunter Brown a sentir algum constrangimento.

Assim que apertou o botão para descer, Hunter entrou rapidamente no elevador.

— Sobe? — perguntou com tranquilidade e apertou ele próprio o número.

Lee sentiu a fúria subir-lhe pela garganta. Com um esforço, cerrou os lábios cheios de veneno e olhou diretamente à frente.

— Você quebrou o lápis — observou Hunter, percebendo que estava se divertindo como há muito não se divertia. Olhou para o bloco e mirou a caricatura cuidadosamente desenhada. Um risinho aprovador apareceu. — Ficou bom — disse. — E aí, gostou da palestra?

Lee lançou-lhe um olhar ofensivo assim que a porta do elevador se abriu.

— Você é uma fonte de informação banal, sr. Brown.

— Você está com um olhar de assassina, Lenore. — Ele entrou no hall junto com ela. — Combina com seu cabelo. Seu desenho deixa bem claro o que gostaria de fazer. Por que não me esfaqueia enquanto tem uma chance?

Ao caminhar, Lee disse para si mesma que não lhe daria a satisfação de falar com ele. Simplesmente não falaria. Ergueu a cabeça.

— Você pôde dar boas gargalhadas à minha custa — rosnou ela e procurou a chave de seu quarto na pasta.

— Uma risadinha ou outra — corrigiu ele, enquanto Lee continuava espumando de raiva e procurando a chave. — Perdeu a chave?

— Não, não perdi a chave. — Frustrada, Lee levantou os olhos até que a fúria se encontrou com a diversão. — Por que não sai daqui e vai enfiar sua fama você sabe onde?

— Sempre achei isso desconfortável. Por que não deixa escapar um pouco essa sua irritação, Lenore? Você se sentiria melhor.

— Não me chame de Lenore! — explodiu ela, perdendo o controle. — Não tinha o direito de me usar como um motivo de piada. Você não tinha o direito de fingir que trabalhava para o hotel.

— Você é que pensou isso — corrigiu ele. — Se bem me lembro, nunca fingi nada. Você me pediu uma carona ontem; eu simplesmente lhe dei.

— Pensava que você fosse o motorista do hotel. Você estava lá parado ao lado da minha bagagem...

— O caso clássico de identidade confundida. — Ele reparou que a pele dela ficava rosada quando se zangava. Um atraente efeito colateral, pensou Hunter. — Eu tinha ido apanhar minha editora, que havia perdido sua conexão para Phoenix, ao que parece. Pensei que a bagagem fosse dela.

— Tudo o que tinha de fazer era dizer isso naquela hora.

— Você não perguntou em momento algum — apontou ele. — E me disse para pegar a bagagem.

— Ah, você é insuportável! — Rangendo os dentes, ela começou a remexer na pasta.

— Mas brilhante. Você mesma disse isso.

— Ser capaz de concatenar palavras é um admirável talento, sr. Brown. — Altivez era uma das mais cultivadas habilidades dela. Lee se utilizava desse recurso ao extremo. — O que não o torna uma pessoa admirável.

— Não, eu não diria que fui, particularmente.

Enquanto esperava ela achar a chave, Hunter recostou-se confortavelmente na parede.

— Você trouxe minha bagagem para o quarto — continuou ela, enfurecida. — Eu lhe dei uma gorjeta de cinco dólares.

— Muito generoso.

Ela bufou, grata por estar com as mãos ocupadas. Não fosse por isso, não sabia como teria evitado estapear aquele rosto calmo e satisfeito.

— Você já fez sua piadinha — disse ela, finalmente encontrando a chave. — Agora gostaria que me fizesse a cortesia de nunca mais me dirigir a palavra.

— Não sei de onde tirou a ideia de que sou cortês.—Antes que pudesse abrir a porta, ele segurou-lhe a mão por cima da chave. Ela sentiu a leve pinçada da força e o amaldiçoou por isso, ainda que continuasse a encarar o olhar calmo e satisfeito dele. — Mas mencionou, entretanto, que gostaria de falar comigo. Podemos conversar durante o jantar, hoje à noite.

Ela olhou para ele. Por que deveria ter pensado que ele jamais a surpreenderia novamente?

— Você realmente é de uma petulância inacreditável.

— Já me disse isso. Às sete horas?

Ela gostaria de dizer-lhe que não jantaria com ele nem que ele rastejasse a seus pés. Gostaria de dizer isso e uma infinidade de outras coisas desagradáveis. A índole contra o profissionalismo. Havia um trabalho que viera realizar, no qual vinha trabalhando sem sucesso havia três meses. O sucesso era mais importante do que o orgulho. Ele estava oferecendo-lhe o modo perfeito de viabilizar o que ela viera fazer e, ainda por cima, de uma maneira mais aprofundada do que jamais poderia esperar. E talvez, apenas talvez, estivesse abrindo, ele próprio, as portas para a vingança dela. Que, assim, teria um gostinho muito melhor.

Com muita dificuldade, Lee engoliu seu orgulho.

— Está ótimo — concordou, mas ele percebeu que não parecia muito satisfeita. — Onde vamos nos encontrar?

Ele jamais confiou em aquiescência imediata. Mas Hunter não confiava em quase nada mesmo. Ela seria um desafio, sentiu.

— Pego você aqui. — Ele passou casualmente os dedos pelo pulso dela antes de soltá-la. — Você bem que poderia trazer seu manuscrito. Estou curioso para ver seu trabalho.

Ela sorriu e pensou no artigo que escreveria.

— E eu quero muito que você veja meu trabalho.

Lee entrou no quarto do hotel e presenteou-se com o pequeno prazer de bater a porta na cara dele.

Capítulo 3

Seda azul-escura. Lee levou muito tempo e pensou bastante antes de escolher o vestido certo para a noite com Hunter. Era um jantar de negócios.

A seda azul-escura mesclada com finos fios prateados chamou-lhe a atenção por causa de suas linhas claras e elegantes e uma total ausência de ornamentação. Quando fazia compras, Lee costumava gastar o mesmo tempo que dedicava normalmente a suas pesquisas, escolhendo o cachecol certo. Era tudo negócios.

Ali, após um árduo debate, vestiu a seda. Roçava levemente sua pele, dando uma sensação de frescor; descaía sutilmente nas curvas. Seu reflexo a satisfez. A mulher de rosto grave que via à sua frente apresentava precisamente a imagem que desejava projetar — elegante, sofisticada e um pouco distante. Na falta de coisa melhor, a visão aliviou seu ego humilhado.

Fazendo um retrospecto de sua vida, concentrando-se em sua carreira, Lee não conseguia se lembrar de nenhum incidente em que havia sido superada. Seu semblante endureceu enquanto passava a escova no cabelo. Não seria superada agora.

Hunter Brown receberia de volta um pouco de seu veneno, principalmente por causa daquele meio-sorriso sarcástico. Ninguém ria dela e escapava impune, Lee disse para si mesma enquanto jogava de volta a escova na cômoda com força suficiente para balançar tudo em volta. Jogaria o jogo necessário para conseguir o que queria. Quando o artigo sobre Hunter Brown chegasse às bancas, ela teria vencido. Teria a satisfação de saber que ele a ajudara. Em última análise, ponderou Lee, nada substituíria a vitória.

Quando ouviu alguém batendo à porta, consultou o relógio. Pronto. Precisava ficar atenta. Seu humor estava ótimo no momento em que foi até a porta após pegar a bolsa.

Estava vestido com uma informalidade básica, mas não desleixada, notou ela, gravando na memória a informação ao observar a camisa aberta no colarinho que ele usava por baixo do paletó escuro. Alguns homens podiam usar uma gravata escura e não parecerem tão elegantes quanto Hunter Brown usando jeans. Talvez isso fosse algo que interessasse seus leitores. No fim da noite, pensou Lee, já saberia tudo o que fosse possível saber sobre ele.

— Boa noite.

Ela foi na direção da entrada, mas ele tomou-lhe a mão, segurando-a com firmeza enquanto a analisava.

— Muito encantadora — declarou Hunter. A mão dela estava muito macia e fresca, embora os olhos ainda estivessem fervendo de irritação. — Você está vestindo seda e usando um perfume bastante sedutor, mas ainda assim consegue manter esta aura impenetrável. É um talento e tanto.

— Não estou interessada em ser analisada.

— Amaldiçoar ou abençoar um escritor — opôs-se ele — depende do ponto de vista. Sendo uma escritora, deveria entender isso. Onde está seu manuscrito?

Ela havia imaginado que ele se esqueceria — havia esperado que esquecesse. Mas, então, voltou à desvantagem da gagueira.

— É que... hum, não está...

— Traga-o — ordenou Hunter. — Quero dar uma olhada.

— Não vejo por quê.

— Todo escritor quer que suas palavras sejam lidas.

Ela não queria. Não estava revisado. Não estava perfeito. Sem dúvida, a última pessoa que gostaria de permitir a leitura de seus pensamentos íntimos era Hunter. Mas ele estava lá parado, observando, com aqueles olhos escuros já enxergando por trás da camada externa. Encurralada, Lee voltou ao quarto e retirou o envelope da pasta. De

qualquer modo, se pudesse mantê-lo suficientemente ocupado, pensou, não haveria tempo para ele se lembrar do manuscrito.

— Vai ser difícil para você ler alguma coisa no restaurante — asseverou ela ao bater a porta.

— É por isso que vamos jantar na minha suíte.

Quando ela parou, ele simplesmente pegou-lhe a sua mão e a conduziu até os elevadores, como se não tivesse reparado.

— Talvez eu tenha lhe dado a impressão errada — disse ela, friamente.

— Acho que não. — Ele se virou, ainda segurando-lhe a mão. A palma da mão dele não era tão macia quanto ela esperava ser a de um escritor. A mão era tão grande quanto a de um pianista, mas cheia de calosidades: uma combinação bastante intrigante e desconfortável, percebeu Lee. — Minha imaginação não mergulhou tão profundamente na expectativa de seduzi-la, Lenore. — Embora percebesse que ficara rígida de indignação, acompanhou-a até o elevador. — A questão é a seguinte, não ligo a mínima para restaurantes e ligo menos ainda para multidões e interrupções. — O elevador zumbia levemente ao subir. — Você achou que a palestra valeu a pena?

— Vou conseguir realizar meu objetivo aqui.

Ela passou pela porta.

— E qual é seu objetivo?

— Você veio até aqui para quê? — desafiou ela. — Não é exatamente um hábito seu participar de congressos, e esse aqui certamente é bem pequeno e fora do circuito.

— De vez em quando me agrada o contato com outros escritores. Ele abriu a porta da suíte e acenou para ela entrar.

— Este congresso certamente não está cheio de escritores que tenham atingido seu grau de sucesso.

— Sucesso não tem nada a ver com escrever. Ela se livrou da bolsa e do envelope e o encarou.

— É fácil falar isso quando se faz sucesso.

— É? — Parecendo estar se divertindo, ele deu de ombros e então apontou na direção da janela. — Você precisa absorver o máximo que puder da vista. Não vai ver nada parecido com isso de uma janela em Los Angeles.

— Você não gosta de Los Angeles.

Se fosse cuidadosa e esperta, poderia descobrir onde ele morava e por que morava lá.

Los Angeles tem seus pontos positivos. Gostaria de tomar um pouco de vinho? - -

— Sim, gostaria. — Ela foi até a janela. A vastidão ainda mantinha o poder de impressioná-la e quase... assustá-la. Uma vez que você está fora dos limites da cidade, pode vaguear por quilômetros sem ver outra pessoa, sem ouvir outra voz. O isolamento, pensou, ou talvez apenas o próprio espaço, podiam ser esmagadores. — Você tem estado lá com certa frequência? — perguntou ela, virando as costas deliberadamente para a janela.

— Hein?

— Em Los Angeles.

— Não.

Ele passou por ela e ofereceu-lhe uma taça de vinho branco.

— Você prefere a Costa Leste ou a Oeste?

Ele sorriu e ergueu a taça.

— Faça questão de preferir onde estou.

Era perito em evadir-se, pensou ela, e virou-se para dar uma volta pela suíte. Parecia ser também bastante perito em deixá-la inquieta. A menos que estivesse equivocada, ele fazia isso de propósito.

— Você viaja com frequência?

— Somente quando é necessário.

Lee abaixou a taça e decidiu tentar uma abordagem mais direta.

— Por que se mantém tão recluso? A maioria das pessoas na sua posição aproveitaria o máximo da promoção e da publicidade disponíveis.

— Não me considero recluso, nem me considero a maioria das pessoas.

— Você não tem nem uma biografia, nem mesmo uma foto nas capas de seus livros.

— Meu rosto e minha vida não têm nada a ver com as histórias que conto. Está gostando do vinho?

— É muito bom. — Embora ela quase não tivesse tocado nele. — Não acha que faz parte de sua profissão satisfazer a curiosidade de seus leitores com relação a pessoa que cria as histórias que interessa a eles?

— Não. Minha profissão são as palavras... juntar palavras de tal modo que alguém que as leia tenha uma boa diversão, tenha curiosidade e prazer com a narrativa. E narrativas provêm muito mais da imaginação do que de fatos reais. — Ele bebeu um gole do vinho e o aprovou. — O narrador não é nada comparado com a narração em si.

— Modéstia? — perguntou Lee, com um traço de sarcasmo que não pôde impedir.

O sarcasmo pareceu diverti-lo.

— Nem um pouco. É uma questão de prioridades, não de humildade. Se me conhecesse melhor, compreenderia que tenho muito poucas virtudes.

Ele sorriu, mas Lee disse para si mesma que já imaginara aquele rápido brilho predatório em seus olhos. Já imaginara, disse para si mesma novamente, e estremeceu. Perturbada com sua própria reação, pediu mais vinho.

— Você tem alguma virtude?

Ele gostou do fato de ela reagir mesmo quando seus nervos estavam à flor da pele.

— Algumas pessoas dizem que os vícios são mais interessantes e, certamente, mais divertidos do que as virtudes. — Encheu a taça dela até a borda. Você concorda?

— Mais interessantes, talvez mais divertidos. — Ela se recusava a deixar que seus olhos se desviassem dos dele enquanto bebia. — Certamente mais exigentes.

Refletiu sobre o que ela dissera, apreciando a resposta rápida e o padrão de pensamento claro e direto.

— Você tem uma mente interessante, Lenore; você a exercita.

— Uma mulher que não tem acaba apenas observando outras pessoas subirem na vida enquanto ela enche copos d'água e faz café.

Ela quase praguejou de frustração no momento exato em que pronunciou aquelas palavras. Não tinha o hábito de falar tão abertamente. A questão era que estava ali para entrevistá-lo e não o inverso, pensou.

— Uma analogia interessante — murmurou Hunter. Ambição. Sim, sentira isso nela desde o começo. Mas o que poderia ela estar querendo alcançar? O que quer que fosse, refletiu, ela não chegaria ao topo pisando nas pessoas. Ele achou que poderia respeitar aquilo, poderia quase admirar, na verdade. — Diga-me, você relaxa de vez em quando?

— Como disse?

— Suas mãos estão quase sempre tremendo, embora pareça ter um grande autocontrole. — Ele reparou que, assim que Lee ouviu o que ele dissera, seus dedos pararam de brincar com a base da taça. — Desde que chegou aqui, não ficou parada em lugar nenhum por mais de alguns segundos. Deixo você nervosa?

Ela olhou friamente para ele, sentou no sofá de pelúcia e cruzou as pernas.

— Não.

Mas a pulsação dela acelerou um pouco quando ele se sentou ao lado.

— O que a deixa nervosa, então?

— Cachorros pequenos e barulhentos.

Ele riu, contente com o momento e com ela.

— Você é uma mulher muito divertida. — Pegou levemente na mão dela. — Devo lhe dizer que este é o meu mais elevado cumprimento.

— Você dá muita importância à diversão.

— O mundo é um lugar cruel, e frequentemente entediante, o que é ainda pior. — A mão dela era delicada, e a delicadeza o encantava. Os olhos escondiam segredos, e não havia nada que o intrigasse mais. Se a gente não pode se divertir, só nos resta duas possibilidades. Voltar para as cavernas ou seguir no esquecimento.

— E aí você se diverte com o terror. — Queria se afastar, mas seus dedos apertavam a mão dela de maneira quase imperceptível. E os olhos buscavam seus pensamentos.

— Se está preocupada com o inominável terror que espreita a janela de seu quarto, você se preocuparia com sua próxima consulta ao dentista ou com o fato de que sua máquina de lavar transbordou?

— Fuga?

Tocou o cabelo dela. Parecia um gesto bastante prosaico e natural para ele. Os olhos de Lee escancararam-se como se tivesse sido beliscada.

— Não gosto da palavra fuga.

Ela era uma combinação quase irresistível, pensou Hunter, enquanto passava as pontas dos dedos pelo pescoço dela. Os cabelos

cor de fogo, os olhos vulneráveis, o simpático refinamento, os nervos borbulhantes. Daria uma personagem fascinante e, percebeu ele, uma amante fascinante. Já decidira a primeira parte; naquele momento, enquanto brincava com as pontas dos cabelos dela, decidiu a segunda.

Lee percebeu alguma coisa quando os olhos grudaram novamente nos dela. Decisão, determinação, desejo. Sua boca ficou seca. Não era sempre que sentia que podia ser superada por outra pessoa. Era ainda mais raro alguém ou alguma coisa assustá-la para valer. Embora ele não tivesse dito nada, embora não tivesse se aproximado mais, percebeu que estava tentando se livrar do medo — e da certeza de que não importava o jogo para o qual o desafiasse, ela perderia porque ele a olharia fundo nos olhos e conheceria cada movimento antes que Lee pudesse realizá-los.

Ouviram uma batida na porta, mas ele continuou olhando para ela por longos e silenciosos minutos antes de se levantar.

— Tomei a liberdade de pedir o jantar — disse ele com tanta tranquilidade que Lee chegou a pensar se não havia sido sua imaginação a chama de paixão que vira em seus olhos. Enquanto ele foi até a porta, ela ficou sentada onde estava, lutando para organizar os próprios pensamentos. Estava imaginando coisas, disse para si mesma. Ele não podia olhar dentro dela e ler seus pensamentos. Era apenas um homem. Já que o jogo era dela e somente ela conhecia as regras, não perderia. Refeita do susto, levantou-se e caminhou até a mesa.

O salmão estava macio e rosado. Contento com a escolha, Lee sentou-se à mesa assim que o garçom fechou a porta atrás de si. Até agora, refletiu Lee, tinha respondido mais perguntas do que Hunter. Estava na hora de mudar esta situação.

— O conselho que deu hoje cedo aos escritores iniciantes com relação a reservar todos os dias um tempo para escrever, não importa o quão desanimados estejam... isso vem de alguma experiência pessoal sua?

Hunter provou o salmão.

— Todo escritor tem de encarar o desânimo, de tempos em tempos. Assim como tem de encarar as críticas e a rejeição.

— Você encarou muitas rejeições antes da excelente vendagem de *A dívida do diabo*?

— Desconfio de tudo que acontece com muita facilidade.

Ele ergueu a garrafa de vinho para reencher a taça dela. O rosto de Lee era perfeito para um jantar à luz de velas, devaneou ele, ao observar a sombra e a luz oscilando por sobre a pele cremosa e macia e as feições delicadas. Estava determinado a descobrir o que existia por baixo daquilo antes que a noite terminasse.

Jamais passou-lhe pela cabeça que a estava usando, embora pretendesse utilizar a mente dela para tudo que pudesse aprender a seu respeito. Era um privilégio de escritor.

— O que o fez se tornar um escritor?

Ele ergueu a sobrancelha sem parar de comer.

— Nasci escritor.

Lee comia lentamente, planejando a próxima rodada de perguntas. Precisava ser mais cuidadosa, evitar colocá-lo na defensiva, não dar margem a qualquer desconfiança. Jamais passou-lhe pela cabeça que o estava usando, embora pretendesse utilizar a mente dele para tudo o que pudesse aprender a seu respeito. Era um privilégio de repórter.

— Nasceu escritor — repetiu, comendo outro pedaço de salmão. — Você acha que é simples assim? Não haveria elementos na sua formação, alguma circunstância, experiências na infância, que o levaram a se tornar escritor?

— Eu não disse que era simples — corrigiu Hunter. — Todos nascemos com um certo conjunto de escolhas a fazer. Tomar essa decisão é uma questão que está longe de ser simples. Todo romance escrito tem a ver com escolhas. Escrever romances foi o que me coube.

Ele a interessava a tal ponto que ela esqueceu a entrevista não oficial e perguntou por conta própria:

— Quer dizer que sempre quis se tornar um escritor?

— Você tem uma cabeça bastante literal — observou Hunter. Recostou-se confortavelmente e girou a taça de vinho, — Não, nem sempre. Eu queria ser jogador de futebol.

— Futebol?

A descrença e o espanto dela o fizeram rir.

— Futebol — repetiu ele. — Eu queria ser jogador profissional, e talvez até tivesse tido sucesso, mas precisava escrever.

Lee ficou em silêncio por um instante, depois decidiu que ele estava contando exatamente a verdade.

— Então se tornou escritor sem de fato querer.

— Fiz uma escolha — corrigiu Hunter, intrigado pela lógica sistemática da mente de Lee. — Acredito que muitas pessoas nascem escritores ou artistas e morrem sem nem mesmo ficarem sabendo disso. Livros deixam de ser escritos, quadros deixam de ser pintados. Os afortunados são aqueles que descobriram sua vocação. Talvez eu tivesse sido um excelente jogador de futebol; talvez tivesse sido um excelente escritor. Se tivesse tentado fazer as duas coisas, não seria nada além de medíocre.

— Há milhões de pessoas que concordariam que você fez a escolha certa. — Deixando de lado a fachada impassível, ela colocou os cotovelos na mesa e inclinou-se à frente. — Por que histórias de terror, Hunter? Alguém com suas habilidades e imaginação poderia escrever o que quisesse. Por que canalizou seu talento para este gênero específico?

Ele acendeu um cigarro, fazendo com que o cheiro de tabaco impregnasse o ar.

— Por que você o lê?

Ela franziu o cenho. Já fazia algum tempo que ele não lhe devolvia alguma pergunta.

— Não leio, em geral. Apenas os seus livros.

— Estou lisonjeado. Por que os meus?

— O seu primeiro me foi recomendado, e aí... — hesitou, não querendo revelar que não conseguira largar o livro desde a primeira página. Em vez disso, passou a ponta do dedo pela borda da taça e pensou numa resposta melhor. — Você tem um jeito de criar climas e delinear personagens que torna a implausibilidade de suas histórias perfeitamente crível.

Ele deu uma baforada.

— Você as considera implausíveis?

Ela deu um risinho rápido, um riso que ele reconheceu como autêntico em função do bom humor que lhe iluminou os olhos. Fazia algo muito especial com a beleza dela. Tornava-a acessível

— Eu dificilmente acreditaria em pessoas sendo possuídas por demônios ou numa casa que seja essencialmente má.

— Não? — Ele sorriu. — Nenhuma superstição, Lenore? Ela olhou-o nos olhos de igual para igual.

— Nenhuma.

— Estranho. A grande maioria de nós tem algumas.

— Você tem?

— É claro, e até mesmo as que não tenho me fascinam. — Ele tomou-lhe a mão, juntando os dedos com firmeza. — Dizem que algumas pessoas podem sentir a aura de outra pessoa, ou a personalidade, se a palavra lhe cai melhor, apenas com um bater de palmas.

A palma da mão dele estava cálida e dura e os olhos fixavam-se nos dela, Lee sentia algo frio em sua mão, o anel de metais intercalados.

— Não acredito nisso. — Mas não estava tão certa, não com ele.

— Você acredita somente no que vê ou sente. Somente no que pode ser apreendido por um dos cinco sentidos que compreende.

— Ele se levantou e foi até ela para que igualmente se levantasse.

— Nada que existe pode ser compreendido. Nada que é compreendido pode ser explicado.

— Tudo tem uma explicação. — Mas ela notou que suas palavras, assim como sua pulsação, estavam um pouco instáveis.

Poderia ter retirado a mão, e talvez ele tivesse deixado, mas sua sentença parecia um desafio frontal.

— Você pode explicar por que seu coração bate mais rápido quando me aproximo? — O rosto dele parecia misterioso, os olhos eram como azeviche à luz da vela. — Você disse que não tinha medo de mim.

— Não tenho.

— Mas seu pulso está acelerado. — A ponta do dedo dele tocou-lhe levemente o pescoço. — Você pode explicar por que, antes mesmo de termos passado um dia inteiro juntos, quero tocar em você assim? — Com delicadeza, extrema delicadeza, passou a mão pelo rosto dela.

— Não. — Apenas um sussurro.

— Você pode explicar esse tipo de atração entre dois estranhos?

— Passou um dedo por sobre os lábios dela, sentiu-os tremerem, imaginou que gosto teriam.

Alguma coisa macia, alguma coisa graciosa, movimentou-se dentro de Lee.

— Atração física nada mais é do que química.

— Ciência? — Ele encostou os lábios na palma da mão dela. Lee sentiu os músculos da coxa desmancharem. — Existe uma equação para isso? — Sem tirar os olhos dela, esfregou os lábios em seu pulso. A pele arrepiou-se e em seguida esquentou. O pulso sacudia e tentava se

desvencilhar. Ele riu. — Isso — sussurrou ele, dando-lhe um beijo no canto da boca — tem a ver com lógica?

— Não quero que me toque dessa maneira.

— Você quer que eu a toque — corrigiu Hunter —, mas não tem como explicar isso. — Num gesto previsível, introduziu as mãos nos cabelos dela. — Tente o inexplicável — desafiou, antes de seus lábios se aproximarem dos dela.

Poder. Pulsava dentro dela. O desejo era como uma onda de calor. Podia perceber a necessidade que estava sentindo tomar conta de seu ser ao ver-se imóvel nos braços dele. Poderia tê-lo recusado. Lee tinha experiência na arte da recusa. Subitamente, sumiram o bom senso para escapar e a força para recusar.

Apesar de toda a intensidade, apesar de toda a força de sua personalidade, o beijo era delicado e suave. Embora os dedos dele estivessem firmes em seu cabelo, tão firmes que se tentasse escapar perceberia que estava presa, seus lábios eram tão delicados e cálidos quanto a luz que tremeluzia na mesa ao lado. Não se lembrava quando se aproximara dele, mas seus braços o enlaçavam pelo pescoço, os corpos colados, a seda farfalhando. O sabor tranquilo e inebriante do vinho era perceptível na língua dele. Lee absorveu-o. Podia sentir o cheiro da vela e de seu próprio perfume. Sua mente organizada e disciplinada primeiro mergulhou na confusão e, em seguida, nas mais diversas sensações de desejo.

Seus lábios estavam frios mas logo se incendiaram. O corpo estava tenso mas começou a relaxar lentamente. Ele gostou de ambas as mudanças. Não era uma mulher que se entregava docilmente. Tinha consciência disso assim como também tinha consciência de que não era uma mulher que se surpreendia com facilidade.

Parecia pequena perto dele, bastante frágil. Ele sempre tratou a fragilidade com muito cuidado. Mesmo com o beijo ficando cada vez mais intenso, mesmo com sua própria necessidade crescendo cada vez mais, a boca de Hunter permanecia delicada, provocadora, predisposta. Acreditava que o ato do amor, desde a primeira carícia até o gozo, era

uma arte. Acreditava que esta arte jamais podia ser apressada. Então, vagarosa e pacientemente, mostrou-lhe como deveria ser, enquanto suas mãos tocavam apenas o cabelo dela e a boca permanecia suavemente na dela.

Ele a sorvia inteiramente. Lee podia sentir sua vontade, sua força, seus pensamentos, escoando de si. E, ao serem escoados, um turbilhão de sensações preenchia a perda. Não havia como lidar com aquilo, não havia... explicação. Só podia ser vivenciado.

Um prazer tão fluido não podia ser contido. Um prazer tão forte não podia ser guiado. Era a ausência de controle muito mais do que o turbilhão de sensações que mais a assustava. Se perdesse o controle, perderia seu objetivo. E aí naufragaria. Com um protesto mais murmurado do que dito, ela soltou-se mas percebeu que enquanto ele liberava sua boca, ainda a segurava.

Mais tarde, pensou ele, em algum momento obscuro e solitário, exploraria sua própria reação. Naquele instante, estava muito mais interessado na reação dela, que olhava para ele como se tivesse sido golpeada—o rosto pálido, os olhos nebulosos. Embora estivesse com a boca aberta, não disse nada. Sentiu o leve tremor na mão de Lee que a acometia, uma vez, depois outra.

—Algumas coisas não podem ser explicadas, mesmo quando compreendidas. — Disse a frase suavemente, tão suavemente, que ela poderia pensar que se tratava de uma ameaça.

— Não entendo você. — Ela colocou as mãos no braço dele como se estivesse querendo afastá-lo. — E acho que não quero mais entendê-lo.

Ele não sorriu ao deslizar as mãos para os ombros dela.

— Talvez não. Você teria de fazer uma escolha.

— Não. — Trêmula, afastou-se dele e agarrou a bolsa. — O congresso termina amanhã e volto em seguida para Los Angeles. — De repente, virou-se para encará-lo, zangada. —Você vai voltar para sei "lá qual buraco onde se esconde".

Ele inclinou a cabeça.

— Talvez. — Foi melhor ela ter estabelecido uma distância entre os dois. Abruptamente, ele se deu conta de que se a tivesse segurado mais um pouco, não a teria deixado ir embora. — Conversaremos amanhã.

Ela não questionou a própria lógica. Apenas balançou a cabeça.

— Não, não conversaremos mais.

Ele não a corrigiu. Lee caminhou em direção à porta. Ele ficou parado onde estava quando ela bateu a porta atrás de si. Não havia necessidade de contrariá-la; sabia que conversariam amanhã novamente. Hunter ergueu a taça de vinho, pegou o manuscrito que ela havia esquecido e sentou-se numa cadeira.

Capítulo 4

Raiva. Talvez o que Lee sentisse fosse apenas raiva, sem outros torvelinhos e correntes de emoção. Mas não tinha certeza de quem sentia raiva.

O que aconteceu na noite anterior poderia ter sido evitado — deveria ter sido, corrigiu-se, ao sair do banho. Por ter permitido que Hunter estabelecesse o ritmo e o tom, colocou-se numa posição vulnerável e desperdiçou uma excelente oportunidade. Se havia alguma coisa que Lee aprendera em todos os seus anos como repórter, foi que uma oportunidade desperdiçada era o erro mais avassalador em seu ramo de atividade.

O quanto havia aprendido sobre Hunter Brown que pudesse ser utilizado num artigo conciso e informativo? O suficiente para um parágrafo, pensou, chateada. Um parágrafo bem curto.

Talvez lhe restasse apenas uma oportunidade para compensar o tempo perdido. Tempo perdido porque se apresentara com sentimentos de mulher e não com pensamentos de repórter. Ele a conduzira numa coleira, admitiu, amargurada, ao esfregar a toalha no cabelo molhado enquanto a lâmpada do teto aquecia sua pele. Em vez de recusar, ela foi, obediente, até onde ele quis.

E perdeu a entrevista mais importante de sua carreira. Lee jogou a toalha para o lado e saiu do banheiro enfumaçado.

Disse para si mesma que não sentia nada além de irritação por ele e por ela própria. Pegou um roupão e sentou-se numa pequena escrivaninha. Ainda tinha algum tempo antes do serviço de copa entregar sua primeira xícara de café do dia, mas não havia mais tempo a perder. Primeiro o trabalho... e por último também. Pegou bloco e lápis.

HUNTER BROWN. Escreveu no alto do bloco em letras maiúsculas e sublinhou o nome. O problema, admitiu, foi não ter abordado Hunter — sua tarefa — de maneira lógica e sistemática. Poderia corrigir isso

agora com um planejamento básico. Ela, afinal, o viu, falou com ele, fez-lhe algumas perguntas elementares. Até onde sabia, nenhum outro repórter poderia afirmar ter feito algo parecido. Era hora de rapidamente parar de se repreender por não ter amarrado as coisas bem e usar a pequena vantagem que ainda possuía em proveito próprio. Começou a escrever com determinação.

APARÊNCIA. Atípica. Agora sim, tinha uma afirmação positiva, pensou, franzindo o cenho. Com três golpes ágeis ela envolveu as palavras. Moreno, esguio, magro, escreveu. Como um maratonista, ou um esquiador. Os olhos dela estreitaram-se enquanto trazia o rosto dele para o primeiro plano de sua memória. Rosto rude, compensado por uma aparente inteligência. Traços mais destacados: olhos. Muito escuros, bastante diretos, muito... perturbadores.

Era um editorial que estava escrevendo?, perguntou-se. Aqueles olhares longos e profundos iriam perturbar a todos? Abandonou a pergunta e continuou a escrever. Alto, talvez 1,85m, aproximadamente 75 kg. Muita autoconfiança. Mãos de músico, boca de poeta.

Um pouco surpresa com sua própria descrição, Lee prosseguiu com a categoria seguinte.

PERSONALIDADE. Enigmática. Não é suficiente, decidiu, levemente ofendida. Arrogante, egocêntrico, grosseiro. Estava com certeza fazendo um editorial. Baixou a caneta e respirou fundo. Pegou novamente a caneta. Um orador habilidoso e cativante, admitiu, no papel. Atento, inteligente, taciturno e aberto, às vezes. Corpóreo.

A última palavra não estava correta, percebeu Lee, ao lembrar da maciez do longo e absorvente beijo, da delicadeza da boca, da firmeza das mãos. Não, não podia publicar isso, nem precisaria de notas para relembrar todos os detalhes, todas as sensações. Entretanto, faria muito bem em lembrar que era um homem que agia rapidamente quando pretendia, um homem que, aparentemente, conseguia o que queria.

Humor? Sim, por baixo da força, ele tinha humor. Não gostava de recordar como ele rira dela, mas como tinha uma tal carência de material, precisava de cada detalhe, desconfortável ou não.

Lembrava de cada palavra que ele dissera sobre sua filosofia da escrita. Mas como poderia traduzir algo tão impalpável em algumas frases enxutas e pragmáticas? Poderia dizer que ele achava que seu trabalho era uma obrigação. Uma vocação. Mas não era suficiente, pensou, frustrada. Seria necessário, nesse caso, que colocasse as próprias palavras dele e não uma tradução do sentido. A verdade pura e simples era a seguinte: tinha de falar novamente com ele.

Passou a mão no cabelo e deu uma lida em suas bem organizadas notas. Deveria ter segurado as rédeas da conversa desde o início. Se havia algo no qual era especialista era canalizar e dirigir a conversa para onde desejava. Já entrevistara pessoas mais fechadas do que Hunter, mais hostis, mas não conseguia se lembrar de nenhuma entrevista tão frustrante.

Sem perceber, começou a bater com o lápis na mesa. Não fazia parte de seu trabalho a frustração, mas sim a produtividade.

Não fazia parte de seu trabalho, acrescentou ela, permitir-se ficar tão seduzida por uma tarefa.

Poderia ter evitado o beijo. Ainda não estava claro para ela por que não o evitara. Poderia ter controlado sua receptividade a ele. Não estava disposta a especular por que não o fizera. Era fácil demais lembrar aquele momento longo e estranhamente intenso e, ao lembrar, sentir tudo de novo. Se pretendia evitar que isso acontecesse e, ao em vez disso, lembrar todas as razões que a levaram a Flagstaff, tinha de colocar Hunter Brown imediatamente na categoria de tarefa a ser realizada e deixá-lo assim. Naquele momento, seu maior problema era imaginar como conseguiria fazer para vê-lo outra vez.

Profissionalmente, lembrou-se ela. Mas não conseguia ficar parada pensando nisso, ou nele. Devagar, tentava bloquear a sensação incrivelmente delicada da boca de Hunter sobre a sua. E não conseguia.

Uma onda de sensações; jamais experimentara algo parecido. A fraqueza, a força — a compreensão de tudo isso estava além das suas possibilidades. A saudade, a ânsia — como poderia descobrir a maneira de controlar tudo aquilo?

Talvez se o conhecesse melhor... Não. Lee ergueu a escova de cabelo, mas recolocou de volta. Não, compreender Hunter não tinha nada a ver com combater o desejo que sentia por ele. Desejou ser tocada por ele e, embora não tivesse nenhum motivo lógico para isso, desejou muito mais ser tocada por ele do que realizar seu trabalho. Isso jamais aconteceu antes, admitiu, inadvertidamente empurrando os diversos utensílios de toalete que estavam na cômoda. Quando algo acontecia pela primeira vez, era preciso estabelecer, você mesma, sua pauta.

Inquieta, olhou para a frente e viu uma mulher pálida com olhos de sono e cabelo desgrenhado refletido no espelho. Tinha a aparência muito jovem, muito... frágil. Ninguém jamais a via sem o escudo da maquiagem, mas sabia o que estava por trás do melindre e do falso brilho. Medo. Medo do fracasso.

Construíra sua autoconfiança meticulosamente, tijolo a tijolo, até que por fim ela própria passou a acreditar nisso na maior parte do tempo. Mas em momentos como esse, quando se encontrava sozinha, um pouco deprimida, um pouco desencorajada, a mulher interior se insurgia e, junto com ela, todas as pequenas dúvidas e medos por trás daquela muralha laboriosamente bem construída. Desde que nascera, fora preparada para ser pouca coisa além de um ornamento atraente e inteligente. Bem comunicativa, bem produzida e bem disciplinada. Era tudo o que sua família esperava dela. Não, corrigiu Lee. Era o que havia sido esperado dela. Nesse sentido, já havia falhado.

Que truque do destino tornara tão impossível para ela se encaixar no molde para o qual fora preparada? Desde a infância sabia que precisava de mais, embora somente depois da faculdade tenha conseguido acumular coragem suficiente para desviar-se da trilha que a teria levado da debutante respeitável para a dona-de-casa respeitável.

Quando contou aos pais que não se transformaria na sra. Jonathan T. Wiiloby e que estava deixando Palm Springs para morar e trabalhar em Los Angeles, não parava de tremer por dentro. Só mais tarde percebeu que tinha sido a educação que eles haviam lhe dado que a sustentara naquele encontro particularmente difícil. Eles lhe ensinaram

a sempre agir de maneira calma e serena, jamais elevar a voz, jamais demonstrar qualquer sinal vulgar de irritação. Quando falou com eles, parecia ter certeza absoluta do que queria, quando, na verdade, estava aterrorizada por deixar aquela confortável redoma de vidro que vinham construindo para ela desde antes do seu nascimento.

Cinco anos mais tarde, o medo diminuiu, mas permaneceu. Parte de sua motivação para alcançar o topo na profissão vinha da necessidade básica de provar sua competência para os pais.

Tolice, disse para si mesma e deu as costas para a vulnerabilidade da mulher no espelho. Não tinha nada a provar para ninguém, a menos que fosse para si própria. Viera até ali para fazer um artigo, e isso era sua primeira, e única prioridade. A história ficaria desfigurada, na opinião dela, se tivesse de seguir as pegadas de Hunter como um cão policial.

Olhou de novo para seu bloco e para as anotações que ocupavam menos de uma página. Teria mais antes do final do dia, prometeu a si mesma. Muito mais. Ele não ficaria em vantagem novamente, nem a desviaria de seu objetivo. Assim que terminasse de se vestir e tomasse o café da manhã iria atrás de Hunter. Dessa vez, estaria firme no comando.

Quando ouviu baterem na porta, Lee olhou para o relógio ao lado da mesa e deu um pequeno suspiro de frustração. Estava atrasada em seus horários, algo que jamais permitia que acontecesse. Solicitara deliberadamente café e pãezinhos para as 9:00, para poder ter tempo de estar vestida e pronta quando a comida chegasse. Agora, teria de correr para garantir algum tempo com Hunter antes de checar a hora. Não desperdiçaria uma oportunidade duas vezes.

Impaciente, ela foi até a porta, girou a chave e abriu.

— Seria melhor não comer nada se você pensa que pode sobreviver com alguns pedaços de pão e um pouco de geleia. — Antes que pudesse se recuperar do susto, Hunter passou voando por ela, carregando uma bandeja de café da manhã. — E uma mulher inteligente nunca abre a porta sem antes perguntar quem está do outro

lado. — Colocou a bandeja sobre a mesa e encarou-a com um de seus intermináveis e invasivos olhares.

Lee parecia mais jovem com o brilho da maquiagem e a escolha cuidadosa de roupas. Os traços de fragilidade que ele já percebera não estavam mais com nenhuma proteção sofisticada, embora seu roupão azul-claro de seda fosse agradável ao olhar. Ele sentiu uma onda de desejo e ao mesmo tempo uma necessidade de protegê-la. Nenhum dos dois podia retardar completamente sua ira. Não estava disposta a revelar-lhe o quanto estava surpresa de vê-lo, ou o quão perturbada se sentia de ele estar ali sozinho com ela quase nua.

— Primeiro, motorista; agora, garçom — disse ela, fria e sem sorrir. — Você tem muitos talentos, Hunter.

— Eu poderia retribuir o cumprimento. — Como tinha consciência de como podia ser volátil seu temperamento, ele serviu uma xícara de café. — Já que um dos primeiros requisitos de um escritor de ficção é ser um bom mentiroso, você já está no caminho certo. — Ele apontou para uma cadeira, colocando Lee na desconfortável posição de visitante. Como se não estivesse minimamente interessada, ela atravessou o quarto e sentou-se à mesa.

— Eu lhe convidaria a se juntar a mim, mas só há uma xícara. — Ela partiu um croissant em dois e deu uma mordida, sem colocar manteiga. — Pode pegar um pãozinho. — Com mão firme, adicionou leite ao café. — Talvez você queira explicar o que quer dizer quando afirma que sou uma boa mentirosa.

— Acho que também é um requisito de repórteres.

Hunter viu primeiro os dedos dela tensos no pão que se despedaçava e depois relaxarem, um a um.

— Não. — Lee deu outra mordida no pão, tentando fingir que seu estômago não desabara a seus pés. — Repórteres lidam com fatos, não ficção. — Ele não disse nada, mas o olhar silencioso demandava muito mais dela do que uma dúzia de palavras. Lee controlava seu tempo,

determinada a não se atrapalhar de novo. Deu um gole no café. — Não me lembro de ter mencionado que era repórter.

— Não, você não mencionou. — Ele agarrou seu pulso assim que ela largou a xícara. A pegada forte dos dedos dele indicaram de imediato o quanto ele estava zangado. — Você, de modo bastante deliberado, não mencionou isso.

Com um movimento da cabeça, ela retirou o cabelo da frente dos olhos. Se tivesse perdido, não se humilharia.

— Não me foi requisitado que eu lhe dissesse. — Ignorando o fato de ele estar segurando-lhe firmemente a mão como se fosse uma prisioneira, Lee pegou o croissant com a outra mão e deu uma mordida. — E paguei minha taxa de inscrição.

— E fingiu ser algo que não era. Ela encarou o olhar dele sem recuar.

—Aparentemente, desde o início, ambos fingimos ser algo que não éramos.

Ele inclinou a cabeça ao ouvir a referência que ela estava fazendo ao primeiro encontro.

— Eu não queria nada de você. Por outro lado, você foi muito mais do que inofensiva na sua mentira.

Ela não gostou da forma como aquilo soou, tão fútil, tão sórdido. E tão verdadeiro. Se os dedos dele não estivessem machucando seu pulso, poderia ter-lhe passado pela cabeça se desculpar. Em vez disso, Lee manteve sua posição.

— Tenho todo o direito de estar aqui e todo o direito de tentar vender um artigo sobre qualquer aspecto deste congresso.

— E eu — replicou ele, tão suavemente que as entranhas dela quase congelaram — tenho todo o direito a minha privacidade, a escolher falar com um repórter ou me recusar a falar com outro.

— Se eu tivesse lhe dito que fazia parte da equipe da Celebrity — retrucou ela, fazendo a segunda tentativa de libertar seu braço —, por acaso você teria falado comigo?

Ele continuava segurando o pulso dela; continuava a olhar fixamente para ela. Por vários e longos minutos, não disse uma palavra sequer. — Isso é algo que, agora, nenhum de nós jamais poderá saber.

Soltou o pulso tão abruptamente que o braço dela tombou sobre a mesa, chocando-se com a xícara. Lee percebeu que amassara tanto o pãozinho que o transformara numa insípida bolinha.

Ele a assustava. Não havia sentido em negar este fato para si mesma. A força da raiva dele, tão bem contida, propiciou pequenos arrepios em seu corpo. Não o conhecia nem o entendia, nem possuía alguma maneira de ter certeza de como ele agiria. Havia muita violência nos livros dele; portanto, havia violência em seus pensamentos. Lutando para manter a compostura, ela ergueu novamente a xícara de café, bebeu um pouco e não saboreou absolutamente nada.

— Estou curiosa em saber como descobriu. — Bom, sua voz estava calma, sem pressa. Pegou a xícara com as duas mãos para disfarçar o rápido tremor que fugira ao seu controle.

Lee parecia um gatinho acuado num canto, observou Hunter. Pronta para bufar e arranhar, apesar do coração estar batendo tão forte que quase se podia ouvi-lo. Ele não queria ter nenhuma consideração por ela, queria, isto sim, estrangulá-la. Ele não queria sentir um forte desejo de tocar a pele branca e sedosa de seu rosto. Ser enganado por uma mulher talvez fosse a única coisa que ainda tinha o poder de levá-lo a este grau de raiva.

— Por mais estranho que pareça, Lenore, me interessei por você. Ontem à noite... — Percebeu que ela enrijeceu e sentiu uma certa satisfação. Não, não a deixaria esquecer daquilo muito mais do que ele próprio poderia esquecer. — Ontem à noite — repetiu ele, vagorosamente, esperando até que o olhar dela se fixasse nele —, eu queria fazer amor com você. Queria penetrar abaixo desta cuidadosa camada de refinamento e descobrir você. E quando tivesse terminado,

você ficaria com a aparência que está agora. Suave, frágil, com a boca nua e os olhos enevoados.

Os ossos dela já estavam se dissolvendo, a pele queimando, e ainda não passava de palavras. Ele não a tocou, não tentou tocar, mas o som da voz dele percorria sua pele como a mais delicada das carícias.

— Eu não... eu não tinha nenhuma intenção de permitir que fizesse amor comigo.

— Não acredito que o amor seja uma questão de permissão, mas sim de mútua aceitação. — Os olhos dele não paravam de encará-la. Ela podia sentir que sua cabeça começava a mergulhar na paixão, sua respiração começava a ficar entrecortada. — Mútua aceitação — repetiu Hunter. — Quando você foi embora, passei para a segunda melhor maneira de descobrir você.

Lee apertou as mãos no colo, consciente de que precisava controlar o tremor. Como poderia um homem ter tamanho poder? E como poderia combater isso? Por que se sentia como se já fossem amantes? Seria somente a sensação de que estavam para ser, inevitavelmente, pouco importando a escolha dela?

— Não sei o que quer dizer com isso. — Sua voz não estava mais calma.

— Seu manuscrito.

Sem compreender, ela o encarou. Ela se esquecera completamente do manuscrito na noite anterior, com medo dele e de si própria. Raiva e frustração evitaram que se lembrasse do manuscrito naquela manhã. Agora, coroados um desejo enlouquecido, sentia o desamparo de uma novata confrontada pelo mestre.

— Nunca foi minha intenção que você o lesse — começou ela. Sem perceber, estava despedaçando o guardanapo no colo.—Não tenho nenhuma aspiração de me tornar escritora.

— Então, além de mentirosa, você é idiota.

Todo o desamparo que sentia caiu por terra. Ninguém, ninguém de que pudesse se lembrar, jamais falara com ela daquela maneira.

— Não sou nem idiota nem mentirosa, Hunter. Sou, isto sim, uma excelente repórter. Quero escrever um artigo exclusivo, aprofundado e detalhado sobre você para seus leitores.

— Por que você perde seu tempo escrevendo fofocas quando tem um romance para terminar?

Ela ficou rígida. Os olhos, que antes estavam enevoados com a confusão do desejo, ficaram gélidos.

— Não escrevo fofocas.

— Você pode até dar um verniz, pode escrever com estilo e inteligência, mas continua sendo fofoca. — Antes que Lee pudesse retrucar, ele se levantou com tanta rapidez, com tanta fúria, que ela engoliu as palavras. — Você não tem o direito de passar quarenta horas por semana escrevendo qualquer coisa que não seja seu romance. O talento é uma moeda de duas faces, Lenore, e a outra face é a obrigação.

— Não sei do que está falando. — Ela também se levantou, e descobriu que podia berrar de modo tão eficiente quanto ele. — Sei quais são as minhas obrigações, e uma delas é escrever um artigo sobre você para a minha revista.

— E o romance?

Ela levantou as mãos, irritada, e saiu de perto dele.

— O que tem o romance?

— Quando pretende terminá-lo?

Terminá-lo? Jamais deveria ter começado a escrevê-lo. Por acaso já não dissera isso para si mesma uma dúzia de vezes? — Droga, Hunter, é só uma fantasia.

— Ele é bom.

Ela se virou, as sobrancelhas ainda franzidas pela raiva, mas os olhos subitamente precavidos. -

— O quê?

— Se não fosse, sua camuflagem teria funcionado muito bem. — Ele pegou um cigarro enquanto olhava para ela. Como podia ser tão calmo, movimentar-se tão lentamente, quando ela estava quase pulando a cada palavra que ouvia? — Quase liguei ontem à noite para saber se tinha mais alguma parte aqui com você, mas desisti. Em vez disso, liguei para minha editora. — Ainda tranquilo, ele fumava. — Quando lhe dei os capítulos para ler, ela reconheceu seu nome. Parece que ela é uma grande fã da revista.

— Você deu para ela... — Aturdida, Lee desabou novamente na cadeira.—Você não tinha o direito de mostrar para ninguém.

— Na hora, acreditei que você era exatamente aquilo que tinha me levado a acreditar que era.

Ela levantou-se novamente e agarrou com força as costas da cadeira.

— Sou jornalista, não sou escritora. Gostaria que você pegasse com ela o manuscrito e me devolvesse.

Ele colocou o cigarro no cinzeiro e só então percebeu as anotações bem organizadas. Deu uma olhada rápida nelas e sentiu que se divertia e se perturbava ao mesmo tempo. Quer dizer que ela estava tentando enfiar-lhe alguns rótulos bonitinhos. Teria mais dificuldades do que imaginava.

— E por que eu faria isso?

— Porque pertence a mim. Você não tinha o direito de dá-lo para mais ninguém.

— Do que é que tem medo? — perguntou ele.

Do fracasso. Lee quase não conseguiu evitar que as palavras saíssem de sua boca.

— Não tenho medo de nada. Faço aquilo que sei fazer melhor, e pretendo continuar fazendo. Do que você tem medo? — retrucou ela. —

Do que você se esconde?

Lee não gostou do olhar que ele lhe lançou ao virar a cabeça novamente para ela. Não era raiva que ela via ali, nem arrogância, mas algo além de ambas.

— Faço o que sei fazer de melhor, Lenore. — Quando chegou àquele quarto, não havia planejado nada mais além de esfolá-la viva pela mentira e repreendê-la por desperdiçar seu talento. Mas agora, fitando-a, Hunter começou a pensar que havia uma maneira melhor de fazer isso e, ao mesmo tempo, aprender mais coisas sobre ela para proveito próprio. Ainda tinha muita coisa a tratar com Lenore Radcliffe. — O que há de tão importante para você em fazer um artigo sobre mim?

Alertada para a mudança de tom, Lee analisou-o com cuidado. Tentara de tudo, decidiu ela, abruptamente, talvez pudesse acariciar-lhe o ego.

— É muito importante. Faz mais de três meses que venho tentando descobrir alguma coisa a seu respeito. Você é um dos escritores mais populares e mais aclamados pela crítica nessa década. Se você...

Ele a cortou apenas erguendo uma das mãos.

— Se eu decidisse dar a entrevista, teríamos de passar muito tempo juntos, e sob minhas condições.

Lee ouviu o sinal de alerta mas ignorou-o. Já estava quase sentindo o gostinho do sucesso.

— A gente pode discutir de antemão as condições. Dou a minha palavra de honra, Hunter.

— Não duvido disso, uma vez que ela for dada. — Hunter apagou o cigarro e refletiu sobre os ângulos da questão. Talvez estivesse querendo arranjar problema. Mas até que não tinha arranjado nenhum já fazia um bom tempo. Tinha direito. — Quanto mais do manuscrito você já tem pronto?

— Isso não tem nada a ver com o assunto. — Quando ele franziu o cenho e a encarou, Lee cerrou os dentes. Faça a vontade dele, disse para si mesma. Você está quase lá. — Umas duzentas páginas.

— Mande o resto para minha editora. — Olhou com suavidade para ela. — Com certeza você já sabe o nome dela.

— O que isso tem a ver com a entrevista?

— É uma das condições — disse Hunter, simples e direto. — Estou combinando alguma coisa para daqui a duas semanas — continuou ele. — Você pode se encontrar comigo, com outra cópia do manuscrito.

— Me encontrar com você? Onde?

— Vou acampar por duas semanas em Oak Creek Canyon. Talvez seja melhor você comprar uns sapatos mais resistentes.

— Acampar? — Ela visualizou barracas e mosquitos. — Já que você não está saindo de férias imediatamente, por que a gente não pode marcar a entrevista um ou dois dias antes?

— As condições — lembrou ele. — Minhas condições.

— Você está tentando tornar as coisas difíceis.

— Estou. — Ele deu um sorriso, um leve ar de bom humor surgiu em sua boca benfeita.—Você vai batalhar por sua exclusiva, Lenore.

— Tudo bem. — Ela levantou o queixo. — Onde e quando me encontro com você?

Agora sim, ele deu um sorriso completo. Sabia apreciar determinação quando ela surgia.

— Em Sedona. Vou entrar em contato com você assim que tiver certeza da data, e quando minha editora me confirmar que recebeu o restante do manuscrito.

— Não consigo entender por que está usando isso para me chantagear.

Então ele se aproximou dela e tocou levemente seu cabelo com os dedos. Um gesto casual, amigável e estranhamente íntimo.

— Talvez uma das primeiras coisas que deva saber sobre mim é que sou excêntrico. Se as pessoas aceitam suas próprias excentricidades, podem justificar qualquer coisa que fazem. Qualquer coisa mesmo. — Finalizou a fala encostando a boca na de Lee.

Ouviu-a inspirar, sentiu que ficava rígida. Mas não lutava contra. Talvez estivesse testando a si mesma, embora não pensasse que ela pudesse saber que também o estava testando. Seu desejo era levá-la para aquela cama desarrumada, retirar aquele roupão de seda e encaixar o corpo no dela. Encaixaria muito bem; de uma forma ou de outra, ele já sabia disso. Lee sairia dali com ele, para ele, como se fossem amantes desde sempre. Ele sabia, embora não conseguisse explicar.

Podia sentir que o contato íntimo a estava transformando, os lábios dela estavam mais cálidos e úmidos. Estavam sozinhos, e o desejo era enorme. Embora ele soubesse, sem compreender, que se fizessem amor ali, se saciassem aquele desejo, jamais iria revê-la. Ambos tinham temores a encarar, antes e depois de se tornar amantes.

Hunter proporcionou a si mesmo o prazer de um último e longo beijo, impregnando-se do sabor dela, permitindo-se ficar arrebatado, apenas por um instante, pela sensação de tê-la colada a si. Então lutou para se equilibrar, lutou para lembrar que ambos queriam alguma coisa do outro — segredos e intimidade que ambos colocariam em palavras nos seus próprios modos.

Ele recuou e deixou as mãos permanecerem apenas mais um instante na curva do rosto dela, na maciez de seu cabelo. Lee não disse nada.

— Se conseguir ficar duas semanas no canyon, seu artigo está liberado.

Com essas palavras, ele se virou e saiu do quarto.

— Se eu conseguir aguentar as duas semanas — murmurou Lee, apanhando uma pesada suéter do armário —, vou te contar, Bryan, nunca conheci ninguém que com tão poucas palavras pudesse me irritar tanto.

Dez dias em Los Angeles ainda não haviam arrefecido sua fúria. Bryan passou os dedos pela macia lã da suéter.

— Lee, será que não tem nenhuma roupa mais batida?

— Comprei uns agasalhos — disse ela, quase resmungando. — Não passei muito tempo da minha vida em barracas.

Antes que outro par de calças novinhas fosse colocado na mochila que Lee pegara emprestado com ela, Bryan pegou-lhe na mão.

— É só um conselho.

Lee ergueu a fina testa ruiva.

— Você sabe que detesto conselhos.

Bryan desabou na cama e deu um sorrisinho.

— Eu sei. E é por isso que nunca resisto em dar algum. Lee, falando sério, sei que você tem um par de calças jeans. Já vi você com uma delas. — Ela roçou no cabelo que escapara da trança. — De grife ou não, leve jeans, não essas calças caras demais. Leve mais uns dois pares — continuou enquanto Lee fazia uma careta para as roupas ainda em sua mão. — Ponha de volta essa maravilhosa suéter de lã no armário e pegue umas duas camisas de flanela. Elas vão dar conta das noites, se esfriar um pouco. Agora...

Como Lee estava ouvindo com bastante atenção, ela continuou:

— Leve umas camisetas; blusas são para o escritório, não para fazer trilha. Leve pelo menos um par de shorts e também meias grossas de qualidade. Se você tivesse um pouco mais de tempo, eu ia lhe sugerir amaciar essas suas botas novas de montanhismo porque elas vão fazer você sofrer.

— O vendedor disse...

— Não há nada de errado com elas, Lee. O problema é que elas mal saíram da caixa. Encare a situação. — Ela se esticou na nova coleção de travesseiros de Lee. — Você estava concentrada demais em levar papel e lápis para se preocupar com os equipamentos. Se não quer dar uma de burra, ouça a mamãe aqui.

Com um rápido resmungo, Lee guardou a suéter.

— Eu já dei uma de burra diversas vezes. — E fechou com força uma das gavetas do armário. — Ele não vai ter o gostinho de ter o melhor de mim nessas duas semanas, Bryan. Se preciso dormir numa barraca e escalar montanhas para conseguir essa matéria, vou fazer isso.

— Se você tentasse com muita vontade, poderia até se divertir ao mesmo tempo.

— Não estou atrás de diversão. Estou atrás de uma matéria exclusiva.

— Nós somos amigas.

Embora fosse uma afirmação, não uma pergunta, Lee olhou para ela.

— Sim. — Pela primeira vez desde que começara a arrumar as malas, ela sorriu. — Somos amigas.

— Então me conte o que é que perturba você nesse cara. Não parou de roer as unhas por mais de uma semana. — Embora falasse de maneira leve, a preocupação era visível. — Você queria entrevistar Hunter Brown. Por que tenho a impressão de que está se preparando para ir à guerra?

— Porque é assim que estou me sentindo. — Com qualquer outra pessoa, Lee teria evitado a pergunta ou ficado indiferente. Como se tratava de Bryan, ela sentou na beirada da cama, torcendo nas mãos um agasalho recém-comprado. — Ele me obriga a querer o que não quero querer, me obriga a sentir o que eu não quero sentir. Bryan, eu não tenho espaço em minha vida para complicações.

— Quem tem?

— Sei exatamente para onde estou indo — insistiu Lee, talvez excessivamente veemente. — Sei exatamente como chegar lá. De uma maneira ou de outra, sinto que Hunter é um desvio.

— Às vezes um desvio é melhor do que um caminho planejado, e você acaba chegando no mesmo lugar no final.

— Ele olha para mim como se soubesse o que estou pensando. Mais ainda, como se soubesse o que pensei ontem, ou no ano passado. Não é confortável,

— Você nunca procurou nada confortável — apontou Bryan, encostando a cabeça nos braços cruzados. — Você sempre esteve à procura de desafios. Só que nunca encontrou nenhum em um homem antes.

— Não quero encontrar um desafio num homem. — Lee guardou, com violência, o agasalho na mochila. — Quero desafios no meu trabalho.

— Você não tem obrigação de ir. Ela levantou a cabeça.

— Eu vou.

— Mas então não vá fazendo cara feia. — Bryan cruzou as pernas e se sentou. Estava tão amarrotada quanto Lee estava arrumada, mas parecia estranhamente adequada à luxuosa pilha de travesseiros a sua volta. — Essa é uma tremenda oportunidade para você, tanto no nível profissional quanto pessoal. Oak Creek é um dos mais belos canyons do país. Você vai ter duas semanas para fazer parte daquilo. E um homem que não a aborrece nem a paparica. — Ela deu um sorrisinho ao ver o olhar malicioso de Lee. — Você está cansada de saber que eles fazem uma coisa ou outra e você não suporta isso. Aproveite a mudança de cenário.

— Estou indo a trabalho — lembrou-lhe Lee — não colher flores selvagens.

— Pegue algumas, de qualquer forma; ainda assim, você vai conseguir sua matéria.

— E fazer Hunter Brown se contorcer de ódio.

Bryan deu uma sonora gargalhada e jogou um travesseiro para o ar.

— Se é isso o que você pretende fazer, então vai fazer. Eu até sentiria pena do cara se ele não tivesse me dado alguns pesadelos. — Após uma rápida careta, seu olhar tornou-se afetuoso. — E Lee... — disse ela, colocando a mão sobre a da amiga — se ele a fizer desejar alguma coisa, agarre com vontade. A vida não é recheada de ofertas. Dê um presente para si mesma. Lee ficou em silêncio por um momento e então suspirou.

— Não estou certa se eu estaria me dando um presente ou uma maldição. — Levantou-se e foi até o armário. — Quantos pares de meia?

— Mas ela é feitosa? — Sarah estava sentada no meio do tapete, uma perna curvada à frente, enquanto a outra tentava com valentia se encaixar atrás do pescoço. — Feitosa mesmo?

Hunter mexeu na cesta de roupa suja. Sarah havia metodicamente lembrado a ele que era sua vez de fazer a arrumação.

— Eu não diria feitosa. Uma cesta de frutas cuidadosamente arrumada é feitosa.

Sarah deu uma risada, rolou para o lado e recurvou-se, agora de costas. Não havia nada que gostasse mais do que conversar com o pai, porque ninguém falava como ele.

— Então que palavra você usaria?

Hunter dobrou uma camiseta com o nome de uma famosa banda de rock escrita em cores vibrantes.

— Ela tem uma beleza rara e clássica, com a qual a grande maioria das mulheres não saberia o que fazer.

— Mas ela sabe?

Ele lembrou.

— Ela sabe.

Sarah deitou-se de costas e aninhou-se no cachorro esticado ao seu lado. Ela gostava do pelo macio e cálido de Santanas, tanto quanto gostava de fechar os olhos e ouvir a voz do pai.

— Ela tentou fazê-lo de bobo — lembrou-lhe Sarah. — Você não gosta quando as pessoas tentam fazê-lo de bobo.

— Na cabeça dela, estava apenas fazendo seu trabalho.

Com uma das mãos no pescoço do cachorro, Sarah olhou na direção do pai com grandes olhos escuros, tão parecidos com os dele.

— Você nunca fala com repórteres.

— Eles não me interessam. — Hunter deu de cara com um par de calças jeans com um grande buraco na altura do joelho.

— Essas calças não são novas?

— Mais ou menos. Então por que vai levá-la para acampar?

— Mais ou menos novas não deveriam ter furos, e não vou levá-la, ela vai comigo.

Ela meteu a mão no bolso e pegou um tablete de chiclete. Não podia mascar chicletes por causa do aparelho dentário, então apenas acariciou a embalagem sem abri-la. Em seis meses, pensou Sarah, mascaria uma dúzia de uma vez.

— Porque ela é repórter ou porque possui uma beleza rara e clássica?

Hunter baixou os olhos para ver a filha rindo dele. Ela era inteligente em todos os sentidos, decidiu ele, e arremessou-lhe um par de meias enroladas.

— Ambos, mas principalmente porque acho que ela é interessante e talentosa. Quero ver o quanto posso descobrir sobre ela enquanto ela tenta descobrir sobre mim.

— Você vai descobrir mais — declarou Sarah, jogando preguiçosamente as meias no ar. — Você sempre descobre. Acho que é uma boa ideia — acrescentou ela depois de um momento. — Tia Bonnie diz que você não se encontra muito com mulheres, especialmente com mulheres que sejam um desafio para sua mente.

— Tia Bonnie pensa em casais.

— Talvez ela incite uma paixão fervorosa em você. A mão de Hunter parou no caminho para a cesta.

— O quê?

— Li isso num livro. — Com desenvoltura, ela rolou de tal modo que os pés tocaram o chão atrás da cabeça.—Um cara encontra uma mulher, mas eles não sentem nada um pelo outro a princípio, mas existe essa forte atração física e um desejo crescente e...

— Já visualizei a coisa. — Hunter olhou para a garota magra e de cabelos escuros que estava no chão. Ela era sua filha, pensou ele. Tinha dez anos. Como, por tudo que era sagrado, eles se envolveram nesse assunto de paixão? — Você, principalmente você, deveria saber que as coisas na vida real não acontecem frequentemente da mesma maneira que nos livros.

— A ficção é baseada na realidade. — Sarah deu um risinho, satisfeita de jogar de volta para ele uma de suas próprias citações. — Mas antes que se apaixone por ela, ou tenha muita paixão fervorosa, quero conhecê-la.

— Vou me lembrar disso. — Ainda olhando para ela, Hunter pegou três meias não casadas. — Como é que isso pode acontecer toda semana?

Sarah analisou as meias por um momento, e então sentou-se.

— Acho que existe um universo paralelo na secadora. Do outro lado da porta, nesse exato instante, outra pessoa está segurando três meias não casadas.

— Teoria interessante. Hunter se abaixou e a agarrou. Assim que a gargalhada de Sarah chacoalhou o teto do /o/f, ele a jogou na cesta.

Capítulo 5

Era parecido com todos os filmes de faroeste a que ela assistira. Com o sol brilhando intensamente nos olhos, Lee quase podia ver os fora da lei enfrentando soldados e índios à espreita atrás de pedras e colinas. Se deixasse sua imaginação à solta, poderia quase ouvir o tropel soar no solo endurecido. Como estava sozinha no carro, podia liberar a imaginação.

As vistosas montanhas avermelhadas erguiam-se abaixo de um céu dramaticamente azul. Era uma vastidão quase ultrajante, sem exuberância, sem necessidade de qualquer exuberância, sem paciência para qualquer exuberância. Fazia sua garganta ficar seca e o coração disparar.

Havia verde — o verde prateado dos arbustos de artemísia colados ao solo pedregoso e vermelho, e o matiz mais profundo dos zimbros, que davam lugar a uma súbita e aparentemente planejada escassez. Embora a escassez fosse, ela própria, rica. O espaço, o avassalador espaço, a deixava impressionada e humilde, e estranhamente ávida por mais. Em todos os lugares haviam mais espinhaços, mais cores, mais... Lee balançava a cabeça. Simplesmente mais.

Mesmo ao se aproximar da cidade, as casas e edifícios não eram páreo para a vastidão. Placas de trânsito, sinais, flores nos jardins, eram irrelevantes. O carro dela se juntou a outros, mas cinco vezes aquela quantidade ainda seria insignificante. Era uma vista para ser sorvida, pensou ela, mas o sabor era quente e forte.

Ela gostou de Sedona instantaneamente. Sua bem arrumada atmosfera de Velho Oeste combinava com o fabuloso cenário, ao invés de desfigurá-lo. Não tinha certeza se alguma coisa poderia desfigurá-lo.

A rua principal era cheia de lojas com belos painéis e vidro laminado. Reparou que havia muita madeira, muita pechincha e absolutamente nenhum sentido de urgência. Sedona tinha uma aura

muito mais de cidadezinha do que de cidade. Parecia estar confortável consigo mesma e com aquele céu espetacular. Talvez, meditou Lee, a caminho do lugar onde devolveria o carro alugado, somente talvez, ela fosse, afinal, curtir as próximas duas semanas.

Como estava adiantada em relação à hora de seu encontro com Hunter, mesmo após ter preenchido toda a papelada referente ao carro, Lee decidiu que poderia se dar o prazer de bancar a turista. Tinha quase uma hora livre antes que o trabalho recomeçasse.

Os colares prateados e os brincos azul-turquesa na vitrine eram tentadores, mas seguiu em frente. Após esta pequena aventura, teria incontáveis oportunidades para as frivolidades — como recompensa para o sucesso. Agora, estava apenas gastando tempo.

Mas o aroma de bolo de chocolate foi irresistível. Deslizou para dentro da pequena loja que afirmava fazer o melhor do mundo e comprou uma fatia. Para ter mais energia, disse para si mesma enquanto um pedaço derretia em sua boca. Não havia como adivinhar o que comeria no decorrer das próximas duas semanas. Hunter fora bastante específico quando ligou para ela e disse que cuidaria de todos os suprimentos. O bolo de chocolate, pensou, seria provisão de emergência.

Além disso, alguns dos conselhos de Bryan foram de grande ajuda. Não tinha sentido entrar nessa história pensando que ficaria infeliz e desconfortável. Não havia perigo algum em entrar um pouco no espírito da coisa, decidiu Lee, ao visitar uma loja de roupas típicas do Oeste. Se encarasse as próximas duas semanas como férias com trabalho, se sentiria muito melhor.

Apesar de ter brincado com alguns cintos de concha por alguns minutos, Lee não comprou nenhum. Não combinariam com ela, assim como também não combinariam as camisas de franja ou as de lantejoulas. Talvez levasse uma para Bryan antes de voltar para Los Angeles. Qualquer coisa que Bryan vestia caía-lhe bem, pensou Lee, dando um suspiro que não tinha nada de invejoso. Bryan nunca precisava ficar restrita ao básico, ao simples ou ao respeitável.

Seria isso uma questão de adequação, pensou Lee, ou uma questão de imagem? Deu de ombros e passou a ponta do dedo no ombro de um paletó de camurça curto. Imagem ou não, ela ficara muito tempo presa nisso para mudar agora. Não queria mudar, de modo algum, lembrou-se Lee enquanto passava por filas e mais filas de chapéus. Entendia Lee Radcliffe da maneira que ela era.

Dizendo para si mesma que ficaria ali apenas mais um minuto, colocou a mochila no chão. Não era exatamente uma atleta. Experimentou um chapéu de vaqueiro marrom com a borda curvada. Ela não era frívola. Trocou o primeiro chapéu por um menor com um penacho na tira. Era, isto sim, voltada para o trabalho e realista. Colocou um chapéu preto na cabeça e analisou o resultado. Sóbria, pensou, sorrindo um pouco. Prática. Sim, se queria comprar alguma coisa...

— Você está usando ele de modo totalmente errado.

Antes que Lee pudesse reagir, duas mãos fortes já estavam enterrando o chapéu em sua cabeça. Olhando criticamente, Hunter posicionou-o melhor e depois se afastou.

— Sim, é a melhor escolha para você. O contraste com seu cabelo e sua pele, esse tipo de exibicionismo prático.

Pegou-a pelos ombros e a conduziu até o espelho, onde a imagem dos dois olhava para ela.

Ela via a maneira com a qual os dedos dele seguravam seus ombros, decididos e confiantes. Via como ficava diminuta perto dele. Em questão de segundos, Lee já sentia o prazer que queria ignorar e a irritação na qual deveria se concentrar.

— Não tenho a menor intenção de comprar. Constrangida, retirou o chapéu e o devolveu ao cabide.

— Por que não?

— Não preciso dele.

— Uma mulher que compra apenas o que precisa? — Um traço de humor atravessou seu rosto enquanto um outro de raiva atravessava o

dela. — Uma colocação sexista, se é que eu já ouvi alguma — prosseguiu Hunter antes que ela pudesse falar. — Mesmo assim, é uma pena que não vai comprar. Ele lhe dá um jovial ar de autoconfiança.

Lee ignorou a colocação, abaixou-se e pegou a mochila.

— Espero não tê-lo feito esperar muito. Cheguei cedo e resolvi passar o tempo.

— Vi você andando até aqui quando cheguei. Mesmo de jeans você anda como se estivesse vestindo um terno. — Enquanto ela tentava descobrir se aquilo era um elogio, ele sorriu. — Que tipo você comprou?

— O quê? — Ela continuava pensando no comentário anterior.

— Bolo, — Ele olhou para a bolsa. — Que tipo de bolo você comprou?

Pega uma vez mais, pensou Lee, resignada.

— Chocolate ao leite e rocky road.

— Boa escolha. — Conduziu-a pelo braço através da loja. — Se está decidida a resistir ao chapéu, podemos ir andando.

Ela reparou no jipe estacionado no meio-fio e olhou reticente. Com certeza era o mesmo veículo que ele utilizara em Flagstaff.

— Você ficou direto no Arizona?

Ele contornou o carro e deixou que ela entrasse sem ajuda.

— Eu tinha alguns negócios para resolver. O sentido de repórter dela se aguçou.

— Pesquisa?

Ele lançou-lhe aquele sorriso fantasmagórico.

— Um escritor está sempre pesquisando. — Ele não lhe diria, ainda, que sua pesquisa sobre Lenore Radcliffe o levava a algumas conclusões intrigantes. — Trouxe uma cópia do resto do manuscrito?

Sem conseguir se controlar, Lee lançou-lhe um olhar de profunda contrariedade.

— Isso era uma das condições.

— Era sim. — Ele deu ré e entrou no tranquilo fluxo de tráfego. — O que está achando de Sedona?

— Estou vendo que o clima e a atmosfera devem encantar os turistas.

Ela sentia que era necessário sentar-se bastante ereta e olhar sempre para a frente.

— O mesmo pode-se dizer do Havaí ou do sul da França.

Ela não pôde impedir uma leve careta, mas virou a cabeça para admirar a vista.

— Parece que tudo aqui foi sempre dessa forma, com pouquíssimas mudanças. O sentido de espaço é muito forte. Não é nem um pouco suave, mas conquista qualquer um. Acho que me faz pensar nas pessoas que primeiro tiveram a visão desse lugar, de cima de um cavalo ou de uma carroça. Imagino que alguns deles devem ter sido compelidos a construir algo imediatamente, estabelecer logo uma comunidade para que essa vastidão não os esmagasse.

— E outros seriam atraídos para o deserto e para a montanha para não se sentirem sufocados pelos edifícios.

Enquanto ela concordava, ocorreu-lhe que talvez fizesse parte do primeiro grupo e ele do segundo.

A estrada que ele pegou se estreitou e ficou cheia de curvas. Não dirigia devagar, mas sim como um homem que tinha consciência de que podia superar qualquer curva que aparecesse pela frente. Lee segurou-se com firmeza, decidida a não fazer nenhum comentário sobre a velocidade. Era como pegar a descida de uma montanha-russa sem ter antes se preparado na subida. Deslizaram estrada abaixo, uma parede de rocha de um lado, um precipício espiralado do outro.

— Você acampa com frequência?

Os nós dos dedos estavam brancos no puxador, mas embora ela precisasse gritar para ser ouvida, estava contente por sua voz estar tranquila.

— Às vezes.

— Estou curiosa... — Parou e limpou a garganta enquanto Hunter entrava num trecho cheio de curvas. — Por que acampar? — Será que as pedras no paredão ao lado deles poderiam se soltar e cair no meio da estrada? Decidiu que seria melhor nem pensar nisso. — Um homem na sua posição poderia ir aonde quisesse e fazer qualquer coisa que escolhesse.

— Essa é a minha escolha — apontou ele.

— Tudo bem. Por quê?

— Tem uma hora que todo o mundo precisa de uma certa simplicidade.

O pé dela pisava firme no chão do carro como se fosse um pedal.

— Isso não é apenas mais uma maneira de você evitar as pessoas?

— É. — A rápida concordância a fez virar a cabeça para encara-lo. Ele achou divertido ter notado que a mão dela quase relaxara e que sua atenção desviara da estrada para ele. — Também é uma maneira de escapar um pouco do meu trabalho. Você nunca deixa de escrever, mas tem vezes em que precisa escapar das armadilhas que envolvem o ato de escrever.

O olhar dela ficou mais intenso. Embora seus dedos estivessem coçando pelo bloco de notas, Lee tinha confiança no poder de sua memória.

—Você não gosta de armadilhas?

— Nem sempre gostamos do que é necessário.

Distraída da velocidade e das curvas, Lee sentou sobre uma das pernas e virou-se para ele. Isso o atraía, pensou Hunter. O modo como

ela se livrava inconscientemente de seu escudo quando alguma coisa desafiava sua mente. Isso o atraía tanto quanto sua beleza plácida e clássica.

— O que você considera armadilhas em relação ao seu trabalho?

— Ficar confinado num escritório, o barulho de uma máquina, fazer revisões que, apesar de inevitáveis, interferem no fluxo da história.

Engraçado, isso era exatamente o que ela precisava para manter a disciplina.

— Se pudesse mudar isso, o que faria?

Ele sorriu novamente. Hunter jamais conhecera alguém que pensasse de forma mais básica ou fosse tão direta.

— Eu voltaria alguns séculos atrás, para uma época em que pudesse apenas viajar e contar a história.

Acreditava nele. Embora fosse rico e famoso e tivesse o respeito da crítica, Lee acreditava nele.

— Nada mais é importante para você, não é? A glória, a admiração?

— Admiração de quem?

— De seus leitores e dos críticos.

Ele saiu da estrada perto de uma pequena construção de madeira que servia de posto comercial.

— Não sou indiferente ao meu público leitor, Lenore.

— Mas e aos críticos?

— Admiro sua organização mental — disse ele e desceu do jipe. Era um bom começo, pensou Lee, satisfeita, ao descer do lado do carona. Ele já lhe revelara mais do que qualquer outra pessoa poderia saber, e as duas semanas mal haviam começado. Se ao menos conseguisse fazer com que continuasse falando, revelando

generalidades, mais tarde poderia passar para as questões específicas. Mas precisava manter o ritmo. Quando se está lidando com um mestre da evasiva, é necessário não perder o passo. Não podia relaxar.

— Temos de nos registrar?

Atrás dela, Hunter deu um risinho, enquanto Lee lutava para pegar sua mochila.

— Já cuidei de tudo.

— Entendo. — Sua bagagem estava pesada, mas disse para si mesma que não aceitaria nenhuma ajuda. Carregaria tudo sozinha. Instantes depois, ela percebeu que isso não seria um problema. Hunter apenas ficou ao seu lado, observando-a colocar a mochila nas costas. Cavalheirismo que nada, pensou ela, chateada por ele não lhe ter dado uma oportunidade de reivindicar sua independência. Ela viu o brilho nos olhos dele. Ele lia sua mente com muita facilidade.

— Quer que eu leve o bolo de chocolate? Ela segurou firmemente a bolsa.

— Eu me viro.

Com sua mochila nas costas, Hunter adentrou uma trilha, deixando-a sem escolha a não ser segui-lo. Ele andava como se tivesse percorrido trilhas de terra toda a sua vida — como se tivesse aberto algumas. Embora se sentisse deslocada em suas botas de montanhismo, Lee estava decidida a aguentar e a fazer com que tudo parecesse fácil. —Você já acampou aqui antes?

— Hum, hum.

— Porquê?

Ele parou e se virou para encará-la com aqueles olhos escuros e intensos que sempre a deixava sem fôlego.

— Basta olhar em volta.

Ela olhou e viu que os paredões e os picos do canyon elevavam-se a perder de vista. Tinham uma cor e uma textura únicas, realçadas

pelos fragmentos de verde das árvores e arbustos ressecados que pareciam nascer da rocha. Assim como sentira do alto, Lee imaginou castelos e fortalezas, mas sem a distância que o avião lhe proporcionara, não podia ter certeza se estava tomando os paredões de assalto ou sendo esmagada por eles.

Sentia calor. O sol estava forte, mesmo com as sombras das árvores que, a esta altura, eram grandes. Embora pudesse ver outras pessoas — crianças, adultos, bebês carregados no estilo indígena — ela não tinha a sensação da multidão.

Era como uma pintura, percebeu de imediato. Era como se estivessem caminhando num quadro. A sensação que tinha era ao mesmo tempo lúgubre e irresistível. Mudou a mochila de posição ao alcançar Hunter.

— Notei algumas casas — começou ela. — Não sabia que pessoas realmente moravam no canyon.

— Parece que sim.

Percebendo que a mente dele estava em algum lugar, Lee calou-se. Fizera bem em insistir no início. Mas agora, seguiria Hunter, já que ele obviamente sabia aonde estava indo.

Ficou surpresa por achar a caminhada prazerosa. Sua vida, fazia anos, era definida por horários rígidos, correria e demandas auto-impostas. Se alguém lhe perguntasse onde escolheria passar suas semanas relaxando, sua mente não teria como dar uma resposta imediata. Mas assim que as ideias comesçassem a surgir, um esforço desse tipo num canyon do Arizona não estaria entre as dez escolhidas. Jamais teria considerado atraentes a pureza do ar e aquele arco celeste completamente desobstruído.

Ouviu um leve som musical que levou vários minutos para identificar. O riacho, percebeu Lee. Podia sentir o cheiro da água. A nova sensação deu-lhe uma rápida excitação. Seu guia e seu projeto continuavam se movimentando em passos firmes à frente dela. Lee

controlou a vontade de compartilhar sua descoberta com ele. Apenas a acharia tola.

Será que ela percebia o quão totalmente fora de sua realidade estava?, imaginava Hunter. Ele não levou mais do que alguns segundos para olhar e ver que o jeans e as botas que ela estava usando tinham acabado de ser comprados. Até mesmo a camiseta que caía suavemente no corpo era obviamente proveniente de uma boutique e não de uma loja de departamentos. Parecia uma modelo posando de montanhista. Seu perfume era caro, exclusivo, Maravilhoso. Que tipo de mulher carregava uma mochila gasta e usava brincos de safira nas orelhas?

Quando o aroma dela soprou novamente sobre ele, vindo com a brisa, Hunter lembrou-se de que dispunha de duas semanas para descobrir. Quaisquer que fossem as anotações que ela faria a seu respeito, ele faria a mesma coisa com ela. Talvez ambos conseguissem o que buscavam antes que o tempo se esgotasse. Talvez ambos se arrependessem disso.

Ele a desejava. Fazia muito tempo desde a última vez em que desejara alguma coisa, alguém, que já não tivesse. Ao longo dos últimos dias, pensou frequentemente na reação dela àquele longo e duradouro beijo. Pensou em sua própria reação. Aprenderiam um sobre o outro ao longo das próximas duas semanas, embora cada um deles tivesse um objetivo. Mas nada era de graça. Ambos pagariam por isso.

A quietude o tranquilizava. Os majestosos paredões do canyon o tranquilizavam. Lee via a ferocidade deles; ele via a tranquilidade. Talvez ambos vissem o que necessitavam ver.

— Para uma mulher, e ainda por cima repórter, você tem uma impressionante capacidade de ficar em silêncio.

O peso da mochila começava a ficar preponderante em relação à novidade da paisagem. Nem uma vez sequer perguntou se ela queria parar ou descansar. Nem uma vez sequer ele se preocupou em olhar para trás para ver se ela ainda o acompanhava. Ela imaginava por que ele não sentia o buraco que os olhos dela estavam perfurando nas costas dele.

—Você possui uma impressionante capacidade de insultar e elogiar ao mesmo tempo.

Hunter virou-se para olhar para ela pela primeira vez desde que haviam começado a caminhada. Havia uma tênue linha de suor na testa dela e sua respiração estava acelerada. Não diminuiu em nada a beleza inata e elegante que possuía.

— Sinto muito — desculpou-se ele, pouco convincente. — Estou andando rápido demais? Você não parece fora de forma.

Apesar da dor que percorria sua coluna, Lee empertigou-se.

— Não estou fora de forma. — Os pés dela torturavam-na.

— O lugar não está longe. — Ele pegou o cantil na cintura e desatarraxou a tampa. — Está um clima perfeito para fazer trilha — disse ele, suavemente. — Mais ou menos vinte graus e ainda temos uma brisa.

Lee conseguiu reprimir uma carranca ao olhar para o cantil.

— Você por acaso não tem um copo?

Hunter levou alguns segundos para perceber que ela estava falando sério. Com prudência, decidiu engolir a gargalhada.

— Está guardado junto com a porcelana — disse ele, sóbrio.

— Eu espero.

Ela enfiou as mãos nas correias da frente da mochila para aliviar um pouco o peso.

— Como quiser.

Enquanto Lee observava, Hunter bebia profundamente. Se estava sentindo a indignação dela, não deu o menor sinal. Tapou o cantil e retornou à caminhada.

A boca de Lee ficou mais seca ainda ao pensar na água. Ele fizera de propósito, pensou, cerrando os dentes. Será que ele achava que ela não percebera aquele rápido risinho no rosto dele? Era mais uma coisa

que descontentaria dele quando o momento certo chegasse. Ah, mal podia esperar para escrever o artigo no qual descreveria Hunter Brown como o arrogante e gélido semideus que ele era.

Não ficaria surpresa se ele a estivesse obrigando a andar em círculos apenas para fazê-la sofrer. Bryan estava certíssima quanto às botas. Lee perdera a conta do número de acampamentos pelos quais passaram, alguns ocupados, alguns vazios. Se este era o modo de puni-la por não ter revelado desde o início que trabalhava na Celebrity, com certeza estava fazendo um trabalho benfeito.

Chateada, exausta, com as pernas parecendo mais borracha do que músculo, Lee adiantou-se e segurou em seu braço.

— Por que, tendo em vista que você, obviamente não gosta de mulheres nem de repórteres, teve a ideia de passar duas semanas comigo?

— Não gosto de mulheres? — As sobancelhas dele se levantaram. — As coisas de que gosto e as coisas de que não gosto não são tão generalizadas assim, Lenore. — Quando passou os dedos pela nuca de Lee, sentiu que a pele estava morna e levemente úmida. — Eu lhe dei a impressão de que não gostava de você?

Ela precisou combater a vontade de se esticar como uma gata ao toque dele.

— Não me importo com o que você sente por mim. Isso aqui é trabalho.

— Para você. — Os dedos dele apertavam com delicadeza, trazendo-a um pouco mais para perto. — Eu estou de férias. Sabe que sua boca continua tão atraente quanto na primeira vez em que a vi?

— Não quero ser atraente para você. — Sua voz, contudo, era sussurrante. — Quero que você me enxergue apenas como uma repórter.

O sorriso aflorou no canto da boca dele e em torno dos olhos.

- Tudo bem — concordou ele. — Num minuto.

Então encostou a boca na de Lee, tão delicada e devastadoramente quanto na primeira vez. Ela ficou parada, surpresa por sentir o mesmo turbilhão de emoções que sentira antes. Quando a tocava, quase não tocando, era como se fosse a primeira vez em que era beijada. Uma nova descoberta, um novo começo — como isso era possível?

O peso em suas costas desapareceu. A dor nos músculos virou uma dor mais profunda e mais intensa que a penetrava até os ossos. Seus lábios se abriam, embora soubesse o que estava convidando. Então a língua dele encontrou a dela e mergulhou na umidade, sorvendo seu gosto.

Lee sentiu o desejo gritar em seu corpo, mas ele tinha paciência. Tanta paciência, que ela não podia dizer o quanto a paciência custava a ele. Hunter não esperara dor. Nenhuma mulher jamais misturou dor e desejo com ele. Não esperara o desejo tomar conta dele como se fosse um incêndio, rápido e fora de controle. Visualizara com perfeita clareza como seria estar com ela ali, no chão, sob o sol resplandecente e o canyon em volta deles, como se fosse os muros de um castelo, e o céu, como a cúpula de uma catedral.

Mas havia muito medo nela. Ele podia sentir. Talvez houvesse muito medo nele. Quando se juntassem, poderia ter o poder de derrubar as realidades de ambos.

— Seus lábios derretem nos meus, Lenore — sussurrou ele. — É impossível resistir.

Ela recuou, excitada, alarmada e bastante consciente do quão indefesa estivera.

— Não quero me repetir, Hunter — conseguiu dizer —, e não quero divertir você com clichês, mas isso aqui é trabalho. Estou aqui como repórter para realizar uma tarefa. Se a gente quer passar as próximas duas semanas com tranquilidade, é recomendável lembrar disso.

— Não estou bem certo com relação à paz — opôs-se ele —, mas vamos tentar suas regras primeiro.

Desconfiada, mas não encontrando nenhum espaço para discutir, Lee continuou a segui-lo. Saíram da luz do sol em direção à sombra fresca das árvores. O riacho estava longe mas audível. De algum lugar à esquerda vinha um som de música de um rádio portátil. Mais perto ouvia-se o ruído de pequenos animais. Lee deu uma olhada nervosa ao redor para convencer-se de que não passavam de esquilos e coelhos.

Com as árvores fechadas sobre eles, a sensação era de que poderiam estar em qualquer lugar. O sol filtrava suavemente o chão desnivelado e irregular. Havia uma clareira, pequena e protegida, com um círculo de pedras cercando uma há muito inutilizada fogueira de acampamento. Lee deu uma olhada em volta, combatendo a inquietude. De alguma maneira, não imaginara que o lugar seria tão remoto, tão tranquilo, tão... solitário.

— Tem chuveiro e banheiro ali à esquerda — disse Hunter, retirando a mochila. — Primitivo mas adequado. Aquela lata de metal é para o lixo. Mantenha a tampa sempre bem fechada para não atrair animais. Como é o seu sentido de direção?

Dando graças a Deus, ela deixou cair sua própria mochila.

— É bom. — Neste exato momento, se pudesse apenas tirar as botas e descansar os pés...

— Bom. Então pode apanhar um pouco de lenha enquanto armo a barraca.

Irritada com a ordem, ela abriu a boca, mas logo fechou com firmeza. Ele não teria motivo algum para reclamar dela. Mas assim que começou a se preparar para realizar a tarefa, o resto da frase adquiriu sentido em sua cabeça.

— O que quer dizer com a barraca? Ele já estava soltando as tiras da mochila.

— Prefiro dormir dentro de alguma coisa, caso chova.

—A barraca — repetiu Lee, aproximando-se dele. — No singular? Ele nem se deu ao trabalho de olhar para ela.

— Uma barraca, dois sacos de dormir.

Ela não explodiria; não faria escândalo. Após respirar fundo, disse com objetividade:

— Não considero esta disposição adequada.

Ele ficou calado por alguns instantes, não por estar escolhendo as palavras, mas porque desempacotar tudo ocupava-o mais do que a conversa.

— Se deseja dormir ao relento, por mim tudo bem. — Hunter pegou uma coisa fina e dobrada que mais parecia um lençol do que uma barraca. — Mas quando resolvermos que vamos ser amantes, a disposição não vai fazer a menor diferença.

— A gente não veio aqui com a intenção de se tornar amantes — retrucou Lee, furiosa.

—A repórter e sua tarefa — replicou Hunter, suavemente.

— Dois termos assexuados. Eles não deveriam ter nenhum problema em compartilhar uma barraca.

Apanhada em sua própria lógica, Lee virou-se e se afastou dele. Não lhe daria o prazer de vê-la se comportando como uma mulher.

Hunter ergueu a cabeça e olhou-a disparar na direção das árvores. Ela tomaria a iniciativa, prometeu-se, subitamente aborrecido. Por tudo o que era sagrado, não tocaria nela até que o procurasse.

Enquanto armava a barraca, tentava se convencer de que tudo seria tão fácil quanto havia imaginado.

Capítulo 6

Dois termos assexuados, repetiu Lee silenciosamente enquanto pegava alguns galhos. Patife, pensou, com uma satisfação feroz, também era um termo assexuado. Encaixava perfeitamente em Hunter Brown. Não havia motivo para ele tratá-la como uma idiota só porque ela se fizera de idiota antes.

Não cederia um milímetro. Dormiria na droga do saco de dormir dentro da droga da barraca nas próximas treze noites sem falar mais nada sobre o assunto.

Treze, pensou, olhando maliciosamente por trás do ombro. Provavelmente, ele também planejara isso. Se estava pensando que ela faria um escândalo ou sairia da barraca para dormir ao relento só para contrariá-lo, ficaria desapontado. Seria escrupulosamente profissional, imensamente cooperativa e absolutamente assexuada. Antes de tudo terminar, ele pensaria que vinha compartilhando a barraca com um robô.

Mas ela saberia mais. Lee deu um longo suspiro de frustração enquanto ia atrás de mais lenha. Saberia que havia um homem dormindo ao seu lado. Um homem poderosamente sensual, incrivelmente atraente, que podia fazer o sangue dela ferver com um único olhar.

Não seria fácil esquecer que era uma mulher durante as próximas duas semanas, passando todas as noites com um homem que a deixava tensa de antemão.

Sua tarefa não era fazer-me esquecer, mas garantir que ele esquecesse. Um desafio. Esta era a melhor maneira de encarar a situação. Era um desafio que prometeu a si mesma vencer.

Com os braços cheios de galhos e pedaços de madeira, Lee empinou o nariz. Sentia-se quente, suja e cansada. Não era um jeito auspicioso de começar uma guerra. Ignorando a dor, endireitou os

ombros. Talvez tivesse de sacrificar um ou dois assaltos, mas venceria a batalha. Com uma sinistra luz nos olhos, tomou a direção do acampamento.

Agradeceu por ele estar de costas quando entrou na clareira. A barraca era menor, muito, mas muito menor mesmo do que imaginara. Era feita com um material leve e resistente que parecia quase transparente. Era arqueada e arredondada no alto, ao invés de pontuda, e bem baixa. Tão baixa, reparou Lee, que precisaria engatinhar para entrar. Uma vez lá dentro, seriam obrigados a dormir quase colados um ao outro. Então decidiu que dormiria como uma pedra. Sem se mover.

O tamanho da barraca a preocupava tanto que nem notou o que Hunter estava fazendo até chegar quase ao seu lado. Uma raiva renovada a dominou assim que depositou a carga de lenha no chão.

— O que diabo você pensa que está fazendo?

Sem se perturbar com a fúria da voz dela, Hunter levantou os olhos. Em uma das mãos ele segurava uma grande bolsa de plástico transparente cheia de maquiagem e na outra uma pecinha frágil e rendada da cor de pêssego.

— Você sabia que a gente acamparia — disse ele, suavemente —, não iríamos para uma suíte do Beverly Wilshire.

A cor rosada, que ela considerava a maldição das pessoas de pele clara, inundou seu rosto.

— Você não tem nenhum direito de sair por aí mexendo nas minhas coisas.

Ela arrancou o baby-doll da mão dele e depois o enrolou na mão.

— Estava desempacotando. — Lentamente, ele virou a bolsa de maquiagem para analisá-la dos dois lados. — Pensei que você soubesse que era para trazer somente coisas necessárias. Mas devo admitir que possui um jeito bastante sutil e experiente com esse tipo de coisa. — Ele apontou para a bolsa. — Sombra para os olhos e brilho labial são excesso de bagagem num acampamento. — A voz dele estava tão

amigável que chegava a dar raiva, o humor em seu rosto era apenas suave. — Já vi você sem nada disso e não tive motivo para reclamar. Você certamente não precisa se incomodar com isso por minha causa.

— Seu idiota convencido. — Lee arrancou a bolsa da mão dele. — Não me importo se pareço uma bruxa por sua causa. — Ela pegou a mochila e recolocou seus pertences dentro. — É a minha bagagem, portanto vou carregá-la.

— Com certeza você vai.

— Seu intrometido filho da... — Ela interrompeu por um triz. — Não me diga como devo levar minha vida.

— Ora, ora, xingamento não é uma boa maneira de promover o bem. — Hunter se levantou e esticou a mão amigavelmente.

— Trégua?

Lee olhou para ele, cautelosa.

— Em que termos? Ele deu um risinho.

— É disso que gosto em você, Lenore, você não se entrega facilmente. Uma trégua com o mínimo de interferência possível de ambos os lados. Um amigável acerto de negócios. — Ele a viu relaxar levemente e não conseguiu resistir à tentação de irritá-la uma vez mais. — Você não vai reclamar do meu café e não vou reclamar quando você usar aquela coisa rendada na cama.

Ela olhou-o com frieza ao apertar-lhe a mão.

— Vou dormir com minhas roupas.

— Muito justo. — Ele deu um rápido apertão na mão dela. — Eu não. Vamos ver com relação ao café.

Como sempre fazia, ele a deixou dividida entre a frustração e a diversão.

Quando se empenhava, Lee estava para descobrir, Hunter podia tornar as coisas bem mais fáceis. Sem estardalhaço, ele acendeu a fogueira e colocou o café para esquentar. O aroma em si já era suficiente

para diminuir sua irritação. O jeito econômico com o qual ele lidava com os problemas fazia com que pensasse nele com mais carinho.

Não havia sentido ficarem se engalfinhando pelas próximas duas semanas, decidiu, ao encontrar uma pedra confortável para se sentar. Relaxar talvez estivesse fora de questão, meditou ela, observando-o retirar da mochila utensílios de cozinha leves e compactos, mas animosidade não ajudaria em nada, não com um homem como Hunter. Ele estava fazendo uma espécie de jogo com ela. Contanto que soubesse disso e evitasse as armadilhas, conseguiria seu objetivo. Até agora ela lhe permitira estabelecer as regras e mudá-las a seu bel-prazer. Isto precisaria ser mudado. Lee segurou um dos joelhos com as mãos.

— Você acampa para fugir das pressões?

Hunter não olhou para ela. Em vez disso, verificou a lanterna. Quer dizer que recomençoariam a brincar com as palavras.

— Que pressões?

Lee talvez tivesse suspirado se não estivesse tão determinada a ser agradavelmente profissional.

— Deve haver pressões de todos os lados no tipo de trabalho que você faz. Pedidos da sua editora, discórdias com o editor, alguma história que simplesmente não está indo no caminho que você esperava, prazos.

— Não acredito em prazos.

Havia algo ali, pensou Lee, e pegou seu bloco de notas.

— Mas todos os escritores não têm de enfrentar prazos de tempos em tempos? E isso não pode ser uma enorme pressão quando a história não está fluindo ou você está bloqueado?

— Bloqueio de escritor? — Hunter serviu café num copo de metal. — Tal coisa não existe.

Ela olhou para ele por apenas um segundo, as sobrancelhas erguidas.

— Ah, Hunter, qual é? Alguns escritores de muito sucesso já sofreram disso, até procuraram ajuda. Deve ter havido um período da sua carreira em que você se encontrou face a face com uma parede.

— Empurra-se a parede para o lado.

Ela franziu o cenho e aceitou o copo que ele estava oferecendo.

— Como?

— Lidando com o problema. — Ele pegou uma jarra com leite em pó, mas ela recusou. — Se você não acredita na coisa, se recusa aceitar que ela existe, então ela não existe, não para você.

— Mas você escreve sobre coisas que não poderiam existir.

— Por que não?

Ela olhou para ele. Um homem moreno e atraente sentado no chão, tomando café num copo de metal. Ele parecia estar tão à vontade consigo mesmo, tão relaxado, que, por um instante, ela achou difícil ligá-lo ao homem que produzia o mais completo terror com suas palavras.

— Porque não existem monstros debaixo da cama ou demônios no armário.

— Existem demônios em todos os armários — discordou ele, suavemente —, alguns mais bem escondidos do que outros.

— Você está dizendo que acredita nas coisas que escreve.

— Todo escritor acredita naquilo que escreve. Do contrário, seria um despropósito.

— Você acha que algum... — Ela não queria usar novamente a palavra demônio. Sua mão se movia sem parar na frustração de buscar a frase correta — alguma força maligna — escolheu Lee — pode realmente manipular as pessoas?

— Seria mais correto dizer que não acredito em nada. Possibilidades. — Os olhos dele estavam ficando mais escuros ou era a imaginação dela? — Não há limites para possibilidades, Lenore.

Os olhos dele não davam nenhuma pista. Se ele estava brincando com ela, implicando com ela, Lee não tinha como saber. Incomodada, mudou de assunto.

— Quando senta para escrever uma história, você tenta fazer o melhor, passa horas, dias, burilando o texto, da mesma forma que um marceneiro faz um móvel.

Ele gostou da analogia. Hunter deu um gole no café forte, saboreando-o, saboreando a mistura dos aromas de madeira queimada, de verão e do leve perfume de Lee.

— Contar uma história é uma arte, escrever é um ofício artesanal.

Lee sentiu uma pontinha de excitação. Era exatamente isso que ela estava procurando, essas pequenas e breves citações que davam uma visão da personalidade dele.

— Você então se considera um artista, ou um artesão?

Ele bebia sem pressa, reparando que Lee mal tocara em seu café. Ela estava novamente animada, segurando a caneta, os olhos fixos nele. Ele descobriu que a desejava mais quando ela estava assim. Ele queria ver aquele olhar ansioso para ele, o homem, não para ele, o escritor. Ele queria sentir a antecipação propiciatória, amante para amante, os braços abertos, a maciez da boca.

Se ele estivesse escrevendo o roteiro, continuaria impedindo estas duas pessoas de saciar seus desejos ainda por algum tempo. Era necessário esmiuçá-los um pouco mais, porém o desejo dizia para ele o que queria. Com cuidado, ele colocou outra peça de madeira na fogueira.

— Artista nato — disse ele — e artesão por opção.

— Sei que é uma pergunta batida — introduziu ela, com um vigoroso profissionalismo que o fez sorrir —, mas onde você arruma suas ideias?

— Na vida.

Ela olhou novamente enquanto ele acendia um cigarro.

— Hunter, você não vai me convencer que a trama de A dívida do diabo vem do dia-a-dia.

— Se você pegar o dia-a-dia, torcê-lo um pouco e adicionar um ou outro talvez, alguma coisa surge.

— Quer dizer que você pega coisas banais, as retorçe e inventa coisas extraordinárias. — Compreendendo tudo aquilo um pouco melhor, ela assentiu com a cabeça, satisfeita. — Quanto de você mesmo aparece nos seus personagens?

— Tanto quanto eles necessitem.

Mais uma vez, tudo era dito de modo tão simples, tão fácil, que ela soube que ele queria dizer exatamente aquilo.

— Costuma usar alguém que conhece como ideia para algum personagem?

— Às vezes. — Ele sorriu para ela, um sorriso que ela nem levou a sério nem entendeu. — Quando encontro alguém suficientemente intrigante. Você às vezes não fica cansada de escrever sobre outras pessoas tendo um universo de personagens na sua própria cabeça?

— É meu trabalho.

— Isso não é resposta.

— Não estou aqui para responder perguntas.

— Por que você está aqui?

Ele estava mais próximo. Lee não percebera que ele se aproximara. Estava sentado abaixo dela, obviamente relaxado, levemente curioso, no comando.

— Para fazer uma entrevista com um escritor de sucesso e muito premiado.

— Um escritor premiado não a deixaria nervosa. O lápis estava ficando úmido em sua mão. Ela estava a ponto de xingar, tamanha era

sua frustração.

— Você não me deixa nervosa.

— Você mente rápido demais e de modo muito forçado. —As mãos dele estavam pousadas no joelho enquanto a observava. O estranho anel dele tinha um brilho embotado, ouro e prata. — Se eu a tocasse, apenas tocasse, agora mesmo, você tremeria toda.

— Você é muito convencido — disse ela e se levantou.

— Eu penso em você — disse ele, tão calmamente que o bloco escorregou-lhe da mão sem que percebesse. — Você me faz sentir desejo, eu te deixo nervosa. — Ele novamente a penetrava com o olhar; ela quase podia sentir. — Poderia ser uma combinação interessante ao longo dessas duas semanas.

Ele não a intimidaria. Ele não a faria tremer.

— Quanto mais cedo você lembrar que estarei trabalhando nas próximas duas semanas, mais simples as coisas ficarão.

A tentativa de parecer arrogante quase deu certo. Lee imaginou se ele tinha ouvido o leve embargo em sua voz.

— Já que está resignada em trabalhar — disse ele — pode me ajudar fazendo o jantar. A partir desta a noite vamos nos revezar no preparo das refeições.

Ela não lhe daria a satisfação de dizer que não sabia nada sobre preparar refeições numa fogueira. Ele já sabia. Nem tampouco lhe daria a satisfação de se sentir confusa pelas temperamentais mudanças de humor dele. Em vez disso, Lee passou a mão no cabelo.

— Vou me lavar primeiro.

Hunter observou-a encaminhar-se na direção errada, mas nada disse. Ela encontraria o banheiro mais cedo ou mais tarde, pensou. Tudo seria muito mais interessante se nenhum dos dois desse um milímetro de chance ao outro.

Hunter não tinha certeza, mas achou que Lee praguejara de algum lugar atrás dele. Sorrindo um pouco, recostou-se na pedra e terminou de fumar seu cigarro.

Grogue, rígida e sentindo o cheiro de café no ar, Lee acordou. Sabia exatamente onde estava — tão distante de Hunter quanto podia, em seu lado da barraca, afundada no saco de dormir que Hunter lhe arranjava. E só. Levou apenas alguns segundos para sentir que Hunter não estava mais dividindo a barraca com ela. Assim como havia levado horas na noite passada para convencer-se de que não importava que ele estivesse somente alguns centímetros distante.

O jantar fora surpreendentemente tranquilo. tranquilo, concluiu Lee enquanto mirava o teto da barraca, porque o humor de Hunter mudara de novo assim que voltou para ajudá-lo a preparar o jantar. Amigável? Não, decidiu ela, cuidadosamente esticando os músculos paralisados. Amigável era uma palavra liberal demais se aplicada a Hunter. Moderadamente amigável era mais adequado. Cooperar ele não cooperara mesmo. Passara a noite lendo com a lamparina enquanto ela pegara um bloco novo e começara o que seria um diário sobre suas duas semanas em Oak Creek Canyon.

Achou importante anotar suas sensações. Lee já fizera a mesma coisa com seu manuscrito. Podia dizer o que queria, sentir o que queria sem nunca correr o risco de ser lida por alguém. Talvez não tenha dado certo dessa maneira com seu livro já que Hunter lera ainda mais algumas partes de seu bem cuidado original datilografado em espaço dois à luz do lampião, mas o diário não seria lido por mais ninguém além dela própria.

De qualquer maneira, pensou, para ela era até vantajoso ele estar ocupado com o manuscrito. Não precisou conversar com ele à medida que a noite foi avançando e a escuridão foi ficando mais intensa. Enquanto estivesse envolvido na leitura, ela poderia ficar na barraca encolhida num canto. Quando ele se juntou a ela, muito mais tarde, não foi necessário trocar palavra alguma na intimidade da barraca. Ela agiu de forma a que ele pensasse que ela já adormecera — embora o sono não tivesse vindo facilmente.

Na quietude, ela ouviu a respiração dele ao seu lado. tranquila, estável. Esse era o tipo de homem que ele era. Lee ficou imóvel, dizendo para si mesma que a proximidade não significava nada. Mas nessa manhã ela viu que suas unhas, que haviam recomeçado a crescer, estavam roídas.

A primeira noite estava fadada a ser a mais difícil, disse para si mesma e se sentou, passando a mão pelo cabelo. Ela sobrevivera. Seu problema agora seria como passar por ele e seguir até o banheiro, onde poderia mudar a roupa com a qual dormira e ajeitar o cabelo e o rosto. Com cuidado, foi rastejando até a saída da barraca.

Ele sabia que ela estava acordada. Hunter percebera isso quase na hora exata em que Lee abrisse os olhos. Acordara cedo para preparar o café, sabendo que se tivesse tido problema para dormir ao lado, jamais teria conseguido acordar com ela.

Ele vira pouco mais do que o volume de cabelo ruivo acima do saco de dormir na tênue luz do amanhecer. Como sua intenção era tocá-lo, trazê-lo para perto de si, acordá-la, ele se manteve razoavelmente afastado. Hoje caminharia quilômetros e quilômetros e pescaria por horas a fio. Lee podia ficar em seu papel de repórter. Ao responder suas perguntas, ele aprenderia tanto sobre ela quanto Lee acreditava que estava aprendendo sobre ele.

Este era seu plano, Hunter lembrou a si mesmo e se serviu de mais café. Seria melhor não se esquecer disso.

— O café está quente — comentou Hunter, sem se virar.

Embora ela tivesse tomado bastante cuidado para não fazer barulho, ele a ouvira abrindo o zíper da barraca.

Lee reprimiu um palavrão e ergueu a mochila. O homem possuía ouvidos de lobo.

— Primeiro quero tomar um banho — resmungou ela.

— Eu lhe avisei que não precisava se embelezar para me agradar.
— Ele começou a colocar algumas fatias de bacon numa frigideira. —

Prefiro assim como você está.

Enfurecida, Lee levantou-se.

— Não vou me embelezar para você. Dormir a noite toda de roupa faz com que eu me sinta suja.

— Provavelmente você dormiria melhor sem ela — concordou Hunter, gentilmente. — O café da manhã estará pronto em quinze minutos, então é melhor se apressar se quiser comer.

Lee pegou sua bolsa e sua dignidade e saiu em disparada pelo meio das árvores.

Ele não a teria pego com tanta facilidade se ela não estivesse tão tensa, suja e quase faminta, pensou Lee a caminho do banheiro.

Só Deus sabe como ele poderia estar tão alegre depois de passar toda a noite dormindo no chão. Talvez Bryan tivesse mesmo razão. O homem era esquisito. Lee pegou o xampu e a bolsa de plástico contendo seu sabonete francês e entrou no compartimento do chuveiro.

O local que ele escolhera podia até ser magnífico, o ar podia ser fresco e puro, mas um saco de dormir não era um colchão de penas. Lee despiu-se e colocou suas roupas em cima da porta. Ouviu barulho de água caindo no compartimento ao lado e suspirou. Pelas próximas duas semanas teria de dividir o banheiro. Talvez até se acostumasse.

A água vinha num jato estável, morno. Cerrou os dentes e foi para baixo da água. Hoje ela começaria a escavar mais alguns fatos pessoais de Hunter Brown.

Ele era casado? Ela franziu o cenho por um instante e em seguida relaxou. A pergunta era para o artigo, não para ela. O estado civil dele não lhe significava nada.

Provavelmente não. Ela ensaboava vigorosamente o cabelo, Que mulher o suportaria? Além disso, uma mulher deveria acompanhá-lo quando ele acampasse, mesmo que odiasse isso, não? Será que aquele tipo de homem se casaria com alguém que não gostasse exatamente das mesmas coisas que ele?

O que será que ele faz para relaxar? Além de brincar de Daniel Boone na floresta, acrescentou, dando um risinho. Onde ele morava? Onde cresceu? Que tipo de infância teve?

A água caía sobre ela, removendo a espuma. Sua curiosidade era puramente profissional. Lee pensou que deveria lembrar-se disso com um pouco mais de frequência. Precisava do homem todo para escrever uma matéria incisiva. Precisava do homem todo...

Alarmada com seus próprios pensamentos, escancarou os olhos, e praguejou quando o xampu caiu sobre eles. Dane-se o homem todo!, pensou, com raiva. Pegaria as partes dele que pudesse para escrever um artigo que a vingaria definitivamente de todos os problemas que ele lhe causara.

Limpa, cheirosa e tremendo, fechou o chuveiro. Só naquele instante se deu conta de que esquecera de levar uma toalha. Chuveiros de acampamentos não dispunham de toalhas, Droga, como poderia lembrar de tudo?

Pingando e com a pele toda arrepiada, permaneceu no meio do compartimento, praguejando silenciosa e intensamente. Pelo tempo que aguentou, Lee deixou que o ar a secasse enquanto sacudia o cabelo para retirar o excesso de água. Vingança, pensou,

Batendo os dentes e foi pondo incorretamente a culpa em Hunter. Cedo ou tarde, ela teria mais alguns fatos para sua vingança.

Foi até a porta do compartimento e pegou um agasalho. Resignada, começou a secar o rosto molhado com a parte mais macia da roupa. Assim que terminasse de esfregar os ombros, iria atrás da roupa de baixo. Embora com as roupas coladas ao corpo, sentiu-se mais aquecida. Diante da fileira de pias e espelhos, ligou o secador de cabelo e começou a trabalhar nele. Apesar dele, pensou Lee, não por causa dele, passou mais tempo do que o usual se maquiando. Satisfeita, guardou o secador portátil e saiu do banheiro com um leve aroma de jasmim.

Seu aroma foi a primeira coisa que ele reparou quando ela voltou à clareira. Os músculos do estômago de Hunter já estavam dando nós. Como se estivesse indiferente, terminou outro café, mas não o saboreou.

Mais calma e muito mais tranquila agora, Lee guardou sua mochila antes de seguir para a fogueira. A frigideira, com o que havia sobrado dos ovos e bacon, estava sobre um pequeno suporte de pedras.

Não precisou experimentá-los para saber que estavam frios.

Encarou-os

— Sente-se melhor? — perguntou Hunter, simpático.

—Estou bem.

Ela nada comentaria sobre a comida estar fria e, disse para si mesma enquanto colocava a refeição num prato, comeria tudo.

Não lhe daria mais nenhum motivo para debochar dela. Enquanto comia um pedaço de bacon, Lee olhou para ele. Obviamente, Hunter tomara um banho mais cedo. Seu cabelo brilhava ao sol e ele cheirava a sabonete, sem a interferência de alguma colônia ou loção após barba. Um homem não usava loção após barba se não ligava para uma lâmina, concluiu Lee, analisando a barba crescida de Hunter. Deveria fazer com que tivesse uma aparência descuidada, mas de alguma forma ele conseguia ter um visual estranhamente vistoso. Ela se concentrou nos ovos frios.

— Dormiu bem?

— Dormi bem — mentiu e deu graças a Deus pelo café quente ajudá-la a engolir o desjejum. — E você?

— Muito bem — mentiu ele e acendeu um cigarro. Ela o estava irritando com algo que não costumava irritá-lo.

— Está acordado há muito tempo?

Desde a madrugada, pensou Hunter.

— Tempo suficiente. — Ele olhou para as novíssimas botas de montanhismo dela e imaginou quanto tempo levaria até que os dedos dela protestassem. — Estou pensando em dar uma caminhada hoje.

Ela quis rugir, mas abriu um largo sorriso.

— Ótimo, eu gostaria de ver um pouco do canyon enquanto estou aqui

De preferência no jipe, pensou ela, engolindo o último pedaço de bacon. Se havia um clichê que pudesse comprovar naquele exato momento era o de que ficar ao ar livre aumentava o apetite.

Lee levou, quem sabe, metade do tempo que Hunter levaria para lavar os pratos no contêiner de plástico, mas ela já estava a par das regras obrigatórias. Um cozinha e o outro limpa.

Quando terminou, já estava impaciente, com os binóculos e o cantil presos por uma tira em seu peito e uma mochila leve numa das mãos. Mochila esta que ele lhe arremessara e que ela resistira em não jogar de volta.

— Quero minha máquina fotográfica. — Sem lhe dar qualquer chance de reclamar, ela enfiou a mão em suas coisas e deslizou o pequeno retângulo no bolso traseiro dos jeans. — O que tem aqui dentro? — perguntou, ajustando as tiras da mochila nos ombros.

— Almoço.

Lee aumentou o passo para acompanhar Hunter na saída da clareira. Se ele empacotara o almoço, ela teria de se resignar com um dia longo demais pela frente.

— Como é que você sabe para onde está indo e como voltar? Pela primeira vez desde que ela retornara ao acampamento recendendo a flores e fragilidade, Hunter deu um sorriso.

— Pontos de referência, o sol.

— Você se refere ao musgo que cresce nas árvores? — Ela deu uma olhada em volta, em busca de algum ponto de referência para si mesma.

— Jamais confiei nesse tipo de coisa.

Ela não conseguiria diferenciar nem leste e oeste, pensou Hunter, salvo se fosse Los Angeles e Nova York.

— Tenho uma bússola, se isto a faz se sentir melhor.

Fazia — um pouco. Quando você não tem a menor ideia de como alguma coisa funciona, precisa ter confiança. Lee estava longe de estar confortável tendo de confiar em Hunter.

Mas à medida que caminhavam, ela esqueceu de se preocupar com a possibilidade de se perder. O sol parecia um raio de luz branca e, embora ainda fosse mais ou menos nove da manhã, o ar estava quente. Ela gostava da forma como a luz batia nos paredões vermelhos do canyon e enfatizava as cores. A trilha subia e se estreitava, cheia de pedrinhas soltas. Ela ouvia pessoas rindo, e o som estava tão claro que parecia que elas estavam ali ao lado dela.

O verde foi ficando esparso à medida que subiam. O que via naquele momento eram arbustos insignificantes, secos e esmaecidos, que forçavam a passagem através das finas fileiras de sujeira na rocha. Curiosa, quebrou umas folhas. O cheiro era forte, desagradável e fresco. Então descobriu que precisava disparar para alcançar Hunter. Fora ideia dele fazer a trilha, mas Hunter não parecia estar gostando. E, mais ainda, parecia um homem com algum compromisso urgente e problemático.

Talvez fosse um bom momento, imaginou Lee, para começar uma conversa que levasse ao tipo de informação que estava buscando. À medida que a trilha ficava mais íngreme, decidiu que era melhor começar a conversa enquanto ainda lhe restava algum fôlego. O agasalho fora igualmente um equívoco. Suas costas estavam úmidas novamente, desta vez por causa do suor.

— Você sempre preferiu atividades ao ar livre?

— Trilhas.

Sem se amedrontar, ela franziu o cenho atrás dele e disse:

— Você deve ter sido escoteiro, não?

— Não.

— Seu interesse por acampar e fazer trilha é bem recente, então?

— Não.

Ela precisou cerrar os dentes para reprimir um resmungo.

— Você saía por aí com seu pai armando barracas na floresta quando era criança?

Ela teria se interessado pelo traço de humor no rosto dele se tivesse conseguido ver.

— Não.

— Quer dizer que você vivia numa cidade.

Ela era perspicaz, refletiu Hunter, E persistente. Ele deu de ombros.

— Sim. Finalmente, pensou Lee.

— Em qual cidade?

— Los Angeles

Ela tropeçou numa pedra e quase caiu de costas no chão. Hunter não diminuiu o ritmo.

— Los Angeles? — repetiu ela. — Você mora em Los Angeles e ainda consegue se esconder de tal forma que ninguém saiba que está lá?

— Cresci em Los Angeles — disse ele, suavemente.—Em um pedaço da cidade que você dificilmente teria algum motivo para conhecer.

Em termos sociais, Lenore Radcliffe, nascida em Palm Springs, você nem mesmo teria como saber que esses bairros existem.

A frase atrasou um pouco o ritmo dela. Novamente viu-se obrigada a dar um pique para alcançá-lo, mas desta vez agarrou seu braço e o fez

parar.

— Como sabe que sou de Palm Springs?

Ele olhava para ela com o bom humor tolerante que ela achava ao mesmo tempo irritante e irresistível.

— Fiz minhas pesquisas. Você se graduou na UCLA com louvor após três anos num elegante internato suíço. Seu noivado com Jonathan Willoby, grande promessa da cirurgia plástica, foi rompido quando aceitou um emprego no escritório de Los Angeles da revista Celebrity.

— Nunca fui noiva de Jonathan — começou ela, furiosa, mas mordeu a língua em cima da hora. — Não é da sua conta investigar a minha vida, Hunter. Sou eu que estou escrevendo o artigo, não você.

— Tenho o hábito de descobrir tudo sobre as pessoas com as quais me relaciono profissionalmente. Temos um compromisso profissional, Lenore, não temos?

Ele era hábil com as palavras, pensou ela, com dureza. Mas ela também.

— Sim, e ele diz que sou eu que entrevisto você e não o contrário.

— Sob minhas condições — lembrou-lhe Hunter. — Não falo com ninguém a menos que conheça a pessoa com quem estou falando. — Ele se aproximou e tocou no cabelo dela, como já fizera antes. — Acho que sei quem você é.

— Não sabe — corrigiu ela, lutando contra a necessidade de se afastar de um toque que nem era exatamente um toque —, nem tem motivo para conhecer. Porém quanto mais honesto e sincero você for comigo, mais honesto vai ficar o artigo que irei escrever

Ele destampou o cantil. Quando ela recusou a oferta com um balançar de cabeça, Hunter bebeu.

— Estou sendo honesto. Se eu facilitasse as coisas para você, (não teria um retrato verdadeiro de quem sou. — Os olhos dele ficaram de repente nebulosos, intensos e penetrantes. Sem avisar, ele se

aproximou. A força em seus olhos a fez acreditar que ele poderia facilmente varrê-la para fora da trilha. Contudo, sua mão desceu pelo rosto dela, leve como a chuva. — Você não compreende quem sou — disse ele, tranquilo. — Talvez, por motivos pessoais, eu gostaria que me compreendesse.

Lee teria ficado menos assustada se ele tivesse berrado com ela, brigado com ela, segurado ela. O som de seu próprio coração vibrava em sua cabeça. Instintivamente, deu um passo atrás, pensando única e exclusivamente em escapar. Seu pé achou o vazio.

Num instante, viu-se presa a ele, pressionada contra seu corpo, de tal maneira que o calor dele penetrou nela. O medo triplicou, fazendo com que se encurvasse para trás e levasse as duas mãos até o tórax de Hunter.

— Idiota — disse, com uma voz tão forte que fez a cabeça dela estalar. — Olhe para trás antes de me pedir para soltá-la.

Automaticamente, Lee virou a cabeça e olhou por trás do ombro. Seu estômago subiu até a garganta e depois desabou. As mãos que estavam se preparando para empurrá-lo para longe agarraram os ombros dele até que os dedos lhe penetrassem na carne. A vista atrás dela era magnífica, arrebatadora e interminável.

— Nós... nós subimos muito mais do que eu havia imaginado — conseguiu dizer. E se ela não se sentasse muito, mas muito rapidamente, cairia em desgraça.

— O truque é olhar para onde você está indo. — Hunter não a retirou da beirada, porém tomou o queixo dela em sua mão até que seus olhos se encontrassem. — Sempre olhe exatamente para onde está indo, e aí vai saber como cair.

Ele a beijou, tão inesperadamente quanto antes, mas não tão delicadamente. Longe disso. Dessa vez ela sentiu a força total do poder que estivera sempre oculto a cada vez que a boca de Hunter tocara a dela. Se tivesse se inclinado para trás e caído naquele precipício, não ficaria mais indefesa do que estava naquele instante, colada a ele,

amparada por ele, envolvida por ele. O limite estava próximo, dentro dela e atrás dela. Lee não podia dizer qual dos dois seria mais fatal. Mas sabia que, desamparada como estava, ambos a destruiriam.

Não era a intenção dele beijá-la naquele momento, mas a dificuldade da escalada não esmorecera o desejo que acordara com ele. Tomaria o máximo que pudesse daquele sabor, daquela maciez, e faria com que aquilo durasse até que ela, de livre e espontânea vontade, viesse até ele. Queria a docilidade que tentara maquiagem, a fragilidade que ela tentara negar. E queria a força que a mantinha querendo mais. Sim, ele pensava que a conhecia e que estava muito perto de compreendê-la. Sabia que ela o queria.

Lentamente, muito lentamente, já que a permanência do beijo, da boca colada a outra boca, não só o tranquilizava como também o excitava, Hunter a conquistava. Os olhos dela estavam tão nebulosos quanto seus pensamentos. Sua pulsação estava tão rápida quanto a dele. Ele a mudou de posição, colocando-a perto do penhasco e longe do precipício.

— Nunca recue um passo sem antes olhar por trás dos ombros — disse ele, calmamente. — E não dê um passo à frente antes de testar o solo abaixo de você.

Ele se virou e continuou a subir a trilha, deixando Lee a especular se ele estava falando de montanhismo ou de algo inteiramente diferente.

Capítulo 7

Lee escreveu em seu diário: No oitavo dia dessa estranha e intermitente entrevista, sei mais sobre Hunter porém compreendo menos. Às vezes ele é simpático, às vezes distante. Hunter tem um traço de isolamento, tão amarrado em sua vida particular que ainda não encontrei um caminho para penetrar nela. Quando pergunto pelas suas preferências literárias, ele fala sem parar — aparentemente não possui nenhuma preferência real, exceto pela palavra escrita em si. Quando pergunto por sua família, ele apenas sorri e muda de assunto ou me dá um daqueles olhares intensos e não diz nada. Em ambos os casos, mantém um manto de mistério sobre sua privacidade.

Ele talvez seja o homem mais eficiente que já conheci em minha vida. Não há desperdício de tempo, não há movimentos extras e, o que me deixa furiosa, não há erros, quando se trata de acender uma fogueira ou fazer a comida quando surge a necessidade. Mas mesmo assim ele fica contente de não fazer absolutamente nada por horas a fio.

Ele é meticuloso — o acampamento parece que foi montado há não mais do que meia hora e na verdade estamos aqui há uma semana —, embora não tenha se barbeado durante toda esse tempo. A barba era para estar horrível, mas não sei como ela parece tão natural que me pergunto se ele não esteve sempre barbado.

Sempre consegui encaixar as pessoas que entrevistei em alguma categoria, até as pessoas com quem convivo. Não consegui com Hunter. Durante todo esse tempo, não consegui achar nenhum rótulo fácil para ele.

Ontem à noite tivemos uma discussão acalorada sobre Plath e, hoje de manhã, eu o encontrei folheando uma revista em quadrinhos durante o café. Quando o questionei sobre isso, respondeu que respeitava todas as formas de literatura. Acreditei. Um dos problemas que estou tendo nesse trabalho é que acabo acreditando em tudo o que ele diz, não importa o quão contraditória a afirmação pode ser em

relação a alguma outra que ele tenha feito. É uma total falta de consistência tornar uma pessoa consistente?

Ele é o homem mais complexo, frustrante e fascinante que já conheci. Ainda estou para descobrir uma forma de controlar atração que exerce Sobre mim, ou mesmo de encontrar um rótulo adequado para o que sinto. Seria atração física? Hunter é bastante atraente, fisicamente falando. Seria atração intelectual? Sua mente dá umas guinadas e voltas tão estranhas que preciso me esforçar ao máximo para não me perder.

Creio que poderia lidar tranquilamente com esses dois aspectos. Ao longo dos anos, tive de lidar profissionalmente com homens atraentes, inteligentes e carismáticos. É certamente um desafio, mas nesse caso aqui, eu tenho a sensação desconfortável de me encontrar no meio de uma partida de xadrez já tendo perdido minha rainha.

Meu maior medo nesse momento é descobrir que estou emocionalmente envolvida.

Ele nunca mais me tocou desde o primeiro dia em que escalamos o canyon. Ainda consigo lembrar exatamente como me senti, exatamente como era o aroma do ar naquele momento. É tolo, excessivamente romântico e absolutamente verdadeiro.

Todas as noites dormimos juntos na mesma barraca. Dá até para sentir o hálito dele. Todas as manhãs acordo sozinha. Eu deveria agradecer por ele não tornar esse trabalho muito mais difícil do que já é, e ainda assim fico desejando ser agarrada por ele.

Por mais de uma semana só tenho pensado praticamente nele. Quanto mais aprendo, mais quero saber — para mim mesmo. Muito mais para mim mesmo.

Por duas vezes acordei no meio da noite, com dores, e quase o chamei. Agora fico aqui pensando o que teria acontecido se eu tivesse chamado. Se acreditasse nos encantos e nas forças ocultas que Hunter descreve em seus livros, poderia achar que alguma delas está agindo

sobre mim. Ninguém jamais me fez querer tanto, sentir tanto. Todas as noites, imagino.

Às vezes, Lee escrevia sobre a paisagem e suas impressões sobre ela. Às vezes, escrevia uma descrição detalhada do dia. Mas na maioria das vezes, quase sempre, escrevia sobre Hunter. O que colocava em seu diário não tinha nada a ver com suas esmiuçadas e organizadas anotações para o artigo. Ela não permitiria isso. O que não entendia, e que não escreveria a respeito em nenhum dos lugares, era o fato de estar perdendo o sono. E que estava se divertindo.

Embora ele fosse astutamente evasivo sobre detalhes pessoais, ela estava juntando informações. Mesmo agora, passado não mais do que a metade dos dias estipulados, Lee já tinha o suficiente para um artigo sólido e que faria sucesso — muito mais, ela sabia, do que esperara conseguir. Mas ela queria muito mais, para seus leitores e, era inegável, para ela própria.

— Não consigo imaginar como algum peixe com autoestima pode ser enganado por algo assim.

Lee brincava com a pequena mosca de borracha que Hunter prendera no anzol dela.

— Miopia — contradisse Hunter, curvando-se para escolher sua própria isca. — Os peixes são famosos por enxergar mal.

— Não acredito em você. — Ela se afastou, desajeitada. — Mas, dessa vez pesco um.

— Primeiro você precisa colocar a isca na água. — Ele olhou para a linha emaranhada na beira do riacho antes de lançar a dele.

Ele nem mesmo oferecia ajuda. Após uma semana na companhia dele, Lee aprendera a não mais esperar. Também aprendera que se quisesse competir com ele neste quesito, ou numa discussão sobre literatura inglesa do século XVIII, teria de entrar no espírito da coisa.

Não era simples e não era rápido, mas Lee, ajoelhada, endireitou o emaranhado até voltar à etapa inicial. Olhou para Hunter, que parecia

muito absorvido na superfície do riacho para notar o progresso dela. Agora Lee já sabia. Ele via tudo o que se passava ao redor, olhando ou não.

Alguns metros distante, Lee tentou novamente. Dessa vez sua isca aterrissou fazendo um leve barulhinho.

Hunter viu o raro e rápido risinho surgir, mas não disse nada. Ela era, ele aprendera, uma mulher que normalmente se levava muito a sério. Ainda que ele enxergasse a doçura e a simpatia que Lee tentava tanto esconder.

Ela tinha um riso discreto e nebuloso que não usava com muita frequência. O que fazia com que Hunter não parasse de pensar numa maneira de obrigá-la a usá-lo.

A última semana não fora fácil para ela. Hunter não quis que fosse. Aprende-se mais sobre as pessoas observando-as em condições difíceis do que coquetéis e festas. Ele estava adicionando camadas à primeira impressão que tivera dela no aeroporto de Flagstaff. Mas ainda havia muitas camadas.

Ao contrário da maioria das pessoas que conhecia, ela podia se sentir confortável com longos momentos de silêncio. Isso o agradava. Quanto mais descuidado ele ficava em sua aparência e seus trajes, mais meticulosa ela ficava nos dela. Ele se divertia de vê-la sair todas as manhãs e depois voltar com a maquiagem retocada e os cabelos cuidadosamente penteados. Hunter sempre garantia que eles estivessem um pouco desarrumados ao final de cada dia.

Trilhas, pescarias. Hunter queria ter certeza que as calças jeans dela ficassem completamente destruídas. À noite ele a via frequentemente esfregando os pés cansados. Quando estivesse de volta a Los Angeles, sentada em seu aconchegante escritório, não esqueceria das duas semanas que passara em Oak Creek Canyon.

Naquele momento, Lee estava sentada na beira do riacho segurando com as mãos uma vara de pescar, um olhar de presunçosa concentração no rosto. Ele gostava dela por isso — pela necessidade

inata que tinha para competir e pela vulnerabilidade que tinha abaixo da superfície, Ela ficaria ali segurando a vara até que ele desse por encerrado o empreendimento. Quando estivessem de volta ao acampamento, ele sabia que Lee passaria creme nas mãos e que elas ficariam com um suave aroma de jasmim e irresistivelmente macias.

Como era o turno dela cozinhar, teria de fazê-lo. Embora estivesse ainda um pouco desajeitada com os utensílios e conseguisse praticamente tudo o que tentava fazer. Ele também gostava dela por isso — pelo fato de nunca desistir de nada.

A curiosidade permanecia imutável. Ela o questionava, e ele evitava ou dava uma resposta qualquer. Então Lee ficava em silêncio para que ele pudesse ler, enquanto ela escrevia. Confortável. Sob a tranquila luz da fogueira, Hunter achava que ela era uma mulher inusitadamente confortável. Sabendo ou não disso, ela estava relaxada, escrevendo em seu diário, o que o intrigava, ou revisando suas anotações diárias para o artigo, o que não o intrigava.

Ele esperara descobrir alguma coisa sobre ela durante as duas semanas juntos, sabendo que teria de dar algumas informações sobre si próprio em troca. O que considerava uma barganha mais do que justa. Mas não esperara sentir prazer com a companhia dela.

O sol estava forte, o ar quase parado, com um perceptível aroma matinal. Mas o céu não estava claro. Hunter imaginou se ela reparara nas nuvens a leste e se notara que uma tempestade estava a caminho assim que a noite caísse. Relâmpagos podiam ser vistos no meio das nuvens. Ele sentou no chão de pernas cruzadas. Seria mais interessante se Lee descobrisse por si mesma.

A manhã passou em silêncio, a não ser pelas vozes ocasionais em volta deles ou o farfalhar das folhas. Hunter pescou duas trutas no riacho, mas devolveu a segunda por causa do tamanho. Ele não disse nada. Lee não disse nada, mas quase não conseguiu impedir seus dentes de trincarem. A cada caminhada ele voltava para o acampamento com peixe e ela com dor no pescoço.

— Começo a imaginar — disse ela — se você não colocou alguma coisa nessa isca que está afastando os peixes.

Ele estava fumando preguiçosamente, mas agitou-se e esmagou o cigarro.

— Quer trocar de vara?

Ela o olhou de esguelha, aproveitando o leve bom humor naquele belo rosto. Quando os músculos dela começavam a tremer, ela os enrijecia. Será que algum dia ficaria completamente acostumada com a maneira pela qual seu corpo reagia quando trocavam olhares?

— Não — disse ela, calmamente.—Vou ficar com essa mesma. Você é bom demais nesse negócio para alguém que não pescava na infância.

— Sempre aprendi rápido.

— O que seu pai fazia em Los Angeles? — perguntou Lee, sabendo que ou ele responderia da maneira mais improvisada possível ou se esquivaria por completo.

— Vendia sapatos.

Ela ficou um tempo em silêncio, já que estava esperando a segunda possibilidade.

— Vendia sapatos?

— É isso aí. No setor de calçados de uma loja de departamentos no centro da cidade razoavelmente famosa. Minha mãe vendia artigos de papelaria no terceiro andar. — Ele não precisou olhar para ela para saber que estava com a testa franzida. — Surpresa?

— Estou — admitiu ela. — Um pouco. Acho que imaginava que você tinha sido, até certo ponto, influenciado por seus pais e que eles tivessem tido alguma profissão diferente ou mesmo interesses fora dos padrões.

Hunter cortou novamente o assunto com um ágil movimento no pulso: ”

— Antes de meu pai vender sapatos, ele vendia ingressos no teatro do bairro; antes disso, vendia linóleo, acho. — Os ombros se mexeram levemente antes de ele se virar para ela. — Era um homem que era obrigado a trabalhar por questões financeiras quando, na verdade, nasceu para sonhar. Se tivesse nascido rico, talvez tivesse se tornado pintor ou poeta. Mas acabou tendo de trabalhar como vendedor e era sempre demitido porque não conseguia se encaixar nessa profissão.

Embora ele falasse de modo informal, Lee precisava lutar para se distanciar emocionalmente.

— Você fala como se ele já tivesse morrido.

— Sempre acreditei que minha mãe morreu por excesso de trabalho, e meu pai por falta de interesse em viver sem ela.

Uma sensação de compaixão subiu-lhe pela garganta. Ela não conseguia engolir.

— Quando você os perdeu?

— Eu tinha dezoito anos. Eles morreram num intervalo de meses.

— Velho demais para ser sustentado pelo estado e novo demais para ficar sozinho — murmurou ela.

Emocionado, Hunter analisou-a.

— Não sinta pena de mim, Lenore. Eu me saí muito bem.

— Mas você ainda não era adulto. — Não, pensou ela, talvez já fosse. — Ainda tinha de encarar a universidade.

— Tive alguma ajuda, e também trabalhei um tempo como garçom.

Lee lembrou da carteira cheia de cartões de crédito que possuía na faculdade. Qualquer coisa que quisesse, conseguia num piscar de olhos.

— Não pode ter sido fácil.

— Não tinha de ser. — Ele acendeu um cigarro e observou as nuvens se aproximando lentamente. — Quando terminei a faculdade, já sabia que eu era um escritor.

— O que aconteceu entre a sua formatura na faculdade e a publicação de seu primeiro livro?

Ele sorriu através da fumaça que os separava.

— Eu vivia, escrevia, saía para pescar quando dava.

Ela não se convenceria tão facilmente. Quase sem acreditar que estava fazendo aquilo, Lee sentou-se no chão ao lado dele.

— Você deve ter trabalhado.

— Escrever, apesar de muitas pessoas discordarem, é trabalho. — Ele tinha o talento para transformar o mais agudo sarcasmo parecer uma leve galhofa.

Numa outra época, talvez ela tivesse sorrido.

— Você sabe que não é disso que estou falando. Você precisava ter uma fonte de renda, e seu primeiro livro não foi publicado até mais ou menos seis anos atrás.

— Eu não estava passando fome num quatinho, Lenore.—Ele passou um dedo na mão com a qual ela segurava a vara de pescar e sentiu uma onda de prazer na súbita aceleração da pulsação.

— Quando A dívida do diabo saiu, você devia estar começando em Celebrity. Alguém talvez dissesse que nossas estrelas subiram na mesma época.

— Acho que sim.

Ela desviou o olhar para olhar a superfície do riacho. (

— Você está feliz lá? Inconscientemente, ela empinou o nariz.

— Trabalhei duro cinco anos até chegar a repórter.

— Isso não é resposta.

— Assim como a maioria das suas também não é — resmungou ela.

— Verdade. O que você está procurando lá?

— Sucesso — disse ela, imediatamente. — Segurança.

— A primeira nem sempre é igual à segunda.

A voz dela era tão desafiadora quanto seu olhar para ele.

— Você possui ambos.

— Escritores jamais estão seguros — discordou Hunter. — Só um tolo espera ficar seguro. Eu li todo o manuscrito que você trouxe.

Lee ficou em silêncio. Ela sabia que ele iria tocar no assunto antes das duas semanas acabarem, mas tinha a esperança de adiar um pouco mais ainda. A suave brisa balançava as pontas do seu cabelo enquanto ela observava o movimento da água no riacho. Algumas pedrinhas pareciam pedras preciosas. Não passavam de ilusões.

— Você sabe que precisa terminá-lo — disse ele, calmamente. — Não posso acreditar que esteja contente em deixar seus personagens no limbo depois de tê-los idealizado com tanto cuidado. Você já tem dois terços da história concluída, Lenore.

— Não tenho tempo.

— O que não é bom.

Frustrada, ela se virou novamente para ele.

— É fácil para você dizer isso do auge de sua fama. Eu tenho um trabalho que me exige dedicação exclusiva. Meu tempo e meu talento estão totalmente canalizados para eu galgar degraus importantes na revista.

— Seu romance necessita de seu tempo e de seu talento.

Ela não gostou do jeito com o qual ele disse aquilo — como se ela não tivesse nenhuma escolha.

— Hunter, não estou aqui para falar sobre o meu trabalho, mas sobre você e o seu trabalho. Estou lisonjeada por você achar que meu romance possui algum mérito, mas tenho um trabalho a fazer.

— Lisonjeada? — contradisse ele. O olhar profundo e escuro fixou-se novamente sobre ela e a mão dele segurou a sua, firme. — Não, você não está. Você queria que eu jamais tivesse lido seu romance e não quer falar sobre ele. Mesmo que estivesse convencido de seu valor, mesmo assim teria medo de colocá-lo em risco.

A verdade irritou seus nervos e seu humor.

— Minha profissão é minha prioridade. Se isso o agrada ou não, não me importa. Não é da sua conta.

— Não, talvez não — disse ele, lentamente, observando-a. — Tem um peixe no seu anzol.

— Não quero que você... — Com os olhos se estreitando, ela parou. — O quê?

— Tem um peixe no seu anzol — repetiu ele. — É melhor puxar.

— Eu fisguei? — Surpresa, Lee sentiu a vara se sacudir em suas mãos. — Eu peguei um! Oh, meu Deus. — Ela segurou a vara com ambas as mãos e olhou a linha bambolear. — Peguei mesmo um peixe! O que eu faço agora?

— Puxe-o — sugeriu Hunter uma vez mais, recostando-se na grama.

— Não vai me ajudar? — Suas mãos estavam bastante desajeitadas enquanto tentava puxar a linha. Na esperança de que uma alavanca lhe desse alguma vantagem, ficou de pé. — Hunter, não sei o que estou fazendo. Talvez eu perca o peixe.

— O peixe é seu — apontou ele. Com um sorrisinho, ele olhava para ela. Nem entrevistando o presidente ficaria mais exuberante, imaginou Hunter, embora tivesse certeza de que ela não concordaria. Mas a verdade era que Lee não podia se ver naquele momento, o cabelo despenteado, as bochechas brilhando, os olhos bem abertos e a língua firme entre os dentes. A luz do final da manhã deixava sua pele linda, e a rápida risada que deu ao tirar o peixe da água percorreu a nuca de Hunter como uma carícia.

Uma sensação de desejo moveu-se preguiçosamente nele ao olhar para aquelas longas pernas realçadas pelo minúsculo short e depois para as curvas sutis acentuadas pelo movimento dos músculos debaixo da camisa enquanto ela continuava a lutar com o peixe, e finalmente para o rosto dela ainda radiante com a surpresa.

— Hunter! — Ela ria enquanto segurava o peixe ainda vivo e balançando na grama. — Eu consegui!

Era quase tão grande quanto o maior que ele pescara durante aqueles dias. Ele franziu aboca ao medi-lo. Era tentador cumprimentá-la, mas decidiu que ela já estava suficientemente presunçosa.

— Tem de tirá-lo do anzol — lembrou ele, apoiado nos cotovelos.

— Tirar do anzol? — Lee lançou um olhar espantado na direção dele. — Não quero tocar nele.

— Vai ter de tocar nele para tirar do anzol. Lee franziu as sobrancelhas.

— Vou jogá-lo de volta.

Hunter deu de ombros e cerrou os olhos, aproveitando a brisa. Nem morta ela jogaria.

— O peixe é seu, não meu.

Dividida entre a repulsa de tocar no peixe que ainda se sacudia e o orgulho de tê-lo pescado, Lee olhou para Hunter. Ele não ajudaria; isso era dolorosamente óbvio. Se ela jogasse o peixe de volta à água, ele ficaria olhando para ela com aquele ar pretensioso até o fim do dia. Intolerável. E, raciocinou ela com lógica, afinal não teria de tocar nele para jogá-lo de volta ao riacho? Cerrando os dentes, esticou a mão para pegar a pesca do dia.

Era molhado, frio e deslizava. Ela retirou a mão. Então, com o canto do olho, viu Hunter rindo para ela de modo sarcástico. Lee segurou a respiração, agarrou firme a truta com uma das mãos e retirou o anzol com a outra. Se ele não estivesse olhando para ela,desafiando-a,

jamais teria conseguido. Com o olhar mais arrogante possível, jogou a truta no pequeno refrigerador que Hunter levava consigo nas pescarias.

— Muito bom. — Ele fechou o refrigerador antes de desenrolar sua linha. — Parece suficiente para o jantar. Você pegou um bem grande, Lenore.

— Obrigada. — As palavras eram uma mistura de polidez gélida com orgulho pessoal.

— Vai ser quase suficiente para nós dois, mesmo depois de você limpá-lo.

— É tão grande quanto... — Ele já se encaminhava para o acampamento, o que fez com que ela precisasse correr para agarrá-lo ao ouvir aquela afirmação. — Limpar, eu?

— As regras dizem que quem pesca, limpa.

Ela fincou pé, mas ele não estava prestando a atenção.

— Eu não vou limpar peixe nenhum.

— Não vai comer nenhum peixe. — As palavras dele eram tão bruscas e indiferentes quanto um dar de ombros.

Abandonando seu orgulho, Lee segurou-lhe no braço.

— Hunter, você vai ter de mudar essa regra. — Ela suspirou, mas convenceu a si própria que não se engasgaria com as palavras. Pelo menos não muito. — Por favor.

Ele parou e pensou.

— Se eu tiver de limpar o peixe, você vai ter de limpar sua barra de alguma maneira, sem trocadilho — disse ele, dando uma risadinha —, fazendo um favor para mim.

— Posso cozinhar duas noites seguidas.

— Eu disse um favor.

Ela virou a cabeça com rapidez, mas, ao olhar para o rosto dele, sorriu.

— Tudo bem, qual é o acordo?

— Por que não deixamos em aberto? — sugeriu ele, — Não me ocorre nada no momento.

Desta vez foi ela quem sugeriu:

— Vai ser negociável?

— Com certeza.

— Aceito. — Lee levantou as mãos e fez uma careta. — Agora vou lavar as mãos.

Ela não havia percebido que pudesse sentir tanto prazer pescando ou mesmo preparando o peixe numa fogueira de acampamento. Havia outras coisas que Lee não havia percebido. Não olhava para o relógio de ouro em seu pulso havia dias. Se não estivesse escrevendo um diário, provavelmente não saberia em que dia estavam. Era verdade que seus músculos ainda reclamavam após uma noite na barraca, e as dependências sanitárias eram, na melhor das hipóteses, inconvenientes, e na pior, horrendas, mas com tudo isso, ela estava relaxando.

Pela primeira vez na vida seus dias não eram ordenados, por ela ou por qualquer outra pessoa. Levantava da cama quando acordava espontaneamente, dormia quando estava cansada e comia quando sentia fome. No momento, a palavra prazo não existia, Isto era algo que ela não se permitia desde o dia em que saíra da casa dos pais em Palm Springs.

Não importava que Hunter pudesse elevar seus batimentos cardíacos com um daqueles olhares inesperados, ou o quanto ela o desejava intimamente, ela achava confortável estar com ele. Como isto era tão improvável, ela não se preocupou em encontrar os motivos. No final daquela tarde, pouco antes do anoitecer, estava jantando contente perto do fogo.

— Nunca imaginei que alguma coisa pudesse ter um cheiro tão bom.

Hunter serviu um copo de café antes de olhar para ela.

— A gente preparou um peixe dois dias atrás.

— Seu peixe — disse Lee, virando a truta cuidadosamente. — Esse aqui é meu.

Ele deu um risinho, imaginando se ela se lembrava de como ficara horrorizada quando ele sugerira que pescasse.

— Sorte de principiante.

Lee abriu a boca, pronta para dar uma resposta a altura, mas então viu a maneira como ele sorria para ela. Não somente a resposta desapareceu como também desapareceu sua muralha defensiva. Ela respirou bem fundo e olhou de volta para a frigideira. O homem simplesmente ficava mais perigoso quanto mais se tornava familiar.

— Se pescar depende de sorte, você teve até mais do que mereceu.

— Tudo depende de sorte.

Ele pegou dois pratos. Lee deslizou a truta crepitante para um deles e sentou-se para saboreá-la.

— Se acredita nisso, o que acha do destino? Você já disse mais de uma vez que a gente pode combater nosso destino, mas não podemos vencer.

Ele franziu a testa. Aquela mente perspicaz e dotada de uma consistência lógica nunca parava de impressioná-lo.

— Um trabalha com a outra. — Ele provou um pouco da truta e reparou que ela fora suficientemente cuidadosa para não deixar esturricar o peixe. — É seu destino estar aqui comigo. Você teve sorte em fisgar um peixe para o jantar.

— A mim soa como se você distorcesse as coisas para seu próprio ponto de vista.

— Sim. Todo o mundo faz isso, não?

— Acho que sim. — Lee comia e analisava a vista. Será que já sentira algo mais maravilhoso do que aquilo? Será que ainda viria a sentir? — Mas nem todo mundo faz isso tão bem quanto você. — Relutando, aceitou um pouco de fruta seca que ele lhe oferecia. Ele parecia dispor de um estoque infinito, mas Lee ainda precisava se acostumar com seu sabor e textura.

— Se você pudesse mudar uma coisa em sua vida, qual seria? Talvez por que ele fizera a pergunta sem preâmbulos, talvez por estar inesperadamente relaxada, Lee respondeu sem pensar:

— Eu ia querer mais.

Ele não perguntou, ao contrário dos pais dela, o que ela queria mais. Hunter apenas assentiu com a cabeça.

— Poderíamos dizer que é seu destino querer isso, e sua sorte conseguir ou não.

Mastigando um pedaço de damasco, ela o analisou. A luz baixa e o fogo tremeluzente jogavam o rosto dele na sombra. Caía-lhe bem. A barba curta e grossa circundava a boca de poeta, tornando-a bem mais sedutora. Ele era um homem que jamais alguma mulher conseguiria ignorar, jamais conseguiria esquecer. Lee imaginava se ele tinha consciência disso. Então quase riu. É claro que ele tinha. Ele tinha consciência de tudo.

— E você? — Ela se aproximou um pouco, como sempre fazia quando a pergunta era importante. — O que você mudaria?

Ele sorriu da maneira que a incendiava.

— Eu pegaria mais — disse ele, calmamente.

Ela sentiu um calafrio subindo-lhe pela coluna, e teve quase certeza de que Hunter reparara. Lee descobriu que se esforçava para se lembrar de seu trabalho.

— Você sabe, você me contou muita coisa ao longo dessa semana. Por um lado, mais até do que eu esperava, porém muito menos por outro. — Novamente equilibrada, comeu outro pedaço de truta. —

Talvez eu pudesse compreender você bem melhor se me desse um resumo de um típico dia seu.

Ele comia, saboreando o aroma suave da noite. As nuvens estavam se aproximando e a brisa ficava cada vez mais presente. imaginou se ela reparara.

— Não existe esse negócio de um dia típico.

— Você está se esquivando novamente.

— É mesmo.

— É meu trabalho insistir com você.

Ele olhou para ela por sobre o copo de café.

— Gosto de olhar você fazer seu trabalho.

Ela riu. Parecia que ele sempre podia frustrá-la e diverti-la ao mesmo tempo.

— Hunter, por que será que tenho a impressão de que você está se empenhando ao máximo em tornar as coisas difíceis para mim?

— Você é bastante atenta. — Ele colocou o copo de lado e começou a brincar com as pontas do cabelo dela, de um modo que nunca a deixava indiferente. — Tenho na cabeça a imagem de uma mulher com um tipo romântico de beleza e uma mente ordenada e lógica.

— Hunter...

— Espere, estou dando forma a ela. Ela é ambiciosa, temperamental, altamente sensual sem, no entanto, perceber inteiramente isso. — Ele podia ver que os olhos dela ficavam cada vez mais nublados, como o céu acima deles. — Ela está no meio de uma coisa que não consegue nem explicar nem entender. Tudo acontece ao redor dela e ela acha cada vez mais difícil se distanciar dos acontecimentos. E tem um homem, um homem que ela deseja, mas em quem não confia nem um pouco. Ele não lhe oferece as explicações lógicas que ela quer, mas as explicações ilógicas que oferece parecem assustadoramente próximas da verdade. Para confiar nele, será preciso

que ela dê as costas para a maioria das coisas que acredita ser verdadeiras. Se não o fizer, ficará só.

Ele estava falando com ela, sobre ela e para ela. Lee sabia que sua boca estava seca e as palmas das mãos úmidas, mas não sabia se era por causa das palavras dele ou por causa do leve toque dos dedos dele em seu cabelo.

— Você está tentando me assustar tecendo uma trama em torno de mim.

— Estou tecendo uma trama em torno de você — concordou Hunter. Se a estou assustando ou não, depende do êxito de minha trama. Sombras e tempestades são minha área de trabalho.

— Como a confirmar suas palavras, relâmpagos riscaram o céu.

— Mas todos os escritores precisam de um contraste. Pele macia e branca... — Ele passou a mão no rosto dela. — Cabelo macio com toques de ouro e fogo. Contrastando com isso, tenho escuridão, vento, vozes que falam das sombras. Lógica contra o impossível. O indizível contra a beleza elegante e refinada.

Ela engoliu para aliviar a secura na garganta e tentou falar normalmente:

— Imagino que deveria me sentir lisonjeada, mas não tenho certeza se quero me ver num personagem de uma história de terror.

— Isso nos faz voltar novamente ao destino, não? — Um raio explodiu na noite enquanto seus olhos se encontravam uma vez mais.

— Preciso de você, Lenore — murmurou ele — para a história que preciso contar... e mais.

Os nervos dela estavam à flor da pele, mais frenéticos ainda por causa das horas relaxadas.

— Vai chover.

Mas a voz de Lee não estava calma nem equilibrada. Seus sentidos já estavam em frangalhos. Quando tentou se levantar, descobriu que a

mão estava presa na dele e que ele estava se levantando com ela. O vento soprava, levantando as folhas, despertando desejo, a luz esmoreceu até se tornar uma sombra. Trovões ribombavam.

O que ela via nos olhos dele a fizeram primeiro estremecer e depois esquentar seu sangue numa velocidade tão rápida que não pôde suportar a mudança. Ele segurava sua mão com delicadeza. Poderia se soltar, se quisesse. Era o olhar dele que sugava sua vontade. Ali ficaram, as mãos se tocando, olhos nos olhos, enquanto a tempestade ao redor deles, rugia enlouquecida.

Talvez a vida fosse feita das escolhas das quais Hunter falara! uma vez. Talvez a sorte regesse o equilíbrio. Mas no momento, por pouco mais do que um segundo, Lee acreditou que o destino governava tudo. Ela fora feita para ficar com ele, para se dar a ele, sem mais chances de escolha do que um dos personagens que a imaginação de Hunter inventava.

Então o céu abriu. A chuva desabou. Aturdida por ficar subitamente encharcada, Lee se afastou, rompendo o contato. Mas ainda por vários segundos ficou parada enquanto a água caía em sua cabeça e os raios iluminavam o céu em assustadoras rajadas.

— Droga! — Mas ele sabia que ela estava falando dele e não da tempestade. — E agora, o que faço?

Hunter sorriu, quase não resistindo à ânsia de agarrar-lhe a cabeça e beijá-la até que suas pernas ficassem bambas.

— Direto para a terra seca. — Ele continuava a sorrir apesar da chuva, do vento, dos raios.

Molhada, impaciente e zangada, Lee engatinhou para dentro da barraca. Ele está se divertindo com tudo isso, pensou, arrancando os cadarços encharcados de suas botas. Não há nada que mais agrade a ele do que me ver na pior. Provavelmente levaria uma semana para as botas secarem, pensou ela, carrancuda, ao conseguir arrancar a primeira.

Quando Hunter deslizou para dentro da barraca, ela nada disse. Concentrar-se na raiva parecia ser a melhor solução. O barulho da chuva na barraca parecia fazer o espaço interno encolher. Ela jamais ficou tão próxima dele, ou de si mesma. Água escorria desconfortavelmente por seu pescoço enquanto se inclinava para retirar as meias.

— Não acho que vá durar muito. Hunter tirou a camisa encharcada.

— Eu não teria esperanças de ela terminar muito antes do amanhecer.

— Maravilhoso.

Ela tremia e imaginava como, em nome de Deus, conseguiria tirar a roupa molhada e trocar por outra seca. Hunter acendeu a lanterna que carregava consigo.

— Relaxe e ouça. É diferente da chuva na cidade. Não há zunido de pneus no asfalto molhado, não há buzinas, não há pés

Ele pegou uma toalha e começou a secar-lhe o cabelo.

— Eu posso fazer isso.

Ela se esticou, mas ele continuou a massagem.

— Gosto de fazer isso. Fogo molhado — murmurou ele. — É isso que me lembra o seu cabelo agora.

Ele estava tão perto que ela podia sentir o cheiro da chuva nele. O calor do corpo era tentador e a atraiu subitamente. Teria a chuva ficado mais forte de repente, ou seus sentidos estariam mais sensíveis? Por um momento, pensou poder ouvir cada pinga caindo na barraca. A luz era tênue, um cinza esfumaçado com toques de sobrenatural. Lee teve a sensação de ter sempre estado em fuga daquele lugar isolado. Ou talvez fugisse ao encontro dele.

— Você precisa fazer a barba — murmurou ela, e percebeu que sua mão já se aproximava para tocar a barba crescida no rosto dele —

Isso o esconde demais. Você já é muito difícil de se mostrar.

— Sou? — Ele passava a toalha pelo cabelo dela, às vezes aliviando, às vezes excitando.

— Você sabe que é. — Ela agora não queria se desviar daquele olhar que instilava tanto calor em sua pele gélida e úmida. Relâmpagos iluminavam intensamente o céu e a barraca antes de mergulharem de volta na escuridão. Mas, ainda assim, em meio à escuridão, ela conseguia enxergar tudo o que precisava enxergar, talvez mais do que desejasse. — O meu trabalho é descobrir mais, descobrir tudo.

— E é meu direito falar somente o que eu quiser.

— A gente simplesmente não vê as coisas da mesma maneira.

— Não.

Ela pegou a toalha e, quase sonhando, começou a enxugar o cabelo.

— Não faz sentido ficarmos juntos desse jeito.

Ele jamais sentira as garras do desejo. Se não tocasse nela já, seria despedaçado.

— Por quê?

— Somos diferentes demais. Você procura o inexplicável, eu procuro o lógico. — Mas a boca de Hunter estava tão próxima à dela, e os olhos dele eram tão poderosos. — Hunter... — Ela sabia o que estava para acontecer, reconheceu a impossibilidade e a dor que se seguiria a tudo aquilo. — Não quero que isso aconteça.

Ele não a tocou, mas estava certo de que logo enlouqueceria por não fazê-lo.

— Você não tem escolha.

— Não. — As palavras saíram tranquilas, quase como um sussurro. — Acho que não tenho. — Ela deixou a toalha cair. Viu o tremeluzir da luz e esperou seu coração bater três vezes até trovejar a resposta: — Talvez nenhum de nós tenha escolha.

A respiração dela já estava instável quando sua mão se aproximou dos ombros nus dele. Havia força ali. Ela queria sentir, mas sempre tivera medo. Os olhos dele nunca deixaram os seus enquanto ela o tocava. Embora a força do desejo lhe apertasse o estômago, ele deixou que ela impusesse o ritmo naquela primeira vez, na primeira e mais importante vez.

Os dedos de Lee eram longos, e ele sentia a maciez e a calma em sua pele. Eram menos cautelosos do que hesitantes. Percorriam seus braços, moviam-se lentamente por seu tórax e costas até que o desejo estivesse tão tenso quanto um arco pronto para ser disparado. O som da chuva batucava na cabeça dele. O rosto de Lee estava branco e elegante na tênue luminosidade. A barraca se tornou, de repente, grande demais. Ele a queria num espaço que fosse tão pequeno que só possibilitasse os dois se moverem juntos.

Ela quase não acreditava que pudesse estar tocando-o daquela maneira, livremente, abertamente, a tal ponto que a pele dele tremia sob os dedos. O tempo todo Hunter olhava-a com uma paixão tão intensa que talvez a aterrorizasse se ela não estivesse tão enlouquecida com seu próprio desejo. Com cuidado, temerosa de dar um passo errado e quebrar o encanto de ambos, aproximou sua boca. A aspereza da barba era um impressionante contraste com a maciez de seus lábios. Ele lhe retribuía tanta paixão, tanto calor. E sem pressioná-la em nada. Ela jamais conhecera alguém que pudesse dar sem tomar. Essa generosidade era para ela o extremo da sedução. Naquele momento, qualquer reserva que estivera cultivando foi levada com as águas. Os braços dela no pescoço dele, os rostos colados.

— Faça amor comigo, Hunter.

Ele afastou-se dela, apenas o suficiente para poderem se ver novamente. O cabelo dela estava úmido. Os olhos estavam tão nebulosos quanto o céu uma hora antes.

— Vamos nos amar juntos.

Os lábios dela se abriram. Seu coração se abriu. Ele invadiu sua boca.

— Vamos nos amar juntos.

Então as mãos dele agarraram-lhe a cabeça, e o beijo foi tão delicado que anestesiou todas as células do seu corpo. Ela sentiu quando ele arrancou sua camisa molhada, e tremeu apenas uma vez antes dele aquecê-la. Ela podia sentir o corpo dele forte contra o seu, tão sólido. E ainda assim suas mãos a acariciavam da mesma maneira que um joalheiro acaricia uma joia rara. Hunter suspirou quando ela o tocou. Então ela tocou novamente, na intenção de dar prazer assim como tinha recebido.

Ela imaginou que o pânico voltaria, ou pelo menos a ânsia de sair correndo. Mas eles tinham se dado todo o tempo do mundo. A chuva podia cair, o trovão podia ribombar. Não os atingia. Ela saboreou fome em seus lábios, mas ele se controlou. Comería em colheradas, lentamente. Uma sensação de prazer borbulhava em seu corpo e saía pelos lábios.

A boca em seu seio fez o desejo saltar para outra dimensão. Mas Hunter continuava sem pressa, mesmo com Lee se inclinando em direção a ele. A língua não parava, os dentes quase a devoravam, até que ele sentiu o desejo enlouquecido vibrar por todo o corpo dela. Só pensava nele agora, Hunter sabia disso, mesmo lutando para manter as rédeas de sua própria paixão. Ela teria muito mais. Teria tudo. E ele também. Por Deus, com certeza teria.

Quando começou a lutar com a pressão dos jeans dele, Hunter permitiu que ela fizesse seu próprio caminho. Ele queria um contato total com ela, carne com carne, corpo com corpo, sem barreiras. Em sua cabeça, ele já a despira, como agora, dezenas de vezes. O cabelo dela estava fresco e molhado, a pele macia e cheirosa. Flores de primavera e chuva de verão. Os aromas penetravam nele enquanto a agilidade das mãos dela se intensificava.

A respiração de Lee estava desigual ao arrancar a calça jeans molhada dele. Ela reconheceu força, poder e controle. Era a última etapa a superar para conseguir o que desejava.

Onde podia alcançar, ela tocava, saboreava, se encharcando de prazer a cada momento em que ouvia a respiração dele tremer. O short dela foi vagarosamente retirado de seu corpo por mãos habilidosas até que não lhe restou mais do que o triângulo de renda abaixo da cintura. Com a boca, ele se aventurou mais abaixo no corpo dela, lentamente, até que as cerdas da barba despertassem cada poro. Sua língua deslizou para baixo da renda, fazendo-a gemer. Então, tão abruptamente quanto a tempestade tinha chegado, Lee se perdia num emaranhado de sensações tão obscuras, tão profundas, que fugia a sua compreensão. -

Ele sentiu sua explosão, e o poder impregnou-se nele. Ele a ouviu chamar seu nome, e a ânsia de ouvir novamente quase o esmagou. Hunter se agarrou a ela e conteve o último e desesperado desejo até que ela abriu os olhos. Estaria olhando para ele quando gozassem juntos. Ele prometera isso a si mesmo.

Atordoada, tremendo, exaltada, Lee olhou para ele. Hunter parecia invencível.

— O que você quer de mim?

A boca dele foi ao encontro da dela e, pela primeira vez o beijo foi forte, urgente, quase brutal, com a força da paixão finalmente liberada.

— Tudo. — Ele mergulhou nela, catapultando ambos para bem perto do limite total. — Tudo.

Capítulo 8

A madrugada estava tão transparente quanto um copo de cristal. Lee acordou lentamente, nua, aquecida e, pela primeira vez em mais de uma semana, confortável. E, pela primeira vez em mais de uma semana, ela acordou sem ter certeza absoluta de onde se encontrava.

Sua cabeça estava aninhada na curva do ombro de Hunter, o corpo virado na direção do dele por vontade própria e pelo peso do braço que a segurava com firmeza. Havia uma sensação de entorpecimento que era uma mistura de segurança e excitação. Sua memória não conseguia registrar uma experiência tão intensa quanto aquela.

Antes de ficar inteiramente desperta, sentiu a fragrância da chuva que permanecera em sua pele e lembrou. Ao lembrar, respirou, sorveu profundamente aquele aroma.

Era como um sonho, como alguma coisa imersa numa fantasia subconsciente, ou como uma cena vinda diretamente da imaginação. Ela jamais havia se oferecido tão livremente, tão completamente para alguém antes. Jamais. Lee sabia que nunca antes alguém a excitara tanto.

Ainda podia sentir o toque dos lábios dele nos seus, e todas as dúvidas, todos os medos, desaparecendo no delicado contato.

Deveria sentir-se tão contente agora que a chuva parara e a madrugada surgia? Fantasias eram para as horas particulares da noite, não para a luz do dia. Afinal, não havia sido um sonho. Não havia por que fingir que havia sido. Talvez devesse estar apavorada por ter lhe dado exatamente o que ele pedira: tudo.

Não poderia. Não, era mais do que isso, percebia ela. Não ficaria apavorada. Nada, ninguém, estragaria o que havia acontecido, nem mesmo ela própria.

Mesmo assim, talvez fosse melhor ele não perceber ainda como havia vencido completamente. Lee deixou os olhos fechados e abraçou a sensação de proximidade ao seu redor. Pelos próximos dias, não haveria escrivadinha, máquina de escrever e nem telefone tocando com mais cobranças. Não haveria nenhuma rotina de trabalho auto-imposta. Pelos próximos dias, estaria sozinha com seu amante. Talvez houvesse chegado a hora de colher aquelas flores selvagens.

Ela inclinou a cabeça na intenção de olhar para ele, mas sem acordá-lo. Ao longo da semana haviam passado muito tempo numa grande intimidade, mas ela nunca o vira dormindo. Ele sempre acordava mais cedo e preparava ao café. Ela queria o luxo de poder absorvê-lo num momento em que ele não pudesse perceber.

Lee sabia que a maioria das pessoas parecia vulnerável, talvez mais inocente, dormindo. Hunter parecia igualmente perigoso e excitante como sempre. Aqueles olhos escuros e penetrantes estavam escondidos, era verdade, mas saber que as pálpebras podiam se abrir a qualquer momento e os olhos podiam apunhalar com aquele estranho poder não acrescentava nenhuma inocência ao rosto dele, somente mais um pouco de mistério.

Lee descobriu que não queria essa inocência nele. Estava contente com o fato de ele ser mais perigoso do que qualquer outro homem que conhecera antes. De maneira estranha, estava contente por ele ser difícil. Não se apaixonara pelo comum, pelo rotineiro, mas pelo singular.

Apaixonara-se. Ela repetiu a frase na cabeça, deixando-a de lado e depois a trazendo de volta com o cuidado que lhe era característico. A frase desencadeava uma torrente de inquietação, indicava em si algum tipo de sofrimento. Hunter não havia ele próprio lhe avisado para testar o solo antes de dar um passo à frente? Apesar do aviso, ela não testou. Mesmo à beira do abismo, não testou o lugar onde pisaria. Sua queda fora leve. Dessa vez. Lee sabia que era bem possível tropeçar e ser destruída.

Não pensaria nisso. Ela se permitiu o prazer de se aconchegar. Encontraria aquelas flores selvagens e aproveitaria cada pétala delas. O

sonho terminaria logo, logo, e retornaria para a realidade de sua vida. Era, com certeza, o que ela desejava. Ficou imóvel por um momento, apenas ouvindo o silêncio.

A coisa sensata a fazer, pensou preguiçosamente, seria estender as roupas molhadas para secar ao sol. Suas botas certamente estavam encharcadas, mas, por enquanto, podia contar com o par de tênis. Bocejou, pensando que queria também algum tempo para escrever em seu diário. A respiração de Hunter estava lenta e estável. Ela deu um sorriso. Podia fazer tudo aquilo e depois voltar e acordá-lo. Acordá-lo, do jeito que quisesse, era um privilégio de amante.

Amante. Analisando o rosto dele uma vez mais, ela imaginou por que não se sentiu particularmente surpreendida com a palavra. Seria possível que tivesse reconhecido tudo desde o início? Tola, disse para si mesma e balançou a cabeça.

Lentamente, foi se afastando dele e começou a rastejar até a frente da barraca para sair. Quando estava alcançando o zíper, foi segura pelo tornozelo. Hunter estava com a outra mão embaixo da cabeça, observando-a.

— Se você sair dessa maneira, vai ser difícil manter todo mundo afastado desse acampamento por muito tempo.

Como estava nua, o olhar arrogante que ela lhe lançou perdeu a intensidade.

— Eu estava apenas dando uma olhada lá fora. Pensei que você estivesse dormindo.

Ele sorriu e pensou que ela era a única mulher que podia manter-se com alguma dignidade estando de quatro numa barraca, nua em pelo. Distraidamente, deu uma pancadinha no tornozelo dela.

— Acordou cedo.

— Pensei em colocar essas roupas para secar.

— Muito prático. — Percebendo que ela estava se sentindo um pouco desconfortável, Hunter se sentou, agarrou seu braço e a fez

tombar para trás, esparramada sobre ele. Satisfeito, ele a segurou contra si e suspirou. — Faremos isso mais tarde.

Sem saber se ria ou se reclamava, Lee tirou o cabelo da frente dos olhos ao se apoiar sobre um cotovelo.

— Não estou cansada.

— Você não precisa estar cansada para se deitar. — E então rolou para cima dela. — Isso se chama relaxar.

Com o corpo dele se ajustando sobre as curvas do seu, Lee sentiu o calor invadi-la. Todos os seus nervos entraram em ação.

— Não creio que isso tenha muito a ver com relaxar.

— Não? — Ele queria vê-la daquela maneira, na tênue luz da madrugada, o cabelo despenteado em suas mãos, a pele pujante recém-desperta, os membros pesados por causa de uma noite de amor e alerta para muito mais. Ele passou a mão pelo corpo dela com um ímpeto de posse que não era nem um pouco confortável e, além disso, bastante inesperado. — Então nós vamos relaxar mais tarde também. — Viu os lábios de Lee formarem um delicado sorriso antes de ser abalroados pelos dele.

Hunter não tinha dúvida de que a queria agora, da mesma maneira em que a quis durante todos aqueles dias e noites que passaram ali. Ele raramente tinha alguma dúvida quanto a sentimentos, porque confiava neles. Ela o abraçou e beijou. Estar se entregando assim tão completamente inundou-o de calor e desejo. Hunter ergueu a cabeça e olhou para ela.

Pele branca sobre um rosto de duquesa, olhos azuis como o céu crepuscular e cabelos ruivos com tons dourados. Hunter deu-se o prazer de olhar para ela, de cima a baixo, lentamente.

Ela era pequena, lisa e macia. Ele passou a ponta de um dedo pela curva de um ombro e estudou o contraste de sua pele contra a dela. Frágil, delicada — mas ele lembrou quanta força ela tinha dentro de si.

— Você sempre me olha como se soubesse tudo o que há para saber sobre mim.

A intensidade nos olhos dele permaneceu quando pegou-lhe a mão.

— Não é suficiente. Não é nem um pouco suficiente. — Com o mais leve dos toques, beijou o seu ombro, a testa e depois os lábios.

— Hunter... — Ela queria dizer-lhe que ninguém jamais a fizera sentir o que estava sentindo naquele momento. Queria dizer-lhe que ninguém jamais a fizera querer tanto acreditar em magia e em contos de fada e na simplicidade do amor. Mas quando ia começar a falar, a coragem desapareceu. Tinha medo de arriscar, medo de fracassar. Em vez disso, acariciou-lhe o rosto e disse: — Me beije outra vez.

Ele compreendeu que havia algo mais, algo que precisava saber. Mas também entendia que quando algo frágil era manuseado de forma rude, quebrava. Fez como ela pedira e sentiu o sabor quente e misterioso de sua boca.

Macia... suave... sedosa. Era como ele conseguia deixá-la com apenas um beijo. O chão era duro e rígido sob o magro colchão da barraca, mas era como se fosse uma luxuosa pilha de penas. Era tão fácil esquecer onde estava, com ele junto dela daquele jeito, esquecer que um mundo existia fora daquele pequeno espaço que dois corpos requisitavam. Ele podia fazê-la flutuar, e ela jamais imaginou o quanto queria que isso acontecesse. Podia fazê-la sentir dor, e ela jamais imaginou que pudesse sentir prazer com isso, Ele falava palavras que não precisava entender. Ela desejava e era desejada, queria e era querida. Ela amava...

Com um desarticulado murmúrio de aceitação por qualquer coisa que ele pudesse lhe oferecer, Lee puxou-o para mais próximo de si. Mais próximo. O momento era tudo o que importava,

Profundo, inebriante, suave, o beijo continuava infinitamente.

Até mesmo uma imaginação tão fluida quanto a dele não havia fantasiado nada tão doce, nada tão delicado. Era como se estivesse se

derretendo nele, dando tudo antes que Hunter pudesse pedir. Uma vez, apenas uma vez, apenas rapidamente, passou-lhe pela cabeça que era tão vulnerável quanto ela. A inquietação veio, estalando em seu cérebro. Então passou as mãos pelo corpo dele, acariciando, e ele aceitou a fraqueza.

Apenas uma única pessoa tivera o poder de conquistar seu coração daquela maneira. Agora eram duas. O momento para lidar com esse assunto era o dia seguinte. Agora o momento era só para eles.

Sem pressa, percorria toda a extensão do seu rosto com beijos. Talvez fosse uma espécie de homenagem à beleza. Talvez fosse mais, muito mais. Ele não questionou seus motivos ao passar pelo declive da bochecha. Havia uma pressa que jamais experimentara antes, mas sem a urgência que esperara. Ela estava ali à disposição pelo tempo que fosse necessário. Ele entendia isso, sem necessidade de palavras.

— Você está cheirando a primavera e chuva — murmurou no ouvido dela. — Por que isso está me deixando louco?

As palavras vibraram nela, tão excitantes quanto a mais íntima carícia. Os olhos dela, densos, enevoados, encontraram os dele.

— Me mostre como. Me mostre de novo.

Ele a amava com tanta generosidade! Cada toque era um prazer em separado, cada beijo um sabor de luxúria. Paciência — havia mais paciência nele do que nela. Seu corpo se debatia entre a mais pura satisfação e o desejo, até que a razão se tornou inalcançável.

— Aqui, — Ele deu uma leve mordida no seio, ouvindo e se excitando com sua respiração entrecortada. — Você é pequena e macia. Aqui. — Ele levou a mão até a cintura e a coxa. — Você é rígida e magra. Não consigo parar de tocar, parar de saborear. — Ele levou o bico do seio até a boca, trazendo-a mais ainda para si, centralizando os corpos.

— Hunter. — Seu nome quase não foi ouvido, mas o som foi suficiente para levá-lo à loucura. — Eu preciso de você.

Deus, como ele queria ouvir isso! Lutando para compreender o que aquelas quatro palavras simples haviam desencadeado, ele enterrou a boca na pele dela. Mas não conseguia pensar, apenas sentir. Apenas desejar.

— Eu sou seu.

Somente com os lábios e as mãos, ele a conduziu ao primeiro êxtase.

Os movimentos dela embaixo dele tornavam-se enlouquecidos, os murmúrios ficavam frenéticos, mas ela não percebia. Tudo o que Lee sabia era que estavam colados um ao outro, corpo com corpo. Essa era a tempestade que ele lhe proporcionara na noite anterior, a liberação do poder, as urgências inesgotáveis. O carinho se tornou paixão com tanta rapidez que ela nada podia fazer exceto se deixar levar por ele, cega a seu próprio poder e às suas próprias demandas. Estava girando velozmente naquele mundo que ambos haviam criado para saber o quanto sua boca procurava a dele e como suas próprias mãos tinham certeza do que queriam. Lee conseguia dele tudo o que Hunter conseguia. Não parava de levá-lo ao êxtase e ele não parava de querer. Cada vez mais.

Gula. Ele jamais sentira tanta gula. Com o sangue pulsando em sua cabeça, berrando em suas veias, ele encaixou a boca na dela. Com as mãos segurando-lhe a cintura, rolou até ficar deitado sobre Lee. Ainda estavam com as bocas coladas quando se uniram, e o suspiro de prazer que ouviu-a soltar vibrou em todo o seu corpo. A força parecia aumentar cada vez mais, o que beirava o impossível. Ela imaginou que podia sentir cada músculo de seu corpo se mexendo sem parar. Força chamava força. Lee se lembrou do relâmpago, do trovão, e os reviveu novamente. Quando a tempestade começou, estava colada a ele, como se o calor tivesse fundido.

Minutos, horas, dias. Lee não tinha noção do tempo. Lenta mente, seu corpo se acalmou. Aos poucos, a pulsação voltou ao normal. Com o corpo colado ao dele, podia sentir cada detalhe da sua respiração, e teve

a mais tola das satisfações quando percebeu que ambos respiravam no mesmo ritmo.

— Que pena termos desperdiçado uma semana.

Com grande esforço, Hunter abriu bem os olhos e depois os manteve fechados ao acariciar-lhe o cabelo. Ela riu, porque ele não podia ver.

— Desperdiçamos?

— Se estivéssemos assim desde o início, eu teria dormido bem melhor.

— É mesmo? — Passando a mão no cabelo, Lee ergueu a cabeça.
— Você teve dificuldade para dormir?

Os olhos dele se abriram, preguiçosos.

— Raramente acho necessário acordar de madrugada, a não ser para escrever.

A onda de prazer fez sua voz ficar presunçosa. Ela pousou um dedo no ombro dele.

— É mesmo?

— Você insistia em usar aquele perfume para me deixar maluco.

— Deixar você maluco? — Ela cruzou os braços e franziu a testa.
— É uma aroma bem sutil.

— Sutil. — Ele passou levemente a mão pelo traseiro dela. — Como um martelo no plexo solar.

Ela quase deu uma gargalhada.

— Foi você quem insistiu em dividir a barraca.

— Insisti? — Fitou-a com um leve traço de bom humor. — Eu lhe disse para você que não tinha nada contra você dormir do lado de fora.

— Sabendo que eu não dormiria.

— Verdade, mas não esperava que resistisse a mim por tanto tempo.

Ela levantou a cabeça de súbito.

— Resistir a você? — repetiu ela. — Quer dizer que planejou tudo isso como uma cena de um livro?

Ele deu um risinho e apoiou a cabeça sobre os braços. Deus, ele não conseguia se lembrar de alguma vez ter se sentido tão livre, tão... completo.

— Deu certo.

— Típico — disse ela, desejando ter sido insultada e tentando, da melhor forma possível, agir como se estivesse. — Estou surpresa de haver espaço aqui para nós dois e ainda para seu ego inflado.

— E para a sua teimosia.

Ela sentou ao ouvir a palavra, as sobrancelhas desaparecendo embaixo das mechas despenteadas.

— Suponho que tenha imaginado que eu simplesmente... — ela representou com as mãos um círculo — cairia a seus pés.

Hunter pensou por um momento sobre aquilo, enquanto se dava o prazer de memorizar cada curva do corpo de Lee.

— Pode ter sido legal, mas eu havia imaginado alguns desvios no roteiro.

—Ah, é? — Ela imaginava se ele percebia que estava cada vez se enterrando mais num buraco sem fim. — Aposto que a gente pode inventar um monte de outros. — Ela pegou uma camiseta nova em sua bolsa. — Começando agora.

Quando começou a enfiar a camiseta pela cabeça, Hunter a agarrou e puxou. Lee tombou novamente sobre ele e sentiu que) ele lhe prendera a boca. Quando a liberou, ela estreitou os olhos.

— Você se acha bastante esperto, não?

— Acho sim. — Ele pegou-lhe o queixo na mão e a beijou novamente. — Vamos tomar café.

Ela engoliu uma gargalhada, mas os olhos a denunciaram.

— Patife.

— Tudo bem, mas continuo com fome.

Ele enfiou a camiseta nela antes de começar a se vestir. Lee se deitou e começou a vestir uma calça jeans.

— Não acha que, agora que tudo se resolveu, poderíamos terminar a semana num belo resorte.

Hunter pegou um par de meias novas. —Resorte! Não me diga que está tendo problemas em acampar, Lenore.

— Eu não diria problemas. — Ela meteu a mão numa das botas e sentiu o interior molhado. Resignada, pegou o tênis. — Mas tem a história de uma fantasia envolvendo uma banheira e uma cama macia. — Ela passou a mão nas costas. — Uma fantasia maravilhosa.

— Acampar requer uma certa quantidade de força e resistência — disse ele. — Acho que você atingiu seu limite e quer parar...

— Não falei nada sobre parar — retrucou ela, sabendo que perderia, não importava o caminho que seguisse. — Nós vamos terminar a droga das duas semanas — resmungou ela, e saiu da barraca.

Lee não podia negar que a qualidade do ar era esplêndida e a limpidez do céu era a mais perfeita que já vira em toda a sua vida. Nem que, se ele tivesse perguntado, teria ela dito para Hunter que queria voltar para Los Angeles. Era uma questão de conforto para criaturas básicas, pensou ela. Como submergir numa banheira com água quente e aromática e se esticar num colchão coberto com lençóis de linho. Certamente, não era nada mais do que a maioria das pessoas desejava no seu dia-a-dia. Mas, refletiu Lee, Hunter Brown não fazia parte da maioria das pessoas.

— Fabuloso, não? — Ele enlaçou-lhe a cintura, trazendo-a para si. Queria que ela visse o que ele estava vendo, que sentisse o que estava sentindo. Talvez quisesse demais isso.

— É um visual lindo. Quase não parece real.

Ela então suspirou, sem saber exatamente por que dissera aquilo. Por acaso Los Angeles pareceria mais real para ela quando esta última semana terminasse? Pelo menos ela compreendia os arranha-céus e as multidões nas ruas. Aqui — aqui ela parecia tão pequena, e aquele último degrau da escada que desejava galgar parecia tão insignificante.

Abruptamente, ela se virou e grudou nele.

— Odeio admitir, mas estou contente por você ter me trazido. — Ela descobriu que queria continuar grudando-se nele, queria continuar segurando-o firme, até que não houvesse mais o momento de soltá-lo. Deixou de lado todos os pensamentos do futuro e disse para si mesma que deveria se lembrar das flores selvagens. — Estou faminta — disse, conseguindo dar um sorriso ao se separar dele. — É sua vez de cozinhar.

— Uma pequena bênção.

Lee deu-lhe um leve empurrão antes de limparem os pratos que haviam deixado na chuva.

Na sua maneira rápida e eficiente, Hunter acendeu a fogueira e colocou os pedaços de bacon para fritar. Lee sentou-se e ficou absorvendo os aromas enquanto o observava quebrar os ovos na frigideira.

— Já comemos muitos ovos — comentou ela. — Como você consegue mantê-los frescos aqui?

Por estar observando as mãos dele, ela não percebeu o sorriso.

— Apenas mais um dos muitos mistérios da vida. Me passe um prato.

— Tudo bem, mas... Nossa... olha só! — O movimento que chamou a atenção dela foi proporcionado por dois coelhos suficientemente curiosos para ultrapassar o limite do acampamento e vir observá-los. O mistério dos ovos foi esquecido na pura e simples fascinação por algo que ela apenas começava a apreciar, — Todas as vezes que vejo um, me dá uma vontade de tocar.

— Se você conseguisse chegar perto o suficiente para tocar neles, veria que eles têm dentes bastante afiados.

Ela deu de ombros, encostou o queixo nos joelhos e continuou olhando para os visitantes.

— Os coelhinhos nos quais penso não mordem. Hunter foi ele próprio pegar um prato.

— Coelhinhos, pequenos esquilos felpudos e guaxinins fofinhos são bonitos de se ver, mas impossíveis de se conviver. Eu me lembro de ter tido uma longa e pesada discussão com Sarah sobre isso alguns anos atrás.

— Sarah?

Lee pegou o prato que ele lhe oferecia, mas sua atenção estava toda concentrada nele.

Até aquele momento Hunter não tinha percebido como havia se esquecido completamente de quem ela era e por que estava ali.

Ter mencionado Sarah de forma tão natural o fez lembrar de que deveria manter os sentimentos pessoais separados das questões profissionais.

— Alguém muito especial — disse ele, colocando os ovos restantes em seu prato. — Lembrou dos comentários de sua filha sobre paixões e ficar apaixonado. O sorriso não pôde ser contido. — Imagino que ela ia gostar de conhecer você.

Lee sentiu um calafrio, mas tentou ignorar. Não haviam dito nada sobre compromisso, nem sobre exclusividade. Eram adultos. Ela era responsável por suas próprias emoções e possíveis consequências.

— Você acha?

Colocou na boca o primeiro pedaço de ovo, mas não sentiu gosto nenhum. Seus olhos estavam fixos no anel que ele usava. Não era uma aliança, mas... Ela tinha de perguntar, precisava saber antes que as coisas avançassem demais.

— Esse anel que você usa — começou ela, satisfeita por sua voz estar estável — é bem diferente. Nunca vi nenhum parecido.

— E nem poderia. — Ele comia com um ímpeto de uma pessoa completamente contente. — Foi minha irmã que fez.

— Irmã? — Se o nome dela fosse Sarah...

— Bonnie cria os filhos e faz joias — prosseguiu Hunter —, mas não sei em qual ordem.

— Bonnie. — Ela assentiu com a cabeça e fez um esforço para continuar comendo. — Ela é sua única irmã?

— Só havia nós dois. Por alguma estranha razão, nos dávamos muito bem. — Ele lembrou daqueles primeiros anos quando lutava para aprender a ser pai e mãe de Sarah. Sorriu. — E ainda nos damos.

— O que ela acha de seu trabalho?

— Bonnie acredita piamente que todo o mundo devia fazer o que lhe dá prazer. Contanto que estejam casados e com meia dúzia de filhos. — Ele deu um risinho, identificando a pergunta não feita nos olhos de Lee.—Nesse ponto, eu a desapontei. — Parou por um instante, deixando o sorriso de lado. —Acha que eu poderia fazer amor com você tendo uma mulher à espera em casa?

Ela desviou o olhar para o prato. Por que ele sempre conseguia ler seus pensamentos e ela nunca conseguia ler os dele?

—Ainda não sei muita coisa de você.

Ele não sabia se tomara conscientemente a decisão naquele instante ou se sempre estivera preparado para isso.

— Pergunte.

Lee olhou para ele. Não importava mais se precisava saber pelo trabalho ou por si mesma. Simplesmente precisava saber.

— Você nunca se casou?

— Não.

— Isso é resultado de sua necessidade de privacidade?

— Não, é resultado de não ter achado ninguém que pudesse lidar com a maneira com a qual vivo e com meus compromissos.

Lee refletiu sobre aquilo, e achou que era um jeito bem estranho de falar.

— O fato de ser um escritor?

— É, isso também.

Ela começou a se aprofundar, mas decidiu mudar de direção. Perguntas pessoais poderiam gerar perguntas pessoais da parte dele.

— Você disse que nem sempre quis ser escritor, mas que, no entanto, nasceu para ser um. O que o fez descobrir isso?

— Acho que não foi uma questão de descoberta, mas de aceitação. — Compreendendo que ela queria algo específico, pegou um cigarro e ficou analisando a ponta. Ele tinha tão pouca certeza de por que estava respondendo quanto Lee de por que estava perguntando. — Deve ter sido no meu primeiro ano de faculdade. Sempre escrevi histórias, desde que me entendo por gente, mas estava firme na carreira de atleta. Aí escrevi uma coisa que deve ter engatilhado tudo. Não era nada fantástico — acrescentou, pensativo. — Uma trama bem básica com uma ambientação simples, mas os personagens me atraíram muito. Eu os conhecia tão bem quanto qualquer pessoa viva. Não havia mais nada que pudesse fazer na vida.

— Deve ter sido difícil. Publicar não é uma coisa nada fácil. Mesmo quando se inicia, não é algo particularmente lucrativo, a não ser que escreva best-sellers. Com seus pais mortos, você precisava se sustentar.

— Eu tinha experiência como garçom. — Ele sorriu, com mais facilidade agora. — E detestava aquilo. Às vezes é preciso arriscar tudo, Lenore. Foi o que fiz.

— Como se sustentou do momento em que se formou até o sucesso de A dívida do diabo?

— Eu escrevia.

Lee balançou a cabeça, esquecendo do prato quase cheio em seu colo.

— Os artigos e os contos não podem ter dado muita coisa. E aquele foi seu primeiro livro.

— Não, escrevi dezenas antes daquele. — Ele deixou escapar uma corrente de fumaça e alcançou o café. — Quer um pouco?

Ela se inclinou um pouco à frente, franzindo as sobrancelhas.

— Espere aí, Hunter, venho pesquisando sobre você há meses. Posso não ter conseguido muita coisa, mas conheço cada livro, cada artigo e cada conto que você escreveu, incluindo a maioria dos trabalhos que fez na universidade. Não há nenhuma chance de eu ter deixado escapar dezenas de livros.

—Você conhece tudo o que Hunter Brown escreveu — corrigiu ele e serviu-se de café.

— Foi exatamente o que eu disse.

— Você não pesquisou Laura Miles.

— Quem?

Ele saboreava o café e a conversa mais do que previra.

— Uma enorme quantidade de escritores usa pseudônimo. Laura Miles era o meu.

— Um nome de mulher? — Por um lado confusa e por outro atazanada por seu instinto de repórter, ela franziu o cenho. - Você

escreveu uma dezena de livros antes de *A dívida do diabo*, usando nome de mulher?

— Exato. Um dos problemas de escrever é que o nome pode projetar uma certa percepção em torno do autor. — Ele ofereceu a ela a última fatia de bacon. — Hunter Brown não servia para o tipo de coisa que eu fazia na época.

Lee deu um suspiro de frustração.

— Que tipo de coisa você fazia?

— Escrevia romances água com açúcar. Ele arremessou o cigarro no fogo.

— Escrevia... você?

Ele analisou o rosto incrédulo de Lee antes de recostar-se novamente. Estava acostumado com a crítica desse tipo de ficção e quase sempre, se divertia com ela.

— Você tem alguma objeção ao gênero como um todo, ou ao fato de eu escrever esse tipo de coisa?

— Eu não... — Confusa, ela desistiu de tentar pôr ordem em seus pensamentos. — O problema é que simplesmente não consigo imaginá-lo escrevendo histórias de amor do tipo viveram-felizes-para-sempre. Hunter, acabei de ler *O grito silencioso*. Deixei a porta do quarto trancada por uma semana. — Ela passou a mão pelo cabelo enquanto ele a observava com tranquilidade. — Histórias de amor?

— A maioria dos romances tem algum tipo de relação com isso. Os de tipo água-com-açúcar apenas têm o amor como foco principal em vez de usá-lo como um artifício ou como um enredo secundário.

— Mas você não sentia que estava desperdiçando seu talento? — Lee conhecia a habilidade dele em prender o leitor desde a primeira página, desde a primeira sentença. — Eu entendo a questão de ter de colocar a comida na mesa, mas...

— Não — cortou. — Nunca escrevi por causa do dinheiro, Lenore, assim como o romance que você está escrevendo também não visa lucros financeiros. Quanto a desperdiçar meu talento, você não deveria olhar com desprezo para algo que não compreende.

— Sinto muito, não estou querendo parecer superior. Só estou... — Ela deu de ombros, completamente desamparada. — Só estou surpresa. Não, estou perplexa. Vejo esses livrinhos de bolso por toda a parte, mas...

— Jamais passou por sua cabeça ler algum deles — finalizou ele. — Você deveria. Eles são bons para você.

— Acho que sim, por pura diversão.

Ele gostou da maneira com a qual ela dissera aquilo, como se fosse algo para ser curtido em segredo, como um pirulito.

— Se um romance não diverte, não é um romance, só nos faz perder tempo. Imagino que você tenha lido Jane Eyre, Rebecca, E o vento levou, Ivanhoé.

— Sim, claro.

— Romances água-com-açúcar. Vários dos mesmos ingredientes estão presentes naqueles livrinhos coloridos.

Ele estava falando com muita seriedade. Naquele momento, Lee estaria disposta a deixar de lado metade dos livros de sua biblioteca particular para ter a oportunidade de ler uma história de Laura Miles.

— Hunter, quero colocar isso no artigo.

— Vá em frente.

Sua boca já estava aberta para a discussão esperada.

— Posso mesmo? Você não se importa?

— Por que deveria? Não tenho nenhuma vergonha do trabalho que fiz como Laura Miles. Na verdade... — Ele deu um sorriso, lembrando. — Gosto muito da maioria deles.

— Então por que... — Ela balançou a cabeça enquanto, inadvertidamente, comia um pedaço do bacon. — Droga, Hunter, por que nunca disse isso antes? Laura Miles é um segredo tão profundo e obscuro quanto tudo o mais em sua vida.

— Nunca encontrei antes alguma repórter para quem pudesse contar. — Ele se levantou, esticou-se e admirou a amplitude azul do céu. Assim como jamais encontrara antes alguma mulher com quem pudesse se casar. Hunter estava começando a imaginar se uma não tinha tudo a ver com a outra. — Não complique coisas simples, Lenore — disse ele, pensando alto. — Elas mesmas já se complicam naturalmente.

Ela colocou o prato de lado e se posicionou à frente dele.

— Então só mais uma pergunta.

Ele olhou para ela. Naquela manhã ela não se importara de permanecer com o cabelo desalinhado e sem maquiagem, ao contrário de todos os outros dias da viagem. Por um momento, imaginou se a repórter não estava ansiosa demais com o artigo ou se a mulher se achava envolvida demais com o homem. Gostaria de saber.

— Tudo bem — concordou ele —, mais uma pergunta.

— Por que eu?

Como poderia responder o que nem ele sabia? Como poderia responder à pergunta que ele próprio hesitava em fazer a si próprio? Pegou a cabeça dela e a beijou. Um beijo demorado, duradouro e novo, muito novo.

— Vejo algo em você — murmurou Hunter, segurando seu rosto de modo a analisá-la. — Quero algo de você. Mas ainda não sei o que vejo nem o que quero, e talvez jamais venha a saber. Essa resposta é suficiente?

Lee colocou suas mãos nos pulsos de Hunter e sentiu a vida pulsar através deles. Era quase possível acreditar que sua vida também estivesse pulsando neles.

— Tem de ser.

Capítulo 9

De pé em cima do penhasco, Lee admirava o canyon, os picos e os cumes, as ricas colinas vermelhas e os paredões escarpados. Parecia um filme. Pessoas, criaturas, histórias. Ela gostava de tudo aquilo mais ainda porque não havia percebido que poderia encontrá-los ali.

Jamais imaginara que a natureza pudesse ser tão exigente ou tão sedutora. Desconhecendo isso, como poderia ter imaginado que se sentiria em casa tão distante do mundo que conhecia e da vida que idealizara para si?

Talvez fosse o mistério, o pavor — os séculos de trabalho que a natureza levava para criar a beleza das rochas, os séculos que ainda tinha para trabalhar. A natureza moldara a paisagem, esculpira e criara sem dar nenhuma chance. Talvez tivesse sido a quietude que aprendera a ouvir, a quietude que ela aprendera a ouvir mais do que ela jamais ouvira som algum antes. Ou talvez tivesse sido o homem que descobrira no canyon, que estava lenta e inevitavelmente dominando cada aspecto de sua vida de uma maneira que não diferia muito da maneira como o vento, a água e o sol dominavam a forma de tudo ao seu redor. Ele também não daria nenhuma chance.

Eram amantes há apenas alguns dias, mas mesmo assim ele parecia saber onde ficavam as suas forças, as suas fraquezas. Ela aprendera sobre ele, passo a passo, sempre maravilhada por perceber que cada nova descoberta surgia tão naturalmente, como se ela sempre tivesse sabido de tudo. Talvez a intensidade viesse da brevidade. Lee quase podia aceitar a teoria, exceto pelo caráter atemporal que o convívio deles tivera.

Em dois dias ela deixaria o canyon, e o homem, e voltaria a ser Lee Radcliffe que moldara para si mesma ao longo dos anos. Voltaria ao ritmo de trabalho, escreveria o artigo e alcançaria outro degrau em sua carreira.

Que escolha haveria?, perguntou Lee a si mesma, ali em pé com o sol da tarde descendo sobre ela. Em Los Angeles sua vida tinha uma direção, um objetivo. Lá, tinha apenas uma meta: o sucesso. Aquela meta não parecia tão importante aqui e agora, onde somente ser, somente respirar já era suficiente. Mas este mundo não era o mundo onde ela viveria dia após dia. Mesmo se Hunter tivesse pedido, mesmo que ela quisesse, não conseguiria viver indefinidamente nesta existência sem horários e sem planejamento. Objetivo, imaginou ela. Qual seria seu objetivo aqui? Não poderia ficar sonhando para sempre à luz da fogueira.

Apenas dois dias. Fechou os olhos e disse a si mesma que tudo o que fizera e tudo o que vira ficariam para sempre gravados em sua memória. Por que o tempo restante tinha de ser tão curto? E o tempo à frente tão gigantesco?

— Tome aqui. — Hunter chegou e ficou ao lado dela, segurando um binóculo. — É sempre bom ver o mais longe possível.

Ela pegou o binóculo e riu, pelo jeito de ele dizer as coisas. A lente aproximou o canyon, que ficou abruptamente íntimo. Ela podia ver a água no riacho fazendo um barulho impossível de se ouvir daquela distância. Por que jamais notara como cada folha de árvore era tão singular? Podia ver outras pessoas que acampavam flanando perto de suas barracas ou se misturando com os turistas nas trilhas. Lee baixou o binóculo. Era muito invasivo.

— Você vai voltar ano que vem?

Ela queria poder levar consigo uma imagem dele ali, mirando a vastidão sem fim, rememorando.

— Se eu puder.

— Nada vai estar diferente — murmurou ela. Se ela voltasse, cinco, dez anos depois, o riacho ainda estaria serpenteando no mesmo lugar, as colinas continuariam de pé. Mas ela não podia voltar. Com esforço, espantou a melancolia e sorriu para ele. — Já deve estar quase na hora do almoço.

— Não dá para comer aqui. É quente demais. — Hunter enxugou o suor da testa. — Vamos descer e encontrar alguma sombra.

— Certo. — Ela podia ver a poeira que subia de suas botas à medida que caminhava. — Algum lugar perto do riacho. Olhou para a direita. — Vamos por aqui, Hunter. Ainda não caminhamos por ali.

Ele hesitou por um instante.

— Ótimo. — Segurou a mão dela e seguiram pela trilha escolhida.

Caminhar para baixo era sempre mais fácil do que para cima. Este era mais um fato inestimável que Lee gravara na memória ao longo das últimas duas semanas. E Hunter, apesar de estar segurando sua mão, não guiava nem tampouco ia na frente. Simplesmente seguia em frente. Como seguiria em frente daqui a 48 horas, pensou ela, e aumentou a passada para manter-se no mesmo ritmo dele.

— Vai começar seu novo livro assim que voltar para casa? Perguntas, pensou ele. Jamais conheceu uma pessoa com um estoque tão infinito de perguntas.

— Vou.

— Você às vezes fica com medo de sua criatividade acabar?

— Sempre.

Interessada na resposta, Lee parou por um momento.

— É mesmo? — Ela o imaginava como alguém que jamais sentisse medo de nada. — Eu pensava que quanto mais sucesso você adquiria, mais confiante ficava.

— O sucesso é uma divindade que nunca fica satisfeita.—Ela franziu o cenho, ligeiramente desconfortável com a descrição. — Sempre que encaro aquela primeira página em branco, imagino se vai ser possível começar, desenvolver e terminar.

— E como você faz?

Ele recomeçou a caminhar, o que a obrigou a acelerar o passo sob pena de ficar para trás.

— Conto a história. É tão simples e ao mesmo tempo tão dolorosamente complexo.

Assim era ele, pensou ela, simples e complexo. Lee refletia sobre suas palavras enquanto sentia a temperatura gradualmente mudar à medida que desciam.

Aquela parte do canyon parecia mais movimentada. Pensou até ter ouvido o motor de um carro, um som que não ouvia há dias. As árvores eram maiores, as sombras mais generosas. Que estranho, pensou ela, aqueles imensos e implacáveis paredões de rocha atrás dela, e uma pequena e aconchegante floresta à sua frente, Uma outra visão surreal? Então, olhando para baixo, enxergou algumas pequenas flores brancas. Pegou três e deixou o resto para alguma outra pessoa. Não viera atrás delas, lembrou-se ao coloca-las no cabelo, mas estava contente por tê-las encontrado.

— Como é que pode? — Ele se virou para vê-la encaixar a última flor no cabelo. O desejo por ela, por ela toda, cresceu tão rapidamente dentro dele que quase o deixou sem ar. Lenore. Ele não tinha nenhuma dificuldade em entender por que o personagem do poema de Poe chorara a perda dela até enlouquecer. — Você ficou mais linda ainda. Impossível. — Hunter tocou a ponta do dedo no rosto dela. Será que também ele ficaria louco chorando a perda dela?

O rosto dela, erguido na direção do sol, não necessitava de nada mais além da luminosidade de sua pele para torná-lo esplendoroso. Mas por quanto tempo, imaginou ele, por quanto tempo ainda ficaria ela contente de evitar o embelezamento artificial? Quanto tempo até que ela implorasse pela vida que idealizara para si mesma?

Lee não sorria porque os olhos dele não lhe permitiam. Ele a penetrava novamente com o olhar, à procura de algo... de algo. Ela não tinha certeza, mesmo se soubesse o que era, se poderia dar a resposta que ele queria. Em vez disso, fez o que Hunter fizera uma vez. Colocou as mãos nos ombros dele e o beijou. Com os olhos bem fechados, jogou a cabeça no peito dele.

Como poderia ela partir? Como não? Parecia não haver nenhuma direção na qual pudesse ir sem perder alguma coisa essencial.

— Não acredito em mágica — murmurou ela —, mas se acreditasse, diria que esse é um lugar mágico. Agora, de dia, é tranquilo. Sonolento, até. Mas, à noite, o ar fica cheio de espíritos.

Ele a apertou mais ainda contra si, colocando o pescoço em cima da sua cabeça. Será que ela repara o quanto é romântica?, imaginou ele. Ou o quanto luta para não ser? Uma semana atrás, talvez ela pudesse ter tido esse pensamento, mas jamais o expressaria. Daqui a uma semana... Hunter reprimiu um suspiro. Daqui a uma semana, ela não daria mais a mínima para a mágica.

— Quero fazer amor com você bem aqui — disse ele, tranquilamente —, com a luz do sol filtrada pelas folhas em direção a sua pele. À noite, imediatamente antes do orvalho aparecer. De madrugada, quando a luz surge entre rosada e cinza.

Emocionada, arrebatada pelo amor, ela sorriu para ele.

— E à meia-noite, quando a lua estiver bem alta e tudo passa a ser possível.

— Tudo é sempre possível. — Ele beijou primeiro uma bochecha, depois a outra. — Basta acreditar nisso.

Ela riu, um pouco trêmula.

— Você quase me faz acreditar nisso. Você me deixa com as pernas bambas.

Ele abriu um sorriso e a ergueu com firmeza.

— Assim é melhor?

Voltaria ela a sentir-se tão livre novamente? Lee enlaçou-lhe o pescoço e o beijou com toda a paixão que jorrava de dentro dela.

— É. E se você não me colocar no chão é capaz de eu querer que me carregue de volta para o acampamento.

O meio-sorriso apareceu-lhe no rosto.

— Afinal, decidiu que não está com fome?

— Como duvido muito que você tenha alguma coisa além de frutas secas e sementes de girassol naquela bolsa, não tenho nenhuma ilusão quanto ao almoço.

— Ainda tem alguns pedaços do bolo de chocolate aqui.

— Vamos comer.

Hunter a pôs no chão sem a menor cerimônia.

— Isso demonstra que o desejo básico das mulheres está centrado na comida.

— Só quero chocolate — discordou Lee. — Pode ficar com a minha parte de semente de girassol.

— Elas lhe fazem bem.

Ele enfiou a mão na bolsa e pegou alguns saquinhos de plástico.

— Eu aguento as passas — disse Lee, pouco entusiasmada —, mas dispenso as sementes.

Hunter deu de ombros e comeu duas de uma vez.

— Você vai ficar com fome antes do jantar.

— Fiquei com fome antes do jantar por duas semanas — rebateu ela e começou a procurar o pedaço de bolo na bolsa. — Não importa o quanto as sementes e nozes e os pequenos pedaços de damasco seco são bons para você, eles não substituem carne vermelha — achou um pequeno pedaço de bolo —, nem chocolate. Hunter a observou fechar os olhos de puro prazer enquanto se deliciava com o doce.

— Hedonista.

— Totalmente. — Ela abriu os olhos, sorrindo. — Gosto de blusas de seda, champanhe francês e lagosta com molho de manteiga. — Ela suspirou ao se recostar novamente, imaginando se Hunter estaria emocionalmente ligado ao último pedaço de bolo. — Eu aprecio tudo

isso, especialmente após uma semana de trabalho, para justificar o gasto.

Ele compreendia aquilo, talvez até bem demais. Ela não era uma mulher que gostava de ser sustentada e nem ele era homem de acreditar que as pessoas devessem ter vantagens na vida. Mas que futuro poderia haver num relacionamento em que duas pessoas não têm condições de se aclimatar uma com o estilo de vida da outra? Ele jamais impusera seu estilo de vida a outra pessoa, nem permitiria que alguém o desviasse de seu próprio. E ainda assim, agora que ele sentia o tempo se esgotando, os dias se acabando, ele imaginava se seria tão simples retornar, sozinho, como sempre havia imaginado que aconteceria.

— Você gosta de viver na cidade? — perguntou ele.

— É claro. — Não era possível dizer para ele que ela odiava a ideia de retornar, sozinha, para o que ela sempre imaginara ser a situação perfeita. — Meu apartamento fica a vinte minutos da revista.

— Conveniente.

E prático, refletiu ele. Parecia que ela sempre tendia a escolher o prático, mesmo que tivesse fantasias. Ele abriu o cantil e bebeu. Quando passou para Lee, ela aceitou. Aprendera a fazer diversos ajustes.

— Suponho que você trabalhe em casa.

— Sim.

Ela tocou inadvertidamente numa das flores em seu cabelo.

— Isso requer disciplina. Creio que a maioria das pessoas necessita da estrutura de um escritório distante de casa para ter êxito em alguma coisa.

— Você não precisaria.

Ela olhou para ele, desejando que pudessem conversar sobre coisas mais pessoais sem desencadear aquela tranquila sensação de

pânico. Melhor conversar sobre o trabalho ou sobre a meteorologia, ou sobre nada.

— Não?

— Você se controlaria muito mais do que qualquer supervisora ou relógio de ponto. — Ele mordiscou uma maçã. — Se focasse nisso, você terminaria aquele manuscrito em um mês.

Ela moveu os ombros freneticamente.

— Se trabalhasse oito horas por dia, sem mais nenhuma outra obrigação.

— O romance é sua única obrigação.

Ela conteve um suspiro. Não queria discutir e nem debater, não quando tinham tão pouco tempo pela frente para ficar juntos. Mas se não conversassem sobre o trabalho dela, talvez não pudesse impedir a si mesma de falar de seus sentimentos. Era um círculo sem fim.

— Hunter, você pode, como escritor, achar isso de um livro. Acho até que você é obrigado a pensar assim. Eu tenho uma profissão, uma carreira que demanda toneladas de horas e grande parte da minha atenção. Não posso simplesmente colocar isso entre parênteses enquanto especulo sobre minhas chances de ter um manuscrito publicado.

— Você tem medo de se arriscar.

Foi um golpe direto em sua área mais sensível, Ambos sabiam que a raiva dela era uma defesa.

— E se tiver? Trabalhei duro para chegar onde estou na revista. Tudo que fiz lá, e toda vantagem que recebi, ganhei por meus próprios méritos. Já me arrisquei bastante.

— Não se casando com Jonathan Willoby?

Fúria irrompeu rapidamente em seus olhos, o que o fez se interessar. Então aquilo ainda era uma questão dolorosa, percebeu Hunter. Bem dolorosa.

—Você se diverte com isso? — perguntou Lee. — O fato de eu não ter cumprido um acordo não verbalizado excita o seu senso de humor?

— Não exatamente. Mas me intriga o fato de ter renunciado a algo não verbalizado.

Pela maneira meticulosa com a qual ela tampava o cantil, ele mediu o quanto estava zangada. A voz estava fria e distante, como não a ouvia há dias.

— Minha família mantém relacionamento pessoal e profissional com os Willobys há muitos anos. O casamento era esperado de mim, e eu sabia disso desde que tinha dezesseis anos.

Hunter recostou-se numa árvore até encontrar uma posição confortável.

—E, nessa idade, não considerava esse tipo de expectativa antiquada?

— Como você poderia entender isso? — Espumando de raiva, ela se levantou. Os nervos que estiveram inoperantes por dias começaram a borbulhar novamente. Hunter quase os podia sentir renascendo nela. — Você disse que seu pai era um sonhador que ganhava a vida como vendedor. Meu pai era um realista que ganhava a vida participando de sociedades e delegando poderes. Ele tinha uma sociedade com os Willobys. Ele me delegou a missão de completar a fusão social e profissional fazendo com que eu me casasse com Jonathan. — Mesmo agora, o respeitável e frio planejamento lhe dava uma pontada de desgosto.— Jonathan era atraente, inteligente, e já tinha uma carreira de sucesso. Meu pai jamais imaginou a possibilidade de eu não aceitar o casamento.

— Mas você sim — apontou Hunter. — Por que continua insistindo em pagar por algo que era seu direito?

Lee foi na direção dele. Não lhe era mais possível responder com frieza, rebater com distanciamento.

— Você sabe o quanto me custa não fazer o que era esperado de mim? Tudo que eu fiz, durante toda a minha vida, foi feito essencialmente para a aprovação deles.

— E então resolveu fazer algo para si mesma. — Lentamente ele se levantou e a encarou. — Sua carreira é para você mesma, Lenore, ou continua tentando conseguir a aprovação deles?

Ele não tinha direito nem de perguntar aquilo nem de obrigá-la a procurar uma resposta. Abatida, virou-lhe as costas.

— Não quero discutir isso com você. Não é da sua conta.

— Não é? — Subitamente tão zangado quanto ela, Hunter voltou-se novamente para ela. — Não é? — repetiu.

Suas mãos seguraram os braços dele — em protesto ou em busca de apoio, ela não tinha certeza. Agora, pensou, agora talvez tivesse atingido o limite onde deveria parar, independente da instabilidade do terreno.

— Minha vida e a maneira pela qual vivo só dizem respeito a mim, Hunter.

— Não é mais assim.

— Você está sendo ridículo. - Ela jogou a cabeça para trás, de modo a fitá-lo nos olhos. — Essa discussão não tem qualquer propósito.

Alguma coisa estava crescendo tão rapidamente dentro de Hunter que ele nem teve a chance de combater ou racionalizar.

— Você está errada.

Ela começou a tremer sem saber por quê. Junto com a raiva, surgiu o pânico que reconhecia tão bem.

— Não sei o que você quer.

— Você. — Antes que pudesse identificar sua própria reação, já estava colada a ele. — Você toda.

A boca de Hunter atacou a dela sem a delicada paciência que lhe era usual. Lee sentiu uma pontada de medo, que foi quase imediatamente sufocada por um desejo galopante.

Ele a fizera sentir-se apaixonada antes, mas não tão rapidamente. O desejo já invadira seu corpo antes, mas não de maneira tão dolorosa. Tudo era como sempre foi quando ele a tocava e, ainda assim, tudo era tão diferente.

Seria raiva dele o que estava sentindo? Frustração? Paixão? Só sabia que o controle que ele dominava com tanta maestria, não existia mais. Algo atingira seu limite dentro dele, alguma coisa mais primitiva do que o que ele deixara transparecer antes. Dessa vez, ambos sabiam que a coisa poderia se soltar. O sangue dela borbulhava com a excitação descontrolada da antecipação.

Em segundos já estavam deitados no chão, imersos no aroma das folhas aquecidas pelo sol e da água refrescante. Sentiu a barba arranhar-lhe o rosto antes que ele enterrasse a língua em sua garganta. O que quer que o estava levando àquilo só lhe permitia juntar-se a ele até o fim que os esperava.

Hunter não questionava seu próprio desespero. Não podia. Se ela relutava em compartilhar certos detalhes pessoais com ele, seu corpo, no entanto, compartilhava inteiramente. Ele queria mais, tudo, embora dissesse a si mesmo que não era razoável. Mesmo naquele instante, sentindo o corpo dela se derretendo por ele, sabia que não ficaria satisfeito. Quando ela compartilharia os sentimentos com ele de modo tão livre quanto seu corpo? Pela primeira vez em sua vida, ele queria demais.

Pelejava no limite da razão, resistindo às sucessivas ondas de desejo que o acometiam. Esta não era a hora, nem o lugar e nem a maneira. Em sua mente, ele sabia disso, mas a emoção lutava para traí-lo. Ainda segurando-a contra si, enterrou a cabeça em seu cabelo e esperou o desvario passar.

Aturdida tanto com o rompante de paixão de Hunter com sua reação não questionadora, Lee ficou parada. Instintivamente, passou a

mão nas costas dele para tranquilizá-lo. Ela o conhecia suficientemente bem para entender que seu temperamento era raramente imprudente. Agora sabia o motivo.

Hunter ergueu a cabeça para olhá-la e percebeu num acesso de desgosto que os olhos dela estavam novamente desconfiados. As flores haviam caído do cabelo. Ele pegou uma delas e colocou na mão dela.

— Você é frágil demais para ser tratada assim de modo tão desajeitado.

Os olhos dele eram tão intensos, tão nebulosos, que lhe era impossível voltar a relaxar. Seus dedos subiam e desciam nas costas dele. Em alguma parte de seu cérebro encontrava-se um alerta que lhe dizia que ele desejava mais do que ela havia previsto, mais do que sabia como dar. Vá com calma, Lee ordenou a si mesma e, deliberadamente parou o movimento dos dedos. Ela sorriu, embora seus olhos permanecessem cautelosos.

— Eu deveria ter esperado até que a gente estivesse de volta à barraca para deixá-lo zangado.

Hunter compreendeu o que ela estava tentando fazer e ergueu uma sobrancelha. Nas vozes dos dois podia-se identificar uma tensão que ambos fingiam não perceber.

— Podemos voltar agora. Posso sacudir você um pouco mais. Com o pânico desaparecendo, ela lhe lançou um olhar suave.

— Sou mais forte do que aparento.

— É mesmo? — Ele também sorriu para ela. Tinha as longas horas da noite para pensar sobre o acontecido e sobre o que faria a respeito.
— Mostre-me.

Mais confiante do que deveria, Lee o empurrou com a intenção de afastá-lo. Ele não se moveu. A aparência de quem estava se divertindo que via no rosto dele a fez intensificar os esforços. Sem fôlego, sem êxito, deitou-se e franziu o cenho para ele.

— Você é mais pesado do que parece — reclamou ela. — Deve ter sido por causa de todas aquelas sementes de girassol.

— Seus músculos estão cheios de chocolate — rebateu ele.

— Só comi um pedacinho.

— Hoje. Pelas minhas contas, você comeu tudo.

— Pouco importa. — Ela franziu a testa com elegância. O nervosismo no estômago ainda permanecia. — Se você quer falar de hábitos pouco saudáveis, você é que fuma demais.

Ele deu de ombros, aceitando a verdade.

— Todo mundo tem o direito de ter um vício.

O sorrisinho dela tornou-se maldoso, depois picante.

— Esse é seu único?

Se o plano dela era tornar sua boca irresistível, conseguiu. Hunter se abaixou para abocanhar aquela doçura.

— Nunca fui de achar que prazeres são vícios.

Ela suspirou e passou os braços em volta do pescoço dele. Não tinham tempo suficiente para desperdiçar discutindo ou até mesmo pensando.

— Por que não voltamos para a barraca e você me mostra o que quer dizer com isso?

Ele riu e passou a beijá-la nos ombros. O riso dela se misturou com o dele até que ela enregelou subitamente ao olhar para o que estava parado à frente deles.

O medo a dominou. Não conseguiria nem gritar. Suas unhas curtas penetraram nas costas de Hunter.

— O que... — Ele ergueu a cabeça. O rosto dela estava pálido e imóvel. Embora o corpo estivesse rígido embaixo dele, pôde perceber que as mãos que penetravam em suas costas estavam vivas de pavor. Com os músculos tensos, ele se virou para olhar na direção do que ela

estava vendo. — Droga. — A palavra mal saía de sua boca quando 40 kg de músculo e pelo partiu para cima dele, Dessa vez o grito de Lee não foi reprimido.

Adrenalina nascida do pânico deu a ela a força para fazer com que os três rolassem para a beira da ribanceira. Enquanto atacava cegamente, Lee ouviu Hunter dar uma ordem incisiva seguida de um lamento.

— Lenore. — Os ombros foram seguros antes que ela pudesse ficar de pé. A única coisa que passava pela cabeça dela naquele instante era achar uma arma para se defenderem. — Está tudo bem. — Sem lhe dar escolha, Hunter a puxou para si. — Está tudo bem, eu prometo. Ele não vai lhe fazer mal.

— Meu Deus, Hunter! É um lobo!

Todos os pesadelos que ela lera ou ouvira a respeito de dentes e garras surgiram de imediato em sua cabeça. Abraçada a ele para protegê-lo e também proteger a si mesma, Lee virou a cabeça, Olhos prateados num manto prateado olhavam para ela.

— Não.—Ele sentiu a sensação do medo recente pululando dentro dela e continuou a tranquilizá-la. — Ele é apenas meio-lobo.

— Temos de fazer alguma coisa. — Deveriam sair correndo! Deveriam ficar sentados e totalmente imóveis? — Ele atacou...

— Saudou — corrigiu Hunter. — Confie em mim, Lenore. Ele não é feroz. — Perturbado e resignado, Hunter levantou a mão.

— Ei, Santanas, vem cá.

Um pouco constrangido por ter perdido o controle, o cão veio ao encontro dele com a cabeça baixa. Boquiaberta, Lee observou Hunter acariciar o espesso pelo prateado.

— Normalmente ele se comporta bem melhor — disse Hunter, suavemente. — Mas não me vê há quase duas semanas.

— Não vê você? — Ela colou mais ainda em Hunter. — Mas.,

— A lógica começou a se impor sobre o pânico assim que ela viu o cachorro lamber a mão de Hunter. — Você o chamou pelo nome — disse ela, trêmula. — Do que você o chamou?

Antes que Hunter pudesse responder, ouviu-se um farfalhar nas árvores atrás deles. Lee já estava arrumando fôlego para gritar novamente quando outra voz, alta e jovem, gritou de lá.

— Santanas! Volta aqui agora. Vou me meter numa encrenca.

— Com certeza — resmungou Hunter entre dentes. Lee voltou-se para fitar Hunter e perguntar:

— O que diabo está acontecendo aqui?

— Uma reunião — disse ele, simplesmente.

Confusa e com o coração ainda disparado, Lee observou a garota sair das árvores. O rabo do cachorro começou a bater no chão.

— Santanas! — Ela parou, as tranças escuras balançando para cima e para baixo. Ela sorria e mostrava as tranças de maneira desinibida. — Opa! — A rápida exclamação foi interrompida no momento em que Lee recebia um olhar longo e intenso, mas assustadoramente familiar. A garota meteu as mãos nos bolsos da bermuda. Lee arrastou o tênis gasto pelo chão. — Bem, oi.

— Os olhos dela passaram para Hunter alguns segundos antes de focalizar novamente Lee. — Imagino que vocês devem estar pensando o que estou fazendo aqui.

— Vamos tratar disso mais tarde — disse Hunter, num tom que as duas mulheres reconheceram como uma irritação masculina básica.

— Hunter... — Lee aproximou-se ainda mais. Traços de raiva e ansiedade tentavam compreender a confusão. Ela não conseguia desviar o olhar daqueles olhos escuros da garota que a encarava.

— O que está acontecendo aqui?

—Aparentemente, uma lição de boas maneiras — respondeu ele, de pronto. — Lenore, a criatura que neste momento está cheirando sua

mão é Santanas, meu cachorro. — Com um gesto dele, o grande e magro animal se sentou e levantou uma pata de modo amigável. Aturdida, Lee pegou a pata enquanto se virava para olhar o dono do cachorro. Ela viu o olhar de Hunter chegar até ela num misto de ironia e orgulho. — A garota que a está encarando de modo tão grosseiro é Sarah, minha filha.

Capítulo 10

Filha... Sarah... Lee virou a cabeça para mirar os incisivos e escuros olhos que eram uma cópia dos de Hunter. Sim, eram uma cópia. Foi como um golpe de ar. Ele tinha uma filha pequena? Esta garota linda e delgada, com uma boca encantadora e tranças presas por tiras de borracha de cores diferentes era a filha de Hunter? Eram tantas emoções contraditórias pulsando em seu interior que ela decidiu não dizer nada. Nada.

— Sarah. — A voz de Hunter penetrou o silêncio. — Essa é a srta. Radcliffe.

— Claro, eu sei, a repórter. Oi.

Ainda sentada no chão com o cachorro agora cheirando seu ombro, Lee sentiu-se uma completa idiota.

— Olá.

Ela esperava que a palavra não fosse tão ridiculamente formal como lhe parecia.

— Papai disse que eu não devia chamá-la de jeitosa porque jeitosa era mais para uma bandeja de frutas. — Sarah não inclinou a cabeça, como outras pessoas teriam feito, para analisá-la de um novo ângulo, mas Lee tinha a impressão de estar sendo medida e dissecada como um corpo sem vida. — Gosto do seu cabelo — declarou Sarah. — É a cor verdadeira?

— Definitivamente uma lição de boas maneiras — implicou Hunter, divertindo-se muito mais do que irritando-se. — Sinto muito, mas Sarah não passa de uma pirralha.

— Ele sempre diz isso. — Sarah movimentou os ombros finos e expressivos. — Mas não fala a sério.

— Até o presente momento. — Ele acariciava o pelo do cachorro imaginando como lidar com a situação. Lee continuava em silêncio, e os olhos de Sarah eram uma curiosidade só. — Leve o Santanas de volta para casa. Imagino que Bonnie esteja lá.

— Está. A gente voltou ontem porque lembrei que tinha uma partida de futebol e ela teve uma inspiração e não pôde aproveitá-la em Phoenix com todas as crianças correndo de um lado para outro como um bando de macacos.

— Entendo. — E embora entendesse, perfeitamente, Lee havia sido deixada patinando no escuro.—Vá indo, então. A gente vai logo atrás.

— Tudo bem. Vem, Santanas! — E então lançou um rápido sorriso na direção de Lee. — Ele parece bem feroz, mas não morde não.

A garota disparou no rumo de casa e Lee ficou imaginando se ela falara do cachorro ou do pai. Quando voltou a ficar sozinha com Hunter, Lee permaneceu estática e silenciosa.

— Peço desculpas pela falta de educação de minha família, se é o que você deseja.

Família. A palavra a arrebatou. Uma dose de realidade que a retirou bruscamente do sonho. Lee se levantou e limpou meticulosamente a calça jeans.

— Não há necessidade. — A voz dela estava calma, quase fria. Seus músculos estavam rígidos.—Já que o jogo acabou, eu gostaria que você me levasse até Sedona para que eu arranje um transporte até Los Angeles

— Jogo? — Com destreza, ele se levantou rapidamente, pegou na mão dela e interrompeu o nervosismo que a acometia. Era um gesto que já se tornara tão habitual que nenhum dos dois reparou. — Não há nenhum jogo, Lenore.

— Oh, você jogou muito bem. — A dor que ela não permitiria em sua voz estava bastante evidente nos olhos. Sua mão permaneceu fria e

rígida na dele. — Tão bem, na verdade, que até esqueci completamente que estávamos jogando.

A paciência o abandonou abruptamente, e sem aviso. Raiva ele podia administrar, com mais raiva ou com humor. Mas mágoa o deixava sem defesa, e sem ataque.

— Não seja idiota. Se houve algum jogo, ele acabou algumas noites atrás, na barraca.

— Acabou. — Lágrimas surgiram em seus olhos, surpreendendo-a. Com fúria e com asco de si mesma, se livrou delas, mas não antes de Hunter perceber. — Não, jamais acabou. Você é um excelente estrategista, Hunter. Você parecia estar sendo tão sincero comigo que nem me passou pela cabeça que você pudesse estar escondendo alguma coisa. — Ela tirou sua mão da dele, ansiando pelo luxo de dissolver naquelas lágrimas quentes e purificadoras. — Como é que você pôde? — perguntou ela. — Como é que pôde me tocar daquela maneira e mentir?

— Nunca menti para você.

A voz dele estava tão calma quanto a dela, os olhos igualmente apaixonados.

— Você tem uma filha. — Alguma coisa estalou dentro dela, a ponto de precisar apertar as mãos bem juntas para evitar destroçá-las. — Você tem uma filha quase adolescente e jamais mencionou isso. Você me disse que nunca havia se casado.

— Nunca me casei — disse ele, direto, e ficou à espera das inevitáveis perguntas.

Elas surgiram na cabeça, mas Lee achou que não podia fazê-las. Ela não queria saber. Se ela estava a ponto de tirá-lo completamente e imediatamente de sua vida, não podia fazer as perguntas.

— Você disse o nome dela uma vez e, quando perguntei, evitou responder.

— Quem perguntou, você ou a repórter?

Ela empalideceu, e o passo que deu para se afastar dele disse mais do que uma dezena de palavras.

— Se essa foi uma pergunta injusta — disse ele, sentindo que estava sendo cuidadoso —, me desculpe.

Lee reprimiu uma resposta amarga. Ele acabara de dizer tudo.

— Quero voltar para Sedona. Vai me levar ou eu mesma preciso arrumar um carro?

— Pare com isso. — Ele apertou-lhe os ombros antes que ela pudesse se afastar ainda mais.—Você fez parte da minha vida por alguns dias; Sarah faz parte de minha vida há dez anos. Eu não me arrisco com ela. — Ela via a fúria, que ele tentava combater, aparecer e desaparecer nos olhos dele. — Ela é assunto privado, entende? E continua privado. Não quero que a infância dela seja perturbada por fotógrafos perseguindo-a em partidas de futebol ou se pendurando em árvores em piqueniques da escola. Sara não é um item para as páginas fúteis de nenhuma revista.

— É isso o que você pensa de mim? — sussurrou ela.—Nós não fomos além disso? — Ela engoliu uma mistura de dor e deslealdade. — Sua filha não será mencionada em nenhum artigo que eu venha a escrever. Dou minha palavra de honra. Agora deixe-me ir.

Ela não estava falando apenas das mãos que a seguravam ali, e ambos sabiam disso. Ele sentiu uma onda de pânico que jamais teria previsto e experimentou uma sensação de culpa que o deixou desconcertado. Frustrado, ele olhou para ela. Jamais havia percebido que poderia vir a ser uma complicação.

— Não posso. — Foi dito com tanta simplicidade que o corpo dela gelou. — Preciso que você compreenda, e preciso de tempo para isso.

— Você teve quase duas semanas para me fazer compreender, Hunter.

— Droga! Você chegou aqui como repórter. — Ele fez uma pausa, como se estivesse esperando que confirmasse ou negasse, mas Lee não

disse nada. — O que aconteceu entre nós não foi planejado nem previsto por nenhum de nós. Quero que você me acompanhe até minha casa.

De alguma forma, ela conseguiu fitá-lo nos olhos.

— Continuo sendo uma repórter.

— Ainda temos dois dias, segundo nosso acordo. — A voz dele estava mais suave, as mãos mais delicadas. — Lenore, passe esses dois dias comigo, em minha casa, com minha filha.

— Você não tem problema em pedir coisa alguma, tem?

— Não. — Ela ainda se mantinha afastada dele. Não importava o quanto ele queria, Hunter sabia que ainda não era o momento certo de trazê-la mais para perto. — É importante para mim que você entenda. Me dê dois dias.

Ela queria dizer não. Queria acreditar que podia negar-lhe até mesmo aquilo e se virar e ir embora sem arrependimento. Mas ela se arrependeria, pensou, se voltasse para Los Angeles sem levar o que ainda lhe restava.

— Não prometo entender, mas vou ficar mais dois dias. Embora ela estivesse relutante, ele pegou em suas mãos e beijou.

— Obrigado. É importante para mim.

— Não me agradeça — murmurou ela. A raiva arrefecera tão naturalmente que ela nem se lembrava mais.—As coisas mudaram.

— As coisas mudaram há alguns dias. — Ainda segurando-lhe a mão, Hunter a conduziu na mesma direção que Sarah. — Depois volto para pegar as coisas.

Agora que o primeiro choque passara, o segundo acabava de surgir.

— Mas então você mora aqui no canyon.

— É isso aí.

— Quer dizer que você tem uma casa com água quente e uma cama normal, mas preferiu passar duas semanas numa barraca?

— Isso me relaxa.

— Mas isso é demais — resmungou ela.—Você me deixou tomando banho com água quase fria e me fez acordar com o corpo doendo sabendo que eu daria uma semana do meu salário por uma banheira com água quente.

— Eleva a moral — disse ele, mais confortável com a irritação dela.

— Uma ova. Você fez isso de propósito. — Ela parou e se virou para ele, com o sol salpicando as árvores ao redor. — Fez tudo isso de propósito só para ver até quando eu ia aguentar.

— Você esteve admirável. — Ele deu um sorriso sarcástico.— Confesso que para mim você não aguentava nem uma semana, quanto mais duas.

— Seu filho da...

— Não fique irritada — disse ele —, você pode tomar quantos banhos quiser nos próximos dois dias. — Ele a abraçou amigavelmente antes que ela pudesse evitar. E ele teria tempo, pensou, para explicar tudo sobre Sarah. Tempo, esperava ele, para fazê-la entender. — Vou até cuidar pessoalmente para que tenha aquela carne de boi que você tanto queria.

A fúria ressurgiu. O controle ruiu.

— Nem pense em ficar me protegendo.

— Pode deixar. Você não é uma mulher que possa ser protegida por homem nenhum. — Embora ela não acreditasse na resposta dele, a voz era branda e sincera e ele não estava rindo. — Estou gostando de você, e acho também que estou gostando da confusão que virou o plano que bolei. Pode acreditar em mim, não era minha intenção que você descobrisse que eu morava perto do acampamento da maneira como você descobriu.

— E como queria que eu descobrisse?

— Quando eu lhe oferecesse um tranquilo jantar à luz de velas na nossa última noite. Tinha esperança que você entenderia o... bem, o humor da situação.

— Você teria se desapontado — disse ela, com firmeza, e depois avistou a casa escondida nas árvores.

Era menor do que ela imaginara, mas as enormes áreas envidraçadas no meio das árvores faziam com que ela parecesse ocupar um maior espaço do terreno. Lembrava-lhe casas de boneca e contos de fada, embora ela não soubesse dizer por quê. Casas de boneca eram arrumadas e formais e revestidas de laços e ornamentos. A casa de Hunter era formada de ângulos estranhos e cumes surpreendentes. Uma varanda percorria a frente, onde o telhado arqueava-se no alto. Plantas podiam ser vistas ao longo da balaustrada — gerânios vermelhos em vasos verdes. O telhado descaía uma vez mais para depois se estabilizar por sobre um paralelogramo com janelas do chão até o teto. No pátio que se projetava dele, uma cadeira branca de vime estava virada para baixo perto de uma bola de futebol usada.

As árvores se fechavam em torno da casa. Fechavam, pensou Lee. Protegiam, abrigavam, escondiam. Era como uma casa de uma peça de teatro, ou... Lee parou, estreitou os olhos e a analisou novamente.

— Essa é a casa de Jonas Thorpe em O grito silencioso. Hunter sorriu, bastante satisfeito por ela ter identificado tão rapidamente.

— Mais ou menos. Eu queria colocá-lo em isolamento, a quilômetros de distância do que poderia ser normalmente considerado civilizado, mas que era, na realidade, o único lugar seguro que restava.

— É assim que você a vê?—imaginou ela em voz alta.—Como o único lugar seguro que resta?

— Quase sempre. — Então um grito, que Lee, após um rápido momento de susto, identificou como uma gargalhada, rompeu o silêncio. Foi seguido por um acesso de latidos excitados e uma voz

rouca de mulher. — Mas há outras ocasiões — murmurou Hunter e levou Lee até a porta.

Assim que ele a abriu, Sarah apareceu aos pulos. Incerta quanto aos seus próprios sentimentos, Lee observou a garota dar um forte abraço no pai. Ela viu Hunter passar a mão pelo cabelo curto no alto da cabeça de Sarah.

— Ah, papai, é tão engraçado! Tia Bonnie estava fazendo uma pulseira de massa gelatinosa e Santanas veio e comeu, ou mastigou, sei lá, até que achou que o gosto era horrível.

— Tenho certeza de que Bonnie pensa que se trata de uma revolta.

Os olhos dela, tão parecidos com os do pai, se iluminaram num prazer maldoso que deixaria uma experiente professora de quinta série nervosa.

— Ela disse que esse tipo de coisa ela esperava dos críticos de arte e não de um cachorro meio-lobo. Disse que ia fazer chá para Lenore, mas só que não tem muito biscoito porque a gente comeu quase tudo ontem. E ela disse...

— Não importa, a gente vai descobrir.

Ele deu um passo para trás a fim de que Lee pudesse entrar na casa antes dele. Ela hesitou por um instante, imaginando no que exatamente estaria ela entrando, e os olhos dele se iluminaram naquele mesmo prazer maldoso que o da filha. Os dois formavam um par e tanto, decidiu Lee, e entrou.

Ela não esperara nada tão, bem... normal na casa de Hunter Brown. O salão estava arejado e recebia o leve sol vespertino. Alegre. Sim, deu-se conta Lee, essa era exatamente a palavra que lhe vinha à cabeça. Nenhum canto sombrio ou portas trancadas. Havia flores selvagens num vaso esmaltado e almofadas macias no sofá.

— Você esperava encontrar vassouras de bruxas e um caixão acetinado? — perguntou ele no ouvido dela.

Perturbada, ela se afastou dele.

— É claro que não. Acho que eu não imaginava que você pudesse ter um espaço tão... civilizado.

Ele arqueou a sobrancelha quando ouviu a palavra.

— Eu sou civilizado.

Lee olhou para ele, para o rosto que era metade grosseiro, metade aristocrático. Por um lado, talvez, refletiu ela. Mas somente por um.

—Acho que tia Bonnie já deu um jeito na bagunça da cozinha. — Sarah mantinha um braço em volta do pai enquanto fazia um outro exame detalhado em Lee. — Ela quer conhecê-la porque papai quase nunca se encontra com mulher nenhuma e nunca fala com repórteres. O que quer dizer que deve ser especial por ele ter consentido em falar com você.

Enquanto ela falava, não desgrudava os olhos de Lee. Tinha apenas dez anos, mas já pressentira que havia algo entre o pai e aquela mulher de olhos azuis e um cabelo lindo. O que ainda não sabia era como estava se sentindo com relação a isso. A exemplo de seu pai, Sarah decidiu esperar para ver.

Igualmente incerta com relação aos próprios sentimentos, Lee foi com eles até a cozinha. Ela teve a impressão de ver paredes ensolaradas, remates brancos e confusão.

— Hunter, se você vai manter um lobo dentro de casa, poderia pelo menos ensiná-lo a apreciar arte. Oi, eu sou Bonnie.

Lee viu uma mulher alta e magra com cabelos bem escuros mesclados com fios louros caindo nos ombros. Ela usava uma camiseta lilás com detalhes rosa sobre uma bermuda jeans tão surrada quanto a da sobrinha. As unhas de seus pés descalços estavam pintadas de rosa. Ao analisar seu fino rosto de modelo, Lee não pôde ter certeza se ela era alguns anos mais velha do que Hunter ou se era alguns anos mais jovem. Estendeu automaticamente a mão para apertar a de Bonnie.

— Como vai?

— Estaria melhor se Santanas não tivesse tentado transformar em lanche minha última criação. — Ela ergueu um semicírculo marrom-dourado com as terminações esfarrapadas. — Sorte dele a ideia ter sido horrível. Mas sente-se. — Apontou para a mesa cheia de tigelas e caixas de chá e passou a mão para retirar o pó.

— Estou fazendo chá.

— Você não ligou a chaleira — apontou Sarah e acendeu ela mesma.

— Hunter, essa menina está sempre atrás de detalhes. Estou ficando preocupada com ela.

Hunter deu de ombros, aceitando a colocação, e pegou o que parecia uma rosquinha e poderia ser, com muita imaginação, um brinco.

— Você está achando ouro e prata tradicional demais para seu trabalho hoje em dia?

— Pensei na possibilidade de inaugurar uma nova tendência.

— Quando Bonnie sorriu, ficou esplêndida num piscar de olhos.

— De qualquer maneira, foi um fracasso de pouca importância. Provavelmente vai lhe custar menos de três dólares pela farinha. Sente-se — repetiu ela, começando a transportar a bagunça da mesa para o balcão atrás dela. — E aí, como é que foi o acampamento?

— Esclarecedor. Você não diria assim, Lenore?

— Educativo — corrigiu ela, mas pensou que a última meia hora tinha sido a mais educativa de todas.

— Então, você trabalha na Celebrity. — As longas tranças douradas de Bonnie balançavam quando ela andava, quase do mesmo jeito que as de Sarah. — Sou leitora fiel.

— Isso é porque ela escreveu alguns textos de divulgação constrangedoramente promissores.

— Textos de divulgação? — Lee olhava Bonnie passar as mãos cheias de farinha na bermuda.

Hunter sorriu enquanto observava sua irmã pegar uma lata de chá e colocar algumas outras na bancada da cozinha, fazendo um estardalhaço.

— Ela é conhecida no meio como B.B. Smithers.

O nome dizia alguma coisa. B.B. Smithers era considerada há anos a rainha das joias de vanguarda. A elite, os ricos e os antenados corriam atrás dela em busca de projetos exclusivos. Eles pagavam, e pagavam bem, pelo seu talento, por sua criatividade, e pelos pequenos B gravados nos produtos. Lee olhou para a mulher magra e um pouco deselegante como que maravilhada.

— Eu admiro o seu trabalho.

— Mas não usaria — replicou Bonnie com um sorriso, enquanto jogava caixas e latas para o lado. — Não, para você só serve o clássico. Que rosto fabuloso. Você quer limão no seu chá? A gente tem limão, Hunter?

— Provavelmente, não.

No mesmo ritmo, Bonnie colocou a chaleira na mesa para esperar a infusão do chá.

— Lenore, diga-me: como conseguiu convencer o eremita a sair de sua caverna?

— Deixando-o com raiva, acho.

— Talvez funcione. — Ela sentou-se ao lado de Lee, enquanto Sarah se colocou ao lado do pai. Os olhos dela eram mais suaves do que os do irmão, menos intensos, mas, pensou Lee, não menos perspicazes. — As duas semanas brincando de exploradora no canyon a inspiraram a escrever um artigo sobre ele?

— Sim. — Lee sorriu, porque havia humor nos olhos de Bonnie. — E ainda adquirei uma crescente afeição por camas de molas e colchões.

O sorriso rápido e belo ressurgiu.

— Meu marido vai acampar com as crianças uma vez por ano, É quando vou dar um giro na Europa a trabalho. Quando voltamos para casa, nós dois sentimos que realizamos diversos pequenos milagres.

— Acampar não é tão ruim assim — comentou Sarah, em defesa do pai.

— Você acha? — Ele deu um tapinha no traseiro dela e trouxe-a para mais perto de si. — Então por que você sempre tem desejo consumista de visitar Bonnie em Phoenix sempre que começo a arrumar o equipamento?

Ela deu um risinho e o abraçou.

— Deve ser coincidência — disse num tom seco bem parecido com o dele. — Ele a obrigou a pescar — quis saber Sarah — ficar lá sentada por horas e horas?

Lee percebeu que Hunter franziu a testa antes que ela pudesse responder:

— Na verdade, ele... ah, sugeri que pescássemos dias e dia seguidos.

— Argh! — foi o único comentário de Sarah.

— Mas peguei um peixe maior do que o dele.

Nem um pouco impressionada, Sarah balançou a cabeça.

— É um tédio só. — Ela lançou para seu pai um olhar escusatório. — Mas acho que alguém tem de fazer isso. — Ela encostou sua cabeça na do pai e sorriu para Lee. — Na maioria das vezes, ele não é chato, só gosta de uns troços esquisitos. Tipo pescar e beber cerveja.

— Sarah não considera a coleção de cabeças encolhidas de Hunter nem um pouco estranhas. — Bonnie pegou a chaleira. — Você quer um pouco? — perguntou ela ao irmão.

— Não. Sarah e eu vamos lá desarmar o acampamento.

— Leve seu lobo junto — disse Bonnie enquanto servia chá para Lee. — Ele ainda está na minha lista negra. A propósito, ontem você

recebeu algumas ligações de Nova York.

— Vão continuar. — Ao se levantar, ele acariciou o cabelo de Lee, um gesto que não passou despercebido a nenhuma das outras mulheres na cozinha. — Vou voltar logo.

Lee se dispôs a ajudar, mas estava tão confortável naquela cozinha ensolarada e desarrumada, e o chá tinha um aroma dos céus.

— Tudo bem.

Ela viu a mão que Sarah colocou no braço do pai, mão de quem se sente proprietária, e pensou que seria melhor ficar onde estava.

Juntos, pai e filha caminharam na direção da porta de trás, Hunter assobiou para o cachorro e depois partiram.

Bonnie mexia seu chá.

— Sarah ama o pai.

— Sim. — Lee pensou nos dois, lado a lado.

— E você também.

Lee estava erguendo sua xícara, que acabou só fazendo um ruído no pires.

— Como?

— Você está apaixonada por Hunter — disse Bonnie suavemente. — Acho isso maravilhoso.

Ela poderia ter negado — com veemência, com frieza, dando gargalhadas, mas ouvir aquilo sendo dito em voz alta a fez entrar numa espécie de transe.

— Eu não... quero dizer, não é que... — Lee parou, percebendo que estava passando o cabo da colher em suas mãos. — Não sei exatamente o que estou sentindo.

— Um sintoma definitivo. Estar apaixonada a preocupa?

— Eu não disse que estava. — Mais uma vez Lee parou, Alguém conseguiria dar evasivas na frente daqueles suaves olhos de coelho? — É. Me preocupa bastante.

— Supernatural. Eu costumava começar e terminar relacionamentos como as pessoas trocam de roupa. Até que encontrei Fred — Bonnie deu uma risada antes de bebericar seu chá. — Fiquei com o estômago doendo por semanas.

Lee pressionou seu próprio estômago com a mão antes de levantar. O chá não adiantaria nada. Ela precisava se mexer.

— Não tenho nenhuma ilusão com relação a Hunter e eu - disse ela, com mais firmeza do que esperara. — Temos prioridades diferentes, gostos diferentes. — Ela olhou através da janela da cozinha e viu os enormes paredões vermelhos bem além do agrupamento de árvores.—Vidas diferentes. Tenho de voltar para Los Angeles

Bonnie continuava a beber seu chá calmamente.

— É claro. — Se Lee identificou a ironia, não retrucou. — Há pessoas que não tiram da cabeça a ideia de que, para ter um relacionamento, as duas partes envolvidas devem ter os mesmos interesses. Se um adora poesia francesa do século XVI e o outro detesta, não há esperança. — Ela reparou que Lee franzira o cenho, mas prosseguiu, com leveza: Fred é um contador que acha excitante estudar as taxas de juros. — Ela passou distraidamente a mão numa mancha de farinha sobre a mesa. — Estatisticamente, creio que já devíamos estar divorciados há anos.

Lee se virou, sem conseguir ficar zangada, sem conseguir sorrir.

— Você é bem parecida com Hunter, não é?

— Acho que sim. Adreanne Radcliffe é sua mãe? Embora não estivesse mais com vontade, Lee voltou ao chá.

— É.

— Eu a conheci numa festa em Palm Springs, dois, não, deve ter sido uns três anos atrás. É. Três anos — disse Bonnie, decidida —

porque eu ainda estava amamentando Cárter, meu menor, e ele atualmente está aterrorizando todo o mundo na creche. Semana passada ele tentou cozinhar um peixinho de aquário num forno de brinquedo. Você não é nem um pouco parecida com sua mãe, é?

Lee levou alguns instantes para alcançar a pergunta. Recolocou o chá na mesa sem ter tomado.

— Não sou?

— Você acha que é? — Bonnie jogou seu cabelo despenteado e listrado para trás. — Não quis ofender, mas ela não teria o que dizer a alguém que não fosse de sangue nobre, se é que você me entende. Eu a consideraria uma mulher bastante fechada. Ela é certamente bela; com certeza você parece ter herdado a aparência dela. Mas parece que só isso.

Lee olhou para o chá. Como poderia explicar que, por causa da extrema semelhança física entre ela e a mãe, ela sempre imaginara que existiriam outras semelhanças. Por acaso ela não havia passado toda a infância e adolescência tentando identificá-las, e toda a sua vida adulta tentando reprimi-las? Uma mulher fechada. Aquela foi uma frase assustadora, e muito próxima do que ela própria poderia ter se tornado.

— Minha mãe segue padrões — respondeu ela, finalmente. — Ela não parece sentir nenhum problema em viver segundo esses padrões.

— Oh, bem... todos deveriam fazer o que podem fazer de melhor. — Bonnie colocou os cotovelos sobre a mesa e enlaçou os dedos de modo que os três anéis em sua mão direita brilhavam e piscavam. — De acordo com Hunter, o que você faz melhor é escrever. Ele me falou de seu romance.

A irritação veio com tanta rapidez que Lee não teve chance de mascará-la.

— Ele é o tipo de homem que não consegue admitir que cometeu um erro. Eu sou repórter, não escritora.

— Entendo.—Ainda sorrindo com doçura, Bonnie colocou o queixo sobre os dedos enlaçados. — E então, o que é que você vai reportar sobre Hunter?

Haveria um desafio por baixo daquele sorriso? Algum tipo de escárnio? O que quer que fosse, ela não poderia deixar de responder. Sim, pensou novamente, Bonnie Smithers era bastante parecida com o irmão.

— Que ele é um homem que considera o ato de escrever não só um dever sagrado, mas também uma profissão que domina com destreza. Que ele tem um senso de humor que às vezes é tão sutil que você leva horas até compreender. Que ele acredita em escolhas e sorte com a mesma teimosia que acredita no destino, — Ela fez uma pausa e ergueu a xícara de chá. — Ele preza a palavra escrita, não importa se é uma história em quadrinhos ou um livro de Chaucer, e ele trabalha com muito afinco para fazer o que considera sua profissão: contar histórias.

— Gosto de você. Com cautela, Lee sorriu.

— Obrigada.

— Amo meu irmão — continuou Bonnie. — Mais do que isso, eu o admiro, por motivos pessoais e profissionais. Você o compreende. Nem todas as pessoas o compreenderiam.

— Eu o compreendo? — Lee balançou a cabeça. — O que acho é que quanto mais descubro sobre ele, menos o compreendo. Ele me mostrou mais beleza no meio de um monte de pedra do que jamais encontrei em toda a minha vida, e ainda assim, ele escreve histórias de terror e medo.

— E você acha isso contraditório? — Bonnie deu de ombros ao se recostar na cadeira. — O problema é que Hunter enxerga com muita clareza os dois lados da vida. Ele escreve sobre o lado negro da vida porque é mais intrigante.

—E ainda assim ele vive... — Lee fez um gesto que identificava a cozinha.

— Numa casinha aconchegante cercada de árvores. A risada veio com naturalidade.

— Eu não chamaria isso aqui exatamente de aconchegante, mas por certo não é o que se esperaria do mais importante autor de livros de terror do país.

— O mais importante autor de livros de terror do país tem uma filha para criar.

— Sim. — O sorriso de Lee se desvaneceu. — Sim, Sarah. Ela é uma gracinha.

— Ela vai aparecer em seu artigo?

— Não. — Uma vez mais, ela levantou os olhos para Bonnie. — Hunter deixou bem claro que não concordava com isso.

— Ela é o ponto central da vida dele. Se ele às vezes parece superprotetor, pode acreditar em mim, é um ato completamente altruísta. — Ao ver que Lee assentira com a cabeça, Bonnie sentiu uma onda de simpatia. — Ele não lhe contou sobre ela?

— Não, nada.

Algumas vezes o amor e a admiração que Bonnie sentia por Hunter ficavam encobertos pela frustração. Esta mulher estava apaixonada por ele, estava a um passo de ficar irrevogavelmente comprometida com ele. Qualquer idiota poderia ver isso, refletiu Bonnie. Qualquer idiota exceto Hunter.

— Como eu disse, às vezes ele exagera na superproteção. Ele tem lá seus motivos, Lenore.

— E vai me contar quais são eles?

Ela ficou tentada. Já era tempo de Hunter abrir esta parte de sua vida, e ela estava certa que esta era a mulher para quem ele deveria se abrir.

— É um assunto que pertence a Hunter — disse Bonnie, finalmente. — Você deveria ouvir dele. — Ela deu uma olhada em volta

ao ouvir o jipe chegando. — Eles voltaram.

— Acho que fiquei contente de você ter trazido ela — comentou Sarah assim que atingiram o último quilometro a caminho de casa.

— Você acha?

Hunter virou a cabeça e viu sua filha olhando através do retrovisor, pensativa.

— Ela é bonita, como uma princesa. — Pela primeira vez em meses, Sarah incomodou-se com o aparelho dentário em sua língua. — Você gosta muito dela. Dá para ver.

— Sim, gosto muito dela. — Ele conhecia cada nuance da voz da filha, cada expressão, cada gesto. — O que não significa que goste menos de você.

Sarah lançou-lhe um longo olhar. Ela não precisava de nenhuma outra palavra da parte dele para reafirmar seu amor.

—Acho que você tem de gostar de mim — decidiu ela, provocando-o um pouco — porque a gente está colado um no outro. Mas não acho que ela esteja.

— Por que Lenore não iria gostar de você? — contradisse Hunter, apto a seguir a argumentação sinuosa da filha sem nenhum problema.

— Ela não sorri muito.

Não o suficiente, concordou ele em silêncio, mas está melhorando a cada dia.

— Quando relaxa, ela sorri. Sarah deu de ombros, incrédula.

— Bem, ela olhou para mim bem engraçada.

— Sua gramática está se deteriorando.

— Olhou sim.

Hunter franziu o cenho ao dobrar na estrada de terra que dava em sua casa.

— Ela apenas ficou surpresa. Eu não havia falado de você para ela.

Sarah olhou para ele por um instante, depois colocou os tênis desgastados no painel.

— Pouco simpático da sua parte.

— Talvez não.

— Melhor pedir desculpas.

Ele olhou para sua filha com doçura.

— Jura?

Ela passou a mão na cabeça de Santanas quando ele se aproximou dela e apoiou-se em seu ombro.

— Juro. Você sempre me obriga a pedir desculpas quando sou grosseira.

— Não achei que você fosse um assunto de interesse para ela. No início, emendou Hunter silenciosamente. As coisas mudaram. Tudo mudou.

— Você sempre me obriga a pedir desculpas, mesmo quando invento desculpas. — apontou Sarah, impiedosa. Quando alcançaram a casa, ela deu um risinho irritado. — E mesmo sabendo que odeio pedir desculpas.

— Pirralha — resmungou ele, freando.

Sarah deu uma gargalhada e se jogou em cima dele.

— Estou contente de você ter voltado.

Ele a apertou contra si por um momento absorvendo seu aroma — suor de juventude, grama e xampu silvestre. Parecia impossível que dez anos haviam passado desde que ele a segurara pela primeira vez. Naquela ocasião, ela recendia a talco e fragilidade e linho fresco. Parecia impossível que ela estivesse quase crescida quando o tempo havia sido tão curto.

— Eu te amo, Sarah.

Satisfeita, ela aninhou-se nele por um momento, e depois, erguendo a cabeça, deu um risinho e disse:

— O suficiente para fazer pizza para o jantar? Ele beliscou seu queixo sutilmente erguido.

— O suficiente para isso.

Capítulo 11

Quando Lee imaginava jantares em família, imaginava refeições tranquilas numa lustrosa mesa de mogno adornada com um pesado serviço de prata da Geórgia, refeições nas quais as conversas eram contidas e educadas.

Não aquele jantar.

A já confusa cozinha tornou-se caótica com Sarah para cima e para baixo, meio dançando, meio bamboleando, detalhando para seu pai tudo o que acontecera nas duas últimas semanas. Indiferente ao barulho, Bonnie usava o telefone da cozinha para ligar para casa e verificar se estava tudo bem com seu marido e filhos. Santanas, já perdoado, esparramava-se no chão, tirando uma soneca. Hunter estava na bancada, preparando o que Sarah afirmava ser a melhor pizza da estratosfera. De uma forma ou de outra, ele estava conseguindo, ao mesmo tempo, manter-se atualizado através da conversa desconexa de sua filha, responder as perguntas que Bonnie lhe lançava e cozinhar.

Sentindo-se como óleo jogado negligentemente sobre o mar agitado, Lee começou a limpar a mesa. Se não fizesse alguma coisa, decidiu, acabaria parada no meio da cozinha com a cabeça balançando para um lado e para o outro como alguém que assistia a uma partida de tênis.

— Eu deveria fazer isso.

Desajeitada, Lee recolocou a chaleira que acabara de pegar e olhou para Sarah.

— Oh. — Estúpida, censurou-se. Não tem o que conversar com uma criança?

— Mas acho que você pode ajudar — disse Sarah, após um instante. — Mas se eu não fizer minhas tarefas, não vou ganhar minha

mesada. — O olhar dela deslizou na direção do pai e depois retornou. — Tem um disco que quero comprar, entende? Do Total Wrecks.

— Entendo.

Lee vasculhou sua mente em busca de algum ínfimo conhecimento sobre aquela banda mas não encontrou nada.

— Na verdade, eles não são tão ruins como o nome pode sugerir — comentou Bonnie, de passagem. — De qualquer maneira, Sarah, seu pai não vai reduzir sua mesada só porque arranhou uma assistente. Isso é considerado uma boa visão empresarial.

Hunter virou a cabeça e conseguiu pegar o risinho da filha antes que ela bailasse para fora da cozinha.

— Suponho que Lee deva igualmente ganhar sua ceia — disse ele, sem pressa —, mesmo não sendo carne vermelha.

O sorriso tornou difícil para ela erguer novamente a chaleira de modo casual.

— Você vai gostar mais da pizza — afirmou Sarah, com confiança. — Ele coloca tudo nela. Todas as vezes em que convido minhas amigas para jantar, elas sempre querem a pizza do papai. — Enquanto continuava a limpar a mesa, Lee tentava imaginar Hunter preparando refeições para um monte de garotas jovens e barulhentas com toda a competência do mundo. Simplesmente não conseguia. — Acho que ele foi cozinheiro em outra encarnação.

Meu Deus, pensou Lee, será que a criança já tinha uma opinião sobre reencarnação?

— Da mesma maneira que você foi um gladiador — disse Hunter, secamente.

Sarah riu de novo.

— Tia Bonnie foi uma escrava vendida num leilão na Arábia por milhares e milhares de dracmas.

— Bonnie possui um ego muito fluido.

Sarah colocou as xícaras na pia, não sem fazer barulho.

— Eu acho que Lenore deve ter sido uma princesa. Segurando um pano úmido, Lee ergueu o olhar, sem ter certeza se ria ou não.

— Uma princesa medieval — continuou Sarah —, como nas histórias do rei Artur.

Hunter pareceu estar avaliando a ideia por um instante, enquanto analisava a filha e a mulher em discussão.

— É uma possibilidade. Uma dessas delicadas coroas cheias de joias e uns véus diáfanos ficariam muito bem nela.

— E dragões. — Obviamente adorando o jogo, Sarah encostou-se na bancada para melhor imaginar Lee com um longo vestido em tom pastel. — Um cavaleiro teria de matar, pelo menos, um dragão macho já totalmente crescido antes de poder pedir a mão da princesa.

— Verdade — murmurou Hunter, imaginando que dragões poderiam aparecer de várias formas.,- -

— Dragões não são fáceis de matar. — Embora falasse calmamente, Lee imaginava por que seu estômago estava tremendo. Não era nem um pouco difícil imaginar a si mesma num grande salão iluminado por tochas, com todas aquelas joias cintilando em seu cabelo e no corpete do vestido de seda pura.

— É a melhor maneira de provar o valor — disse-lhe Sarah, mordiscando um pedacinho de pimenta-verde que surrupiara do pai. — Uma princesa não pode sair assim casando com qualquer um, você sabe. O rei daria a mão dela para um valoroso cavaleiro ou a faria se casar com algum príncipe das vizinhanças para que ele pudesse adquirir mais terra com paz e prosperidade.

Sem conseguir acreditar, Lee visualizou seu pai com o cajado na mão decretando que ela deveria se casar com Jonathan Willoby.

—Aposto que você nunca precisou usar aparelho nos dentes, Transportada de um século a outro num piscar de olhos, apenas olhou. Sarah estava franzindo o cenho para ela com concentração absorta e

meditativa que só poderia ter herdado de Hunter. Tudo aquilo era tão bobo, pensou Lee. Cavaleiros, princesas, dragões. Pela primeira vez, conseguiu sorrir com naturalidade para a garota magra e morena que fazia parte do homem que amava.

— Dois anos.

— Você usou? — O rosto solene de Sarah foi instantaneamente acometido de interesse. Ela deu um passo à frente, certamente para poder olhar melhor os dentes de Lee. — Ficou muito bom — decidiu ela. — Você ficava com muita raiva dele?

— O tempo todo.

Sarah deu uma risadinha, fazendo com que o prateado em seus dentes brilhasse.

— Não me importo muito, só não dá para mascar chiclete. — Ela lançou um olhar amuado na direção de Hunter. — Nem unzinho.

— Nem eu podia. Nunca, pensou ela, mas não acrescentou. Mascar chiclete não era permitido na casa dos Radcliffe.

Sarah a estudou de novo, e então assentiu com a cabeça.

— Acho que você também pode me ajudar a colocar a mesa. Aceitação, descobriria Lee, era simples assim.

O sol entrava na cozinha enquanto comiam. Forte e dourado, mas sem aqueles raios atordoantes e desconfortáveis que ela presenciara nos penhascos do canyon. Ela estava achando tudo tranquilo, apesar de toda a conversa, das gargalhadas e das discussões em torno dela.

Suas fantasias haviam incluído comer um belo pedaço de carne malpassada acompanhada de uma salada crocante à luz de velas, num restaurante tranquilo onde um hesitante garçom jamais permitiria que sua taça de vinho ficasse vazia. Ela se encontrava agora numa cozinha ensolarada e barulhenta, comendo pizza com muito queijo, coberta de pimenta-verde e cogumelo e acrescida de pepperoni e salsicha. E, enquanto comia, descobriu que concordava com Sarah. Era a melhor da estratosfera.

— Se ao menos Fred pudesse aprender a fazer uma dessas. — Bonnie cortava seu segundo pedaço com a mesma dedicação com a qual cortara o primeiro. — Num dia inspirado ele faz uma ótima salada de ovos, mas não é a mesma coisa.

— Com uma família do tamanho da sua — comentou Hunter —, você teria de instalar uma linha de montagem. Cinco crianças esfomeadas poderiam manter uma pizzaria.

— E podem — concordou Bonnie. — Em pouco menos de sete meses, serão seis.

Ela deu um risinho ao ver que Hunter parara de cortar sua pizza.

— Outro?

— Outro. — Bonnie piscou para sua sobrinha no outro lado da mesa. — Eu sempre disse que teria meia dúzia de filhos — disse calmamente para Lee. — As pessoas deveriam fazer o que elas fazem de melhor.

Hunter inclinou-se para pegar na mão dela. Lee pôde ver os dedos interligados.

— Alguns diriam que isso é um excesso de êxito.

— Ou rivalidade de irmão — rebateu ela. — Vou ter filhos quanto você tem best-sellers. — Com uma gargalhada, apertou a mão do irmão. — A gente leva, mais ou menos, o mesmo tempo para produzir cada um.

— Quando você trazer o bebê para nos visitar, ela tem que ficar no meu quarto — disse Sarah, e encheu a boca com outro pedaço da pizza.

— Ela?

Hunter passou a mão no cabelo da filha antes de voltar a comer.

— Vai ser uma menina. — Com a confiança típica da juventude, Sarah assentiu com a cabeça. — Tia Bonnie já tem três meninos, aí mais uma menina equilibra tudo.

— Vou ver o que posso fazer — disse Bonnie. — De qualquer maneira, volto para casa amanhã de manhã. Cassandra, minha mais velha — acrescentou para Lee —, decidiu que quer fazer uma tatuagem. — Ela fechou os olhos e se recostou.—Ah, é bom quando alguém precisa de você.

— Uma tatuagem? — Sarah fez uma careta. — Isso é péssimo. Cassie está maluca.

— Fred e eu somos obrigados a concordar.

Hunter, demonstrando interesse, ergueu o vinho.

— Em que parte do corpo vai ser a tatuagem?

— No ombro esquerdo. Ela garante que vai ser de muito bom gosto.

— Tonta — decretou Sarah, dando de ombros. — Cassie tem treze anos — acrescentou, arregalando os olhos. — Cara, a garota é um problema.

Lee reprimiu uma risada não só pela expressão facial, mas também pela verbal.

— Como você vai lidar com isso? Bonnie apenas sorriu.

— Bem, acho que vou levá-la para fazer a tatuagem.

— Mas você não vai levá-la...

Lee interrompeu sua fala ao ver o cabelo pintado e os brincos enormes de Bonnie. Talvez ela levasse. Bonnie, rindo, deu uma batidinha na mão de Lee.

— Não, eu não levaria. Mas continuo achando que vai ser melhor se Cassie tomar sua própria decisão, o que ela fará, assim que der de cara com todas aquelas pequenas e asquerosas agulhas.

— Complacente — disse Sarah, dando um risinho.

— Inteligente — corrigiu Bonnie.

— Mesma coisa. — Com a boca quase cheia, ela se virou para Lee. — Tem sempre uma crise na casa de tia Bonnie — disse ela, cheia de confiança.—Você tem irmãos?

— Não. — Seria tristeza o que ela estava vendo no rosto da criança? Ela frequentemente tivera o mesmo desejo. — Sou filha única.

—Acho que é melhor ter irmãos, mesmo que a casa fique cheia demais. — Ela deu um sorriso franco para o pai. — Posso comer outro pedaço?

O restante da noite passou, não com tranquilidade mas, apesar de todo o barulho, sem maiores atropelos. Sarah carregou seu pai para jogarem um pouco de futebol, ideia que Bonnie declinou, dando um risinho. Seu estado, afirmou, era delicado demais. Lee, em meio aos protestos da menina, foi obrigada a acompanhá-los. Ela aprendeu, apesar de sua falta de perícia, a chutar a bola com o canto do pé e a cabecear. Gostou, o que a surpreendeu, e não se sentiu como uma idiota, o que a surpreendeu mais ainda.

Anoiteceu rapidamente, e as luzes se encheram de insetos. Embora estivesse com os olhos cansados, Sarah reclamou que não queria ir dormir até que Hunter concordou em levá-la nas costas. Lee não precisou que ninguém lhe avisasse que aquilo era um ritual que se repetia todas as noites; bastava vê-los juntos.

Ele dissera que Sarah era sua vida e, apesar de só tê-los visto juntos por não mais do que algumas horas, Lee acreditava.

Jamais teria imaginado que o homem cujos livros ela lera foi um pai devoto, contente de passar seu tempo com uma menina de dez anos de idade. Jamais o teria imaginado ali, numa casa distante do burburinho da cidade. Mesmo o homem que ela passara a conhecer ao longo das duas últimas semanas não se encaixava bem no papel de pai, disciplinador e mentor de uma criança de dez anos. E no entanto ele era.

Se ela fizesse a superposição da imagem do pai de Sarah sobre a de seu amante e de autor de *O grito silencioso*, todas pareciam se

combinar numa única imagem. O problema era lidar com ela.

Lee recolocou a cadeira do pátio na posição correta e se sentou. Conseguia escutar a gargalhada sonolenta de Sarah através da janela aberta acima dela. A voz de Hunter, baixa e indistinta, seguia atrás. Era uma maneira estranha de passar suas últimas horas com Hunter, aqui na casa dele, a apenas alguns quilômetros de distância do acampamento onde se tornaram amantes. E também, claro, percebia ela ao olhar para as estrelas, amigos. Ela queria muito ser amiga dele.

Agora, ao escrever o artigo, teria como fazê-lo com conhecimento dos dois lados dele. Era o que ela viera procurar. Lee fechou os olhos por causa da súbita claridade das estrelas. Voltaria com muito mais e, por este motivo, com muito menos.

— Cansada?

Ela abriu os olhos e encontrou Hunter. Era assim que ela sempre iria se lembrar dele, envolto em sombras, surgindo no meio da escuridão.

— Não. Sarah dormiu?

Ele assentiu com a cabeça e se colocou atrás dela, pousando as mãos em seus ombros. Era aqui que ela queria ele. Aqui, com a noite chegando.

— E Bonnie também.

— É a hora de você trabalhar — adivinhou ela. — Quando a casa está quieta e as janelas escuras.

— É, na maioria das vezes. Terminei meu último livro numa noite assim. — Na época não estava se sentindo solitário, mas agora... — Vamos dar uma caminhada. É lua cheia. Está com medo? Eu lhe dou um talismã. — Ele retirou o anel de seu dedo mindinho e colocou no dedo dela.

— Não sou supersticiosa — disse ela, soberba, mas ajustou bem o anel em seu dedo.

— É claro que você é. — Ele ficou ao lado dela enquanto caminhavam. — Gosto dos sons da noite.

Lee os ouvia — uma leve brisa pelas árvores, o murmúrio da água, o ruído monótono dos insetos.

— Você mora aqui há bastante tempo?

Com o passar do dia, foi ficando cada vez menos aceitável imaginá-lo vivendo em qualquer outro lugar.

— Moro. Mudei-me para cá no ano em que Sarah nasceu.

— É um lugar lindo.

Ele a pegou nos braços. O luar derramava-se sobre ela, prateado, como uma joia em seu cabelo, fazendo com que a pele parecesse um pedaço de mármore, escurecendo seus olhos.

— É perfeito para você — murmurou ele e passou a mão no cabelo dela, observando-o depois voltar para o lugar. — A princesa e o dragão.

O coração dela já estava disparado. Como o de uma adolescente, pensou Lee. Ele a fazia sentir-se como uma garota em seu primeiro encontro com o namorado.

— Hoje em dia as mulheres têm de matar seus próprios dragões.

— Hoje em dia — a boca dele aproximou-se da dela — há menos romantismo. Se estivéssemos na Idade das Trevas, e eu a encontrasse numa floresta banhada pelo luar, você seria minha por direito. Eu a cortejaria porque você não teria outra alternativa. — A voz dele ficou tão obscura quanto as sombras nas árvores circundantes. — Deixe-me amá-la agora, Lenore, como se fosse a primeira vez.

Ou a última, pensou ela vagamente, enquanto os lábios dele a obrigavam a se render, a se entregar, a desejar. Com os braços dele em volta de si, ela podia liberar sua consciência. Imaginar e sentir. Fazer amor não era nada além disso. Sua cabeça pendeu para ele submissa, seus braços o apertavam com força, desafiando-o a tomar tudo o que queria, a lhe dar tudo o que desejava.

Então ele passou as mãos pelo rosto dela, delicadamente, delicadamente como sempre fora, memorizando as curvas e ângulos dos ossos, a maciez da pele. Os lábios dele a degustavam sorvendo cada sabor particular. O prazer, que podia aparecer rapidamente, percorreu seu corpo todo. Sem forças, ela desabou com ele.

Ele queria amá-la assim, ao ar livre, com a lua banhando as árvores com uma luz prateada e criando sombras purpúreas. Queria sentir os músculos dela repuxarem e amolecerem na mão. O que ela dava para ele naquele instante era algo oriundo de seus próprios sonhos, e mais real, muito mais real do que qualquer coisa que ele jamais experimentara. Vagarosamente, a despiu, enquanto dedos e lábios a veneravam e a satisfaziam. Esta seria a noite na qual ele se daria inteiro para ela e na qual desejaria tudo dela.

O luar e as sombras dançavam sobre o corpo de Lee, fazendo o coração dele disparar. Ele ouvia o som do riacho borbulhando por perto misturar-se com os tranquilos suspiros de Lee. A floresta cheirava à noite, assim como ela, como ele pôde sentir assim que Lee enterrou a cabeça dele em seu pescoço.

Ela o sentia se excitando cada vez mais, aquele desejo crescente e avassalador que a envolvia. De livre e espontânea vontade, mergulhou no turbilhão que ele criara. Ali o ar estava suave ao toque e povoado de cores. Ali ela ficaria, para sempre possuída.

A pele morna dele estava colada à sua. Ela saboreou, a cabeça enlouquecida de desejo, de poder e de uma velocidade vertiginosa recém-descoberta. Ávida por mais, apoderou-se dele, vivamente ciente de cada tremor másculo abaixo de si, cada respiração entrecortada, cada murmúrio de seu nome.

Luar e sombra. Lee sentia ambos tão reais em torno de si. A faixa prateada do poder. A escura sombra do prazer. Com eles, ela o levava ao precipício.

Quando ele praguejou, sem fôlego, ela riu. Os desejos dos dois estavam misturados, unidos. Ela podia sentir. Então comemorou.

O ar parecia estar parado, sem brisa. Os sons que antes pareciam um alarido ao redor deles agora estavam calmos. Os dedos no cabelo dela apertavam com força, desesperados. No silêncio, os olhos se encontravam, instante após instante.

Ela franziu os lábios ao abrir-se para ele.

Ela poderia ter dormido ali sem nenhum esforço, sobre o chão nu, sob o céu, e com o corpo dele contra si. Talvez tivesse dormido ali para sempre, como uma princesa sob algum encanto, se ele não a tivesse pego nos braços.

— Você adormece como uma criança — murmurou ele. — Deveria estar na cama. Na minha cama.

Lee suspirou, contente de estar onde estava.

— Muito longe.

Ele riu baixinho e a beijou entre o pescoço e o ombro.

— Quer que eu a carregue?

— Hum... — Ela aninhou-se nele. — Tá.

— Não que eu tenha alguma objeção, mas você talvez pudesse sentir-se um pouco desconfortável se Bonnie aparecesse aqui embaixo e me visse carregando você nua.

Ela abriu os olhos até que as pupilas parecessem duas ranhuras azuis abaixo dos cílios. A realidade estava de volta.

— Acho que a gente tem de se vestir.

— Talvez seja aconselhável. — Ele a olhou de cima a baixo, — Quer que eu a ajude?

Ela sorriu.

— Acho que deve fazer o mesmo efeito você me vestir e me despir.

— Teoria interessante.

Hunter alcançou a pequena peça rendada cor de marfim.

— Mas não devemos testar isso agora. — Lee puxou a calcinha da mão dele e enfiou-se dentro dela. — Há quanto tempo estamos aqui fora?

— Séculos.

Ela o olhou antes de vestir a camisa. Não estava completamente certa de ele estar exagerando.

— O mínimo que mereço após essas duas últimas semanas é um colchão verdadeiro.

Ele pegou na mão dela e a beijou.

— Você é bem-vinda a compartilhar o meu.

Lee apertou rapidamente seus dedos nos dele e depois soltou.

— Não acho prudente.

— Está preocupada com Sarah.

Não era uma pergunta. Lee parou e pensou, garantindo que todas as nuvens românticas estivessem fora de sua cabeça antes de falar:

— Não entendo muito de criança, mas imagino que ela não esteja preparada para ter alguém dividindo a cama de seu pai.

Por um instante, houve silêncio, como o olho de um furacão.

— Eu jamais trouxe uma mulher para nossa casa.

A afirmação a levou a olhar para ele rapidamente e depois, também rapidamente, desviar o olhar.

— Mais um motivo.

— Outro motivo para muitas coisas.

Ele se vestiu sem falar nada enquanto Lee mirava as árvores. Tão belo, pensou ela. E cada vez mais distante.

— Você queria me perguntar sobre Sarah, mas não o fez.

Ela umedeceu os lábios.

— Não é da minha conta.

Ele pegou o queixo dela, abruptamente.

— Não é?

— Hunter...

— Dessa vez vai ter a resposta sem ter perguntado. — Ele largou o queixo, mas não deixou de olhar para ela. Ela não precisava de mais nada para lhe dizer que a calma acabara. — Conheci uma mulher, uns doze anos atrás. Eu escrevia como Laura Miles nessa época, o que me dava alguns luxos. Jantar fora de vez em quando, teatro vez por outra. Ainda estava morando em Los Angeles, sozinho, curtindo meu trabalho e o que ele me proporcionava. Ela era uma estudante no último ano da faculdade. Cérebro e ambição possuía em abundância, dinheiro não tinha nenhum. Tinha uma bolsa de estudos e estava determinada a se tornar a melhor advogada da Costa Oeste.

— Hunter, o que aconteceu entre você e outra mulher doze anos atrás não é da minha conta.

— Não somente outra mulher. A mãe de Sarah. - - Lee começou a puxar um tufo de grama ao lado.

— Tudo bem, se é importante para você me contar isso, vou ouvir.

— Eu gostava dela — continuou ele. — Ela era inteligente, amável e cheia de sonhos. Nenhum dos dois jamais considerou a possibilidade da coisa entre nós se tornar séria. Ela ainda tinha que terminar os estudos, o obstáculo a ser ultrapassado. Eu tinha histórias para escrever. Mas então, mesmo com todo o nosso planejamento, o destino arranhou uma forma de assumir o controle.

Ele pegou um cigarro e lembrou-se, rememorou cada detalhe, Seu pequeno e apertado apartamento com o encanamento vazando, a máquina de escrever maltratada e cheia de ruídos, as gargalhadas do casa no apartamento ao lado que era frequentemente audível através das finas paredes.

— Ela apareceu uma tarde. Eu sabia que alguma coisa estava errada porque ela tinha aula à tarde. Era dedicada demais para matar aulas. Estava fazendo calor. Era um desses dias abafados, quando fica difícil até respirar. As janelas estavam abertas, e eu havia deixado ligado um pequeno ventilador portátil que espalhava o ar em volta mas não refrescava muita coisa. Ela viera dizer que estava grávida.

Concentrando-se bem, podia até lembrar da aparência dela, Mas nunca pretendeu fazer isso. Contudo, pretendendo ou não, sempre conseguiria lembrar do tom da voz dela ao lhe dizer. Desespero misturado com fúria e acusações.

— Eu disse que gostava dela, e era verdade. Não a amava. Mas, mesmo assim, os valores que a gente aprende com nossos pais são difíceis de abandonar. Eu disse que me casava com ela. — Ele sorriu, sem humor, percebeu Lee, mas também sem amargura. Era o riso de um homem que aceitara a armadilha que a vida armara para ele. — Ela recusou, quase tão zangada com a solução que eu oferecera quanto estava com a gravidez. Ela não tinha nenhuma intenção de arrumar um marido e um filho com uma carreira para desenvolver. Talvez seja difícil entender, mas ela não estava sendo fria, apenas prática, quando me pediu para pagar o aborto.

Lee sentiu todos os músculos se contraindo.

— Mas Sarah...

— A história não acaba aqui. — Hunter deu uma baforada e observou a fumaça desaparecer na escuridão. — Tivemos uma briga inesquecível, com ameaças, acusações e um jogando a culpa no outro. Na época, eu não conseguia enxergar o lado dela,

apenas o fato de que trazia dentro de si uma parte de mim que queria jogar no lixo. Então nos separamos, os dois furiosos, os dois suficientemente desesperados para saber que precisávamos de tempo para pensar. Lee não sabia o que dizer, ou como dizer.

— Você era jovem — começou ela.

— Eu tinha vinte e dois anos — corrigiu Hunter. — Já deixara de ser um garoto havia muito tempo. Eu era... nós éramos responsáveis por nossas próprias ações. Não dormi por dois dias. Pensei em dezenas de respostas e rejeitei todas, uma atrás da outra. Somente uma coisa não me saía da cabeça naqueles dias quentes e aterrorizantes. Eu queria a criança. Não é algo que eu possa explicar, porque gostava de minha vida, a falta de responsabilidades, a real possibilidade de alcançar o sucesso. Só sabia que precisava ter a criança. Liguei para ela e lhe pedi para voltar. Estávamos ambos mais calmos nessa segunda vez, e ambos mais assustados do que jamais havíamos estado na vida. O casamento estava fora de questão, então nem tocamos no assunto. Ela não queria a criança, então tratamos disso. Eu queria. O que era algo um pouco mais complicado de resolver. Ela queria se liberar da responsabilidade que havíamos construído juntos, e precisava de dinheiro. Ao fim, resolvemos tudo.

Com a boca seca, Lee voltou-se para ele:

— Você deu dinheiro para ela. - Ele viu, como esperara ver, o horror estampado nos olhos de Lee. Quando continuou, sua voz estava calma, mas não sem um enorme esforço de sua parte.

— Dei dinheiro para todas as suas despesas médicas e pessoais até o parto, e dei também dez mil dólares para minha filha.

Embasbacada, deprimida, Lee olhou para o chão.

— Como ela pôde...

—Ambos queríamos algo. E conseguimos dar um para o outro da única maneira possível. Jamais tive nenhuma mágoa daquela jovem estudante de direito pelo que ela fez. Foi a escolha dela e podia ter feito outra escolha sem ter me consultado.

— Sim. — Ela tentou entender, mas tudo o que Lee podia enxergar na sua frente era aquela menininha magra e morena.— escolheu, mas perdeu.

Fazia todo o sentido ouvi-la dizer aquilo.

— Sarah é minha, só minha, desde o momento em que nasceu. A mulher que a gerou me deu um presente inestimável. Eu apenas lhe dei dinheiro.

— Sarah sabe de tudo?

— Apenas que sua mãe precisou fazer algumas escolhas.

— Entendo. — Ela respirou fundo. — O motivo de você ser tão cuidadoso com relação a expô-la publicamente é não criar especulações a respeito.

— Um dos motivos. O outro é que quero que ela tenha a vida sem complicações que todas as crianças têm o direito de ter.

— Você não precisava. — Ela estendeu uma das mãos para ele. — mas estou feliz por ter me contado toda a história. Não deve ter sido fácil criar um bebê sozinho.

Naquele instante, não havia nada além de compreensão nos olhos dela. De imediato, todos os músculos retesados de Hunter relaxaram, como se tivessem sido massageados por ela. Ele sabia, agora com certeza absoluta, que ela era o que sempre esperara que fosse.

— Não, nem um pouco fácil, mas sempre prazeroso. — Ele a segurou com mais firmeza. — Compartilhe isso comigo, Lenore.

Ela gelou.

— Não entendo o que quer dizer com isso.

— Quero você aqui, comigo, com Sarah. Quero você aqui com as outras crianças que teremos juntos. — Ele baixou os olhos para o anel que colocara no dedo dela. Quando olhou de volta para Lee, foi como se ela se sentisse penetrada. — Case comigo.

Casar? Ela só conseguiu olhar para ele, confusa, enquanto o pânico crescia e crescia, calmamente.

—Você não... você não sabe o que está pedindo.

— Sei — corrigiu ele, segurando-lhe a mão com mais firmeza ao sentir que ela tentava se afastar. — Só pedi uma única mulher em

casamento, mas por obrigação. Estou lhe pedindo agora porque você é a primeira e única mulher que jamais amei em toda a minha vida. Quero compartilhar a sua vida. Quero que você compartilhe a minha.

O pânico se transformou imediatamente em medo. Ele estava pedindo para que mudasse todos os objetivos que estabelecera para si. Para arriscar tudo.

— Nossas vidas são bastante diferentes — conseguiu replicar. — Preciso de voltar. Tenho meu emprego.

— Um emprego para o qual não nasceu. Você sabe disso. — Uma urgência surgiu em sua voz quando pegou nos ombros dela. — Você sabe que nasceu para escrever sobre as imagens que possui na cabeça, não sobre a vida social de outras pessoas ou as tendências do futuro.

— É o que eu sei fazer! — Tremendo, ela afastou-se dele. — É o que eu venho fazendo há anos.

— Para provar alguma coisa para alguém. Droga, Lenore, faça alguma coisa para si. Para você. - -

— É para mim que faço o que faço — disse ela, desesperada. Você o ama, gritava uma voz dentro dela. Por que está empurrando para longe o que você deseja, o que você quer? Lee balançou a cabeça, como se estivesse tentando bloquear a voz. O amor não era suficiente, os desejos não eram suficientes. Ela sabia disso. Precisava se lembrar disso. — Você está me pedindo para desistir de tudo, de cada centímetro que galguei em cinco anos da minha vida. Tenho uma vida em Los Angeles, eu sei quem sou, aonde estou indo. Não posso viver aqui e arriscar...

— Descobrir quem você realmente é? — finalizou ele. Não se permitiria ficar desesperado. Quase não conseguia controlara raiva. — Se fosse somente eu, iria para onde você quisesse, viveria onde fosse melhor para você, mesmo sabendo que seria um erro, Mas tem a Sarah. Não posso tirá-la da única casa que ela conheceu na vida.

— Novamente você está pedindo tudo. — A voz dela era mais tênue do que um sussurro, mas ele jamais ouviu algo com tanta clareza.

— Você está me pedindo para arriscar tudo, e não posso, Não vou.

Ele se levantou, fazendo com que as sombras mudassem de posição.

— Estou lhe pedindo que arrisque tudo — concordou ele. Você me ama? — E, ao fazer esta pergunta, arriscava tudo.

Açambarcada pela emoção, impulsionada pelo medo, ela o fitou.

— Amo. Droga, Hunter, me deixe em paz.

Ela disparou de volta para a casa, deixando um rastro de escuridão entre eles.

Capítulo 12

Já que não vai parar para o almoço, pelo menos pegue isso aqui. — Bryan estendeu um exemplar do seu interminável estoque de barras de chocolate.

— Eu como assim que terminar o artigo. — Lee não tirou os olhos da máquina de escrever, continuando a bater nas teclas com leveza e ritmo.

— Lee, você já voltou há dois dias, e o máximo que vi você comer foi um pedaço de biscoito.

E os olhos de fotógrafa puderam enxergar, por baixo da sutil camada de cosméticos, as pálidas olheiras de Lee. Deve ter sido uma entrevista e tanto, pensou ela, ouvindo o interminável ruído da máquina de escrever.

Não estou com fome.

— Não, ela não estava com mais fome do que estava cansada. Estivera trabalhando sem parar no artigo sobre Hunter durante grande parte das últimas 48 horas. Ficaria perfeito, prometeu a si mesma. Ficaria tão reluzente quanto um copo de cristal. E, oh Deus, quando finalmente tivesse terminado, teria se livrado completamente dele.

Agarrara-se tanto a esta ideia, que de vez em quando saía de seu controle.

Se tivesse ficado... se voltasse...

O juramento veio rápido, quase como um sussurro, enquanto seus dedos vacilavam. Meticulosamente, Lee fez a correção no papel. Não podia voltar. Não deixara isso claro para Hunter? Não podia simplesmente jogar tudo para o alto e ir. Mas quanto mais tempo ficava longe, maior ficava o buraco em sua vida. Na vida, lembrava-se Lee, implacavelmente, que ela com tanto zelo planejara para si.

Então trabalharia naquela espécie de fúria nervosa até que o artigo estivesse terminado. Até que, disse para si mesma, estivesse todo terminado. Então seria o momento de dar o próximo passo. Quando tentava pensar no próximo passo, sua mente ficava surpreendente e desesperadamente vazia. Lee colocou as mãos no colo e mirou o papel à sua frente.

Sem dizer uma palavra, Bryan bateu a porta com o quadril, abafando o ruído externo. Jogou-se na cadeira à frente de Lee, cruzou os braços e esperou um pouco.

— Tudo bem, então por que não me conta a história que não vai sair no artigo?

Lee queria dar de ombros e dizer que não tinha tempo para conversar. Havia um prazo a cumprir, afinal. O artigo estava submetido a um prazo. Assim como sua vida. Ela respirou fundo e girou na cadeira. Não queria ver as palavrinhas bem arrumadas e inteligentes que datilografara. Não agora.

— Bryan, digamos que você tenha tirado uma foto que tomou uma parte enorme de seu tempo e precisou de toda a sua habilidade para ficar boa, aí, assim que você a revelou, a foto saiu de uma forma totalmente diferente daquilo que havia imaginado. O que você faria, então?

— Faria um exame detalhado de como ela tinha ficado — replicou imediatamente. — Porque o resultado final, quase com certeza, indicaria o modo como eu deveria ter planejado a foto inicialmente.

— Mas você não se sentiria tentada a voltar ao plano inicial? Afinal, você trabalhou muito, muito mesmo para que a coisa ficasse de uma certa forma, já que você estava buscando determinados resultados.

— Talvez sim, talvez não. Dependeria muito do que vi quando olhei para a foto. — Bryan recostou-se na cadeira e cruzou as longas pernas vestidas numa calça jeans. — O que você vê na sua foto, Lee?

— Hunter. — Seu olhar preocupado mudou de direção e fixou-se em Bryan. — Você me conhece.

— Tanto quanto você permite que alguém a conheça.

Com uma risada curta, Lee começou a amassar um clipe de papel.

— Sou mesmo tão difícil assim?

— É sim. — Bryan sorriu um pouco para suavizar a resposta rápida. — E igualmente interessante. Parece que Hunter Brown pensa o mesmo.

— Ele perguntou se eu queria me casar com ele.

As palavras saíram abruptamente, deixando as duas mudas por um instante.

— Casar? — Bryan inclinou-se à frente.—Tipo até que a morte nos separe?

— Sim.

— Oh... — O som saiu como um suspiro enquanto Bryan se recostava novamente. — Trabalho rápido. — Então ela viu a expressão triste de Lee. O fato de Bryan não dar gritos de alegria ao ouvir a palavra casamento não era motivo para ser petulante. — Bem, e como está se sentindo? Em relação a Hunter, quero dizer.

O clipe ficou torto nos dedos de Lee.

— Estou apaixonada por ele.

— É mesmo? — E sorriu, porque lhe pareceu simpática a maneira simples com a qual ela dissera aquilo. — Tudo isso aconteceu no canyon?

— Exato. — Os dedos de Lee não paravam. — Talvez tenha começado antes, quando estávamos em Flagstaff. Nem sei mais,

— Por que não está feliz? — Bryan estreitou os olhos do mesmo jeito que fazia para testar a luz e o ângulo. — Quando o homem que ama, ama mesmo, quer construir uma vida ao seu lado, você deveria ficar exultante.

— Como duas pessoas podem construir uma vida juntas se já construíram duas vidas separadas e completamente diferentes? perguntou Lee. — Não se trata simplesmente de arranjar um pouco mais de espaço no closet ou de mudar os móveis de lugar.—O clipe partiu-se ao meio em seus dedos quando se levantou. — Bryan, ele mora no Arizona, no canyon. Eu moro em Los Angeles.

Bryan ergueu os dois pés enfiados em botas, colocou-os sobre a mesa envernizada de Lee e cruzou os tornozelos.

— Você não vai querer me dizer que tudo não passa de um problema geográfico.

— Isso apenas demonstra como é impossível a situação! — Lee, zangada, levantou-se e deu um giro pela sala. — A gente não poderia ser mais diferente. Somos quase opostos. Eu faço as coisas passo a passo. Hunter vai saltando e pulando. Droga, você devia ver a casa dele. É como se fosse um negócio saído diretamente de um conto de fadas sofisticado. A irmã dele é B.B. Smithers... —Antes que Bryan pudesse registrar inteiramente o nome, Lee já deixava escapar: — Ele tem uma filha.

— Uma filha? — Totalmente atenta à conversa, Bryan recolocou os pés no chão. — Hunter Brown tem uma filha?

Lee colocou a mão nos olhos e esperou se acalmar. Era verdade que este detalhe não teria aparecido se ela não estivesse tão agitada e, além do mais, só falaria dessas agitações pessoais com Bryan, mas agora tinha de lidar com a situação.

— É, uma filha de dez anos, É importante que isso não seja divulgado.

— Tudo bem.

Lee não precisava de promessas de Bryan. Na tentativa de se acalmar, ela respirou fundo.

— Ela é inteligente, linda, e é certamente o centro da vida dele. Percebi alguma coisa nele quando estava com ela, uma coisa de uma

beleza incrível. Me deu um susto danado.

— Porquê?

— Bryan, ele tem tanto talento, tanto brilho, tanta emoção. Ele reuniu tudo para se tornar o sucesso que é, em todos os níveis.

— Isso a perturba?

— Não sei do que sou capaz. Só sei que tenho medo de nunca conseguir equilibrar tudo isso, fazer tudo funcionar.

Bryan disse uma coisa curta, rápida e grossa:

— Você não vai casar com ele porque imagina que não vai conseguir se virar? Você devia se conhecer melhor.

— Pensei que conhecesse. — Ela balançou a cabeça e sentou de novo. — Em primeiro lugar, é tudo meio ridículo — disse, de modo mais brusco. — Nossas vidas são muito distantes uma da outra.

Bryan olhou através da janela para o edifício alto e vistoso que fazia parte da vista que Lee tinha da cidade.

— Então ele pode se mudar para Los Angeles e encurtar a distância.

— Não pode não. — Lee engoliu em seco e olhou para as páginas em cima da escrivaninha. O artigo estava terminado, ela sabia, como sabia que, se não o mandasse agora, ficaria tentando melhorá-lo até morrer. — O lugar dele é lá. Ele quer criar a filha lá. Eu entendo isso.

— Então você se muda para o canyon. A paisagem é linda.

Por que sempre parecia tão simples, tão plausível quando pronunciado em voz alta? A pequena pontada de medo voltou, e ela firmou a voz:

— Meu trabalho está aqui.

—Acho que é uma questão de prioridades, não é? — Bryan sabia que não estava sendo simpática, assim como sabia que não era de

simpatia que Lee precisava. Como se importava muito com ela, falou sem a menor compaixão:

— Você pode ficar com seu emprego e seu apartamento em Los Angeles e ser infeliz. Ou pode se arriscar um pouco.

Riscos. Lee passou um dedo pela superfície lisa da mesa. Mas era preciso testar o solo antes de dar o passo seguinte. Até mesmo Hunter dizia isso. Mas... Ela olhou para o clipe destruído no centro do mata-borrão sem manchas. Quanto tempo você levou testando o solo antes de dar o salto?

Quase duas semanas depois, Lee estava sentada em seu apartamento no meio do dia. Era tão raro estar por lá durante o dia que, de certa forma, esperava encontrar tudo diferente. Tudo estava exatamente como sempre fora. Idêntico, ela forçou-se a admitir. Ainda que nada estivesse.

Sair. Ela tentava digerir a palavra ao lidar com o pânico que combatera nos últimos dias. Havia em cima da mesa, à sua frente, uma frondosa violeta africana florescendo. Estava bem cuidada, assim como cada área de sua vida sempre fora bem cuidada. Ela sempre a regava quando o solo estava seco e sempre a alimentava quando necessário. Enquanto olhava para a planta, Lee sabia que jamais seria capaz de arrancá-la impiedosamente pelas raízes. Mas não havia sido exatamente isso o que ela fizera consigo mesma?

Sair, pensou uma vez mais, e a palavra reverberava em seu cérebro. Ela já apresentara seu pedido de demissão, cumprira as duas semanas de aviso prévio e simplesmente virara as costas para sua próspera e segura carreira — arrancara suas raízes.

Para quê?, perguntava a si mesma, com a chegada de um novo acesso de pânico. Para seguir um sonho louco que invadiu sua mente anos atrás. Para escrever um livro que provavelmente jamais seria publicado. Para assumir um risco ridículo e mergulhar de cabeça no desconhecido.

Porque Hunter dissera que ela era uma boa escritora. Porque ele alimentara aquele sonho, assim como ela alimentara a violeta. Mais do que isso, pensou Lee, ele tornou impossível para ela parar de pensar nos vários "e se" da sua vida. E ele era um deles. O mais importante deles.

Agora que o passo fora dado e ela estava ali, sozinha naquela inacreditavelmente tranquila manhã de um dia de semana em seu apartamento, Lee queria sair correndo. Lá fora havia pessoas, barulho, distrações. Ali, ela deveria encarar aqueles "e se". Hunter seria o primeiro.

Ele não tentara convencê-la do contrário quando foi embora na manhã seguinte ao pedido de casamento. Ele não dissera nada quando ela se despediu de Sarah. Nada. Talvez ambos soubessem que ele dissera tudo o que havia para ser dito na noite anterior. Ele olhou uma vez para ela, e Lee quase acenou. Então Lee entrou no carro com Bonnie, que a levou até o aeroporto, aproximando-a mais ainda de Los Angeles.

Ele não telefonara desde que voltara. Esperara por isso?, imaginou Lee. Talvez sim, mas tinha esperança de que ele não ligasse. Ela não sabia quanto tempo levaria até que pudesse ouvir a voz dele sem se despedaçar.

Baixou os olhos e mirou o anel de ouro e prata em sua mão. Por que ficara com ele? Não lhe pertencia. Deveria ter deixado com ele. Era fácil dizer para si mesma que se esquecera por completo de retirá-lo na confusão, mas não era verdade. Teria percebido que o anel continuava com ela no momento em que começasse a arrumar sua bagagem, no momento em que saísse da casa de Hunter, no momento em que entrasse no carro. Simplesmente não fora capaz de retirá-lo.

Precisava de tempo, e era tempo, percebia Lee, o que tinha agora. Precisava provar algo uma vez mais, mas não para seus pais, não para Hunter. Agora só existia ela. Se conseguisse terminar o livro. Se conseguisse dar realmente o melhor de si e terminá-lo.

Lee se levantou, caminhou até a escrivaninha, sentou-se à frente da máquina de escrever e encarou o medo da página em branco.

Lee sabia o que era trabalhar sob pressão na Celebrity. Os minutos passando e os prazos de entrega se aproximando cada vez mais. Era a pressão de transformar o que não era tão fascinante assim em algo fascinante, num espaço reduzido. E ter de trabalhar assim semana após semana. E mesmo assim, depois de quase um mês longe de tudo isso, com apenas ela mesma e a história para se responsabilizar, Lee compreendeu o verdadeiro significado de pressão. E de prazer.

Ela não acreditava — não acreditava realmente — que seria possível para ela ficar sentada durante horas a fio e terminar um livro que começara a escrever por puro capricho muito tempo atrás. E era verdade que nos primeiros dias não sentisse nada além de frustração e fracasso. Uma onda de terror apoderou-se de sua cabeça. Por que deixaria um emprego onde era respeitada e reconhecida para mergulhar no escuro daquele jeito?

Várias vezes sentiu a tentação de deixar tudo de lado e voltar, mesmo que isso significasse um total recomeço em Celebrity. Mas nesses momentos sempre conseguia ver o rosto de Hunter levemente sarcástico, desafiador e, de uma forma ou de outra, estimulante.

”É necessário uma certa quantidade de força e resistência. Se você atingiu seu limite e quer parar..”

A resposta era não, com tanta rigidez e determinação quanto tivera naquela pequena barraca. Talvez fracassasse. Ela fechava os olhos enquanto lutava para lidar com o pensamento. Talvez fracassasse tremendamente, mas não desistiria. O que quer que acontecesse, sua escolha estava feita, e viveria com ela.

Quanto mais trabalhava, mais aquelas páginas escritas se transformavam num símbolo. Se podia fazer aquilo, e fazer bem, podia fazer qualquer coisa. A definição sobre o resto de sua vida dependia daquilo.

No final da segunda semana, Lee já estava tão absorvida que mal reparava na jornada de trabalho de 12 a 14 horas por dia que estava impondo a si mesma. Ela ligava sua secretária eletrônica e esquecia de retornar as ligações com a mesma frequência que esquecia de comer.

Era como Hunter dissera uma vez. Os personagens a absorviam, conduziam, frustravam e alegravam. Com o passar do tempo, Lee começou a descobrir que queria terminar a história não apenas por ela, mas também por eles. Desejava, como jamais desejara antes, que aquelas palavras fossem lidas. Aquela excitação e o horror mantinham seu curso.

Ela sentiu uma emoção singular assim que escreveu a última palavra, uma euforia misturada com uma estranha depressão. Terminara. Colocara seu coração naquela história. Lee desejava comemorar. Desejava chorar. Tinha acabado. Enquanto pressionava seus dedos nos olhos cansados, ela percebeu, sobressaltada, que nem mesmo sabia que dia era aquele.

Ele jamais escrevera um livro com tanta pressa, com uma rapidez quase frenética. Hunter quase não conseguia transpor para o papel seus pensamentos em alta velocidade. Sabia por quê, mas seguia no ritmo porque não tinha outra alternativa. A personagem principal desta história era Lenore, embora o nome houvesse sido mudado para Jennifer. Ela era Lenore, física e emocionalmente, do cabelo ruivo elegantemente penteado até as unhas que roía com sofreguidão. Era o único modo que ele tinha para mantê-la.

Deixá-la ir embora custara-lhe muito mais do que ela jamais poderia imaginar. Quando a viu entrar no carro, disse para si mesmo que ela não ficaria longe. Não poderia ficar. Se ele estivesse errado com relação ao que ela sentia por ele, então sempre estivera errado com relação a tudo em sua vida.

Duas mulheres haviam colidido com sua vida de modo importante. A primeira, a mãe de Sarah, ele não amara, ainda que ela tenha mudado tudo. Depois disso, ela desaparecera, sem conseguir achar uma maneira

de conciliar suas ambições com uma vida que incluía uma criança e responsabilidade.

Lee, ele amara, e mudara tudo uma vez mais. Ela, igualmente, fora embora. Ficaria longe pelos mesmos motivos? Estaria ele fadado a se envolver com mulheres que não queriam se envolver? Não poderia acreditar nisso.

Então deixou que ela se fosse, dor e fúria sob a tranquilidade, Ela voltaria.

Mas um mês se passou, e ela não voltara. Ele imaginava quanto tempo um homem podia sobreviver esfomeado.

Ligue para ela. Vá atrás dela. Você foi um tolo deixando-a partir. Arraste-a de volta se necessário for. Você precisa dela. Você precisa.,.

Seus pensamentos surgiam sempre com hora marcada. Todo dia ao entardecer. Todo dia ao entardecer, Hunter lutava com a ânsia de seguir seus pensamentos. Ele precisava; Deus, ele precisava. Mas se ela não viesse até ele de livre e espontânea vontade, jamais teria o que precisava, apenas a superfície. Olhou para seu dedo nu. Ela não deixara tudo para trás. O que ela levava consigo era mais, muito mais do que um pedaço de metal.

Dera-lhe um talismã, e ela ficara com ele. Enquanto estivesse com ele, o laço estava mantido. Hunter era um homem que acreditava no destino, em presságios e em mágica.

— O jantar está pronto.

Sarah estava parada diante da porta, o cabelo para trás num rabo-de-cavalo, o rosto estreito pintado de farinha.

Ele não queria comer. Queria continuar escrevendo. Enquanto a história estivesse acontecendo dentro dele, tinha uma parte de Lenore consigo. Assim como, quando terminasse, a necessidade de tê-la por inteiro o despedaçaria. Mas Sarah lhe sorria.

— Quase pronto — emendou ela. Ela entrou na sala descalça. — Eu fiz um bolo de carne, mas está parecendo mesmo é uma panqueca. E

tem biscoitos também. — Ela deu um risinho e sacudiu os ombros. — Estão bem duros, mas a gente pode colocar um pouco de geleia, sei lá. — Percebendo o estado de espírito do pai, ela o abraçou por trás, encostando o rosto no dele. — Eu prefiro quando você cozinha.

— Quem foi que fez aquela careta quando viu os brócolis ontem à noite?

— Eles parecem pequenas árvores que ficaram doentes. — Ela enrugou o nariz, mas quando se afastou dele, seu rosto estava sério. — Você realmente sente muita falta dela, hein?

Ele poderia ter se esquivado com qualquer outra pessoa. Mas aquela era Sarah. Tinha dez anos. E o conhecia totalmente.

— É. Eu sinto muita falta dela.

Sarah, pensativa, brincava com o cabelo que lhe caía pela testa.

—Acho que talvez você quisesse se casar com ela.

— Ela recusou.

Sarah baixou as sobrancelhas, não exatamente irritada por alguém ter a coragem de dizer não para seu pai, mas concentrada. O pai de Donna quase não tinha cabelo, pensou ela, tocando novamente o cabelo de Hunter, e a barriga do pai de Kelly caía por cima do cinto. A mãe de Shelley nunca contava piadas. Ela não conhecia ninguém mais legal de se ver e mais legal de se ficar do que seu pai. Todo o mundo ia querer se casar com ele. Quando era pequena, ela mesma queria se casar com ele. Mas, é claro, agora sabia que aquilo não passava de bobagem.

Suas sobrancelhas ainda estavam franzidas quando ela levantou o olhar na direção dele.

— Acho que ela não gostou de mim.

Ele ouviu tudo com uma tal clareza que parecia que Sarah havia pronunciado os pensamentos dela em voz alta. Ele estava bastante comovido e nem um pouco impressionado.

— Não pôde suportar você.

Os olhos dela ficaram escancarados.

— Porque sou uma pestinha.

— Certo. Eu mesmo mal posso suportá-la.

— Bem — irritou-se Sarah por um instante —, ela não parece estúpida, mas acho que é, se não quis se casar com você. — Ela se aninhou nele e, percebendo que era para confortá-lo, Hunter a abraçou com carinho. — Eu gostei dela — murmurou Sarah. — Era simpática, meio na dela, mas bem simpática quando ria. E acho que você a ama.

— Sim, eu a amo. — Ele não lhe ofereceu nenhuma explicação do tipo "é diferente da maneira como eu te amo, você sempre vai ser minha menininha". Hunter simplesmente a abraçava, e era suficiente.

— Ela também me ama, mas precisa construir sua própria vida. Sarah não entendeu aquilo e, particularmente, achou meio tolo, mas decidiu não dizer.

— Acho que, no fim das contas, eu não me importaria se ela decidisse se casar com você. Talvez fosse legal ter alguém que parecesse uma mãe.

Ele ergueu uma sobrancelha. Ela nunca perguntara por sua mãe. Talvez soubesse, com sua intuição infantil, imaginava Hunter, que não havia nada a perguntar.

— E eu não pareço?

— Você é muito bom — disse ela, graciosamente —, mas não conhece um monte de coisa de mulher. — Sarah cheirou o ar e deu um risinho.

— O bolo de carne já está no ponto.

— Passou do ponto, pelo cheiro.

— Tão exigente! — Ela saltou do colo dele antes que ele pudesse desferrar-se. — Estou ouvindo um carro chegando. Você podia chamar eles para jantar, assim a gente se livra de todos aqueles biscoitos.

Não queria companhia, pensou Hunter, ao ver sua filha sair da sala em disparada. Jantar com Sarah era mais do que suficiente, depois voltaria ao trabalho. Após desligar a máquina de escrever, levantou-se para ir até a porta. Provavelmente eram algumas amigas dela que haviam convencido os pais a dar uma parada lá voltando da cidade. Ele as dispensaria da forma mais educada possível, e depois veria o que poderia fazer com o bolo de carne de Sarah.

Quando abriu a porta, ela estava lá, o cabelo refletindo a luz da noite de verão. Ficou, literalmente, sem ar.

— Oi, Hunter. — Como a voz podia soar tão calma?, pensou Lee, com o coração martelando dentro dela. — Eu devia ter telefonado, mas seu número não está na lista. — Como ele não disse nada, Lee sentiu o coração subir-lhe à boca. De alguma forma, ela conseguiu falar: — Posso entrar?

Silenciosamente, ele recuou. Talvez estivesse sonhando, como o personagem de O corvo. Só estava faltando o busto de Palas Atena e uma lareira se apagando.

Ela gastara quase toda a coragem voltando lá. Se ele não falasse alguma coisa logo, acabariam um olhando para a cara do outro. Como uma palestrante nervosa tendo de falar sobre um tema que não pesquisara, Lee limpou a garganta.

— Hunter...

— Ei, acho que é melhor a gente dar os biscoitos para o Santanas mesmo, porque... — Sarah interrompeu sua desabalada chegada na sala. — Bem... Nossa...

— Oi, Sarah.

Lee conseguiu sorrir, finalmente. A criança estava tão surpresa que era até engraçado. Não tinha a frieza e o distanciamento do pai.

— Oi. — Sarah olhava para um adulto e depois para o outro, sem saber onde fixar o olhar. Imaginava que eles fariam uma confusão danada. Tia Bonnie dizia que casais apaixonados normalmente faziam

uma confusão danada, pelo menos durante algum tempo. — O jantar está pronto. Eu fiz um bolo de carne, e acho que não está tão ruim assim.

Lee entendeu o convite e agarrou-se a ele. Pelo menos lhe daria um pouco mais de tempo até que Hunter a expulsasse novamente.

— O cheiro está maravilhoso.

— OK, então entre. — Sarah esticou a mão num gesto quase autoritário e esperou até que Lee a apertasse. — Não está com um visual muito bom — continuou ela, acompanhando Lee até a cozinha —, mas fiz tudo de acordo com a receita.

Lee olhou para o bolo de carne, que mais parecia uma panqueca, de tão amassado, e sorriu.

— Eu não poderia fazer melhor.

— Jura? — Sarah digeriu a palavra de Lee assentindo com a cabeça. — Bem, papai e eu estabelecemos turnos. — E se eles se casassem, imaginava Sarah, ela só precisaria cozinhar a cada três dias.

— É melhor você colocar outra cadeira — disse para o pai. — Os biscoitos não ficaram legais, mas a gente tem um pouco de batata.

Os três se sentaram como se fosse a coisa mais natural a fazer, Sarah serviu e deu início a uma tagarelice tão grande que aliviou a necessidade dos adultos falarem um com o outro. Ambos a respondiam, sorriam, comiam, enquanto seus pensamentos estavam envoltos num turbilhão.

Ele não me quer mais.

Por que ela veio?

Ele nem falou comigo.

O que ela quer. Ela está linda, linda demais.

O que eu faço. Ele está maravilhoso, maravilhoso mesmo.

Sarah ergueu a caçarola que continha o que restava do bolo de carne.

— Vou dar para Santanas. — Como todas as crianças, ela detestava sobras, salvo se fosse macarrão. — Papai tem de lavar os pratos — explicou ela para Lee. — Você pode ajudá-lo, se quiser.

— Depois de colocar o jantar de Santanas na tigela do cachorro, saiu bailando para fora da sala.

— Vejo vocês mais tarde.

Então ficaram a sós, e Lee percebeu que estava apertando tanto as mãos que elas já estavam dormentes. Deliberadamente, liberou os dedos. Ele viu o anel, ainda no dedo dela, e sentiu um aperto no peito seguido de uma sensação de alívio.

— Você está zangado — disse ela, com aquela mesma voz calma e equilibrada. — Sinto muito, eu não devia ter vindo assim.

Hunter se levantou e começou a empilhar os pratos.

— Não, não estou zangado. — Raiva talvez fosse o único sentimento que ele não sentira na última hora. — Por que veio?

— Eu... — Lee baixou os olhos para as mãos, desconsolada. Ela podia ajudá-lo com os pratos, ficar ocupada, permanecer natural. Ela achava que suas pernas não a manteriam de pé por muito tempo. — Terminei o livro — soltou ela, subitamente.

Ele parou e se virou. Pela primeira vez desde que abrira a porta, ela viu aquele quase sorriso em seu rosto.

— Congratulações.

— Quero que você o leia. Sei que eu poderia ter mandado pelo correio... mandei uma cópia para sua editora... mas... — levantou os olhos para ele — não queria enviar pelo correio. Queria trazer pessoalmente. Eu precisava.

Hunter colocou os pratos na pia e voltou para a mesa, mas não se sentou. Tinha de ficar de pé. Se este era o motivo da vida dela, o único

motivo, não tinha certeza se teria como encarar.

— Você sabe que eu quero lê-lo. Espero que você autografe o primeiro exemplar para mim.

Ela conseguiu dar um sorriso.

— Não estou tão otimista assim, mas você estava certo. Eu precisava terminá-lo. Queria agradecer-lhe por ter me mostrado isso. — Seus lábios continuavam franzidos, mas ela não estava mais sorrindo. — Deixei meu emprego.

Ele não havia se movido, mas pareceu.

— Por quê?

— Precisava tentar terminar o livro. Para mim. — Se ao menos ele a tocasse, apenas a mão, ela não se sentiria tão enregelada.

— Eu sabia que, se fosse capaz de fazer aquilo, poderia fazer qualquer coisa. Precisava provar a mim mesma antes que eu... — Lee baixou a voz, impossibilitada de dizer tudo aquilo.—Andei lendo seus trabalhos, seus primeiros trabalhos como Laura Miles.

Se ao menos pudesse tocá-la... Mas, uma vez que a tocasse. Jamais a deixaria ir embora novamente.

— Você gostou?

— Gostei. — Havia uma prolongada surpresa na voz dela que foi suficiente para fazê-lo sorrir. — Eu jamais acreditaria que pudesse haver uma similitude de estilos entre um romance água-com-açúcar e uma história de terror, mas há. Atmosfera, tensão, emoção. — Ela respirou fundo e olhou para ele. Aquele era, talvez, o passo mais difícil que tomara até agora. — Você entende os sentimentos das mulheres. Transparece em seu trabalho.

— A palavra escritor não deveria ter gênero.

— Mesmo assim, acho que é um dom raro um homem ser capaz de entender e apreciar os tipos de sentimentos e de inseguranças que

existem em todas as mulheres. — Os olhos dela novamente encontraram os dele, mas dessa vez não desviou o olhar.

— Espero que possa fazer o mesmo comigo.

Ele a penetrava novamente com o olhar. Ela podia sentir.

— É mais difícil quando suas próprias emoções estão envolvidas, Ela apertou os dedos com força.

— Elas estão?

Ele não a tocou, ainda não, mas Lee pensou que estava quase sentindo a mão dele em seu rosto.

— Você precisa ouvir de mim que te amo?

— Preciso, eu...

— Você terminou seu livro, saiu de seu emprego. Arriscou muito, Lenore. — Ele esperou. — Mas ainda precisa arriscar muito mais.

Ela sentiu uma súbita falta de ar. Não, ele jamais tornaria as coisas fáceis para ela. Sempre haveria exigências, expectativas. Ele jamais a mimaria.

— Você me deixou aterrorizada quando me pediu em casamento. Pensei muito no assunto, da mesma maneira como uma criancinha pensa no armário escuro. Não sei o que vou encontrar lá dentro, pode ser um sonho ou um pesadelo. Você sabe do que estou falando.

— Sei. — Embora não tivesse sido uma pergunta. — Eu sei bem. Ela respirou um pouco mais facilmente.

— Usei como desculpa o que eu tinha em Los Angeles, porque era lógico, mas aquele não era o motivo real. Eu estava apenas com medo de entrar naquele armário.

— E continua com medo?

— Um pouco. — Foi mais difícil do que ela imaginara conseguir relaxar os dedos. Ela imaginava se ele sabia que aquele era o passo

final. Ela estendeu a mão. — Mas quero tentar. Quero entrar lá com você.

Os dedos dele enlaçaram-se nos dela, e ela começou a sentir os nervos derretendo. É claro que ele sabia.

— Não será nem sonho nem pesadelo, Lenore. Cada minuto será real.

Então ela riu, porque as mãos dele estavam nas dela.

— Agora você está realmente tentando me assustar. — Ela se aproximou e o beijou suavemente até que o desejo virou um singelo bramido. Era fácil, era como deslizar numa correnteza límpida e quente. — Você não vai me fazer fugir de medo — sussurrou ela.

O abraço dele era bem forte, mas ela quase não reparou.

— Não, não vou fazê-lo fugir de medo. — Ele aspirou o aroma do cabelo dela, espojou-se naquela textura. Ela viera para ele. Completamente. — E também não vou deixá-la partir. Esperei muito que voltasse.

— Você sabia que eu voltaria — murmurou ela.

— Eu precisava. Do contrário, teria enlouquecido.

Ela fechou os olhos, contente, mas com uma excitação angustiada por baixo.

— Hunter, e se Sarah... quero dizer, e se ela não conseguir se ajustar...

— Já está preocupada. — Ele a abraçou — Sarah me jogou uma indireta esta noite mesmo. Você sabe sobre muitas coisas de mulher?

— Coisas de mulher?

Ele a abraçou mais ainda, e a olhou de cima a baixo.

— Cada centímetro de mulher. Você vai entender, Lenore, por mim e por Sarah.

— Tudo bem. — Ela respirou fundo porque, como de costume, acreditava nele. — Eu gostaria de estar junto quando você contar a ela.

— Lenore — ele pegou seu rosto e beijou as faces com delicadeza e uma pontinha de humor —, ela já sabe.

Ela franziu o cenho.

— Só podia ser sua filha.

— Exatamente. — Ele a agarrou e a sacudiu por um momento, numa pura e irreprimível alegria. — A moça vai achar interessante morar numa casa cheia de monstros reais e imaginários.

—A moça pode lidar com isso — rebateu ela —, e tudo o mais que você possa sonhar.

— É mesmo? — Ele lançou-lhe um olhar maldoso de prazer, desejo e conhecimento, enquanto a soltava. — Então vamos lavar logo esses pratos e vou ver o que posso fazer.

RETRATOS DE UM VERÃO

Capítulo 1

A sala estava escura. Escuro-breu. Mas o homem chamado Shade estava acostumado ao escuro. Às vezes ele preferia o escuro. Nem sempre era necessário enxergar com os olhos. Seus dedos eram sagazes e competentes, seu olho interior era tão aguçado quanto a lâmina de uma faca.

Havia ocasiões em que, mesmo sem estar trabalhando, ele se sentava numa sala escura e simplesmente deixava as imagens se formarem em sua mente. Formas, texturas, cores. Às vezes elas surgem com mais clareza quando você fecha os olhos e deixa os pensamentos fluírem. Ele corteja a escuridão, as sombras, com o mesmo ardor que corteja a luz. Era tudo parte da vida, e a vida — suas imagens — era sua profissão.

Nem sempre ele via a vida da mesma forma que as outras pessoas. Às vezes ela era mais dura e mais fria do que poderia enxergar o olho nu — ou querer enxergar. Outras vezes era mais suave, mais encantadora do que imaginava o mundo atarefado. Shade observava isso, agrupava os elementos, manipulava tempo e forma, e então registrava de sua maneira. Sempre de sua maneira.

Agora, com a sala já escura e o som de jazz chegando calmo e enxuto, ele trabalhava com suas mãos e sua mente. Atenção e ritmo. Utilizava ambos em cada aspecto de seu trabalho. Lenta e suavemente, abriu a cápsula e transferiu o filme ainda não revelado para o rolo. Quando a tampa à prova de luz foi encaixada sobre o tanque de revelação, ele ajustou o cronômetro com a mão livre e depois puxou o cordão que acendia a luz cor de âmbar na sala.

Shade às vezes gostava mais de revelar o negativo e ampliar do que tirar a foto. Trabalhar no laboratório requeria precisão e acuidade. Precisava de ambos em sua vida. Ampliar a foto permitia criatividade e experimentação. Ele também precisava de ambos. O que ele viu, o que sentia sobre o que viu poderia ser traduzido com exatidão ou

permanecer como um enigma. Acima de tudo, precisava da satisfação de criar algo ele mesmo, sozinho. Sempre trabalhava sozinho.

Agora, ao dar cada passo preciso na revelação — temperatura, químicos, agitação, tempo — a luz cor de âmbar destacava seu rosto nas sombras. Se Shade estivesse querendo criar a imagem de um fotógrafo trabalhando, jamais encontraria um exemplo mais claro do que ele próprio.

Seus olhos eram escuros, e penetrantes, agora que acrescentava o fixador ao tanque. Seu cabelo também era escuro, e longo demais para os padrões atuais, que não lhe diziam nada. Caía por cima de suas orelhas, da camiseta e da testa, e chegava perto das sobrancelhas. Ele nunca deu muita atenção a estilos. O seu era indiferente, quase frio, e altivo.

Seu rosto era bastante bronzeado, fino e duro, dominado por fortes ossos. Sua boca ficava retesada quando estava concentrado. Algumas linhas se espalhavam a partir dos olhos, ali delineando o que ele vira e o que sentira a respeito. Alguns diriam que não fora pouco.

O nariz era um pouco torto, resultado de uma casualidade profissional. Nem todo o mundo gosta de ser fotografado. O soldado cambojano quebrara o nariz de Shade, mas ele conseguira um vigoroso retrato da cidade devastada, abandonada. Até hoje ele considerava a troca justa.

Na luz âmbar, seus movimentos eram bruscos. Ele tinha um corpo esguio e atlético, resultado de anos no campo — frequentemente estrangeiro e pouco amigável — quilômetros de caminhadas e refeições não feitas.

Mesmo agora, anos depois de seu último trabalho para a International View, Shade continuava magro e ágil. Seu trabalho não era mais extenuante como costumava ser nos primeiros anos no Líbano, Laos e América Central, mas seu padrão não mudara. Trabalhava longas horas, às vezes esperando horas a fio pelo ângulo correto, às vezes gastando um rolo inteiro de filme em minutos. Se seu estilo e jeito de

ser eram agressivos, poderia ser dito que o mantiveram vivo e inteiro durante todas as guerras que ele cobriu.

Os prêmios que ganhou e o salário que agora ganha jamais deixaram de ser secundários em relação à fotografia. Se ninguém o tivesse pago ou dado reconhecimento ao seu trabalho, Shade ainda assim continuaria trabalhando no laboratório, revelando seus filmes. Era respeitado, tinha sucesso e era rico. Mas, mesmo assim, continuava sem assistente e trabalhando no mesmo estúdio que montara dez anos atrás.

Quando Shade colocava seus negativos para secar, já tinha uma ideia de quais ampliaria. Contudo, quase não olhava para eles. Deixava-os pendurados e saía. No dia seguinte a visão geral estaria melhor. Esperar era uma vantagem que nem sempre pudera ter. Naquele exato momento, queria uma cerveja. Tinha assuntos para pensar.

Foi direto para a cozinha e pegou uma garrafa gelada. Retirou a tampa e jogou na lata de lixo que sua faxineira semanal cobria com um plástico. O lugar era despojado, não exatamente esfuziante, com todo aquele preto-e-branco cansativo, mas também não era insuportável.

Inclinou a garrafa e deu um enorme gole, quase esvaziando-a. Acendeu um cigarro e em seguida levou a cerveja para a mesa da cozinha onde se recostou numa cadeira e colocou os pés em cima da mesa de madeira escovada.

A visão da janela da cozinha era de uma Los Angeles não tão glamourosa. Era um pouco áspera, rude, inflexível e dura. A luz do início de noite não conseguia torná-la agradável. Ele poderia ter mudado para uma parte mais vistosa da cidade, ou para os morros, onde as luzes da cidade à noite pareciam um conto de fadas. Shade preferia o pequeno apartamento que dava para as ruas descuidadas de uma cidade conhecida pela extravagância. Não tinha muita paciência com a extravagância.

Bryan Mitchell. Ela especializara-se nisso.

Ele não podia negar que seus retratos dos ricos, famosos e bonitos eram benfeitos — até mesmo excelentes dentro do que se propunham. Havia compaixão nas suas fotos, humor e uma leve sensualidade. Ele nem negaria que pudesse haver um lugar para seu tipo de trabalho no campo da fotografia. Simplesmente não era o seu ângulo de trabalho. Ela refletia a cultura, ele entrava direto na vida.

O trabalho dela para a revista *Celebrity* era profissional, sagaz e frequentemente seco, ao seu modo. As pessoas superfamosas que ela fotografara eram quase sempre reduzidas de modo a torná-las mais humanas e próximas. Como ela decidira trabalhar como free-lance, as estrelas, as quase estrelas e os fazedores de estrelas que fotografava para a ostentação a procuravam. Ao longo dos anos criara uma reputação e um estilo que a transformara num deles, uma parte do círculo seletivo e exclusivo.

Poderia acontecer com um fotógrafo, sabia. Eles podiam tornar-se semelhantes aos seus próprios temas, aos seus próprios trabalhos. Às vezes o que tentavam projetar tornava-se uma parte deles. Uma grande parte deles. Não, não estava de má vontade com o estilo de Bryan Mitchell. Shade apenas tinha dúvidas quanto a trabalhar com ela.

Não gostava de parcerias.

Ainda que esses fossem os termos. Quando foi contatado por *LifeStyle* para fazer um estudo pictórico da América, ficou intrigado. Ensaios fotográficos podiam ser relatos fortes e duradouros, podiam sacudir e chocar ou tranquilizar e divertir. Como fotógrafo, ele sempre buscara isso. *LifeStyle* queria ele, queria as emoções fortes, às vezes concisas, às vezes ambíguas que suas fotos podiam retratar. Mas também queriam um contrapeso. Uma visão feminina.

Ele não era tão teimoso a ponto de não entender a questão e não enxergar as possibilidades. Mas, ainda assim, o incomodava pensar que o compromisso dependia de sua disposição em conseguir partilhar o verão, sua van e seus créditos profissionais com uma fotógrafa de celebridades. Três meses na estrada com uma mulher que passava seu tempo aperfeiçoando instantâneos de estrelas do rock e de

personalidades famosas. Para um homem que adquirira experiência profissional no Líbano devastado pela guerra, a ideia não era das mais divertidas.

Mas ele queria fazer o trabalho. Queria a oportunidade de capturar um verão americano de Los Angeles a Nova York, mostrando a alegria, a emoção, o suor, os entusiasmos e os desapontamentos. Queria mostrar o coração, ao mesmo tempo em que o despia até as entranhas.

Tudo o que precisava fazer era dizer sim, e compartilhar o verão com Bryan Mitchell.

— Não pense na câmera, Maria. Dance. Bryan enquadrou em seu visor a superstar do balé de 48 anos. Gostou do que viu. Idade? Um pouco alta, mas anos não significavam nada. Caráter, estilo, elegância. Resistência — mais do que tudo, resistência. Bryan sabia como captar e misturar tudo isso.

Maria Natravidova havia sido fotografada inúmeras vezes ao longo dos seus fenomenais 25 anos de carreira. Mas nunca com suor escorrendo por seus braços e umedecendo a malha. Nunca demonstrando esforço. Bryan não estava procurando as ilusões com as quais as dançarinas vivem, mas a exaustão, as dores que eram o preço do triunfo.

Pegou Maria num salto, as pernas esticadas paralelas ao chão, braços bem abertos e perfeitamente alinhados. Gotas de suor apareciam em seu rosto e nos ombros; os músculos formando feques, Bryan acionou o obturador e moveu levemente a câmera para desfocar um pouco o movimento.

Aquela seria a foto definitiva. Ela sabia, mesmo antes de terminar o filme.

— Você me faz trabalhar — reclamou a bailarina, sentando-se numa cadeira e enxugando o rosto suado com uma toalha.

Bryan fez mais duas fotos, e então baixou a câmera.

— Eu poderia ter pedido que vestisse algum traje típico, fazer uma iluminação por trás e lhe dar um arabesco para segurar, Mostraria como você é bonita, graciosa. Em vez disso, vou mostrar como você é uma mulher forte.

— E você uma mulher inteligente. — Maria suspirou e soltou a toalha. — Se não, por qual outro motivo eu lhe pediria para fazer as fotos do meu livro?

— Porque sou a melhor. — Bryan atravessou o estúdio e desapareceu numa sala ao fundo. Maria massageava as pernas para se livrar de uma cãibra. — Porque a entendo, a admiro. E... — Ela trouxe uma bandeja com dois copos e um balde cheio de gelo — porque eu espremo laranjas para você.

— Querida. — Maria, rindo, pegou o primeiro copo. Por um instante, segurou-o a altura da testa, e então bebeu com sofreguidão.

Seu cabelo escuro estava penteado para trás num estilo que apenas bons ossos e uma pele sem defeitos poderiam tolerar. Ela esticou seu longo e magro corpo na cadeira e examinou Bryan por cima dos óculos.

Maria conhecia Bryan havia sete anos, desde que a fotógrafa começara na Celebrity com a tarefa de tirar fotos dos bastidores do mundo da dança. A dançarina havia sido uma estrela, mas Bryan não se mostrou embevecida. Maria ainda podia se lembrar da jovem com grossas tranças douradas e usando um macacão. A elegante primeira-bailarina viu-se frente a frente com sinceros olhos acinzentados, um rosto elegante com bochechas enviesadas e uma enorme boca. O corpo alto e atlético quase não estava visível dentro da roupa folgada. Ela estava usando tênis velhos e longos brincos pendentes.

Maria baixou os olhos para os tênis Nike encardidos que Bryan estava usando. Algumas coisas nunca mudavam. À primeira vista, você rotularia a loura alta e bronzeada usando tênis e short como a típica californiana. As aparências enganam. Não havia nada típico em Bryan Mitchell.

Bryan sentiu o olhar enquanto bebia.

— O que você vê, Maria? — Interessava-lhe saber. Conceitos e preconceitos eram parte do negócio.

— Uma mulher forte e inteligente, com talento e ambição. — Maria sorriu e se recostou na cadeira. — Quase como eu.

Bryan sorriu.

— Tremendo elogio.

Maria indicou o agradecimento com um gesto.

— Não há muitas mulheres de quem eu goste. De mim eu gosto, e de você. E ando ouvindo alguns boatos sobre você e aquele jovem ator bonitinho.

— Matt Perkins. — Bryan não costumava se esquivar ou fingir. Ela vivia, por escolha própria, numa cidade movida a boatos, alimentada por fofocas. — Eu o fotografei, jantei algumas vezes com ele.

— Nada sério?

— Como você mesmo disse, ele é bonitinho. — Bryan sorriu, mastigou um pedaço de gelo. — Mas quase não há espaço para os nossos egos na Mercedes dele.

— Homens. — Maria inclinou-se para servir-se novamente.

— Agora você vai dizer algo profundo.

— Quem melhor do que eu para isso? — contrapôs Maria, - Homens. — Ela repetiu a palavra, saboreando-a. — Eu os acho entediantes, infantis, tolos e indispensáveis. Ser amada... sexualmente, você compreende?

Bryan conseguiu evitar que seus lábios demonstrassem desacordo.

— Eu entendo.

— Ser amada é divertido, é extenuante. Como o Natal. Às vezes me sinto como uma criança que não entende por que o Natal acaba. Mas acaba. E você fica esperando pela próxima vez.

Bryan sempre foi fascinada pela maneira com a qual as pessoas se sentiam em relação ao amor, como elas lidavam com isso, como o perseguiam em vão, como o evitavam.

— É por isso que nunca se casou, Maria? Está esperando pela próxima vez?

— Eu me casei com a dança. Para me casar com um homem, eu ia ter de me divorciar da dança. Não há lugar para dois com uma pessoa como eu. E você?

Bryan mirou sua bebida. Não estava mais se divertindo. Ela compreendia muito bem aquelas palavras.

— Não há lugar para dois — murmurou ela —, mas não espero pela próxima vez.

— Você é jovem. Se você pudesse ter um Natal todos os dias, você não aproveitaria?

Bryan moveu os ombros.

— Sou muito preguiçosa para ter um Natal por dia.

— Mesmo assim, é uma linda fantasia. — Maria se levantou e esticou-se. — Você me fez trabalhar demais. Preciso tomar uma chuveirada e trocar de roupa. Tenho um jantar com meu coreógrafo.

Agora sozinha, Bryan passou distraidamente o dedo pela parte de trás da câmera. Ela não pensava muito em amor e casamento. Já tivera sua experiência. Uma vez que a fantasia é submetida à realidade, ela desaparece, como uma fotografia mal fixada. Relacionamentos permanentes raramente davam certo, e mais raramente ainda traziam felicidade.

Pensou em Lee Radcliffe, casada com Hunter Brown há quase um ano, ajudando-o a criar a filha dele e grávida de seu primeiro filho. Lee era feliz, mas, nesse caso, ela achara um homem extraordinário, um homem que desejava que ela fosse o que era de fato, até mesmo a estimulava a explorar a si mesma. A experiência pessoal de Bryan a

ensinara que o que é dito e o que é sentido podem ser duas coisas completamente opostas.

Sua carreira é tão importante para mim quanto para você. Quantas vezes Rob dissera isso antes de se casarem? Termine a faculdade. Vai fundo.

E aí se casaram, jovens, ávidos, idealistas. Em seis meses ela já estava infeliz com o tempo que dedicava às aulas e com seu emprego num estúdio local. Ele sempre queria o jantar quente e as meias lavadas. Um pedido nem um pouco exagerado, refletiu Bryan. Para ser justa, tinha de dizer que Rob exigira pouco dela. Mas na época era demais.

Eles se gostavam, e ambos tentaram fazer ajustes. Ambos descobriram que queriam coisas diferentes — coisas diferentes de cada um deles, coisas que nenhum dos dois poderia ser, nenhum dos dois poderia dar.

Poderia ser chamado de um divórcio amigável — sem raiva, sem amargura. Sem paixão. Uma assinatura num documento, e o sonho estava encerrado. Foi a experiência mais dolorosa da vida de Bryan. A mácula do fracasso permaneceu nela durante muito tempo.

Ela sabia que Rob se casara novamente. Estava morando nos arredores da cidade com a mulher e dois filhos. Conseguira o que queria.

E ela também, disse para si mesma, dando uma olhada no estúdio. Não apenas quis ser fotógrafa. Era fotógrafa. As horas que passava no campo, no estúdio, no laboratório, eram tão essenciais para ela quanto dormir. E o que realizara nos seis anos que se seguiram ao divórcio fizera por conta própria. Não precisava dividir com ninguém. Não precisava compartilhar seu tempo. Talvez fosse bastante parecida com Maria. Era uma mulher que administrava a própria vida, tomava suas próprias decisões, pessoal e profissionalmente. Algumas pessoas não nascem para compartilhar.

Shade Colby. Bryan colocou os pés na cadeira de Maria. Talvez tivesse que tomar uma decisão com relação a isso. Ela admirava o trabalho dele. Admirava tanto que, na realidade, torrara uma significativa quantia de dinheiro numa fotografia de uma cena de rua de Los Angeles que ele fizera, numa época em que dinheiro era uma grande preocupação para ela. Estudara a foto, tentando analisar e adivinhar a técnica que ele utilizara para fazer a foto e a ampliação. Era um trabalho melancólico, com muito cinza e pouca luz. Mas mesmo assim, Bryan sentira um certo caráter nela, não desesperança, mas crueldade. Contudo, admirar o trabalho dele e trabalhar com ele eram coisas diferentes.

Moravam e trabalhavam na mesma cidade, mas circulavam em ambientes diferentes. Na grande maioria das vezes, Shade Colby não circulava em ambiente algum. Vivia enclausurado. Já o vira em diversas ocasiões envolvendo fotografia, mas jamais se encontraram.

Ele daria um interessante objeto para um ensaio, refletiu ela. Com tempo suficiente, poderia capturar aquele ar indiferente e realista numa foto. Talvez, se decidissem pegar o trabalho, ela teria uma chance.

Três meses de viagem. Quantos lugares no país ainda não conhecia, quantas fotos não tirara. Pensativa, pegou uma barra de chocolate do bolso da calça e retirou o invólucro. Agradava-lhe a ideia de arrancar uma fatia dos Estados Unidos, uma temporada, e depois organizar as imagens. Quantas coisas poderiam ser ditas.

Bryan gostava de fazer seus retratos. Pegar um rosto, uma personalidade, principalmente uma bem conhecida, e descobrir o que ficava por baixo era fascinante. Algumas pessoas poderiam considerar algo limitado, mas ela achava muito variado. Podia pegar a estrela de rock durona e mostrar suas vulnerabilidades, ou desenterrar o humor de um megastar frio e majestático. Capturar o inesperado, o novo — esta era a proposta da fotografia para ela.

Agora estavam lhe oferecendo a oportunidade de fazer a mesma coisa com um país. As pessoas, pensou ela. Tantas pessoas.

Ela queria fazer o trabalho. Mesmo que isso significasse ter de compartilhar com Shade Colby o trabalho, as descobertas, a diversão, ainda assim ela queria fazer o projeto. Mordeu o chocolate. E daí se ele tinha a reputação de ser excêntrico e distante? Ela podia conviver com alguém por três meses.

— Chocolate engorda e enfeia.

Bryan levantou o olhar para Maria, que acabava de voltar à sala. Não suava mais. Agora estava com a aparência que as pessoas esperavam de uma primeira bailarina. Usando seda e cheia de diamantes. Elegante, serena, bela.

— Mas me deixa feliz — opôs-se Bryan. — Você está fantástica, Maria.

— Estou. — Maria passou uma das mãos nas ondulações de seda em sua cintura. — Mas, afinal, é meu trabalho ficar assim. Você vai trabalhar até mais tarde?

— Quero revelar o filme. Vou lhe mandar algumas provas amanhã.

— E este vai ser o seu jantar?

— Apenas o começo. — Bryan arrancou um enorme pedaço do chocolate. — Vou pedir uma pizza.

— Com pepperoní. Bryan deu uma risadinha.

— Com tudo.

Maria apertou o estômago com as mãos. — E eu vou comer com meu coreógrafo, aquele tirano, o que é quase o mesmo que nada.

— E eu vou tomar refrigerante em vez de champanhe. Sempre temos de pagar algum preço.

— Se eu gostar das provas, mando-lhe uma caixa.

— De champanhe?

— De refrigerante.

Maria deu uma gargalhada e foi embora.

Uma hora mais tarde, Bryan pendurou seus negativos para secar. Precisava fazer as provas para ter certeza, porém, em mais de quarenta fotos, escolheria no máximo cinco para ampliar.

Quando seu estômago começou a dar nós, ela olhou para o relógio. Pediu a pizza para as 19:30. Bem cronometrado, pensou ela, e saiu da sala escura. Comería e começaria a examinar as fotos de Matt que fizera para estampar uma revista feminina. Depois trabalharia na foto escolhida até que os negativos de Maria estivessem secos. Começou a remexer as dezenas de pastas que estavam em sua mesa — seu método pessoal de arquivo — quando alguém bateu na porta do estúdio.

— Pizza — suspirou ela, gulosa. — Pode entrar, já estou morrendo de fome. — Bryan jogou sua enorme bolsa de tela na mesa de trabalho e começou a caçar sua carteira. — Chegou bem na hora. Mais cinco minutos, e eu teria sumido do mapa. Não devia ter deixado de almoçar. — Depositou na mesa um grosso e surrado bloco de notas, uma bolsa transparente de plástico cheia de cosméticos, um chaveiro e cinco barras de chocolate. — Acabei de colocar ela em algum lugar. Já vou encontrar o dinheiro, só um minuto. — Meteu a mão bem fundo na bolsa. — De quanto você precisa mesmo?

— Do máximo que eu conseguir.

— Como todos nós. — Bryan pegou uma carteira masculina usada. — E estou desesperada para limpar o cofre para você, mas... — Ela baixou a voz quando viu Shade Colby.

Ele olhou de relance para ela e, em seguida, concentrou-se em seus olhos.

— O que você gostaria de pagar para mim?

— Pizza. — Bryan jogou a carteira na mesa com a metade do conteúdo da bolsa. — Um caso de fome extrema e identidade equivocada. Shade Colby. — Ela estendeu a mão, curiosa e, para sua surpresa, nervosa. Ele parecia mais assustador quando não estava no meio de uma multidão. — Eu o reconheço — continuou ela —, mas acho que jamais nos encontramos.

— Não, não nos encontramos.

Ele apertou a mão dela e segurou enquanto analisava seu rosto uma segunda vez. Mais forte do que ele havia esperado. Ele sempre procurava a força em primeiro lugar, depois as fraquezas. E mais jovem. Embora soubesse que ela tinha apenas 28 anos, Shade esperara uma aparência mais dura, mais agressiva, vulgar. Ao contrário, ela parecia alguém que acabara de chegar da praia.

Sua camiseta era justa, mas ela era magra o suficiente para usá-la sem problema. As tranças chegavam quase na altura da cintura, e o fazia especular sobre como seria seu cabelo livre e solto. Seus olhos o interessaram — cinzas quase prateados e amendoados.

Olhos que gostaria de fotografar deixando o resto do rosto na sombra. Ela podia carregar uma bolsa de cosméticos, mas não parecia usar algum deles.

Não era fútil na aparência, decidiu ele. O que tornava as coisas mais simples se resolvesse trabalhar com ela. Não tinha paciência para esperar uma mulher se pintar e se pentear e fazer aquela confusão toda. Esta não faria. E ela o estava examinando da mesma maneira que ele a examinava. Shade aceitou aquilo. Um fotógrafo, como qualquer artista, estava atrás de ângulos.

— Estou interrompendo seu trabalho?

— Não, eu estava fazendo uma pausa. Sente-se.

Ambos estavam cautelosos. Ele viera seguindo um impulso. Bryan não tinha certeza de como lidar com ele. Cada um decidiu esperar o momento propício antes de ultrapassarem as cortêsias impessoais de praxe. Bryan permaneceu atrás da mesa. Território dela; movimento dele, decidiu.

Shade não sentou-se de imediato. Em vez disso, meteu as mãos nos bolsos e deu uma olhada no estúdio. Era amplo e bem iluminado pela faixa de janelas. Podiam-se ver, ainda dispostos numa parte do estúdio, pequenos focos de luz e um pano de fundo azul para alguma sessão de trabalho anterior. Refletores e para-sóis podiam ser vistos em outra

parte, assim como também uma câmera num tripé, Ele não precisava olhar de perto para perceber que o equipamento era de primeira linha. Contudo, um equipamento de primeira linha não faz com que um fotógrafo seja de primeira linha.

Ela gostou do jeito dele se portar, nem um pouco ansioso, mas pronto, distante. Se tivesse de escolher agora, o fotografaria em sombras, sozinho. Mas Bryan insistia em primeiro conhecer a pessoa para só depois retratá-la.

Quantos anos teria ele?, imaginou ela. Uns 33, 35 anos? Já concorrera a um premio Pulitzer quando ainda estava na universidade. Não lhe ocorreu ficar intimidada.

— Lugar bacana — comentou ele, antes de se sentar na cadeira em frente à mesa.

— Obrigada. — Ela virou a cadeira para poder analisá-lo de um ângulo diferente. — Você não tem um estúdio próprio, tem?

— Faço trabalho de campo. — Ele pegou um cigarro. — É muito raro eu precisar de um estúdio. Posso pedir emprestado ou alugar um sem o menor problema.

Ela foi, automaticamente, atrás de um cinzeiro embaixo do caos de sua mesa.

— Você mesmo faz todas as suas ampliações?

— Isso mesmo.

Bryan assentiu com a cabeça. Nas poucas ocasiões na Celebrity, quando fora obrigada a confiar seu filme a outra pessoa, não ficara satisfeita. Este foi um dos principais motivos de ter decidido abrir seu próprio estúdio.

— Eu adoro trabalhar no laboratório.

Ela sorriu pela primeira vez, fazendo com que ele estreitasse os olhos e focalizasse seu rosto. Que espécie de poder era aquele?,

imaginou ele. Um lábio franzido, sem nenhum esforço, relaxado. E era como um fantástico soco no estômago.

Bryan despertou com a batida na porta.

— Finalmente.

Shade a observou atravessar a sala. Não reparara que ela era tão alta. Mais de 1,75m, estimou ele, e grande parte de perna. Pernas longas, esguias e bronzeadas. Não era fácil ignorar o sorriso, mas era praticamente impossível ignorar as pernas.

Também não havia notado seu perfume até que ela passou por ele. Sexo sem pressa. Não conseguia pensar em outra maneira de descrevê-lo. Não era floral, não era sofisticado. Era básico. Shade deu uma tragada e a observou sorrir para o entregador de pizza.

Fotógrafos são conhecidos por terem ideias preconcebidas. Faz parte da profissão. Ele esperara que ela fosse elegante e suave.

Era com uma pessoa assim que ele quase se resignara a trabalhar. Agora era uma questão de reorganizar seus pensamentos. Desejaria ele trabalhar com uma mulher que tivesse cheiro de noite e parecesse uma garota de praia?

Shade afastou-se dela e abriu uma pasta ao acaso. Reconheceu o assunto — uma campeã de bilheteria com dois Oscar e três maridos a seu dispor. Bryan a vestira com brilhos e fulgores. ornamentos reais para a realeza. Mas ela não fizera a foto típica.

A atriz estava sentada numa mesa repleta de potes e tubos loções de cremes, e olhava para seu próprio reflexo no espelho, rindo. Não o sorriso equilibrado e cuidadoso que não mostrava nenhuma ruga, mas uma gargalhada robusta, total que era quase audível. Bryan deixara para o espectador especular se ela ria de seu reflexo ou da imagem que criara ao longo dos anos.

— Gosta?

Bryan trouxe a embalagem de pizza e parou ao lado dele.

— Gostei. Ela gostou?

Faminta demais para formalidades, Bryan abriu a caixa e retirou o primeiro pedaço.

— Ela encomendou um 16 por 24 de seu noivo. Quer um pedaço?

Shade olhou dentro da caixa.

— Eles esqueceram de colocar alguma coisa nessa pizza?

— Não. — Bryan foi atrás de guardanapos numa gaveta do armário e trouxe lenços umedecidos.—Eu acredito firmemente no excesso de prazer. Então...—Bryan deixou a caixa aberta na escrivaninha entre eles, recostou-se na cadeira e apoiou os pés. Já estava na hora, decidiu ela, de ultrapassar a cerca.—Você quer conversar sobre o trabalho?

Shade pegou um pedaço de pizza e um punhado de lenços.

— Tem cerveja?

— Refrigerante... dietético ou normal. — Bryan deu uma enorme e prazerosa dentada. — Não deixo bebidas alcoólicas no estúdio. Os clientes acabam meio tontos.

— Vamos pular essa parte por enquanto. — Por um momento comeram em silêncio, ainda medindo um ao outro. — Tenho pensado bastante sobre fazer ou não esse trabalho.

— Seria uma mudança para você. — Ele apenas ergueu uma sobrancelha e Bryan aproveitou para fazer um bolinho com alguns lenços e jogar na lixeira. — O seu trabalho no exterior... foi barra pesada. Havia sensibilidade e compaixão, mas era, em grande parte, sinistro.

— Era uma época sinistra. Nem tudo o que fotografo precisa ser bonitinho.

Agora foi ela quem ergueu a sobrancelha. Ele, obviamente, não pensara muito no caminho que ela percorrera ao longo de sua carreira.

— Nem tudo o que fotografo precisa ser rude. Há espaço para a diversão e a arte.

Ele aceitou a frase dando de ombros.

— Veríamos coisas diferentes se olhássemos pela mesma lente.

— É isso o que torna cada foto única.

Bryan inclinou-se à frente e pegou outro pedaço de pizza.

— Gosto de trabalhar sozinho.

Ela comia, pensativa. Se ele tentava irritá-la, estava acertando bem no alvo. Se nada mais era do que a personalidade dele extravasando, nem por isso as coisas ficariam mais fáceis. De um jeito ou de outro, ela queria o trabalho, e ele fazia parte dele.

— Também prefiro trabalhar assim — disse ela, lentamente. — Às vezes é preciso que haja conciliação. Você sabe o que é conciliação, Shade. Você dá, eu dou. A gente se encontra mais ou menos no meio.

Ela não era tão relaxada como parecia. Bom. A última coisa que precisava era viajar a trabalho com alguém com a jovialidade que ela ameaçava ter. Três meses, pensou ele novamente. Talvez. Uma vez que as regras de campo fossem estabelecidas.

— Eu faço o roteiro — começou ele, bruscamente. — A gente inicia aqui em Los Angeles daqui a duas semanas. Cada um dos dois é responsável pelo próprio equipamento. Assim que estivermos na estrada, cada um vai seguir seu próprio percurso. Você faz suas fotos, eu faço as minhas. Sem perguntas.

Bryan lambeu um pouco de molho nos dedos.

—Alguém, alguma vez, o questiona, Colby?

— O que importa é saber se respondo ou não. — Foi dito com simplicidade, e era exatamente o que ele queria dizer. — O editor quer as duas visões, então ele as terá. De tempos em tempos,. A gente vai dar uma parada para alugar um laboratório. E vou examinar seus negativos.

Bryan enrolou mais alguns lencinhos.

— Não vai não.

Com toda a calma do mundo, ela cruzou as pernas. Seus olhos ficaram nublados, a única demonstração exterior de uma raiva crescente.

— Não estou interessado em ter o meu nome ligado a uma série de fotografias do universo pop.

Para manter-se sob controle, Bryan continuou a comer. Havia tantas coisas, tantas coisas claras e curtas que ela gostaria de dizer a ele. Nervosismo gasta muita energia, lembrou-se a si mesma. E normalmente não resolvia coisa alguma.

—A primeira coisa que vou querer ver escrita no contrato é que cada uma das nossas fotos tenha o nosso próprio perfil. Assim, nenhum de nós vai ficar constrangido com o trabalho do outro. Não me interessa que o público pense que não tenho senso de humor. Quer outro pedaço?

Não. — Ela era dura na queda. A pele do cotovelo pode parecer tão macia quanto manteiga, mas a mulher não era. Talvez pudesse ficar irritado de ser insultado de modo tão casual, mas preferia isso a um acordo sem dificuldades. — Estaremos fora do dia

15 de junho até depois do Dia do Trabalho, no início de setembro. — Ele a observou erguer outro pedaço de pizza. — Já que estou vendo como você come, cada um vai cuidar das próprias despesas.

— Ótimo. Agora, caso você tenha alguma ideia esdrúxula, eu não cozinho e não vou cuidar do seu lixo. Vou dirigir o que tiver que dirigir, mas não vou dirigir com você se você estiver bêbado. Quando a gente alugar um laboratório vamos alternar quem vai usá-lo primeiro. Do dia 15 de junho até o início de setembro, somos parceiros. Meio a meio. Se tiver alguma objeção, vamos resolver agora, antes de assinar embaixo.

Ele pensou no que ela dissera. Ela tinha uma boa voz, macia, tranquila, quase um bálsamo. Podiam lidar bastante bem com a proximidade — na medida em que ela não sorrisse muito para ele e ele mantivesse os olhos afastados daquelas pernas. No momento, ele considerava aquele o menor dos problemas. O trabalho vinha antes, assim como o que ele queria com ele, e o que queria dele.

— Você tem um amante?

Bryan conseguiu não se engasgar com a pizza.

— Se está me fazendo uma proposta — continuou ela, com leveza —, vou ter de recusar. Homens grosseiros e mal-humorados não são o meu tipo.

Por dentro, ele teve de reconhecer um outro golpe. Por fora, seu rosto permaneceu inexpressivo.

— Vamos morar juntos por quase três meses. — Ela o desafiara, percebendo ou não. Percebendo ou não, Shade aceitou. Aproximou-se. — Não quero ter de discutir com algum amante ciumento nos perseguindo ou telefonando sem parar enquanto estou tentando trabalhar.

Quem ele estava pensando que ela era? Alguma irresponsável que não sabe administrar sua vida pessoal? Ela se obrigou a parar um instante. Talvez ele tenha tido algumas experiências desagradáveis em seus relacionamentos. Problema dele, decidiu Bryan.

— Eu cuido dos meus amantes, Shade. — Bryan mordeu pizza com gosto de vingança. — Você cuida das suas. — Enxugou os dedos no último lenço de tecido e sorriu. — Desculpe terminar assim a festa, mas tenho de voltar para o trabalho.

Ele se levantou, avaliou as pernas dela e depois levantou o olhar. Faria o trabalho. E teria três meses para descobrir como se sentia em relação a Bryan Mitchell.

— Vou manter contato.

— Faça isso.

Bryan esperou até que ele atravessasse a sala e fechou a porta do estúdio atrás dele. Com uma energia incomum, e uma vivacidade que normalmente reservava para o trabalho, ela deu um pulo e arremessou a caixa de papelão porta afora.

Os três meses seguintes prometiam ser bem longos.

Capítulo 2

Ela sabia exatamente o que queria. Bryan talvez estivesse um pouco adiantada em relação a data programada para o início do projeto "Verão americano" da revista LifeStyle, mas estava gostando da ideia de estar um passo à frente de Shade Colby. Banal, talvez, mas ela estava gostando.

De qualquer modo, ela duvidava que um homem como ele apreciaria a alegria intemporal de um último dia de aula. Em que outra ocasião começava realmente o verão senão durante aquela explosão de liberdade?

Ela escolheu uma escola primária porque queria inocência. Escolheu uma escola de um bairro decadente porque queria realismo. Crianças que saíam da sala de aula e entravam numa limusine não era a imagem que ela queria projetar. Esta escola podia estar em qualquer cidade do país. As crianças que saíam como um raio por aquela porta seriam como todas as crianças do país. As pessoas que olhassem para a foto, não importa a idade, veriam algo delas próprias.

Bryan usou o tempo que foi necessário para realizar a foto, escolheu e rejeitou diversos pontos até decidir-se por um. Não era possível e nem aconselhável arranjar a cena previamente. Somer; fotos ao acaso poderiam lhe dar o que ela desejava — a espontaneidade e a pressa.

Quando o sinal tocou e as portas se abriram, foi exatamente isso o que ela obteve. Era quase como ser pisoteada por tênis voadores. Gritando, berrando e assobiando, as crianças saíam da escola em direção à luz do dia.

Estouro de boiada. Foi este o pensamento que lhe passou pela cabeça. Bryan rapidamente agachou-se e fotografou, pegando a primeira leva de crianças que saíam em disparada num ângulo que transmitia velocidade, multidão e confusão total.

Vamos, vamos! É verão, e todos os dias são sábados. Setembro estava a anos de distância. Ela podia ver isso estampado no rosto de cada criança.

Mudou de posição e tirou uma foto do grupo seguinte. Quando a foto estivesse finalizada, o grupo daria a impressão de estar arremetendo da página da revista. Num impulso, ela colocou a câmera na posição vertical. E conseguiu o efeito. Um garoto de uns oito ou nove anos descia a escada aos saltos com as mãos para o alto e os dentes expostos na maior felicidade. Bryan o fotografou no ar enquanto ele elevava a cabeça e os ombros por sobre as outras crianças. Ela capturara o garoto elevado com o triunfo daquela mágica e dourada estrada da liberdade que se espalhava por todas as direções.

Embora já estivesse absolutamente certa de qual foto ampliaria para o trabalho, Bryan continuou a trabalhar. Em dez minutos, acabou.

Satisfeita, mudava lentes e ângulos. A escola já estava vazia, ela queria fotografá-la daquele jeito. Não queria uma sensação de luminosidade excessiva, então decidiu utilizar um filtro com baixo contraste. Quando revelasse a foto, Bryan "iludiria" a luz do céu colocando alguma naquela parte do papel para impedir a superexposição. Queria a sensação de vazio, de espera, contrastando com a vivacidade e a energia que acabara de surgir daquele prédio. Gastou um rolo inteiro de filme antes de esticar-se e descansar a câmera. -

Fim das aulas, pensou ela, dando um risinho. Sentiu ela própria aquele carismático impulso de liberdade. O verão estava apenas começando.

Desde que se desligou da equipe da Celebrity, Bryan descobriu que sua carga de trabalho não diminuiria. No mínimo, descobrira-se uma chefe mais dura do que a revista. Ela amava seu trabalho e frequentemente dedicava a ele o dia inteiro e muitas noites. Seu ex-marido uma vez a acusara de ser obcecada não com a câmera, mas por ela. Era algo que jamais seria capaz de negar ou rebater. Após dois dias trabalhando com Shade, Bryan descobriu que não estava sozinha.

Ela sempre se considerara uma artesã meticulosa. Comparada a Shade, era apática. Ele tinha uma paciência no trabalho que ela admirava, mesmo deixando-a no limite da irritação. Trabalhavam a partir de perspectivas completamente diferentes. Bryan fotografava uma cena e transmitia sua visão pessoal — suas emoções, suas sensações sobre a imagem. Shade cultivava a ambiguidade de maneira deliberada. Apesar de suas fotos desencadearem dezenas de reações variadas, sua visão pessoal quase sempre permanecia secreta. Praticamente tudo sobre ele permanecia parcialmente obscuro.

Ele não batia papo, mas Bryan não se importava de trabalhar em silêncio. Era quase como trabalhar sozinha. Entretanto, os olhares longos e quietos dele chegavam a enervá-la. Mas não se importava de ser dissecada como se estivesse no visor de uma câmera.

Encontraram-se duas vezes depois daquele primeiro encontro no estúdio dela, ambas as vezes para tentar chegar a alguma conclusão sobre o roteiro básico e os temas para o trabalho. Ela não o achava menos difícil, mas incisivo. O projeto era importante o bastante para os dois tornarem possível o que ela sugerira — encontrarem-se em algum ponto no meio.

Após a irritação inicial com ele ter desaparecido, Bryan decidiu que poderiam ficar amigos ao longo dos próximos meses — amizade profissional, de qualquer modo. Então, após dois dias trabalhando com ele, percebeu que seria impossível. Shade não conseguia demonstrar emoções simples, como a amizade, por exemplo. Ou ele estava deslumbrado ou enfurecido. Ela escolheu não ficar deslumbrada.

Bryan pesquisara bastante sobre ele, dizendo a si mesma que o motivo era a rotina profissional. Você não viaja com um homem sobre o qual não sabe literalmente nada. Ainda assim, quanto mais descobria, mais profunda ficava sua curiosidade.

Ele foi casado e depois divorciado aos vinte e poucos anos. Isso era tudo. Nenhuma história, nenhuma fofoca, nenhum certo ou errado. Ele apagava bem as pegadas. Como fotógrafo da International View, Shade passou um total de nove anos morando no exterior. Não nas charmosas

Paris, Londres ou Madri, mas no Laos, no Líbano e no Camboja. Seu trabalho lá o fez concorrer a um Pulitzer e ganhar o Prêmio do Clube da Imprensa Estrangeira.

Suas fotografias estavam disponíveis para estudo e análise, mas a vida pessoal permanecia obscura. Ele raramente aparecia em eventos sociais. Os poucos amigos que tinha eram fiéis até a raiz do cabelo e jamais falavam nada sobre ele. Se quisesse saber mais sobre Shade, Bryan teria de descobrir durante o trabalho.

Bryan considerara um bom sinal o fato de terem concordado em passar o último dia em Los Angeles trabalhando na praia. Tinham decidido sobre a localização sem nenhuma briga. Cenas de praia era um tema que acompanharia todo o ensaio — da Califórnia a Cape Cod.

De início, caminharam pela areia juntos, como se fossem amigos ou amantes, sem se tocar, mas lado a lado. Não conversavam, mas Bryan já descobrira que Shade não jogava conversa fora, a menos que estivesse de bom humor.

Ainda não eram nem dez horas, mas o sol já estava quente e brilhante. Como era uma manhã de meio de semana, a maioria das pessoas que estavam à procura de sol e mar eram jovens ou idosos. Quando Bryan parou, Shade continuou a andar sem que nenhum dos dois dissesse uma palavra.

O contraste chamara a sua atenção. A senhora idosa empacotada debaixo de um chapéu enorme e mole, usando um vestido de praia longo e um xale de crochê. Ela estava sentada embaixo do guarda-sol e observava sua neta — que usava apenas uma pequena tanga cor-de-rosa cheia de babados — cavar um buraco na areia ao seu lado. O sol caía em cheio sobre a criança. A sombra cobria a senhora.

Ela teria de pedir para a mulher assinar um termo de liberação. Invariavelmente, perguntar a alguém se seria possível tirar uma foto, deixava a pessoa reticente, e Bryan evitava isso sempre que possível. Nesse caso não era, então ela teve de ser paciente o bastante para papear e esperar até que a mulher ficasse novamente relaxada.

Seu nome era Sadie, assim como o da neta. Antes de dar o primeiro clique, Bryan já sabia que o título da foto seria: Duas Sadies. Tudo o que tinha de fazer era recuperar aquele olhar sonhador e distante da mulher.

Levou vinte minutos. Bryan esqueceu do calor desconfortável que estava sentindo enquanto ouvia, pensava e media os ângulos. Sabia o que queria. A cuidadosa autopreservação da senhora, a total falta de qualquer coisa parecida com isso na criança, e o laço entre elas, de sangue e tempo.

Perdida em reminiscências, Sadie desligou-se da câmera e não notou quando Bryan acionou o diafragma. Ela queria a pungência

— era o que havia visto. Quando a ampliasse, Bryan seria implacável com as rugas e pregas do rosto da avó, assim como realçaria a perfeição da pele da criança.

Satisfeita, Bryan conversou um pouco mais, e então tomou nota do endereço da mulher com a promessa de lhe enviar uma cópia. Foi embora, atrás da próxima cena que registraria.

Shade também descobriu seu primeiro objeto, mas não conversou. O homem estava deitado de barriga para baixo sobre uma toalha de praia. Era vermelho, flácido e anônimo. Um empresário numa manhã de folga, um vendedor de Ioa — pouco importava. Ao contrário de Bryan, ele não estava atrás de personalidade, mas sim da semelhança daqueles que ficavam tostando seus corpos embaixo do sol. Ao lado dele, na areia, estavam um tubo de bronzeador e um par de sandálias de borracha.

Shade escolheu dois ângulos e tirou seis fotos sem trocar nenhuma palavra com o banhista que ressonava. Satisfeito, examinou a praia ao redor. Alguns metros adiante, Bryan estava tirando seu short e sua camiseta. O maiô vermelho e suave subia-lhe pelas coxas de modo quase atordoante. Estava de lado para ele enquanto tirava o short, Seu rosto era agudo, bem definido, como se tivesse sido esculpido por mãos meticulosas.

Shade não hesitou. Focalizou-a, fez a abertura, ajustou o ângulo e esperou. No momento em que ela se abaixou para retirar a camiseta, ele começou a fotografar.

Ela era tão tranquila, tão imperturbável. Ele não conseguia mais imaginar como uma pessoa podia ser tão completamente despreocupada num mundo onde o narcisismo se tornara uma religião. Seu corpo era uma linha longa e esguia, expondo-se cada vez mais à medida que tirava a camiseta por cima da cabeça. Por um instante, ela virou a cabeça na direção do sol, abençoando o calor. Alguma coisa começou a dar pontadas em sua barriga. Desejo. Ele reconhecia. Não se importou com isso.

Era, disse para si mesmo, o que se chamava em seu trabalho de momento decisivo. O fotógrafo pensa e depois fotografa, enquanto observa a cena se desenrolar. Quando os elementos visuais e emocionais aparecem juntos — como agora, mais parecendo um soco na barriga — o sucesso é certo. Não há repetições, não há segundas tentativas. Momentos decisivos significam exatamente isso, tudo ou nada. Se ficara trêmulo por um instante, isso apenas provava que obtivera êxito na captura daquela sexualidade tranquila e lânguida.

Anos atrás, treinara a si próprio para não se deixar envolver emocionalmente com seus objetos de trabalho. Eles poderiam comê-lo vivo. Bryan Mitchell talvez não parecesse alguém que pudesse dar dentadas em um homem, mas Shade não se arriscava. Virou-se e esqueceu-se dela. Quase.

Voltaram a se cruzar somente mais de quatro horas depois. Bryan estava sentada ao sol comendo um cachorro-quente chafurdando em toneladas de mostarda e molho. De um lado estava sua bolsa com a câmera, do outro, uma lata de refrigerante. Seus estreitos óculos de sol vermelhos refletiam a luminosidade em Shade.

— Como foi? — perguntou ela, com a boca cheia.

— Legal. Tem um cachorro-quente debaixo disso tudo?

— Hum, hum. — Ela engoliu e apontou para o quiosque. — Maravilhoso.

— Não, obrigado. — Shade inclinou-se para baixo, pegou o refrigerante quente dela e deu um gole. Laranja e doce. — Como é que você consegue beber esse troço?

— Eu necessito de muito açúcar. Tirei umas fotos que me agradaram bastante. — Ela estendeu a mão, pedindo a lata. — Quero fazer umas ampliações antes da gente ir embora amanhã.

— Desde que você esteja pronta às sete.

Bryan enrugou o nariz ao terminar de comer seu cachorro-quente. Preferia trabalhar até sete da manhã a ter de acordar tão cedo. Uma das primeiras coisas que teriam de resolver na viagem era a diferença nos relógios biológicos de cada um. Ela compreendia a beleza e o poder de uma foto do nascer do sol. Mas só que preferia o mistério e a cor do pôr do sol.

— Estarei pronta. — Ela se levantou, sacudiu a areia do traseiro e jogou a camiseta por cima do maiô. Shade poderia ter dito que ela parecia mais modesta sem aquilo. A maneira com a qual a camiseta deslizava por cima das coxas, chamando a atenção para elas, era quase criminosa. — Desde que você dirija primeiro — continuou ela. — Só vou estar apta às dez.

Ele não sabia por que fizera aquilo. Shade era um homem que analisava cada movimento, cada textura, forma, cor. Recortava tudo de acordo com os respectivos rótulos e depois reagrupava novamente. Este era seu método. Não a impulsividade. Mas, mesmo assim, ele se aproximou e passou os dedos no cabelo dela sem pensar no ato ou nas consequências. Queria apenas tocar.

Ela ficou surpresa, ele podia perceber. Mas não se afastou. Nem deu aquele meio-sorriso que as mulheres costumam dar quando um homem não consegue resistir e toca o que o atrai.

O cabelo dela era macio; seus próprios olhos já o haviam dito, mas agora os dedos estavam confirmando. Ainda assim era frustrante não

senti-lo livre e solto, não poder deixá-lo brincar entre seus dedos.

Ele não a compreendia. Ainda. Ela ganhava a vida fotografando a elite, os atraentes, os ostentadores. Contudo, não parecia ser pretensiosa. A única joia que usava era uma corrente de ouro bem fina que usava acima dos seios. De onde pendia uma pequena cruz com um buraco na parte de cima. Mais uma vez não estava maquiada, mas seu aroma era torturante. Ela poderia, com alguns rápidos toques femininos, transformar-se em algo de tirar o fôlego, mas parecia ignorar as possibilidades e confiar na simplicidade. O que em si já era impressionante.

Horas antes, Bryan decidira que não estava disposta a ficar deslumbrada. Shade, naquele momento, estava decidindo que não se importava de ficar impressionado. Sem dizer uma palavra, ele deixou que a trança lhe caísse pelo ombro.

—Você quer que eu a leve de volta para o seu apartamento ou para o seu estúdio?

Então era isso? Ele conseguira amarrá-la em questão de segundos e agora só queria saber aonde deveria deixá-la.

— No estúdio.

Bryan pegou sua bolsa com a câmera. Estava com a garganta seca, mas depositou a lata de refrigerante, quase cheia, no lixo. Não tinha certeza se conseguiria engolir. Antes de chegarem ao carro de Shade, ela tinha certeza que explodiria se não dissesse alguma coisa.

— Shade, você curte essa imagem fria e distante que elaborou para si próprio?

Ele não olhou para ela, mas quase deu um sorriso.

— É confortável.

— Exceto para as pessoas que precisam ficar a meio metro de você. — Não perderia a oportunidade para provocá-lo. — Talvez leve muito a sério o que a imprensa diz de você — sugeriu ela. — Shade

Colby, tão misterioso e intrigante quanto seu nome, tão perigoso e tão arrebatador quanto suas fotos.

Desta vez ele sorriu, surpreendendo-a. De uma hora para a outra, ele se transformou numa pessoa com a qual ela talvez quisesse apertar as mãos e dar gargalhadas.

— Onde diabos você leu isso?

— Celebrity — resmungou ela. — Mês de abril, cinco anos atrás. Fizeram um artigo sobre o mercado de fotos em Nova York. Um de seus trabalhos foi vendido por 7.500 dólares na Sothebys.

— Foi mesmo? — O olhar dele percorreu seu perfil. — Sua memória é melhor do que a minha.

Ela parou e virou o rosto para ele.

— Droga, eu comprei a foto. É uma melancólica, deprimente fascinante cena de rua que eu não compraria por dez centavos se tivesse conhecido você antes. E se eu não tivesse ficado tão apaixonada por ela, pintaria ela toda de preto assim que chegasse em casa. Mas parece que vou ter mesmo é de virá-la para a parede por seis meses até esquecer que o artista que a produziu é um idiota.

Shade a observou, sóbrio e depois assentiu com a cabeça.

— Você faz um discurso e tanto quando está inspirada. Com uma palavra curta e grosseira, Bryan se virou e começou a caminhar na direção do carro. Quando chegou ao lado do carona e abriu a porta, Shade a interrompeu.

— Já que vamos literalmente viver juntos pelos próximos três meses, talvez você queira resolver o resto agora mesmo.

Embora tentasse falar calmamente, as palavras saíram por entre seus dentes.

— Que resto?

— Das reclamações que possa querer fazer. Ela primeiro respirou fundo. Odiava ficar com raiva. Quase sempre ficava exausta. Resignada,

Bryan segurou a porta com as duas mãos e se inclinou na direção dele.

— Não gosto de você. Eu diria isso com a maior tranquilidade, mas não existe mais ninguém de quem eu não goste.

— Ninguém?

— Ninguém.

Por alguma razão, ele acreditava nela. Assentiu com a cabeça, e depois colocou as mãos por sobre as dela na porta.

— De qualquer forma, eu preferia não ter de fazer parte de nenhum grupo. Por que a gente deveria gostar um do outro?

— Porque tornaria o trabalho mais fácil.

Ele ponderou enquanto mantinha as mãos coladas à dela. Parte de cima das mãos de Bryan eram macias; as palmas das dele, duras. Ele gostou do contraste, talvez até demais.

— Você gosta das coisas fáceis?

Ele fez aquilo parecer um insulto, e ela empertigou-se. Tinha os olhos no mesmo nível da boca dele, o que a fez mudar ligeiramente de posição.

— Gosto. Complicações são o seguinte: elas se metem no caminho e atrapalham tudo. Prefiro jogá-las para o lado e tratar do que é importante.

— A gente teve uma grande complicação antes de começar o trabalho.

Talvez ela devesse ter se concentrado em manter os olhos nos dele, mas isso não a impediu de sentir a pressão leve e firme das mãos dele. Não a impediu de entender o que ele estava querendo dizer. Como era algo que eles haviam meticulosamente evitado mencionar desde o começo, Bryan foi direto ao assunto.

— Você é um homem e eu sou uma mulher.

Ele não conseguia evitar gostar do jeito com o qual ela rosnava as palavras para ele.

— Exato. Podemos dizer que ambos somos fotógrafos e o termo não deveria se referir a homem ou mulher. — Ele deu um sorriso quase imperceptível. — O que também é conversa fiada.

— Pode ser — disse ela, imparcial. — Mas pretendo lidar com isso porque o trabalho vem em primeiro lugar. É de grande ajuda o fato de eu não gostar de você.

— Gostar não tem alguma coisa a ver com química?

Ela riu levemente para ele porque sua pulsação estava começando a acelerar.

— Isso é uma palavra educada para desejo?

Ela não era de dar voltas em torno de um assunto uma vez começada a discussão. Muito justo, decidiu ele.

— Não importa como você chame, é exatamente essa a sua complicação. Seria melhor a gente dar uma boa analisada nisso e depois jogar para o lado.

Quando os dedos dele apertaram os dela, Bryan desviou olhar para eles. Ela compreendia o significado, mas não a razão.

— Imaginar como seria vai distrair nós dois — continuou Shade. Ela levantou novamente o olhar, cautelosa. Ele podia sentir a pulsação onde seus dedos a pressionavam, ainda que ela não fizesse nenhum movimento para se afastar. Se fizesse... Não havia motivos para especulações; era melhor seguir em frente. — Nós vamos descobrir. Depois vamos arquivar, esquecer e prosseguir com nosso trabalho.

Parecia lógico. Bryan tinha uma desconfiança básica de qualquer coisa que parecesse lógica demais. Mesmo assim, ele acertara em cheio quando disse que imaginar os distrairia. Ela vinha imaginando há dias. A boca parecia ser a parte mais suave dele, mas até ela parecia dura, firme e inflexível. Como seria ela? Como seria o seu sabor?

Ela reconduziu o olhar para lá, e os lábios se franziram. Ela não pôde ter certeza se foi por bom humor ou sarcasmo, mas a convenceu.

— Tudo bem.

Quanta intimidade poderia haver num beijo separado pela porta de um carro?

Os dois se inclinaram lentamente, um na direção do outro, como se cada qual estivesse esperando se afastar no último momento. As bocas se encontraram levemente, sem paixão. Poderia ter acabado ali mesmo, com ambos se ignorando com desinteresse. Era a definição básica de beijo. Duas bocas se encontrando. Nada mais.

Nem um nem outro poderia dizer quem mudou a situação, se fora calculada ou acidental. Os dois eram pessoas curiosas, e curiosidade talvez tenha sido o fator. Ou talvez fosse inevitável. A textura do beijo mudava tão lentamente que era impossível parar até que já fosse tarde demais para arrependimentos.

Os lábios se abriram, convidativos, receptivos. Os dedos se juntaram. A cabeça dele se inclinou, assim como a dela, e o beijo se intensificou. Bryan percebeu que estava pressionando seu corpo contra a porta dura e inflexível, em busca de mais, pedindo mais, enquanto os dentes davam leves mordiscadas nos lábios dele. Ela tinha razão. A boca era a parte mais suave dele. Incrivelmente suave, sensual ao extremo, levava-a à loucura.

Ela não estava acostumada a bruscas mudanças de humor. Jamais experimentara algo como aquilo. Não era possível se deitar e aproveitar. Não era para isso que existiam os beijos. Até aquele momento, ela acreditara nisso. Este demandava toda a sua força, toda a sua energia. Antes de terminar já sabia que ficaria completamente esgotada. Total e maravilhosamente esgotada. Enquanto se divertia com a excitação, podia anteciper a glória dos momentos que estavam por vir.

Ele deveria ter percebido. Droga, deveria ter percebido que ela não era tão fácil e descomplicada como aparentava ser. Não havia, por acaso, olhado para ela e sentido um desejo torturante? Saboreá-la não

aliviaria nada, apenas intensificaria. Ela conseguia minar seu controle, e controle era algo essencial para sua arte, sua vida, sua sanidade. Desenvolvera e aperfeiçoara isso ao longo de muitos anos de suor, medo e expectativas. Shade aprendera que o mesmo controle calculado que usava no laboratório, a mesma lógica minuciosa que usava para enquadrar uma foto, poderiam ser aplicados com sucesso numa mulher, Sem sofrimento. Foi só provar o gosto de Bryan e perceber como o controle podia ser débil.

Para provar a si mesmo, talvez para ela, que conseguia lidar com isso, ele permitiu que o beijo ficasse mais profundo, mais obscuro e úmido. O perigo pairava no ar, e talvez ele o cortejasse.

Poderia até estar se perdendo no beijo, mas quando estivesse terminado, estaria terminado, e nada teria mudado.

Bryan tinha um sabor quente, doce, forte. Queimava-o, precisava se conter, ou ficaria com uma cicatriz. Já tinha muita. A vida não era tão linda quanto um primeiro beijo numa tarde quente. Ele sabia disso mais do que a maioria das pessoas.

Shade recuou, contente consigo mesmo por reparar que seu controle ainda estava no lugar. Talvez a pulsação não estivesse estável, sua mente não inteiramente límpida, mas ele estava sob controle.

Bryan estava girando. Se ele lhe tivesse feito alguma pergunta, qualquer pergunta, ela não teria tido resposta alguma a dar. Amparada à porta do carro, esperou seu equilíbrio retornar. Sabia que o beijo a esgotaria. Ainda sentia sua energia murchando.

Ele percebeu o olhar, o olhar suave que obrigaria qualquer homem a uma luta sangrenta para resistir. Shade desviou os olhos.

— Vou deixar você no estúdio.

Enquanto ele dava a volta para entrar no carro, Bryan desabou no assento. Arquivar e esquecer, pensou ela. Sorte danada.

Ela tentou. Bryan esforçou-se tanto para esquecer o que Shade a fizera sentir que trabalhou até as três da manhã. Na hora em que

chegou ao apartamento, já havia revelado o filme da escola e da praia, escolhido os negativos que queria ampliar e melhorado dois deles a ponto de considerá-los alguns dos seus melhores trabalhos.

Agora dispunha de quatro horas para comer, fazer as malas e dormir. Após fazer um enorme sanduíche, Bryan pegou a maleta que reservara para a viagem e jogou dentro as coisas essenciais. Grogue de cansaço, comeu um pedaço de pão com carne e queijo com um grande gole de leite. Nada caiu muito bem em seu estômago, então deixou o resto do jantar na mesa de cabeceira e voltou a arrumar a bagagem.

Mexeu no alto do closet, procurando a caixa com o sóbrio pijama feito a mão que sua mãe lhe dera de Natal. Definitivamente essencial, decidiu ela, jogando-o em cima da desordenada pilha de jeans e lingerie. Era assexuado, refletiu Bryan. Só podia esperar se sentir assexuada dentro dele. Naquela tarde fora forçada a se lembrar que era uma mulher, e uma mulher possui vulnerabilidades que nem sempre podem ser defendidas.

Não queria se sentir novamente como uma mulher na presença de Shade. Era muito temerário, e ela evitava situações temerárias. Como não era o tipo de mulher que insistia em enfatizar sua feminilidade, não haveria nenhum problema.

Disse para si mesma.

Uma vez que tivessem dado início ao trabalho, ficariam tão ligados nele que nem notariam se o outro porventura tivesse duas cabeças e quatro polegares.

Disse para si mesma.

O que aconteceu naquela tarde foi simplesmente um daqueles momentos fugazes que os fotógrafos às vezes vivenciam quando o instante impõe a cena. Não aconteceria novamente porque as circunstâncias jamais seriam as mesmas.

Disse para si mesma.

E então parou de pensar em Shade Colby. Já eram quase 4:00, e as próximas três seriam só dela, as últimas só dela por muito tempo. E ela passaria essas horas da maneira que mais gostava. Dormindo. Bryan se despiu e jogou as roupas sobre uma pilha, depois caiu na cama sem sequer se lembrar de apagar a luz.

Do outro lado da cidade, Shade estava deitado no escuro. Não dormira, embora já tivesse arrumado as malas havia horas. Sua bolsa e seu equipamento estavam cuidadosamente empilhados perto da porta. Ele estava organizado, preparado e completamente acordado.

Já perdera o sono em ocasiões anteriores. O fato não o importava, mas o motivo sim. Bryan Mitchell. Embora tivesse conseguido colocá-la no lado, no fundo, nos confins de sua mente ao longo da noite, não pudera realmente tirá-la da cabeça.

Podia dissecar o que aconteceu entre eles naquela tarde ponto a ponto, mas não mudava uma coisa essencial. Ficara vulnerável. Talvez apenas por um instante, por um átimo, mas ficara vulnerável. E isso era algo que não podia suportar. Era algo que ele não permitiria que acontecesse uma segunda vez.

Bryan Mitchell era uma das complicações que ela afirmava gostar de evitar. Ele, por outro lado, estava acostumado com elas, Jamais tivera problema algum em conviver com complicações. Ela não seria diferente. Disse para si mesmo.

Pelos próximos três meses, estariam aprofundados num projeto que deveria abarcar completamente todo o tempo e toda a energia dos dois. Quando estava trabalhando, ele era bem capaz de canalizar sua concentração num ponto e ignorar todo o resto. Isso não era problema. Disse para si mesmo.

O que aconteceu, aconteceu. Ele ainda acreditava que seria melhor se livrarem do problema antes de darem início ao projeto — melhor se livrarem da especulação e da tensão que poderia causar. Eliminaram a tensão. Disse para si mesmo.

Mas não conseguia dormir. A dor em seu estômago não tinha nada a ver com o jantar que ficara frio no prato, intocado.

Ainda lhe restavam três horas antes de ter de passar três meses com Bryan. Shade fechou os olhos e fez o que sempre foi capaz de fazer sob estresse. Resolveu dormir.

Capítulo 3

Bryan estava acordada e vestida às sete da manhã, mas não se achava preparada para conversar com ninguém. Segurava a maleta e o tripé com uma das mãos, duas bolsas com câmeras e sua bolsa pessoal estavam atravessadas nos ombros. No instante em que Shade freou ela estava descendo a escada em direção à calçada. Achava importante ser pontual, mas não ficava necessariamente alegre com isso.

Deu um grunhido para Shade; era o mais próximo de uma saudação que podia conseguir naquela hora. Em silêncio, guardou seu equipamento na van, jogou-se no assento do carona, esticou as pernas e fechou os olhos.

Shade olhava para o que conseguia enxergar do rosto dela, escondido atrás de óculos escuros redondos com lentes cor de âmbar e embaixo de um chapéu de palha puído.

— Noite ruim? — perguntou ele, mas ela já estava dormindo. Balançando a cabeça, ele soltou o freio de mão e deu partida no carro. Estavam a caminho.

Shade não se importava de fazer longas viagens de carro. Isso lhe dava uma chance de pensar ou não pensar, dependia dele.

Em menos de uma hora, já estava fora do tráfego de Los Angeles e indo para o nordeste pela rodovia interestadual. Gostava de dirigir ao nascer do sol, com a estrada livre à frente. A luz ricocheteava no aço cromado da van, tremeluzia no capô e cortava os sinais da estrada.

Ele planejou percorrer entre 800 e 950 quilômetros naquele dia, até Utah, a menos que alguma coisa interessante chamasse sua atenção e tivessem de parar para uma foto. Depois desse primeiro dia, não via razão para ficarem se preocupando com a quilometragem percorrida. Perturbaria o ponto central do projeto, Dirigiriam de acordo com a necessidade, trabalhando nas localidades que haviam previamente definido.

Estabelecera um roteiro que podia ser facilmente alterado, mas não traçara nenhum itinerário. A única obrigatoriedade era estarem na Costa Leste no Dia do Trabalho, na primeira segunda-feira de setembro. Ligou o rádio baixinho numa estação que tocava música country enquanto dirigia num ritmo estável. Ao seu lado, Bryan dormia.

Se esta era a rotina dela, refletiu ele, não teriam problema algum. Enquanto ela estivesse dormindo, não ficariam se atazanando. Ou excitando um ao outro. Mesmo agora ele imaginava por que pensar nela o tinha mantido inquieto durante a noite. O que havia nela que o preocupava? Não sabia, o que já era uma preocupação em si.

Shade gostava de poder resolver problemas desmontando-os em pequenos pedaços para mais tarde remontá-los de acordo com sua preferência. Embora ela estivesse quieta, quase reservada, naquele instante, ele não acreditava que pudesse se utilizar deste método com Bryan Mitchell.

Após sua decisão de aceitar o trabalho, ele estabeleceu como prioridade profissional descobrir mais coisas sobre ela. Shade talvez preservasse sua vida pessoal e rosnasse para garantir sua privacidade, mas de maneira alguma era desprovido de contatos. Conhecia o trabalho dela para *Celebrity*, e também os outros trabalhos mais personalizados e inventivos para revistas como *Vanity* e *In Touch*. Ela se transformara, ao longo dos anos, numa artista cult ou qualquer coisa do tipo, com suas fotografias excêntricas e quase sempre radicais dos famosos.

O que não sabia era que ela era filha de uma pintora e de um poeta, ambos excêntricos e quase famosos moradores de Carmel. Ela fora casada com um contador antes dos vinte anos de idade, divorciando-se três anos depois. Namorava com uma naturalidade quase estudada e tinha alguns planos vagos de comprar uma casa de praia em Malibu. Era bastante admirada, respeitada e, sem sombra de dúvida, confiável. Ela fazia tudo quase sempre devagar — uma combinação de busca pela perfeição e sua crença de que a pressa é um desperdício de energia.

Não encontrara nada surpreendente em sua pesquisa, assim como também não achou nenhuma pista de por que se sentia tão atraído por ela. Mas um fotógrafo, um fotógrafo de sucesso, é paciente. Ocasionalmente precisa voltar ao objeto diversas vezes até compreender seu verdadeiro envolvimento emocional com ele.

Quando atravessaram a divisa com Nevada, Shade acendeu um cigarro e baixou o vidro da janela. Bryan agitou-se, resmungou e tateou em busca da bolsa.

— Bom dia. Shade olhou-a de relance com o canto dos olhos.

— Hum, hum.

Bryan mexeu na bolsa, pegou a barra de chocolate e ficou aliviada. Com dois golpes rápidos, desenrolou a embalagem e jogou o papel na bolsa. Ela normalmente retirava o excesso de lixo da bolsa antes de transbordar.

— Você sempre come doce no café?

— Cafeína. — Deu uma enorme mordida e suspirou. — Prefiro a minha dose diária dessa forma. — Esticou-se lentamente, torso, ombros, braços, num longo e sinuoso movimento completamente ao acaso. Era, pensou Shade, com ironia, uma prova definitiva de como ela o atraía. — E então, onde é que estamos?

— Nevada. — Ele deu uma baforada para fora da janela. Ainda.

Bryan cruzou as pernas enquanto mastigava o chocolate.

— Deve estar na hora de eu dirigir.

— Eu aviso.

— Tudo bem. — Ela estava contente por estar na carona enquanto ele estivesse contente de estar dirigindo. Contudo, olhou para o rádio de modo significativo. Música country não era o seu estilo. — O motorista escolhe a música.

Ele deu de ombros, aceitando.

— Se quiser beber alguma coisa com o chocolate, tem suco lá atrás.

— Tem?

Sempre interessada em colocar alguma coisa no estômago, Bryan soltou-se e dirigiu-se para a parte de trás da van.

Ela não prestara a atenção na van de manhã, no máximo fizera um exame rápido o suficiente para saber que era preta e bem cuidada. Possuía assentos acolchoados de cada lado que poderiam servir muito bem de cama, se a pessoa não fosse muito exigente,. Bryan imaginou que o tapete seria a melhor opção.

O equipamento de Shade estava bem acomodado, e o dela jogado de qualquer maneira num canto. Em cima, um guarda-volumes preto e brilhante continha alguns itens básicos. Café, uma chapa para esquentar e uma pequena chaleira. Seriam úteis, pensou ela, caso parassem em algum acampamento com tomadas disponíveis. No momento, ficou com a jarra de suco.

— Quer um pouco?

Ele olhou pelo retrovisor e a enxergou em pé, as pernas ligeiramente separadas para se manter equilibrada, uma das mãos no guarda-volumes.

— Quero.

Bryan levou dois imensos copos de plástico e a jarra com suco para seu assento.

— Todo o conforto de casa — comentou ela, com um movimento de cabeça. — Você viaja muito nisso?

— Quando é necessário. — Ele ouviu o gelo bater no copo e estendeu a mão. — Não gosto de viajar de avião. Você perde qualquer oportunidade de registrar alguma foto no caminho. — Depois de jogar o cigarro pela janela, bebeu seu suco. — Se é um trabalho distante até oitocentos quilômetros, prefiro dirigir.

— Odeio viajar de avião. — Bryan acomodou-se no vão entre o assento e a porta. —Tenho a impressão de estar sempre tendo de voar para Nova York para fotografar alguém que não pode ou não quer vir

até mim. Levo um vidrinho de antiácido, um pacote de chocolate, um pé-de-coelho e algum livro socialmente significativo e educativo. Dá conta de todas as minhas necessidades.

— O antiácido e o pé-de-coelho, talvez.

— O chocolate é para os meus nervos. Gosto de comer quando estou tensa. O livro é para minha consciência culpada. — Ela mexeu o copo, fazendo as pedras de gelo chacoalharem. — É como se eu dissesse, olha só, estou fazendo algo edificante. Não vamos estragar tudo deixando o avião cair. E, ainda por cima, o livro me faz dormir em vinte minutos.

Shade conseguiu dar um risinho, algo que Bryan identificou como um sinal esperançoso para os próximos milhares de quilômetros que percorreriam.

— Isso explica tudo.

— Tenho fobia de viajar a trinta mil pés de altitude dentro de um pesado tubo de metal com pessoas estranhas, muitas das quais gostam de contar detalhes íntimos de suas vidas para a pessoa ao lado. — Ela colocou os pés no painel e deu um risinho. — Prefiro muito mais atravessar o país de carro com um fotógrafo mal-humorado que faz questão de falar comigo o mínimo possível

Shade lançou-lhe um olhar de soslaio e decidiu que não havia mal algum em participar do jogo, contanto que ambos soubessem as regras.

— Você não me perguntou nada.

— Tudo bem, vamos começar com algo bem básico. De onde vem Shade? Estou me referindo ao nome.

Ele diminuiu a velocidade para fazer uma parada.

— Shadrach.

Os olhos dela ficaram esbugalhados de apreciação.

— Tipo Meschach e Abednego, do Livro de Daniel?

— Exato. Minha mãe decidiu dar a cada um dos rebentos um nome um pouco enrolado. Eu tenho uma irmã que se chama Cassiopeia. Por que Bryan?

— Meus pais quiseram provar que não eram sexistas. Assim que a van parou num estacionamento, Bryan desceu e inclinou-se para baixo, colocando as palmas da mão sobre o asfalto, chamando a atenção do homem que entrava no Pontiac a seu lado. Desnorteadado pela visão, ele levou meio minuto para acertar a chave na ignição.

— Meu Deus, estou tão dura! — Ela se esticou, ficando nas pontas dos pés, e depois voltando à posição normal. — Olhe, tem uma lanchonete ali. Vou comprar umas batatas fritas. Quer também?

— São dez horas da manhã.

— Quase dez e meia — corrigiu ela.—Além do mais, tem gente que come batata assada no café da manhã. Qual é a diferença?

Ele estava certo de que havia uma, mas não estava a fim de debater.

—Vá em frente. Eu quero comprar um jornal.

— Legal. — Em seguida, Bryan lembrou-se de pegar a câmera e entrou novamente no carro. — Encontro você aqui em dez minutos.

As intenções eram boas, mas ela levou quase vinte minutos. Mesmo quando já estava quase no balcão, a fila de pessoas à espera de fast-food chamou sua atenção. Seriam, talvez, dez pessoas uma atrás da outra em frente a um painel luminoso onde estava escrito Eat Qwik.

Estavam vestidos com bermudas largas, vestidos de verão vincados e calças de algodão. Um adolescente encurvado usava um short de couro que parecia ter sido pintado. Uma mulher bem atrás na fila usava um chapéu com abas largas adornado com uma fita flutuante.

Estavam todos indo para algum lugar, onde todos esperavam chegar, e nenhum deles prestava nenhuma atenção em mais ninguém. Bryan não conseguiu resistir. Saiu de uma fila e foi para outra até achar o ângulo mais favorável.

Bateu as fotos de trás, de modo que fizesse com que a fila parecesse alongada e desarticulada e o painel se agigantasse. O homem atrás do balcão, servindo os clientes, não era nada mais do que uma vaga sombra que poderia ou não estar ali. Levou bem mais do que os dez minutos previstos até se colocar novamente atrás da fila.

Shade estava encostado na van, lendo o jornal, quando ela voltou. Já batera três fotos bastante estudadas do estacionamento, focalizando uma fileira de carros com placas de cinco estados diferentes. Quando levantou os olhos, Bryan tinha sua câmera pendurada no ombro, um imenso milk-shake de chocolate numa das mãos e uma gigantesca porção de batatas fritas coberta de ketchup na outra.

— Desculpe. — Enfiou a mão na caixa de fritas enquanto caminhava. — Tirei algumas boas fotos da fila na lanchonete. Toda aquela pressa e espera do meio do verão, não é?

—Você vai conseguir dirigir com tudo isso?

— Claro. — Foi na direção do assento do motorista. — Estou bem acostumada.

Ela equilibrou o milk-shake entre as coxas, colocou as batatas fritas bem à frente e estendeu a mão para pegar as chaves.

Shade baixou os olhos na direção do café da manhã aconchegado entre pernas bem lisas e morenas.

— Ainda está me oferecendo?

Bryan virou a cabeça para checar o retrovisor enquanto dava uma ré.

— Não. — Deu uma rápida virada no volante e foi em direção à saída. — Você teve sua chance. — Com uma das mãos firmes no volante, enfiou a outra novamente na caixa de batatas fritas.

— Comendo dessa maneira, você vai acabar tendo espire até o umbigo.

— Isso é mito — disse ela e ultrapassou um automóvel que ia lentamente. Com alguns rápidos ajustes, conseguiu sintonizar uma rádio que estava tocando uma antiga canção de Simon e Garfunkel. — Isso sim, é música disse ela. — Gosto de músicas que me dão um visual. Música country quase sempre fala de mágoa, traição e bebedeiras.

— É vida.

Bryan pegou o milk-shake e mexeu no canudo.

— Talvez. Acho que me canso com excesso de realidade. Já o seu trabalho depende disso.

— E o seu normalmente se desvia disso.

Ela franziu as sobrancelhas, mas em seguida relaxou deliberadamente. A seu modo, ele estava certo.

— O meu me dá opções. Por que aceitou esse trabalho, Shade? — perguntou de súbito. — O verão nos Estados Unidos significa diversão. Esse não é o seu estilo.

— Também significa suor, colheitas morrendo por causa do excesso de sol e nervos em frangalhos. — Ele acendeu um cigarro. — Isso faz mais o meu estilo?

— Você está dizendo, não eu. — Ela sentia o milk-shake no céu da boca. — Fumando desse jeito, você vai acabar morrendo.

— Cedo ou tarde.

Shade abriu novamente o jornal e deu por encerrada a conversa.

Quem era esse cara?, perguntou Bryan a si mesma, mantendo a velocidade constante. Que fatos em sua vida produziram o cinismo e também a genialidade? Havia humor nele — percebera isso uma ou duas vezes. Mas ele parecia se permitir apenas uma pequena porção, e nada mais.

Paixão? Ela podia atestar em primeira mão que havia um barril de pólvora dentro dele. O que o faria explodir? Se tinha uma certeza sobre Shade Colby, era que ele se auto-impunha um rígido controle. A paixão,

a força, a fúria — não importa o rótulo que se dê — eram visíveis em seu trabalho, mas não, e ela estava certa disso, em sua vida pessoal. Pelo menos não frequentemente.

Ela sabia que devia ser cuidadosa e distante; seria a forma mais inteligente de sair deste longo trabalho sem nenhuma cicatriz. Contudo, queria penetrar na personalidade dele, e sabia que teria de resistir à tentação. Teria de apertar os botões e observar o resultado, provavelmente porque não gostava dele ao mesmo tempo em que se sentia atraída.

Ela lhe contara a verdade quando dissera que não conseguia imaginar outra pessoa de quem não gostasse. Isso caminhava lado a lado com a visão que tinha de sua própria arte — ela olhava para uma pessoa e encontrava qualidades, nem todas admiráveis, nem todas simpáticas, mas alguma coisa, sempre alguma coisa, ela podia compreender. Precisava fazer a mesma coisa com Shade, para si mesma. E porque, embora esperasse o momento propício para lhe dizer isso, queria muito fotografá-lo.

— Shade, tem uma outra coisa que quero lhe perguntar. Ele não tirou os olhos do jornal.

— Hein?

— Qual é o seu filme favorito?

Meio irritado pela interrupção, meio confuso com a pergunta, ele levantou os olhos e se perguntou mais uma vez como ficaria o cabelo dela sem aquela trança espessa e desarrumada.

— O quê?

— Seu filme favorito — repetiu ela. — Preciso de uma pista, um ponto de partida.

— Para quê?

— Para descobrir por que acho você interessante, atraente e impossível de se gostar.

— Você é uma mulher estranha, Bryan.

— Não, não mesmo, embora tenha todo o direito de ser.—Ela parou de falar no instante em que trocava de faixa na estrada. — Qual é, Shade? Vai ser uma longa viagem. Vamos ver se a gente diverte um ao outro nessas questões menores. Me diga um filme.

— Uma aventura na Martinica.

— O primeiro filme de Bogart e Bacall juntos. — Isso a fez sorrir para ele daquele jeito que ele já decidira que era perigoso.

— Bom. Se você tivesse falado algum filme francês obscuro, eu ia precisar arranjar outra coisa. Por que esse filme?

Ele colocou o jornal de lado. Quer dizer que ela estava a fim de brincar. Não faria mal algum, decidiu. E ainda tinham um longo dia pela frente.

— Química cinematográfica, roteiro bem amarrado e um trabalho de câmera que fez Bogart parecer o herói consumado e Bacall a única mulher que lhe poderia fazer frente.

Ela assentiu com a cabeça, satisfeita. Ele não se colocava acima das pessoas que gostavam de heróis, fantasias e relacionamentos esfuziantes. Talvez fosse uma questão menor, mas ela poderia gostar dele por isso.

— Filmes me fascinam, e também as pessoas que os fazem. Creio que essa foi uma das razões que me levaram a dar pulos de alegria com a oportunidade de trabalhar em Celebrity. Já perdi a conta de quantos atores fotografei, mas quando os vejo na telona, fico fascinada.

Ele sabia que seria perigoso fazer perguntas, não por causa das respostas, mas por causa das perguntas que seriam feitas depois. Mesmo assim, queria saber.

—É por isso que você fotografa as pessoas bonitas? Porque deseja ficar perto do glamour.

Como considerou aquela uma pergunta justa, Bryan resolveu não ficar irritada. Além disso, aquilo a fez pensar em algo que parecia estar surgindo ao acaso, sem qualquer planejamento.

— Talvez eu tenha começado mesmo com alguma coisa desse tipo na cabeça. Mas logo, logo, a gente passa a vê-los como pessoas comuns que têm um trabalho fora do comum. Gosto de encontrar aquela centelha que os transformou nos eleitos.

— Contudo, nos próximos três meses você vai estar fotografando o cotidiano. Por quê?

— Porque existe uma centelha em todos nós. Também quero descobri-la numa fazenda do Iowa.

Então ele conseguiu sua resposta.

— Você é uma idealista, Bryan.

— Sou. — Ela lhe lançou um olhar franco e atento. — Eu deveria ficar envergonhada com isso?

Ele não gostou da maneira com a qual aquela calma e ponderada pergunta o afetou. Ele próprio já tivera seus ideais, no passado, e sabia o quanto doía eles terem sido tão bruscamente arrancados de si.

— Envergonhada não — disse ele, depois de um instante —, deveria ser cuidadosa.

Viajaram por horas. No meio da tarde, trocaram de posição e Bryan deu uma olhada no jornal de Shade. Com consentimento mútuo, saíram da estrada principal e começaram a seguir pelas secundárias. O padrão passou a ser conversas esporádicas e longos silêncios. Já era início da noite quando atravessaram a divisão do Idaho.

— Esqui e batatas — comentou Bryan. — É isso que me vem à cabeça quando penso no Idaho.

Arrepiou-se de frio e fechou a janela. O verão chegava sem nenhuma pressa no norte, especialmente quando o sol baixava. Espiou o crepúsculo através da janela.

Ovelhas, centenas delas, no que parecia quilômetros e quilômetros de brancura, pastavam preguiçosamente na grama dura que margeava a estrada. Ela era uma mulher da cidade, das autoestradas e dos prédios comerciais. Shade talvez se surpreendesse se soubesse que ela jamais estivera tão ao norte do país, e nem tão a leste, exceto de avião.

Aquela vastidão de plácidas ovelhas a fascinou. Já estava atrás da câmera quando Shade praguejou e pisou no freio. Bryan caiu no chão.

— Para que isso?

Ele viu, de relance, que ela não estava machucada, nem mesmo irritada, mas apenas curiosa. Nem se preocupou em pedir desculpas.

— Maldita ovelha na estrada.

Bryan conseguiu pôr-se de pé e olhou pelo para-brisa. Três ovelhas estavam alinhadas, quase atravessadas na estrada, indiferentes a tudo. Uma delas virou a cabeça, olhou para a van e em seguida virou novamente a cabeça.

— Parece até que estão esperando o ônibus — disse ela e agarrou o braço de Shade antes que ele buzinasse. — Não, espere um minuto. Eu nunca toquei numa ovelha.

Antes que Shade pudesse fazer qualquer comentário, ela já estava fora da van, correndo em direção às ovelhas. Uma se afastou um pouco quando ela se aproximou, mas a grande maioria das ovelhas não poderia estar mais despreocupada. A irritação de Shade começou a desaparecer quando a viu inclinar-se e tocar um dos animais. Ele pensou que todas as mulheres provavelmente teriam a mesma sensação ao tocar a pele de qualquer animal exposta para venda. Satisfação, hesitação e um estranho prazer sexual. E a luz estava boa. Ele pegou a câmera e selecionou um filtro.

— Qual é a sensação?

— Macia... não tão macia quanto eu imaginava. Viva. Nem um pouco parecido com um casaco de lã de carneiro. — Ainda inclinada,

uma das mãos na ovelha, Bryan levantou o olhar. Ficou surpresa de ver-se cara a cara com uma câmera. — Para que isso?

— Descoberta. — Ele já tirara duas fotos, porém queria mais. — Descoberta tem muita coisa a ver com verão. Qual é o cheiro delas?

Intrigada, Bryan aproximou-se ainda mais da ovelha. Ele a enquadrrou quando seu rosto estava enterrado no corpo do animal.

— Cheiro de ovelha — disse ela, rindo, e empertigou-se. — Quer brincar com ela? Eu tiro umas fotos suas.

— Uma outra ocasião, talvez.

Ela parecia pertencer àquele lugar, àquela longa e deserta estrada cercada por faixas de terra vazia, e isso o deixava confuso. Ele imaginara que ela se encaixaria bem em Los Angeles, no meio do superficial e do ilusório.

— Algo errado?

Ela sabia que Shade estava pensando nela quando a olhava daquela maneira. Ela desejava poder dar um passo além daquele, contudo teve uma estranha sensação de alívio por não ter dado.

— Você se adapta bem.

Ela deu um sorriso hesitante.

— Assim é mais simples. Eu lhe disse que não gostava de complicações.

Ele voltou para a van, percebendo que estava pensando muito nela.

— Vamos ver se a gente consegue fazer essa ovelha sair daí.

— Mas, Shade, você não pode simplesmente deixá-las ao lado da estrada. — Ela correu de volta para a van. — Elas vão acabar voltando. E podem ser atropeladas.

Ele olhou para ela demonstrando claramente que não estava ligando.

— O que espera que eu faça? Você quer que eu junte todas elas!

— O mínimo que a gente pode fazer é colocá-las de volta no outro lado da cerca.

Como se ele houvesse concordado do fundo do coração, Bryan virou-se e começou a seguir na direção das ovelhas. Enquanto ele observava, ela se abaixou, agarrou um dos bichos e quase perdeu o equilíbrio. As outras duas baliram e se dispersaram.

— Mais pesadas do que parecem — conseguiu dizer ela e começou a cambalear até a cerca que margeava a estrada enquanto a ovelha que ela carregava balia, se debatia e lutava. Não foi fácil, mas após um teste de vontade e força bruta, ela jogou a ovelha por cima da cerca. Com uma das mãos, enxugou o suor da testa enquanto reclamava com Shade: — E aí, vai ajudar ou não?

Ele estava adorando o espetáculo, mas não sorriu ao recostar-se na van.

— Elas provavelmente vão encontrar o buraco na cerca e estar de volta em dez minutos.

— Talvez sim — disse Bryan, quase rosnando, enquanto se preparava para pegar a segunda. — Mas pelo menos vou ter feito o que deveria ser feito.

— Idealista — repetiu ele.

Com as mãos na cintura, girou sobre si mesma.

— Cínico.

— Contanto que a gente se entenda. — Shade empertigou-se. — Vou ajudá-la.

As outras não foram tão facilmente ludibriadas quanto a primeira. Shade levou vários extenuantes minutos para pegar a número dois, com Bryan pastoreando. Por duas vezes perdeu a concentração e a presa porque a súbita gargalhada de Bryan o distraiu.

— Duas já foram e só falta mais uma — anunciou ele, soltando a ovelha no pasto.

— Mas essa aí parece bem teimosa. — Em lados opostos da estrada, os salvadores e a vítima estudavam-se mutuamente. — Olhar astuto — murmurou Bryan —, acho que aquele é o líder.

— A líder.

— Pouco importa. — Olha só, finge estar indiferente. Você vai por ali e eu sigo por aqui. Assim que ela estiver no meio, bum!

Shade lançou-lhe um olhar cauteloso.

— Bum?

— Siga o meu comando, só isso.

Ela colocou os polegares nos bolsos traseiros da calça e começou a caminhar despreziosamente até a estrada, assobiando.

— Bryan, você está tentando pensar mais do que uma ovelha. Ela lançou-lhe um olhar brando por cima dos ombros.

— De repente, a gente se entende.

Ele não estava certo de que aquilo era uma piada. Seu impulso inicial foi simplesmente voltar para a van e esperar até que ela tivesse terminado de se fazer de boba. Mas, pensou ele, já tinham perdido tempo demais. Shade avançou pela esquerda e Bryan foi pela direita. A ovelha encarou a ambos, balançando a cabeça para um lado e para o outro.

— Agora! — gritou Bryan e mergulhou.

Sem ter tempo de raciocinar sobre o absurdo da situação, Shade avançou pelo lado oposto. A ovelha escapou graciosamente. Movidos pelo impulso, Shade e Bryan colidiram e rolaram pelo chão. Shade sentiu uma corrente de ar assim que se chocaram, bem como a suave flexibilidade de seu corpo ao caírem juntos.

Sem ar, Bryan ficou estirada no chão, quase inteiramente de baixo de Shade. O corpo dele era bem duro e masculino. Talvez ela tivesse perdido a respiração, mas não perdera a perspicácia! Sabia que se eles

ficassem daquela maneira, as coisas se complicariam. Ela respirou fundo e mirou o rosto dele.

Shade tinha uma aparência contemplativa, reflexiva e não totalmente amigável. Ele não seria um amante amigável, isso ela soube instintivamente. Era visível em seus olhos — aqueles olhos escuros e profundos. Definitivamente, era um homem com quem se deveria evitar qualquer relacionamento pessoal. Ele domina tudo rápida e completamente, e não haveria volta. Precisou lembrar a si mesma que preferia relacionamentos fáceis no momento em que o coração começava a bater num ritmo mais forte.

— Perdemos — conseguiu dizer, mas não tentou se desvencilhar.

— É.

Bryan tinha um rosto impressionante, ângulos agudos e pele macia. Shade estava quase conseguindo convencer a si próprio de que seu interesse era puramente profissional. Ela geraria ótima em qualquer foto, de qualquer ângulo e com qualquer iluminação. Ele poderia fazê-la parecer uma rainha ou uma camponesa, mas sempre teria a aparência de uma mulher que todos os homens desejariam. A sexualidade sem pressa que podia sentir nela ficariam visíveis na fotografia.

Apenas olhando para ela, já conseguia imaginar meia dúzia de cenários em que poderia fotografá-la. E em uma dúzia de maneiras de fazer amor com ela. Aqui seria a primeira, sobre a grama fresca ao longo da estrada, com o sol se pondo por trás deles e um silêncio absoluto.

Ela viu a decisão nos olhos dele, viu a tempo de evitar a consequência. Mas não evitou. Precisava somente se afastar, somente protestar com uma palavra ou com um movimento negativo. Mas não fez nada disso. Sua mente lhe dizia para se afastar, questionando uma urgência que era fisicamente inquestionável. Mais tarde, Bryan ficaria imaginando por que não atendera. Agora, com o ar ficando mais frio e o céu escurecendo, desejava a experiência. Não conseguia admitir que o desejava.

Quando ele baixou a boca na direção da dela, não se repetiu aquela leve experimentação da primeira vez. Agora ela já a conhecia e queria o impacto total de sua paixão. As bocas se encontraram, sedentas, como se cada um dos dois estivesse levando o outro ao delírio.

O corpo de Bryan aqueceu tão rapidamente que a grama parecia brilhar como gelo abaixo dela. Ela imaginou se não estava derretendo. Foi um choque que a deixou atordoada. Com um pequeno som na garganta, Bryan quis mais. Seus dedos mexiam no cabelo dela, embaralhados na restrição da trança, como se ele não quisesse, ou não ousasse tocá-la ainda. Ela se mexia debaixo dele, não se retirando, mas avançando. Quero mais. Mas ele continuava a fazer amor apenas com a boca.

Ela conseguia escutar a brisa; fazia um ruído na grama ao lado de seu ouvido, provocando-a. Ele se entregava com moderação. Ela podia sentir isso na rigidez do corpo dele. Shade iria se conter. Apesar de sua boca estar arrancando as defesas dela, uma a uma, ele se mantinha alheio. Frustrada, Bryan passou as mãos pelas costas dele. Ela o seduziria.

Shade não estava acostumado com a necessidade de se entregar, com o desejo de se entregar. Ela recuperava nele uma necessidade de união que pensava já ter destruído anos antes. Não parecia haver nenhum fingimento nela — sua boca era quente e ávida, saborosa e generosa. O corpo era macio e ágil, tentador. Seu aroma se impregnava nele, sexual, descomplicado. Quando pronunciou o nome dele, não pareceu haver nenhum significado oculto. Pela primeira vez em tanto tempo que nem conseguia se lembrar, ele queria se entregar, sem cautela, sem freio.

Ele se conteve. Fingimentos, ele sabia, podiam ser bem escondidos. Mas estava perdendo para ela. Mesmo estando inteiramente ciente de tudo, Shade não conseguiu parar. Ela o conquistava com uma simplicidade que não admitia bloqueios. Ele poderia xingar, praguejar, amaldiçoar a si próprio, mas sua mente começava a flutuar. Seu corpo estava pulsando.

Ambos sentiram o chão tremer, mas não ocorreu a nenhum dos dois que aquilo não era nada além da paixão que vivenciavam. Ouviram o ruído, o estrondo, cada vez mais alto, e cada um deles pensou que aquilo se passava dentro de suas cabeças. Então sentiram um vento forte, e o motorista do caminhão dando uma buzinação longa e grosseira. Foi o suficiente para arrancá-los de volta a sanidade. Sentindo-se realmente em pânico pela primeira vez, Bryan deu um salto e ficou de pé.

— É melhor a gente dar logo um jeito nessas ovelhas e ir embora. — Praguejou ao ouvir o som da própria voz e abraçou a si própria num gesto de proteção. Havia uma friagem no ar, pensou ela, desesperada. Não havia nada além disso. — Já está quase escuro.

Shade não havia percebido o quanto o crepúsculo havia se aprofundado. Perdera a noção de onde estava — algo que jamais deixou que acontecesse. Esquecera que estavam na beira da estrada, rolando na grama como um casal de adolescentes desmiolados. Sentiu uma pontada de raiva, mas conteve-se. Quase perdera o controle uma vez. Não perderia agora.

Ela achou a ovelha no outro lado da estrada, pastando, certa de que os dois humanos já haviam perdido o interesse. Baliu em protesto, surpresa, enquanto era erguida. Praguejando baixinho, Shade aproximou-se silenciosamente e tomou a ovelha dela antes que Bryan pudesse levar outro tombo. Jogou o bicho no pasto sem a menor cerimônia.

— Satisfeita agora? — perguntou.

Ela podia ver a raiva dele, não importava o quanto a bloqueasse. Ela própria borbilhava de raiva. Também tivera sua parcela de frustração. Seu corpo pulsava, as pernas estavam bambas. O mau humor a ajudava a esquecer-los.

— Não — retrucou ela —, nem você. Me parece que o que ocorreu deveria provar a nós dois que seria melhor mantermos uma boa e saudável distância.

Ele pegou-lhe o braço enquanto ela tentava passar por ele.

— Não a forcei a fazer nada, Bryan.

— Nem eu forcei você — lembrou-lhe ela. — Sou responsável por minhas próprias ações, Shade. — Ela baixou o olhar na direção da mão que a segurava —, e por meus próprios erros. Se gosta de colocar a culpa nos outros, isso é um direito seu.

Os dedos apertaram mais ainda seu braço, por pouco tempo, mas o suficiente para os olhos dela se abrirem, espantados com a força e a profundidade da raiva de Shade. Não, ela não estava acostumada com bruscas mudanças de humor em si mesma e tampouco em causá-las nos outros. Lentamente, e com óbvio esforço, Shade aliviou a pegada. Ela acertara bem no alvo. Ele não conseguia discutir com a honestidade.

— Não — disse ele, bem mais calmo. — Vou assumir minha parcela de culpa, Bryan. Vai ser mais fácil para nós dois se concordarmos com essa boa e saudável distância.

Ela assentiu com a cabeça, agora mais firme do que antes. Seus lábios se franziram num leve sorriso.

— Tudo bem. — Dê uma aliviada no ambiente, propôs ela a si mesma, para o bem de todo o mundo. — Tudo teria sido bem mais fácil se você fosse gordo e feio.

Ele já dera um risinho antes que pudesse perceber.

— Você também.

— Bem, já que acho que nenhum de nós está disposto a fazer alguma coisa com relação a esse problema específico, vamos ter de lidar com ele. De acordo? — Ela estendeu a mão.

— De acordo.

As mãos se juntaram. Um erro. Nenhum dos dois havia se recuperado da pane em seus respectivos circuitos. O contato, embora casual, apenas serviu para acentuá-la. Bryan juntou as mãos atrás das costas. Shade as enfiou nos bolsos.

— Bem... — começou Bryan, sem saber para onde ir.

— Vamos tentar encontrar um restaurante antes de chegar no acampamento. Amanhã o dia vai começar cedo.

Ela fez uma careta para a frase, mas encaminhou-se para seu lado na van.

— Estou morrendo de fome — anunciou ela e fingiu que estava tudo sob controle ao colocar os pés sobre o painel.—Acha que vamos encontrar logo alguma coisa decente para comer ou devo me fortificar com uma barra de chocolate?

— Tem uma cidade a mais ou menos uns quinze quilômetros daqui. — Shade ligou o motor. Sua mão estava firme, disse para si mesmo. Ou quase. — De repente, tem algum restaurante. Talvez até sirvam uma excelente costeleta de carneiro.

Bryan olhou para a ovelha pastando ao seu lado, e então olhou de soslaio para Shade.

— Isso é repugnante.

— É. E vai ajudar a manter a sua cabeça longe do estômago até a gente comer.

Voltaram para a estrada e seguiram em silêncio. Já haviam passado por uma pequena elevação, mas ambos sabiam que ainda apareceriam montanhas a superar. Montanhas íngremes.

Capítulo 4

Bryan registrou uma enxurrada de turistas no Grande Lago Salgado. Quando a foto se tornou obrigatória, ela usou lentes grande-angulares para pegar alguma parte diferente da paisagem. Mas Bryan concentrou-se principalmente nas pessoas.

Nas planícies salinas a oeste, Shade fotografou entusiastas de corridas de automóvel. Mirava a velocidade, a poeira, a areia. Quase sempre, as pessoas incluídas nas fotos eram anônimas, e apareciam fora de foco, obscurecidas. Ele só queria a essência. Viagens para cidades grandes e subúrbios bem arrumados gastavam rolos e mais rolos de filme. Encontravam jardins de verão, engarrafamentos quentes e suarentos, jovens em minúsculos vestidos, homens sem camisa, e carrinhos de bebê sendo empurrados pelas calçadas e nos shopping.

O percurso entre Idaho e Utah foi sinuoso, mas firme. Nenhum dos dois se aborreceu com o ritmo e com os temas. Durante algum tempo, depois do turbulento desvio na estradinha de Idaho, Bryan e Shade trabalharam lado a lado em relativa harmonia. Concentraram-se em seus objetos de trabalho, mas não fizeram quase nada em equipe.

Já haviam tirado centenas de fotos, das quais apenas uma fração seria ampliada e uma fração menor ainda seria publicada. Bryan chegou a pensar que a quantidade de fotos que haviam tirado superava em muito o número de palavras que haviam dito um para o outro.

Viajavam juntos até oito horas por dia, parando no caminho sempre que era necessário ou desejável trabalhar. E trabalhavam tanto quanto viajavam. De cada 24 horas, ficavam juntos em média 20 horas. Mas não se aproximavam. Era algo que qualquer um dos dois teria conseguido com um simples gesto amigável ou algumas poucas palavras. Era algo que ambos evitaram.

Bryan descobriu ser possível manter uma distância emocional quase obsessiva de alguém ao mesmo tempo em que dividia o mesmo

espaço limitado com este alguém. Descobriu também que um espaço limitado tornava muito difícil ignorar aquilo que Shade uma vez denominara química. Para equilibrar os dois, Bryan mantinha suas conversas leves e curtas e quase exclusivamente centradas no projeto. Não fazia mais nenhuma pergunta. Shade, por sua vez, não liberava mais nenhuma informação.

Quando cruzaram a fronteira para entrar no Arizona, ao final da primeira semana, ela já estava considerando aquela uma forma desconfortável de trabalhar.

Estava quente. O sol estava implacável. O ar-condicionado da van ajudava, mas só de olhar para o interminável deserto e para as plantas escasseando já deixava a boca seca. Bryan estava bebendo um refrigerante cheio de gelo num enorme copo de plástico. Shade bebia chá gelado enquanto dirigia.

Ela estimou que não trocavam uma palavra havia mais ou menos 90 quilômetros. Tampouco haviam conversado muito naquela manhã enquanto se preparavam para fotografar, cada um num território separado, em Glen Canyon, Utah. Bryan talvez ficasse feliz com o estudo que fez dos carros enfileirados na entrada do parque, mas estava cada vez mais chateada com a segregação que haviam estabelecido sem sequer haverem conversado a respeito.

A revista os contratara como uma equipe, lembrou a si mesma. Cada um dos dois tiraria fotos individuais, é claro, mas deveria haver algum tipo de comunicação se queriam que o ensaio tivesse alguma coesão. Teria de haver algum tipo de interação se pretendiam mesmo o sucesso da empreitada. Conciliação, lembrou ela, com um suspiro. Eles haviam esquecido a palavra operacional.

Bryan imaginava que, a esta altura, já conhecia Shade o suficiente para ter certeza de que ele jamais daria o primeiro passo. Ele era perfeitamente capaz de dirigir por milhares de quilômetros sem dizer o nome dela mais do que uma vez por dia. Tipo, passa o sal, Bryan.

Ela podia ser teimosa. Bryan pensou nisso ao olhar pela janela e meditar com a visão da vastidão do Arizona. Podia ser tão distante

quanto ele. E, admitiu com uma careta, podia se entediar até a morte nas próximas 24 horas.

Contato, decidiu ela. Simplesmente não podia sobreviver sem algum tipo de contato. Mesmo se tivesse de ser com um sujeito cínico, duro e grosseiro. Sua única escolha era engolir o orgulho e dar o primeiro passo ela mesma. Cerrou os dentes, triturou alguns pedaços de gelo e pensou no assunto por mais dez minutos.

— Já esteve alguma vez no Arizona?

Shade jogou sua garrafa vazia na lata de plástico que utilizavam como lixeira.

— Não.

Bryan colocou um dos pés em cima do outro. Se não conseguir de primeira, pensou ela.

— Filmaram Outcast em Sedona. Esse sim foi um banguê-banguê bem duro, bem masculino — meditou ela, sem obter resposta. — Passei três dias lá cobrindo a filmagem para Celebrity. — Após ajustar o visor solar, ela sentou-se novamente.

— Tive muita sorte de perder o avião e precisar passar outro dia lá. Fui para Oak Creek Canyon. Jamais esquecerei o lugar... as cores, as formações rochosas.

Foi sua fala mais longa em dias. Shade fez uma curva e esperou o resto da história.

Tudo bem, pensou ela, arrancaria mais de uma palavra dele usando uma alavanca poderosa.

— Uma amiga minha estabeleceu-se lá. Lee trabalhava na Celebrity. Agora ela é escritora e vai lançar seu primeiro livro no outono. Casou-se com Hunter Brown ano passado.

— O escritor?

Duas palavras, pensou ela, presunçosa.

— Ele mesmo. Já leu alguma coisa dele?

Dessa vez, Shade apenas assentiu com a cabeça e pegou um cigarro. Bryan começou a se solidarizar com dentistas que tinham de persuadir pacientes a abrir bem a boca.

— Li tudo que ele escreveu, e fico me odiando por permitir que os livros dele me façam ter pesadelos.

— Bons livros de terror devem obrigar você a acordar no meio da madrugada para se certificar de que trancou as portas de casa.

Dessa vez foi ela quem deu um risinho.

— Isso parece com as coisas que Hunter diz. Você vai gostar dele.

Shade apenas moveu os ombros. Ele concordara em parar em Sedona, mas não estava interessado em tirar fotos comerciais e aduladoras do rei do mistério e de sua família. Entretanto, isso daria a Shade a pausa de que necessitava. Se conseguisse deixar Bryan por um ou dois dias com os amigos dela, ele poderia ter tempo para trazer seu sistema de volta para o normal.

Ainda não tivera um dia sequer de tranquilidade desde que saíram de Los Angeles. Cada dia que passava apenas o deixava mais nervoso e devastava sua libido. Ele havia tentado, mas era impossível esquecer que ela estava ali de noite, ao alcance de seu braço, separada dele apenas pela largura da van e pela escuridão. Sim, um dia sem ela seria útil para ele, e sem aquela sexualidade natural e despreocupada que ela nem mesmo parecia estar ciente de possuir.

— Faz tempo que você não os encontra? — perguntou ele.

— Meses. — Bryan relaxou, mais tranquila agora que eles realmente haviam começado um diálogo. — Lee é uma grande amiga. Sinto muita falta dela. Vai ter um bebê mais ou menos na mesma época em que seu livro sair.

A mudança na voz dela o fez dar uma olhada. Podia perceber algo mais suave nela agora. Quase melancólico.

— Um ano atrás, nós duas ainda estávamos na Celebrity, e agora... — Ela se virou para ele, mas os óculos escuros escondiam os olhos. — É

estranho imaginar Lee com uma vida estável e uma família. Ela sempre foi mais ambiciosa do que eu. Costumava ficar enlouquecida por eu levar tudo na maior tranquilidade.

— Você leva?

— Simplesmente tudo — murmurou ela. Não você, disse para si mesma. Não me parece que eu esteja conseguindo levá-lo com tranquilidade. — É mais fácil relaxar e viver — continuou ela — do que se preocupar em como vai viver o próximo mês.

— Algumas pessoas têm de se preocupar se vão estar ou não vivas no próximo mês.

— Você acha que o fato de elas se preocuparem com isso muda alguma coisa?

Bryan esqueceu seu plano para fazer contato, esqueceu o fato de que estava tentando em vão algum tipo de conciliação com ele. Ele conhecia mais o mundo e a vida do que ela. Tinha de admitir que ele vira mais do que ela gostaria de ver. Mas o que ele sentia a respeito?

— Ter noção das coisas pode proporcionar mudanças. Cuidar de si mesmo é uma prioridade que alguns de nós não pode se ter.

Alguns de nós. Ela reparou na expressão, mas decidiu não ligar. Se ele tinha cicatrizes, era direito seu mantê-las cobertas até que estivessem um pouco mais brandas.

— Todo o mundo se preocupa de tempos em tempos — colocou ela. — O problema é que simplesmente não sou muito boa nisso. Acho que herdei isso dos meus pais. Eles são... — Ela fez uma pausa e riu. Shade se deu conta de que não a ouvira dando alguma risada havia dias. — Acho que eles são o que as pessoas chamam de excêntricos. Nós morávamos numa casinha em Carmel que sempre se encontrava em diferentes estágios de construção e reparo. Meu pai aparecia com uma ideia de retirar uma parede ou colocar uma janela, e aí no meio do projeto, tinha uma inspiração, voltava para as telas dele e deixava a bagunça toda do jeito que estava.

Ela recostou-se, não mais ciente de que só ela falava, ao passo que Shade só escutava.

— Minha mãe gostava de cozinhar. O problema era que ninguém nunca sabia qual seu estado de espírito. Um dia a gente podia comer cascavel grelhada e no outro um cheeseburger. Aí, de repente, quando menos se esperava, saía um ensopado de pescoço de ganso.

— Ensopado de pescoço de ganso?

— Eu comia direto na casa dos vizinhos. — A lembrança abriu-lhe o apetite, Bryan pegou duas barras de chocolate e ofereceu uma a Shade. — E os seus pais?

Ele abriu o chocolate, distraído, enquanto diminuía a velocidade por causa do carro de polícia na faixa ao lado.

— Foram morar na Flórida. Meu pai pesca e minha mãe cuida de uma loja de artesanato. Não são tão extravagantes quanto os seus, sinto informar.

— Extravagantes. — Ela pensou na definição e aprovou. — Nunca soube que eles eram diferentes até entrar na faculdade e perceber que os pais da maioria do pessoal eram adultos e sensatos. Acho que nunca percebi o quanto eu tinha sido influenciada por eles até Rob me apontar coisas do tipo: a maioria das pessoas prefere jantar às 6:00 da noite em vez de ficar enganando o estômago com pipoca e manteiga de amendoim às 10:00.

— Rob?

Ela olhou rapidamente para ele, e depois à frente. Shade ouvia muito bem, decidiu ela. Fazia com que dissesse facilmente muito mais do que pretendia.

— Meu ex-marido.

Ela sabia que já devia ter deixado de ver o "ex" como um estigma; hoje em dia era quase um símbolo de status. Para Bryan, era o símbolo que provava que ela não fizera o necessário para manter o que prometera.

— Ainda magoada?

Ele perguntou antes que pudesse impedir a si mesmo. Ela o fazia ficar disposto a oferecer consolo quando ele havia se disciplinado a não se envolver na vida de ninguém, com os problemas de ninguém.

— Não, já faz alguns anos. — Depois de dar de ombros, ela comeu um pedaço do chocolate. Mágoa?, pensou ela novamente. Não, mágoa não, mas talvez ela sempre mantivesse um certo afeto. — Apenas triste por não ter dado certo, acho eu.

— Arrependimentos são mais perda de tempo do que preocupação.

— Talvez. Você já foi casado também.

— Fui. O tom era de rejeição. Bryan lançou-lhe um olhar longo e firme.

— Território sagrado?

— Não me interessa reencenar o passado.

Esta ferida estava cicatrizada, ruminou ela. Imaginou se aquilo realmente o perturbara muito ou se já tinha realmente guardado na memória. Em ambos os casos, não era problema dela, e nem era essa a maneira de manter a bola rolando entre eles.

— Quando decidiu virar fotógrafo? Aquele era um assunto seguro, refletiu ela. Não haveria afetos envolvidos.

— Quando eu tinha cinco anos coloquei as mãos na 35mm que meu pai acabara de comprar. Quando ele revelou o filme, descobriu três doses do cachorro da família. Me disseram que ele não sabia se me dava os parabéns ou se me botava de castigo quando percebeu que as fotos haviam ficado melhores do que as dele.

Bryan deu um risinho.

— O que ele fez?

— Comprou uma câmera para mim.

— Você começou bem antes de mim — comentou ela. — Eu não tinha o menor interesse por câmeras até o secundário. A coisa meio que pintou na minha frente. Até então, eu queria ser uma estrela.

— Uma atriz?

— Não. — Deu outro risinho, — Uma estrela. Qualquer tipo de estrela, contanto que eu tivesse um Rolls-Royce, um vestido de lamê dourado e um diamante enorme e vulgar.

Ele foi obrigado a rir. Ela parecia ter o talento para lhe arrancar risadas.

— Uma criança modesta.

— Não, materialista. — Ela lhe ofereceu sua bebida, mas ele balançou a cabeça. — Essa fase coincidiu com o período "retorno a terra" dos meus pais. Acho que foi a forma que arranjei para me rebelar contra as pessoas mais impossíveis do mundo. Não dava para se rebelar contra meus pais.

Ele baixou os olhos para as mãos sem anéis e para a calça jeans dela.

— Acho que você superou isso.

— Não nasci para virar estrela. De qualquer maneira, precisavam de alguém para tirar fotos do time de futebol americano. — Bryan terminou de comer o chocolate e imaginou quando parariam para o almoço. — Eu me dispus a fazer as fotos porque era louca por um dos jogadores. — Ela terminou de beber o refrigerante e colocou o copo junto da garrafa de Shade. — Depois do primeiro dia, me apaixonei pela câmera e esqueci completamente do zagueiro.

— Ele saiu perdendo.

Bryan levantou os olhos, surpresa com o comentário brusco.

— Muita gentileza sua, Colby. Não imaginava que você pudesse fazer esse tipo de comentário.

Ele não conseguiu evitar o sorriso.

— Não se acostume.

— Que os deuses me proíbam. — Mas ela estava bem mais satisfeita do que poderiam garantir as singelas palavras dele. — De qualquer maneira, meus pais ficaram maravilhados quando me tornei uma fotógrafa obcecada. Eles tinham um medo atroz de eu não ter nenhum impulso criativo e acabar me tornando uma mulher de negócios em vez de artista.

— Mas agora você é as duas coisas.

Ela pensou naquilo por um instante. Estranho como era fácil esquecer de um aspecto de seu trabalho concentrando-se tão intensamente em outro.

— Acho que você tem razão. Só não conte isso aos meus pais, certo?

— Eles não ouvirão de mim.

Ambos viram ao mesmo tempo a placa indicando uma construção. Conscientemente ou não, os pensamentos dos dois seguiram a mesma direção. Bryan já estava pegando a câmera quando Shade diminuiu a velocidade e saiu da estrada. À frente deles, a equipe de homens trabalhando consertava, aplanava e suavava sob o sol do Arizona.

Shade deu alguns passos para acertar o ângulo que mostrava a equipe e a maquinaria lutando contra a erosão da estrada. Uma batalha que sempre seria travada nas estradas do país a cada verão, enquanto existissem estradas. Bryan focalizou um homem. Ele era careca e tinha uma tira de pano amarelo amarrada na testa para proteger o topo da cabeça. Seu rosto e pescoço estavam vermelhos e suados, a barriga caía por cima das calças de trabalhador. Estava usando uma camiseta branca básica e imaculada comparada com as dos outros trabalhadores, coloridas e cheias de frases e desenhos.

Para chegar mais perto, ela precisou conversar com ele e lidar com os comentários e risadinhas dos outros homens. Fez isso com tanta segurança e charme que teria levado um especialista em relações públicas a bater palmas. Bryan acreditava firmemente que o

relacionamento entre fotógrafo e fotografado deveria aparecer no resultado final. Então, na visão dela, primeiro era necessário desenvolver a relação.

Shade mantinha distância. Ele enxergava os homens como uma equipe —a equipe anônima e queimada de sol que trabalhava pelas estradas do país, e fazia isso havia décadas. Não queria nenhuma relação com eles, nada que pudesse colorir a maneira com a qual os estava vendo, de pé, inclinados, cavando.

Ele tirou uma vigorosa foto da sujeira, da poeira e do suor. Bryan descobriu que o nome do capataz era Al e que trabalhava na manutenção das estradas havia 22 anos.

Ela levou algum tempo até conseguir ultrapassar a inibição do homem, mas assim que ele começou a falar de como o maldito inverno acabara com a estrada, a conversa deslanchou. Suor escorria por sua testa. Quando ele levantou o braço robusto para enxugá-la, Bryan tirou a foto.

O desvio impulsivo levou 30 minutos. Quando voltaram à van, já estavam suando tanto quanto os trabalhadores.

—Você sempre tem esse tipo de intimidade com estranhos? — perguntou Shade, enquanto ligava o motor e o ar-condicionado.

— Quando quero tirar uma foto deles, com certeza. — Bryan abriu o refrigerador e pegou uma das latas geladas que guardara e outra garrafa de chá gelado para Shade. — Você conseguiu o que queria? -;

— Consegui.

Ele a observara trabalhando. Normalmente ficavam separados, mas desta vez ficara suficientemente perto para ver como ela se virava. Bryan demonstrara mais respeito e bom humor com o trabalhador do que muitos fotógrafos com suas modelos de 100 dólares a hora. E não o fizera apenas pela foto, embora Shade não pudesse afirmar com certeza se ela percebia isso. Ela estava interessada no homem — quem ele era, o que ele era e por quê.

Uma vez, muito tempo atrás, Shade tivera este tipo de curiosidade. Hoje combatia isso. O conhecimento acaba nos envolvendo. Mas não era fácil, ele estava descobrindo, combater sua curiosidade para com Bryan. Ela já lhe dissera muito mais do que ele teria perguntado. Não mais do que gostaria de saber, porém mais do que ele teria perguntado. Ainda não era suficiente.

Por quase uma semana ele se mantivera afastado dela — tão afastado quanto possível, em função das circunstâncias. Não parara de desejá-la. Podia não gostar de reencenar o passado, mas não era possível esquecer aquele último encontro de dar água na boca, à beira da estrada.

Ele se fechara, mas agora ela o estava abrindo novamente. Ele imaginava se não era tolice tentar lutar contra isso, e contra a atração que sentiam um pelo outro. Talvez fosse melhor, mais simples, mais lógico, simplesmente deixar as coisas progredirem para a única conclusão possível.

Dormiriam juntos, extravasariam a paixão e depois voltariam ao projeto.

Frio? Calculista? Talvez, mas ele não faria nada além do roteiro já previamente estabelecido. Sabia que era importante manter as emoções distantes e a mente sintonizada.

Ele já deixara a emoção embaralhar sua lógica e sua clareza antes. No Camboja, um belo rosto e um sorriso generoso o haviam deixado cego para depois traí-lo. Os dedos de Shade apertaram firme o volante sem que ele percebesse. Ele aprendera uma lição sobre honestidade naquela ocasião — era apenas o outro lado da traição.

— Onde você esteve? — perguntou Bryan, calmamente. Ela vira alguma coisa no olhar dele que não conseguira entender, e estava certa de que não queria entender.

Ele virou a cabeça. Por um instante ela foi pega no meio de um turbilhão, no espaço escuro que ele lembrava muito bem e que ela não

sabia nada a respeito. Então tudo se acabou. Os olhos dele voltaram a ser remotos e calmos. Os dedos relaxaram no volante.

— Vamos dar uma parada em Page — disse ele. — Tirar algumas fotos dos barcos e dos turistas em Lake Powell antes de irmos para o canyon.

— Tudo bem.

Ele não estava pensando nela. Bryan podia se consolar com isso. Ela desejava que o olhar que vira nele jamais se aplicasse a ela.

Mesmo assim, estava determinada a descobrir o motivo, cedo ou tarde.

Ela podia ter feito algumas boas fotos técnicas da represa. Mas, ao passarem pela cidadezinha de Page, indo para o lago, Bryan avistou os enormes arcos dourados brilhando por trás das ondas de calor. Foi obrigada a dar um sorriso. Cheeseburgers e batatas fritas não eram somente diversão de verão. Havia se tornado um estilo de vida. Comida para todas as estações. Mas ela não pôde resistir à visão do edifício familiar bem abaixo da cidade, quase isolado, como uma miragem no meio do deserto. Abaixou a janela e esperou o melhor ângulo.

— Estou precisando comer — disse ela, enquadrando o edifício. — Estou mesmo. — Bateu a foto.

Resignado, Shade entrou no estacionamento.

— Veja se não demora — ordenou ele, enquanto Bryan começava a sair —, quero chegar logo na marina.

Ela pegou a bolsa e desapareceu dentro da lanchonete. Antes de Shade ter qualquer chance de ficar impaciente, ela retornou com dois sacos brancos.

— Barato, rápido e maravilhoso — disse ela para ele enquanto deslizava de volta para o assento do carro. — Nem sei como poderia passar pela vida se não tivesse como conseguir um cheeseburger na hora que quisesse.

Pegou um dos sanduíches enrolados e deu para ele.

— Tem mais sal aqui — disse ela, saboreando as primeiras batatas fritas. — Hum... estou morrendo de fome.

— Não estaria, se comesse qualquer outra coisa além de uma barra de chocolate no café da manhã.

— Prefiro ficar acordada quando como — resmungou ela, desenrolando seu sanduíche.

Shade desenrolou o seu. Ele não lhe pedira que trouxesse coisa alguma. Já percebera que era típico dela esse tipo de consideração descuidada. Talvez a melhor palavra fosse natural em vez de descuidada. Mas não era típico dele ficar emocionado com a simples oferta de um pedaço de carne dentro de um pãozinho. Alcançou a bolsa e pegou um guardanapo.

— Você vai precisar disso.

Bryan deu um sorrisinho, pegou o pedaço de papel, dobrou as pernas e começou a comer. Shade, bem-humorado, dirigiu despreocupadamente até a marina.

Alugaram um barco, que Bryan chamou de barquinho a vapor. Era estreito, aberto e mais ou menos do tamanho de uma canoa. Mas os levaria, juntamente com todo o equipamento que escolhessem, para o lago.

Ela gostou da pequena marina com seis quiosques de comida e lojas anunciando bronzeadores e roupas de banho. Era o auge da temporada; as pessoas zanzavam de um lado para o outro vestidas em shorts e capas de chuva, chapéus e óculos escuros. Ela avistou um casal adolescente, bastante bronzeado, sentado num banco e tomando um sorvete na casquinha que não parava de pingar. Como estavam tão absorvidos em si mesmos. Bryan foi capaz de tirar algumas fotos espontâneas antes de suas fichas caírem.

Sorvete e bronzeadores. Era uma forma simples e divertida de olhar para o verão. Satisfeita, ela segurou firme a câmera e foi ao

encontro de Shade.

— Você sabe guiar um barco?

Ele deu um leve sorriso enquanto caminhavam pela doca.

— Eu dou um jeito.

Uma mulher vestindo uma camiseta branca bem passada e short fez um resumo para eles, apontando os salva-vidas e explicando o motor antes de lhes dar um chamativo mapa do lago.

Bryan sentou-se na proa e preparou-se para se divertir.

— O mais legal de tudo — falou ela, por cima do motor — é que ele é totalmente imprevisível.

Ela sacudiu um dos braços para indicar a vastidão azul.

Formações rochosas avermelhadas e íngremes paredões escarpados elevavam-se sobre o lago, placidamente situado onde o homem o colocara. A combinação a fascinava. Em outra época, talvez ela fizesse um estudo sobre harmonia e poder que poderia ter resultado num relacionamento de trabalho entre a imaginação humana e a natureza.

Não era necessário saber todos os detalhes técnicos da represa, da força de trabalho que a construía. Era suficiente que ela estivesse lá, que eles estivessem lá — atravessando um lago que antes fora um deserto, borrifando água no que antes não passava de areia.

Shade avistou um barco turístico e rumou em sua direção. Por enquanto, ele ficaria com a navegação e deixaria o trabalho fotográfico por conta de Bryan. Fazia muito tempo desde a última vez em que passara uma tarde quente num barco. Seus músculos começaram a relaxar apesar de sua percepção permanecer aguçada.

Antes de terminar o passeio, teria de fazer algumas fotos das montanhas. A textura delas era incrível, mesmo no reflexo da água. A coloração, confrontada com o azul da água, tornava-as surreais. Faria uma impressão bem definida e nítida, para acentuar a

incompatibilidade. Aproximou-se um pouco mais do barco turístico, programando a foto para mais tarde.

Bryan pegou sua câmera sem nenhum plano definido na cabeça. Esperava encontrar várias pessoas, quem sabe besuntadas de bronzeador sob o sol. Talvez crianças, atordoadas com o vento e a água. Enquanto Shade manobrava, ela olhou na direção da popa e ergueu rapidamente a câmera. Era bom demais para ser verdade.

Em cima da popa do barco de cruzeiro encontrava-se um sabujo — Bryan não conseguiu melhor definição para o desajeitado cachorro. Suas grandes orelhas estavam viradas para trás e a língua estava balançando enquanto ele mirava a água. Por sobre sua pelagem amarronzada havia um salva-vidas laranja.

— Dê outra volta — berrou ela para Shade.

Esperou pacientemente o ângulo reaparecer à sua frente. Havia pessoas no barco, pelo menos cinco, mas não lhe interessavam mais. Apenas o cachorro, pensou ela, mordendo o lábio e esperando. Não queria nada além do cachorro usando um salva-vidas e mirando a água.

Bryan precisou decidir com rapidez se as enquadrava ou não, Se tivesse mais tempo para pensar... Optou por deixar a dramaticidade natural para trás e fixar-se na diversão. Shade deu três voltas em torno do pequeno barco de cruzeiro até que ela ficasse satisfeita.

— Maravilhoso! — Com uma gargalhada, Bryan baixou a câmera. — Só essa foto já vai ter valido toda a viagem.

Shade deu uma guinada para a direita.

— Por que a gente não dá uma olhada no que mais pode ser de interesse?

Trabalharam por duas horas, trocando de posição na metade. Sem camisa para poder aguentar o calor, Shade ajoelhou-se na proa e focalizou outro barco turístico. O paredão rochoso avultava-se por detrás, a água tremeluzia em tranquilos tons de azul. Ao longo da amurada, as pessoas não eram mais do que uma mancha colorida. Era

isso o que ele queria. A despersonalização dos roteiros turísticos, e a força que levava as massas para esse tipo de passeio,

Enquanto Shade trabalhava, Bryan mantinha a velocidade baixa e olhava para tudo. Ela havia decidido, após uma olhadela no tórax enxuto e bronzeado dele, que seria mais prudente para ela concentrar-se na paisagem. Se não tivesse feito isso, teria perdido a enseada e a ilha rochosa que a circundava.

— Olha! — Sem hesitar, ela conduziu o barco naquela direção e desligou o motor. — Vamos dar um mergulho. — Antes que ele pudesse fazer qualquer comentário, ela já se jogara na água, que batia em seus tornozelos, e prendia as cordas nas pedras.

Vestida com confortáveis top e short Bryan correu na direção da enseada e submergiu. Quando voltou à tona, rindo, Shade estava de pé na ilha.

— Fabuloso — disse ela. — Qual é, Shade? A gente não teve nem uma hora para se divertir desde que começamos essa viagem.

Ela tinha razão. Ele cuidara disso. Não que ele não tivesse tido necessidade de relaxar, mas pensou que seria melhor não fazê-lo perto dela. Sabia, mesmo agora que a via batendo levemente as pernas sobre a água sombreada pela rocha, que era um erro. Contudo, dissera para si mesmo que era lógico parar de combater o que aconteceria entre eles. Seguiu a lógica e caminhou na direção da água.

— É como abrir um presente — disse ela, ficando de costas e boiando um pouco. — Eu não fazia a menor ideia que estava assando lentamente até chegar aqui. — Com um suspiro, ela mergulhou e voltou à tona, respingando água do rosto todo. — Quando eu era criança, tinha uma fonte a alguns quilômetros de casa. Praticamente vivia lá nos verões.

A água estava sedutora, uma sedução quase dolorosa. Ao abaixar-se para mergulhar, Shade sentiu o calor extinguir-se, mas não a tensão. Cedo ou tarde, ele sabia, teria de achar um escape para ela.

— O trabalho aqui foi bem melhor do que o que eu esperava.

— Ela deixava a água passar por seus dedos, preguiçosamente.

— Só consigo pensar em chegar em Sedona e fazer as revelações.

— Ela jogou a trança molhada para trás. — E dormir numa cama de verdade.

— Você não parece ter problema para dormir.

Uma das primeiras coisas em que reparara era a capacidade que ela tinha para dormir em qualquer lugar, a qualquer hora, e segundos depois de fechar os olhos.

— Ah, o problema não é dormir, é acordar. E acordar a apenas alguns centímetros dele, dia após dia, vendo o rosto dele ficando com aquela sombra escura da barba que crescia durante a noite, perigosamente atraente, vendo os músculos dele enrugarem-se quando ele se esticava. Não, ela não podia negar que as acomodações ocasionalmente lhe davam algumas pontadas de desejo.

— Você sabe — começou ela, casualmente —, o orçamento dava para a gente arrumar um ou outro quarto de motel de vez em quando, nada assim exorbitante. Um colchão de verdade e chuveiro particular, sabe como é. Alguns desses acampamentos pelos quais a gente passou enchem a boca para falar que têm água quente.

Ele teve de rir. Não sentira muito prazer em se conformar com água morna depois de um longo dia na estrada. Mas não havia motivo para facilitar-lhe as coisas.

— Não consegue levar uma vida dura, Bryan?

Ela boiou novamente, dessa vez espirrando água nele de propósito.

— Não, não tenho problema nenhum em levar uma vida dura — disse ela, suavemente —, só que gosto de fazer isso quando estou a fim. E não tenho a menor vergonha de dizer que preferia passar um fim de semana num hotel de luxo em Beverly Hills do que ficar acendendo fogueira com dois pedaços de pau no meio da selva. — Ela fechou os olhos e deixou o corpo à deriva.—Você não?

— Claro.

Dizendo isso, ele se aproximou, agarrou a trança e afundou a cabeça de Bryan.

Ela ficou surpresa, mas também satisfeita com o movimento, mesmo voltando à tona espirrando água para todos os lados. Então ele era capaz de uma brincadeira de tempos em tempos. Outra coisa que ela poderia gostar nele.

— Sou perita em jogos aquáticos — avisou ela, voltando a bater as pernas.

— A água lhe cai bem.

Quando ele havia relaxado? Não conseguia precisar o momento exato em que sua tensão começou a amainar. Havia algo nela: preguiça? Não, não era verdade. Ela trabalhava tanto quanto ele, embora com seu próprio estilo. tranquilidade era uma palavra melhor, decidiu ele. Ela era uma mulher tranquila, confortável consigo mesma e em qualquer lugar onde estivesse.

— Fica muito bem em você também.

Bryan estreitou os olhos e focalizou-o — uma coisa que ela evitara por vários dias. Se não se permitiu uma olhada mais nítida, pelo menos a ajudou a represar os sentimentos que carregava consigo. Muitos dos quais não eram confortáveis, e Shade estava certo. Ela era uma mulher que gostava de conforto. Mas agora, com a água deliciosa e refrescante em torno dela e como único som os barcos ao longe, ela queria aproveitá-lo.

O cabelo dele estava úmido e emaranhado no rosto, que estava relaxado de uma maneira que ela jamais presenciara. Não parecia haver segredo algum em seus olhos naquele instante. Ele era quase magro demais, mas havia músculos nos braços e nas costas. Ela já conhecia a força de suas mãos. Sorriu para ele porque não tinha certeza de quantos momentos tranquilos ainda compartilhariam.

— Você não se permite relaxar muito, Shade.

— Não?

— Não. Você sabe... — Ela flutuou uma vez mais, porque bater as pernas demandava um esforço excessivo. — Acho que, no fundo, bem no fundo mesmo de você, existe um cara legal.

— Não, não existe.

Mas ela ouviu o bom humor na voz dele.

— Ah, deve estar enterrado em algum lugar aí. Se você me deixar fazer um retrato seu, eu descubro.

Ele gostava da forma como ela flutuava na água; absolutamente nenhuma energia gasta. Ela estava ali deitada, flutuando confiante. Tinha quase certeza de que se ela ficasse ali deitada por cinco minutos, dormiria.

— Será? — murmurou ele. — Acho que ambos podemos passar sem isso.

Ela abriu novamente os olhos, mas precisou estreitá-los com o sol, que brilhava atrás dele, para poder vê-lo.

— Acho que você pode, mas já decidi que vou fazer isso, quero conhecê-lo melhor.

Ele passou levemente o dedo pelo ombro dela.

— Você vai precisar da minha cooperação para conseguir as duas coisas.

— Vou ter. — O contato era mais potente do que ela podia aguentar. Já estava tensa antes de poder interromper o processo. Também ele, percebeu ela após dez longos segundos. Casualmente, afundou as pernas. — A água está ficando fria. — Ela nadou até o barco com suaves braçadas e o coração disparado.

Shade esperou um pouco. Não importava a direção que ele tomava com ela, acabava sempre no mesmo lugar. Ele a queria, não tinha certeza se poderia lidar com as consequências de agir de acordo com aquele desejo. Pior agora que ela estava perigosamente se tornando

quase uma amiga dele. Isso não melhoraria coisa alguma para nenhum dos dois.

Lentamente, nadou em direção ao barco, mas ela não estava. Confuso, ele deu uma olhada ao redor e começou a chamá-la, então a viu empoleirada bem no alto de uma rocha.

Retirara a trança do cabelo e o secava ao sol. Suas pernas estavam dobradas e o rosto virado para cima. A leve roupa de verão que ela usava estava ensopada e colada em seu corpo. Ela, obviamente, não se importava. Estava em busca do sol, do calor, tal como estivera em busca da água momentos antes.

Shade pegou sua câmera e colocou uma teleobjetiva. Queria ela inteira no visor. Focalizou-a e enquadrou-a. Pela segunda vez, a sexualidade espontânea de Bryan lhe encaixava um surpreendente gancho no estômago. Ele era profissional, Shade lembrou a si mesmo enquanto regulava a profundidade do campo visual, Estava fotografando um objeto, nada além disso.

Mas quando ela virou a cabeça e seus olhos encontraram os dele através da lente, Shade sentiu a paixão incendiar, nele e nela. Ficaram ambos ali por um instante, separados, ainda que irrevogavelmente juntos. Ele tirou a foto e, enquanto o fazia, Shade se deu conta de que estava registrando muito mais do que um objeto.

Um pouco mais segura, Bryan se levantou e desceu pelo flanco da rocha. Precisou lembrar a si mesma que deveria manter a leveza da situação — algo que sempre fora fácil para ela.

— Você não trouxe o termo de liberação, Colby — lembrou-lhe ela ao jogar a escova na bolsa.

Ele se aproximou e tocou-lhe o cabelo. Estava úmido, descaindo até a cintura. Seus dedos o acariciaram, os olhos fixaram-se nos dela.

— Eu quero você.

Ela sentiu as pernas bambas, e uma sensação de calor começou na boca do estômago e se espalhou até a ponta dos dedos. Ele era um

homem duro, Bryan lembrou a si mesma. Não daria, tomaria. No final, ela precisaria das duas coisas.

— Isso não é o suficiente para mim — disse ela, firme. — Todo mundo quer alguma coisa o tempo todo, um carro novo, uma televisão nova. Eu preciso de muito mais do que isso.

Aproximou-se dele e entrou no barco. Sem dizer uma palavra sequer, Shade seguiu-a e deixaram a enseada. À medida que o barco foi ganhando velocidade, ambos Imaginaram se Shade poderia dar algo a mais do que oferecera.

Capítulo 5

Bryan havia romantizado Oak Creek Canyon ao longo dos anos que se seguiram à primeira vez em que estivera lá. Quando viu novamente o lugar, não ficou desapontada. Continuava com todo o poder, com todas as cores que haviam ficado na sua memória.

Veria pessoas de férias nos acampamentos por todos os lados, ela sabia. Mereciam algum tempo e algum rolo de filme. Pescadores amadores e profissionais no riacho, pensou, com suas fisionomias intensas e iscas coloridas. À noite, reunião em torno da fogueira com marshmallows grelhados. Café em copos de alumínio. Sim, valeria muito a pena dar uma parada.

Planejaram ficar três dias, trabalhando, revelando e ampliando. Bryan estava seca para começar. Mas antes de irem para a cidade acertar os detalhes, concordaram em parar no canyon para Bryan rever Lee e sua família.

— De acordo com as indicações, deveria haver uma estradinha de terra que vai dar no lado direito logo depois de um posto comercial.

Shade mal podia esperar. Também ele estava ansioso para começar. Algumas das fotos que tirara estavam implorando a ele que as fizessem nascer. Ele precisava da concentração e da tranquilidade do laboratório, da solidão da sala escura. Precisava deixar sua criatividade fluir, para depois segurar com as próprias mãos o resultado.

A foto de Bryan sentada na rocha. Não queria falar sobre isso, mas ele sabia que este seria o primeiro rolo que revelaria.

O mais importante era que ele teria o tempo e a distância que prometera a si mesmo. Assim que a deixasse com seus amigos — ele tinha certeza de que desejariam que ela ficasse com eles — iria para Sedona, alugaria um laboratório e um quarto de motel. Depois de estar com ela 24 horas por dia, contava com alguns dias distante para reequilibrar seu sistema.

Cada um dos dois trabalharia no que bem entendesse — a cidade, o canyon, a paisagem. Isso lhe dava mais espaço. Ele estabeleceria uma rotina de trabalho no laboratório. Com sorte, acabariam se encontrando muito pouco nos próximos três dias.

— Aí está — disse Bryan, embora ele já tivesse visto a estrada estreita e já começasse a diminuir a velocidade. Ela olhou para a estrada íngreme e margeada de árvores e balançou a cabeça, — Meu Deus, eu jamais teria imaginado Lee morando aqui. É tão selvagem e rude e ela é... sei lá, elegante.

Ele conhecera algumas mulheres elegantes em sua vida. Vivera com uma. Shade deu uma olhada no terreno.

— Então, o que ela está fazendo aqui?

— Ficou apaixonada — disse Bryan e inclinou-se à frente.—E também tem a casa. Maravilhosa.

Vidro e estilo. Era isso o que ela pensava dela. Não era a refinada casa urbana que teria imaginado para Lee, mas Bryan podia enxergar como ela podia ser interessante para sua amiga. Havia flores por todos os lados, florações vermelho-alaranjadas que ela não conseguia identificar. A grama era espessa e as árvores cheias de folhas.

Na frente da casa encontravam-se dois veículos, um empoeirado jipe último modelo e um brilhante automóvel sedã bege. Assim que pararam atrás do jipe, uma enorme criatura cinza-prateada surgiu ao lado da casa. Shade praguejou de puro assombro.

— Esse deve ser o Santanas — disse Bryan, rindo, mas deu apenas uma olhada cautelosa no animal, com a porta trancada.

Fascinado, Shade observou o feixe de músculos do cachorro enquanto este se movimentava. Mas o rabo estava balançando e a língua pendendo. Um bichinho de estimação e tanto, decidiu ele.

— Parece um lobo.

— É. — Ela continuava olhando através da janela o cão andar de um lado e de outro da van. — Lee me disse que ele é manso.

— Legal. Você sai primeiro.

Bryan lançou-lhe um olhar que ele retornou com um sorriso casual. Bryan respirou fundo e abriu a porta.

— Cachorro simpático — disse ela para o cão enquanto descia, mantendo uma das mãos na maçaneta. — Simpático Santanas.

— Li em algum lugar que Brown criava lobos — disse Shade despreocupadamente, enquanto descia pelo outro lado.

— Fofa — murmurou Bryan e, cautelosamente, ofereceu a mão para o cachorro cheirar.

Ele cheirou e, obviamente, gostou dela porque a derrubou no chão com um salto. Shade já contornara na van antes que Bryan pudesse respirar. Uma sensação de medo e ódio surgiu nele, mas o que quer que pudesse ter feito foi interrompido pelo som agudo de um assobio.

— Santanas! — Uma garotinha chegou correndo de dentro da casa, as tranças voando. — Pare logo com isso. Você sabe que não pode ficar derrubando as pessoas!

Pego em flagrante, o enorme cão desabou sobre a barriga e conseguiu, de uma forma ou de outra, até parecer inocente.

— Ele está pedindo desculpas. — A garota olhou para o rosto tenso do homem e para a mulher quase sem ar esparramada no chão ao lado dele. — É que ele sempre fica excitado quando aparece alguém. Você é a Bryan?

Bryan assentiu com a cabeça enquanto o cachorro jogava a cabeça em seu braço e levantava os olhos para ela.

— É um nome engraçado. Pensei que você tivesse um jeito engraçado também, mas não tem não. Eu sou Sarah.

— Oi, Sarah. — Retomando o fôlego, Bryan olhou para Shade. — Esse é Shade Colby.

— Isso é um nome de verdade? — perguntou Sarah.

— É sim.

Shade baixou o olhar quando a garota franziu a testa para ele, Queria dar-lhe uma bronca por não cuidar do cachorro, mas descobriu que não poderia. Ela tinha olhos escuros e sérios que o fazia querer se abaixar para poder olhá-los da altura dela. Uma destruidora de corações. Espere uns dez anos e ela vai destruí-los todos.

— Parece alguma coisa de um dos livros do meu pai. Eu acho legal.
— Ela deu um risinho para Bryan e arrastou o tênis no chão sujo. Tanto ela quanto o cachorro pareciam constrangidos.—Realmente sinto muito por Santanas tê-la derrubado. Você não se machucou, não é?

Como era a primeira vez que alguém se importava em perguntar, Bryan pensou no assunto e disse:

— Não.

— Bem, quem sabe vocês não vão dizer nada ao meu pai? — Sarah deu um rápido sorriso, mostrando o aparelho. — Ele fica muito nervoso quando Santanas não se comporta.

Santanas passou a enorme língua rosada no ombro de Bryan.

— Não houve danos — disse ela.

— Ótimo. Vamos contar a eles que vocês estão aqui.

Ela saiu em disparada. O cachorro se colocou de pé e correu atrás dela, esquecendo-se completamente de Bryan.

— Bem, não parece que a vida de Lee aqui seja particularmente entediante — comentou Bryan.

Shade aproximou-se e a ajudou a se erguer. Ficara assustado, percebeu ele. Bastante assustado, pela primeira vez em anos, e tudo porque o animal de estimação de uma garotinha derrubara sua companheira.

— Você está bem?

— Estou.

Com golpes rápidos, ela começou a limpar a sujeira em sua calça jeans. Shade passou a mão pelos braços dela, aquecendo-a.

— Com certeza?

— Sim, eu...

Ela interrompeu a fala ao perceber que seus pensamentos estavam ficando embaralhados e incoerentes. Não era para ele ficar olhando-a daquela maneira, pensou. Como se realmente se importasse. Ela desejou que ele a olhasse assim muitas e muitas vezes. Os dedos dele mal tocavam seus braços. Ela desejou que ele a tocasse assim mais vezes. Muitas e muitas outras vezes.

— Estou bem — conseguiu ela finalmente dizer. Mas foi pouco mais do que um sussurro, e seus olhos jamais deixaram os dele.

Ele mantinha as mãos sobre os braços dela.

— Aquele cachorro deve pesar uns cinquenta quilos.

— Ele não teve a intenção de me machucar.

Por que, imaginou ela, vagamente, estavam conversando sobre o cachorro, quando a única coisa que importava realmente eram eles dois?

— Sinto muito. — O polegar dele acariciou a parte interna do cotovelo dela, onde a pele era tão macia quanto ele imaginara. A pulsação dela parecia um motor ligado. — Eu deveria ter saído primeiro em vez de ficar embromando. — Se ela tivesse se machucado... Ele queria beijá-la naquele instante, naquele exato segundo, quando só estava pensando nela e não nos motivos que poderiam impedi-lo.

— Não tem importância — murmurou ela e percebeu que suas mãos estavam pousadas nos ombros dele. Seus corpos estavam próximos, quase roçando um no outro. Quem se movera? — Não tem importância — repetiu ela, em parte, somente para si mesma, enquanto se aproximava mais ainda. Suas bocas vacilaram, hesitaram, e depois quase se tocaram. Da casa veio um som profundo e frenético de latido. Afastaram-se um do outro quase bruscamente.

— Bryan!

Lee deixou a porta bater atrás de si ao chegar à varanda. Apenas no momento em que gritou, pôde ela perceber o quão concentradas em si mesmas estavam as duas pessoas na frente de sua casa.

Com um rápido estremecimento, Bryan deu outro passo para trás antes de se virar. Muitas emoções, era a única coisa em que conseguia pensar. Muitas emoções, e muito rapidamente.

— Lee! — Ela correu para ela, ou correu dele, não tinha certeza. Tudo o que sabia era que, naquele momento, precisava de alguém. Grata, jogou-se nos braços de Lee. — Oh, meu Deus, como é bom te ver!

A saudação foi um pouquinho desesperada. Lee deu uma longa olhada por cima dos ombros de Bryan para encontrar o homem que continuava alguns passos atrás. Sua primeira impressão foi de que ele queria permanecer daquele jeito. Separado. No que Bryan havia se metido?, imaginou ela, abraçando a amiga com força.

— Preciso olhar para você — insistiu Bryan, agora rindo, à medida que a tensão aliviava. O rosto elegante e o cuidadoso penteado — eram os mesmos. Mas a mulher não. Bryan pôde sentir isso antes de olhar para o volume sob o vestido de verão de Lee. — Você está feliz. — Bryan apertou as mãos da amiga. Dá para ver. Sem arrependimentos?

— Sem arrependimentos. — Lee analisou-a detidamente. Bryan parecia a mesma, decidiu. Saudável, tranquila, linda de um modo que parecia ser exclusivamente dela. A mesma, pensou, exceto pelo leve sinal de problema que podia detectar em seus olhos. — E você?

—As coisas vão bem. Senti muito a sua falta, mas agora que eu a encontrei, estou me sentindo melhor.

Lee riu e passou o braço pela cintura de Bryan. Se havia algum problema, ela encontraria a origem. Bryan jamais conseguiu esconder qualquer coisa por muito tempo.

— Entre. Sarah e Hunter estão fazendo chá gelado.

Ela lançou um significativo olhar na direção de Shade e sentiu Bryan enrijecer. Só um pouco, mas Lee sentiu, e percebeu que já

encontrara a origem.

Bryan limpou a garganta.

— Shade.

Ele moveu-se à frente, pensou Lee, como um homem acostumado a testar o caminho.

— Lee Radcliffe... Lee Radcliffe Brown — corrigiu Bryan e relaxou um pouco. — Shade Colby. Você lembra de quando gastei o dinheiro que tinha poupado para comprar um carro novo numa foto dele.

— Lembro, e disse que você era louca. — Lee estendeu a mão e sorriu, mas a voz era indiferente. — Prazer em conhecê-lo. Bryan sempre admirou seu trabalho.

— Mas você não — retrucou ele, com mais interesse e respeito do que queria sentir.

— Eu acho áspero, mas forte — disse Lee. — Bryan é quem entende disso, não eu.

— Então ela vai lhe dizer que a gente não fotografa para conhecedores.

Lee assentiu com a cabeça. O aperto de mão dele era firme — não delicado, mas também longe de ser agressivo. Exatamente a mesma coisa poderia ser dita de seus olhos. Teria de adiar o julgamento por enquanto.

— Entre, sr. Colby.

Ele planejara apenas deixar Bryan lá e ir embora, mas acabou aceitando o convite. Não faria mal algum, racionalizou ele, esfriar um pouco a cabeça antes de dirigir até a cidade. Seguiu as mulheres.

— Papai, se você não colocar mais açúcar, o gosto vai ficar horrível.

Quando chegaram à cozinha, viram Sarah com as mãos na cintura, observando seu pai mexendo uma jarra de chá.

— Nem todo o mundo quer encher o corpo de açúcar como você.

— Eu quero.

Bryan deu um risinho quando Hunter se virou. Ela achava o trabalho dele brilhante — mas quase sempre o xingava no meio da noite por mantê-la acordada. Ela achava que ele parecia um homem sobre o qual as irmãs Bronté teriam escrito alguma coisa — forte, moreno, taciturno. Mas ele era mais do que isso, era o homem que amava sua melhor amiga. Bryan abriu os braços para ele.

— É bom rever você. — Hunter a abraçou forte, e deu uma risada quando sentiu que ela alcançara, atrás dele, o prato com os biscoitos que Sarah fizera. — Por que você não engorda?

— Continuo tentando — afirmou Bryan e deu uma mordida no biscoito de chocolate. — Hum, ainda está quente. Hunter, esse é Shade Colby.

Hunter baixou o pano de prato.

— Acompanho o seu trabalho — disse ele para Shade enquanto lhe apertava a mão. — É bem poderoso.

— Essa é a palavra que eu usaria para descrever o seu.

— O seu último livro me deixou tão paranoica que passei várias semanas sem conseguir levar minhas roupas para a máquina de lavar que fica no porão — acusou-o Bryan. Quase fiquei sem roupa para usar.

Hunter deu um risinho.

— Obrigado.

Ela deu uma olhada na cozinha iluminada pelo sol.

— Acho que esperava encontrar teias de aranha e móveis rangendo na sua casa.

— Desapontada? — perguntou Lee.

— Aliviada.

Lee deu uma risada e sentou-se à mesa da cozinha, com Sarah à sua esquerda e Bryan à frente.

— E aí, como está indo o projeto?

— Legal. — Mas Lee notou que ela não olhava para Shade enquanto falava. — Acho que fantástico. Vamos ter mais noção quando revelarmos as fotos. Fizemos um acordo com um dos jornais da área para usar o laboratório deles. A gente só tem que dirigir até Sedona e arranjar dois quartos de motel. Amanhã começamos a trabalhar.

— Quartos? — Lee baixou o copo que Hunter lhe dera. — Mas você vai ficar aqui.

— Lee. — Bryan deu um rápido sorriso para Hunter quando ele lhe ofereceu o prato de biscoitos. — Só queria ver você, não chegar e me instalar de mala e cuia. Sei que você e Hunter estão trabalhando em novos livros. Shade e eu vamos estar com fluido de revelação até a medula.

— E como é que vamos visitá-la se você vai estar em Sedona? — opôs-se Lee. — Droga, Bryan, estou morrendo de saudade. Você vai ficar aqui. — Ela colocou uma das mãos na barriga. —

— Você deveria ficar — disse Shade, antes que Bryan pudesse fazer qualquer comentário. — Pode ser a única chance de tempo livre que vai ter em muitos dias.

— Temos muito trabalho a fazer — lembrou-lhe Bryan.

— Não é muito longe daqui até a cidade. Não vai fazer muita diferença. A gente vai ter de alugar um carro cada um, de qualquer maneira.

Hunter analisou o homem do outro lado da cozinha. Tenso, pensou ele. Intenso. Não o tipo de homem que teria escolhido para a livre, solta e despreocupada Bryan, mas não cabia a ele julgar. Cabia a ele, e a seu talento, observar. O que acontecia entre eles era óbvio de se ver. A relutância de ambos em admiti-lo era igualmente óbvia. Calmamente, pegou seu chá e bebeu.

— O convite se aplica a ambos

Shade olhou ao redor, com uma automática e educada recusa na ponta da língua. Seus olhos encontraram os de Hunter. Eram ambos homens intensos e ensimesmados. Talvez fosse este o motivo de terem se entendido tão rapidamente.

Hunter parecia dizer-lhe, quase sorrindo: já estive na sua posição antes. Você pode correr em alta velocidade, mas não vai chegar muito longe.

Shade sentia um pouco de compreensão e um pouco de desafio. Baixou os olhos e viu Bryan lançando-lhe um olhar longo e impassível.

— Eu adoraria ficar—ouviu a si mesmo dizer. Shade cruzou a mesa e sentou-se.

Lee olhava para as fotos com seu jeito preciso e decidido. Bryan andava de um lado para o outro no terraço, quase explodindo.

— E aí? — perguntou ela. — O que você acha?

— Ainda não acabei de ver todas.

Bryan abriu a boca e depois fechou novamente. Não costumava ficar nervosa com seus trabalhos. Sabia que as fotos estavam boas. Não colocara seu suor e seu coração em cada uma delas?

Mais do que boas, disse para si mesma, enquanto arrancava uma barra de chocolate do bolso. Estas fotos estavam entre os melhores trabalhos que já fizera. Talvez a competição com Shade a tivesse motivado a fazê-las. Talvez tivesse sido a necessidade de sentir um pouco de imodéstia depois dos comentários que ele fizera sobre o estilo de trabalho dela. Bryan não gostava de pensar que era tão mesquinha a ponto de se utilizar da mais baixa rivalidade, mas tinha de admitir que, naquele momento, estava sendo. E queria vencer.

Ela e Shade moraram na mesma casa e trabalharam no mesmo laboratório por vários dias, mas conseguiram quase não se encontrar. Bom truque, pensou Bryan, pesarosa. Talvez tenha dado certo porque ambos jogaram o mesmo jogo. Esconder e não achar. Amanhã estariam de volta à estrada.

Bryan descobriu que estava ansiosa para ir, ao mesmo tempo em que odiava a ideia. E ela não era uma pessoa do contra, lembrou a si mesma, com firmeza. Basicamente, ela era uma pessoa direta e... bem, sim, era afável. Era simplesmente sua natureza. Então por que ela não estava com Shade?

— Bem...

Bryan zanzava em volta de Lee enquanto ela falava:

— Bem... — ecoou ela, esperando.

— Sempre admirei o seu trabalho, Bryan. Você sabe disso.

Na sua maneira elegante, Lee juntou as mãos sobre a mesa de ferro.

— Mas... — insistiu Bryan.

— Mas esses são os melhores. — Lee sorriu. — Os melhores que fiz até hoje.

Bryan soltou o ar que havia prendido e cruzou a mesa. Nervos? Sim, ela os possuía. Mas não ligava para eles.

— Por quê?

— Tenho certeza de que deve haver vários motivos técnicos... a luz e a sombra, os cortes.

Impaciente, Bryan balançou a cabeça.

— Por quê?

Compreensiva, Lee escolheu uma foto.

— Essa aqui da mulher idosa e da garotinha na praia. Talvez seja o meu estado atual — disse ela, lentamente, analisando novamente a foto —, mas isso aqui me faz pensar no bebê que vou ter, Também me faz lembrar que vou envelhecer, mas não vou ficar tão velha a ponto de ficar sonhando. Essa foto é poderosa porque é bem simples e básica, tão direta e tão incrivelmente cheia de emoção. E essa aqui...

Ela passou as fotos uma atrás da outra até chegar à do trabalhador da estrada.

— Suor, determinação, honestidade. Quando olha para esse rosto você sabe que o homem acredita em trabalho duro e em pagar suas contas em dia. E aqui, esses adolescentes. Eu vejo a juventude, imediatamente antes das inevitáveis mudanças para a idade adulta. E esse cachorro. — Lee riu ao olhar a foto.—A primeira vez em que olhei, me chamou a atenção ele ser bonitinho e engraçado, mas ele parece tão orgulhoso, tão, bem... humano. Você quase acredita que o barco pertence a ele.

Como Bryan permanecia em silêncio, Lee arrumou novamente as fotos.

— Eu poderia repassar todas elas com você, mas a questão é a seguinte, cada uma delas conta uma história. É apenas uma cena, uma fração de tempo, mas a história está lá. Os sentimentos estão lá. Não é esse o propósito?

— É. — Bryan sorriu e relaxou os ombros. — É esse o propósito.

— Se as fotos de Shade tiverem a metade da qualidade das suas, o ensaio vai ficar maravilhoso.

— Elas têm — murmurou Bryan. — Vi alguns dos negativos no laboratório. Estão incríveis.

Lee franziu a sobrancelha e observou Bryan devorar um chocolate.

— Isso a incomoda?

— O quê? Ah, não, não, é claro que não. O trabalho dele é dele, mas nesse caso particular vai estar junto com o meu. Eu jamais teria concordado em trabalhar com ele se não o admirasse.

— Mas...

Dessa vez Lee franziu a sobrancelha com um sorriso parcial.

— Não sei, Lee, ele é tão... tão perfeito.

— É mesmo?

— Ele nunca se atrapalha — reclamou Bryan. Sempre sabe exatamente o que quer. Quando se levanta de manhã, já está totalmente coerente com tudo, nunca erra o caminho. Faz até um café bem razoável.

— Alguém o detestaria por isso — disse Lee, secamente.

— É frustrante, é só isso.

— O amor normalmente é. Você está apaixonada por ele, não está?

— Não. — Genuinamente surpresa, Bryan encarou Lee. — Meu Deus, espero ter um pouco mais de bom senso. Tenho que me esforçar muito até para gostar dele.

— Bryan, você é minha amiga. Se não fosse assim, não estaria me preocupando, estaria me intrometendo.

— O que quer dizer que vai se intrometer — colocou Bryan.

— Exatamente. Vi bem o jeito de vocês andarem um ao lado do outro como se estivessem pisando em ovos, como se aterrorizados com a possibilidade de um dar de cara com o outro e desencadear uma combustão espontânea.

— Algo parecido.

Lee se aproximou e tocou as mãos dela.

— Bryan, me conte.

Evasivas eram sempre possíveis. Bryan baixou os olhos para as mãos unidas e suspirou:

— Estou atraída — admitiu lentamente. — Ele é diferente de todos os homens que conheci, principalmente porque não é o tipo de homem com o qual eu normalmente me relacionaria. Ele é bem distante, bem sério. Eu gosto de me divertir. E só.

— Relacionamentos têm de ser baseados em muito mais do que diversão.

— Não estou atrás de relacionamento. — Nesse ponto, ela era bastante clara. — Eu saio com os caras porque gosto de dançar, ir a festas, ouvir música e ir ao cinema. É isso. A última coisa que desejo é toda a tensão e a trabalhadeira que vêm com os relacionamentos.

— Se uma pessoa que não a conheça ouvisse isso, diria que é um sentimento muito superficial.

— Talvez seja — rebateu Bryan. — Talvez eu seja.

Lee não disse nada, apenas batia com os dedos nas fotos.

— Este é o meu trabalho — começou Bryan, depois desistiu, Muita gente poderia levar ao pé da letra aquilo que ela dissera, mas não Lee. — Não quero um relacionamento — repetiu, porém num tom mais tranquilo. — Lee, já passei por isso, e sou muito, muito ruim nesse tipo de coisa.

— Relacionamentos envolvem duas pessoas — apontou Lee. — Você continua se sentindo culpada?

— Grande parte da culpa foi minha. Fui uma péssima esposa.

— Como um certo tipo de esposa — corrigiu Lee.

— Imagino que deva haver apenas umas poucas definições no dicionário.

Lee franziu a testa.

— Sarah tem uma amiga cuja mãe é maravilhosa. Ela não cuida somente de uma casa limpa, mas de uma casa interessante. Ela faz geleia, participa da Associação de Pais e Professores e coordena um grupo de bandeirantes. A mulher consegue botar as mãos num pedaço de papel colorido e cola e produzir uma obra de arte. Ela é linda e mantém-se assim com a ajuda de exercícios, três vezes por semana. Eu a admiro bastante, mas se Hunter esperasse esse tipo de coisa de mim, eu não estaria com o anel dele no meu dedo.

— Hunter é especial — murmurou Bryan.

— Não vou discutir. E você sabe por que quase estraguei tudo com ele... porque tinha medo de fracassar em construir e manter um relacionamento.

— Não é uma questão de ter medo. — Bryan deu de ombros. — É mais uma questão de não ter a energia para isso.

— Não esqueça de com quem você está falando — disse Lee, suavemente.

Com uma risada, Bryan balançou a cabeça.

— Tudo bem, talvez seja uma questão de ser cautelosa. Relacionamento é uma palavra pesada demais. Caso é mais leve — disse ela, pensando. — Mas um caso com um homem como Shade está fadado a ter uma tremenda repercussão.

Isso pareceu tão frio, refletiu Bryan. Quando começara a pensar em termos tão lógicos?

— Ele não é um homem fácil, Lee. Tem seus próprios demônios e sua própria maneira de lidar com eles. Nem sei se ele os compartilharia comigo, ou se eu gostaria que fizesse isso.

— Ele faz questão de ser frio — comentou Lee —, mas eu o vi com Sarah. Admito que a delicadeza básica nele me surpreendeu, mas ela existe.

— Existe — concordou Bryan. — Só é difícil chegar nela.

— O jantar está pronto! — Sarah deu um puxão na porta de tela, que bateu com força na parede. — Shade e eu fizemos um espaguete que está maravilhoso.

Estava. Durante o jantar, Bryan observou Shade. Assim como Lee, também ela notara a facilidade com a qual ele se relacionava com Sarah. Era mais do que tolerância, decidiu ela, observando-o rir com a garota. Era afeição. Não lhe ocorrera que Shade pudesse demonstrar sua afeição com tanta rapidez ou com tão poucas restrições.

Talvez eu devesse ser uma menina de doze anos usando um aparelho dentário, decidiu ela, e então balançou a cabeça para o seu próprio padrão de pensamento. Ela não queria a afeição de Shade. Seu respeito, isso ela queria.

Ela precisou esperar até o final do jantar para perceber que estava errada. Queria muito mais.

Foi a última noite livre antes do grupo se separar. Na varanda da frente, observaram o surgimento das primeiras estrelas e ouviram os primeiros sons da noite. Naquela hora, na noite seguinte, Shade e Bryan já estariam no Colorado.

Lee e Hunter sentaram-se no balanço da varanda com Sara aninhada entre os dois. Shade estava esticado numa cadeira ao lado, relaxado, um pouco cansado e mentalmente satisfeito depois de longas horas no laboratório. Contudo, ali naquele bate-papo tranquilo com a família Brown, ele percebeu que a parada para a visita fora tão ou mais importante para ele do que para Bryan.

Ele tivera uma infância simples. Até esses últimos dias, havia quase esquecido o quanto havia sido não somente simples, mas também sólida. As coisas que aconteceram com ele na idade adulta haviam bloqueado bastante sua memória daquela fase. Agora, sem perceber conscientemente, Shade estava recuperando parte dela.

Bryan estava sentada no degrau, recostada numa coluna. Juntava-se ou distanciava-se da conversa de acordo com seu interesse. Não havia nada importante sendo dito, e a serenidade da conversa tornou a cena muito mais atraente. Uma mariposa chocou-se contra a luz da varanda, grilos cantavam, e uma brisa sacudia as folhas das árvores ao redor da casa. Os sons se reuniam em uma outra suave e tranquilizadora conversa.

Ela gostou da maneira com a qual Hunter deixou seu braço atrás do balanço. Embora ele estivesse falando com Shade, seus dedos passavam delicadamente pelo cabelo de sua mulher. A cabeça de sua filha estava em seu peito, mas de vez em quando, ela colocava a mão na barriga de Lee, como que para testar se sentia algum movimento.

Embora ela não tivesse conscientemente visualizado a cena, tudo acontecia à sua frente. Sem conseguir resistir, Bryan entrou na casa.

Quando voltou alguns instantes depois, estava com a câmera.

Sarah deu uma olhada e empertigou-se, afetada.

— Ei, pessoal, Bryan vai tirar uma foto da gente.

— Sem pose — disse Bryan, com um sorrisinho. — Continuem conversando — prosseguiu ela antes que alguém pudesse protestar. — Finjam que não estou aqui. Está perfeito — refletiu ela consigo mesma. — Não sei como não vi isso antes.

— Vou ajudar você.

Bryan levantou os olhos na direção de Shade, surpresa, e quase recusou antes de interromper suas palavras. Era a primeira vez que ele fazia qualquer tentativa de trabalhar com ela. Se aquilo era uma demonstração para ela ou para o afeto que descobriu sentir por seus amigos, pouco importava, não seria ela que rebateria. Em vez disso, sorriu e lhe deu o medidor de luz.

— Faça a leitura da luz, por favor.

Trabalharam juntos como se o fizessem há muitos anos. Outra surpresa, para ambos. Ela ajustou a luz, já calculando a exposição enquanto Shade lhe fazia a leitura. Satisfeita, Bryan verificou o ângulo e o enquadramento no visor e depois se afastou e deixou Shade tomar sua posição.

— Perfeito.

Se ela estava procurando uma preguiçosa noite de verão e uma família contente com isso e um com o outro, deveria ter procurado melhor. Com um passo para trás, Shade encostou-se na parede da casa. Sem pensar no assunto, continuou a ajudá-la, distraindo o trio no balanço.

— O que você quer Sarah — começou ele, assim que Bryan posicionou-se novamente atrás da câmera —, um irmãozinho ou uma

irmãzinha?

Enquanto pensava na resposta, Sarah esqueceu o fascínio que sentira por estar sendo fotografada.

— Bem.. — Sua mão foi parar novamente na barriga de Lee, que colocou a sua por cima, espontaneamente. Bryan clicou. Talvez um irmão — decidiu ela. — Minha prima diz que uma irmãzinha às vezes é um saco.

Enquanto Sarah falava, Lee encostou a cabeça levemente no braço de Hunter. Os dedos dele novamente lhe acariciaram o cabelo. Bryan sentiu que a emoção estava tomando conta dela e obstruindo sua visão. Fez a foto seguinte sem estar enxergando nada.

Seria isso o que ela sempre quisera?, imaginou ela enquanto batia novas fotos. A proximidade, a satisfação, que vinha com o compromisso e a intimidade? Por que esperara até aquele momento para se manifestar, quando seus sentimentos para com Shade já estavam embaralhados e complicados ao extremo? Ela piscou os olhos e abriu o obturador quando Lee virou a cabeça para rir de alguma coisa que Hunter dissera.

Relacionamento, pensou ela, enquanto a falta que sentia se exasperava dentro dela. Não as amizades fáceis e despreocupadas que ela arranjava para si mesma, mas sim um relacionamento sólido, exigente e que a fizesse compartilhar. Era isso o que ela estava vendo através do visor. Era isso o que ela descobrira que queria para si mesma. Quando tirou o olho da câmera, Shade estava ao seu lado.

— Algo errado?

Ela balançou a cabeça e foi desligar o flash.

— Perfeito — anunciou ela, com uma casualidade que lhe custou muito. Deu um sorriso para a família no balanço. — Vou mandar uma cópia para vocês assim que a gente passar novamente pelo laboratório.

Ela tremia. Shade estava suficientemente perto para perceber. Ele se virou e pegou ele mesmo a câmera e o tripé.

— Eu levo para você.

Ela se virou para dizer não, mas ele já estava carregando tudo para dentro da casa.

— É melhor eu guardar o meu equipamento — disse ela para Hunter e Lee. — Shade gosta de sair nas horas menos civilizadas possíveis.

Quando ela entrou, Lee encostou a cabeça novamente no braço de Hunter.

— Eles vão ficar bem — disse ele para ela. — Ela vai ficar bem. Lee olhou para a porta.

— Talvez.

Shade levou o equipamento de Bryan para o quarto que ela estava usando e esperou. Assim que ela chegou com o flash ele se virou para ela.

— O que há de errado?

Bryan abriu o estojo e guardou o material.

— Nada. Por quê?

— Você estava tremendo. — Impaciente, Shade pegou no braço dela, virando-a. — Ainda está tremendo.

— Estou cansada.

A seu próprio modo, aquilo era verdade. Ela estava cansada de ter de deixar escapar suas emoções.

— Não faça joguinhos comigo, Bryan. Sou bem melhor nisso do que você.

Meu Deus, será que ele conseguia fazer alguma ideia do quanto ela queria ser abraçada naquele momento? Será que ele teria alguma maneira de entender o quanto ela daria se ao menos ele a abraçasse agora?

— Não insista, Shade.

Ela deveria saber que ele não a ouviria. Com uma das mãos, ele a segurou pelo queixo, com firmeza. Os olhos que viram bem mais do que ele tinha direito de ver, miraram os dela.

— Diga-me.

— Não.

Ela respondeu com tranquilidade. Se estivesse zangada, indignada, fria, ele insistiria até obter tudo. Não conseguiria combatê-la daquela maneira.

— Tudo bem.

Ele recuou, colocando as mãos nos bolsos. Sentira algo na varanda, algo que o motivara, que se oferecera a ele. Se ela tivesse oferecido algum indício, o menor indício, talvez ele tivesse lhe dado naquele momento mais do que ambos poderiam imaginar.

— Talvez seja melhor você dormir. Vamos sair às sete.

— Tudo bem. — Ela se afastou para apanhar o resto do equipamento. — Estarei pronta.

Ele já estava saindo quando sentiu a necessidade de virar-se novamente.

— Bryan, eu vi suas fotos. São excepcionais.

Ela sentiu as primeiras lágrimas escorrendo pelo rosto e ficou espantada. Desde quando ela chorava por que alguém reconhecia seu talento? Desde quando tremia por que uma foto que ela estava tirando a emocionava pessoalmente?

Pressionou os lábios com força por um instante e continuou a arrumar a bagagem sem se virar.

— Obrigada.

Shade não esperou muito. Fechou a porta ao sair.

Capítulo 6

Quando atravessaram o Novo México em direção ao Colorado, Bryan já estava se sentindo mais equilibrada. Em parte, ela pensava que a parada em Oak Creek Canyon lhe dera tempo demais para a introspecção. Embora frequentemente necessitasse disso em seu trabalho, havia momentos em que essa característica trabalhava contra ela.

Pelo menos foi disso que ela conseguiu convencer-se depois que ela e Shade estabeleceram a rotina de dirigir e fotografar e dirigir um pouco mais.

Não estavam procurando cidades ou eventos importantes nessa parte do projeto. Procuravam pequenas e irreconhecíveis cidades e ranchos em dificuldade. Famílias que trabalhavam juntas na terra em busca de objetivos comuns. Para essas pessoas, o verão era uma época de trabalho duro e interminável na preparação para os rigores do inverno. Não era só diversão, brincadeiras, sol e areia. Era também os trabalhadores migrantes esperando a colheita dos pêssegos em agosto e hortas sendo semeadas e cultivadas para compensar o gasto com as verduras no inverno.

Preteriram Denver, mas escolheram lugares como Antonito, por exemplo. Não estavam atrás de grandes manadas, mas de experiências menores e mais pessoais.

Bryan teve seu primeiro contato com gado sendo marcado num pequeno e empoeirado rancho chamado Bar T. Sua visão preconcebida de vaqueiros suados e conduzindo o gado não estava completamente equivocada. Apenas não incluía as noções mais básicas do processo que envolve a marcação de um boi, tais como o cheiro de carne queimada e o sangue espirrando no momento em que os potenciais touros viravam novilhos castrados.

Era, descobriu ela assim que começou a sentir náuseas, uma mulher da cidade, de corpo e alma.

Mas conseguiram as fotos. Vaqueiros com lenços no rosto e esporas nas botas. Alguns deles sorriam, outros praguejavam. Todos trabalhavam.

Ela descobriu o verdadeiro significado de cavalo de carga quando viu os homens empurrando suas montarias. O suor de um cavalo tem um cheiro rico e pesado. Impregnava-se no ar misturado ao suor dos homens.

Bryan considerou sua melhor foto um estudo quase clássico de um homem aproveitando seu tempo livre com as mãos. O jovem vaqueiro era esbelto e corado, o que o tornava perfeito para as intenções dela. Sua camisa de cambraia era escura e tinha manchas de suor na frente, nas costas e debaixo dos braços. Mais suor misturado com poeira descia por seu rosto. Suas botas de trabalho estavam enrugadas e empastadas de sujeira. O bolso traseiro da calça jeans estava gasto devido ao constante atrito com uma lata redonda de fumo de mascar. Com o chapéu jogado para trás e o lenço folgado amarrado no pescoço, ele estava sobre a cerca com as pernas bem afastadas e levava até a boca uma lata de cerveja gelada.

Bryan imaginou que a foto, assim que fosse ampliada, possibilitaria inclusive que se visse seu pomo-de-adão se mexendo enquanto engolia a cerveja. E cada mulher que olhasse para a foto, tinha certeza, ficaria um pouco apaixonada. Ele era a mística, o espadachim, o último dos cavaleiros. Ter aquela foto na máquina quase compensou quase ter perdido o almoço por causa da marcação dos bois.

Ela havia visto Shade bastante atento a tudo e sabia que suas fotos seriam corajosas, duras e detalhadas. Contudo, também o vira focalizando um garoto de onze ou doze anos desembaraçando-se em seu primeiro rodeio com toda a alegria e inocência peculiares aos garotos de sua idade. Sua escolha a surpreendera porque ele raramente procurava temas leves. O que também era, infelizmente para seu estado de espírito, outra coisa pela qual ela poderia gostar dele. Havia outras.

Ele não fez comentário algum quando ela ficou, por um tempo, apática e distante do que estava acontecendo no pequeno curral fechado onde bezerros berravam por suas mães e deixavam escapar longos e surpresos gemidos quando a faca e o ferro entravam em ação. Ele não dissera uma palavra quando ela sentara na sombra até ter certeza de que seu estômago voltaria ao normal. Nem dissera uma palavra quando deu a ela uma bebida gelada. Nem ela.

Naquela noite acamparam nas terras do Bar T. Shade lhe dera espaço desde que deixaram o Arizona porque ela, de repente, pareceu estar precisando. Por mais estranho que parecesse, ele não estava precisando. No começo fora sempre Bryan a forçar a conversa enquanto ele estava contente de dirigir em silêncio horas a fio. Agora ele queria conversar com ela, ouvi-la rir, observar como suas mãos se moviam quando ficava entusiasmada com qualquer coisa. Ou observar como se esticava facilmente, centímetro a centímetro, à medida que a voz ficava mais lenta.

Algo indefinível mudara em ambos durante o tempo que passaram em Oak Creek. Bryan tornara-se distante, quando sempre fora quase excessivamente aberta para os padrões dele. Ele descobriu que queria a companhia dela, quando sempre fora solitário. Queria sua amizade, embora não compreendesse inteiramente por quê. Era uma mudança que ele não tinha certeza se gostava, ou mesmo se entendia. De qualquer modo, como as mudanças haviam acontecido simultaneamente, não os aproximou.

Shade não escolhera por nenhuma razão especial o espaço aberto perto de um riacho para acampar. Apenas porque gostara do local. Bryan imediatamente enxergou outras possibilidades.

— Escute, vou me lavar. — Ela estava tão suja quanto os vaqueiros que fotografara durante toda a tarde. Passou pela sua cabeça a possibilidade, nem um pouco agradável, de que talvez ela estivesse cheirando como os cavalos que havia observado. — A água deve estar gelada, então não vou demorar nada. Você pode ir depois.

Shade arrancou a tampa de uma cerveja. Podiam não ter participado da reunião do gado, mas ficaram de pé sob o sol por quase oito horas.

— Não se apresse.

Bryan pegou uma toalha e um sabonete e disparou. O sol se punha nas montanhas a oeste. Ela já conhecia acampamentos muito bem para saber que esfriaria bastante assim que anoitecesse. Não queria estar molhada e nua quando isso acontecesse.

Nem se preocupou em dar uma olhada em volta antes de tirar a camisa. Estavam muito distantes da casa do rancho. Nenhum homem iria tão longe no pôr do sol. Shade e ela já haviam estabelecido que a privacidade era sagrada sem terem trocado sequer uma palavra sobre o assunto.

Neste exato momento, pensou ela, enquanto tirava a calça jeans, os vaqueiros que eles vieram fotografar estavam, provavelmente comendo uma enorme refeição — carne vermelha e batatas, meditou ela. Biscoitos amanteigados fumegantes. Deus sabe que eles merecem, depois do dia que passaram. E eu também, decidiu, embora ela e Shade fossem ficar mesmo era com sanduíches frios e um pacote de salgadinhos.

Magra, alta e nua, Bryan absorveu o ar que recendia a pinheiro. Até mesmo uma garota da cidade, pensou ela, parando um instante para observar o pôr do sol, pode apreciar tudo isso.

Cuidadosamente, ela entrou no riacho com água fria que batia em seu joelho e começou a retirar a poeira do corpo. Estranho, ela não ligava mais para os calafrios como antes. A viagem através dos Estados Unidos estava fadada a deixar-lhe essa marca. Estava contente por isso.

Ninguém poderia querer permanecer exatamente igual a vida inteira. Se suas perspectivas mudaram durante a viagem, foi sorte dela. O projeto estava lhe dando muito mais do que uma oportunidade de mostrar seu trabalho e sua expressão criativa. Estava lhe dando

experiências. Por quais outros motivos havia se tornado uma fotógrafa, senão para ver e entender as coisas?

Entretanto, não compreendia Shade, agora, mais do que no início da viagem. Por acaso tentara? Num certo sentido, pensou, passando o sabonete nos braços. Até o ponto em que o que ela viu e compreendeu começou a afetá-la pessoal e profundamente. Então recuou de imediato.

Não gostava de admitir isso. Bryan tremeu e começou a lavar-se com mais rapidez. Já era quase noite. Autopreservação, lembrou a si mesma. Talvez a imagem que passava fosse a de alguém que pega o que aparece e aproveita o melhor possível, mas também tinha suas fobias. E tinha direito a elas.

Já fazia muito tempo que ficara magoada, e fora por causa de sua estratégia, cuja simplicidade fora enganadora. Se estivesse numa encruzilhada e tivesse de escolher entre um caminho tranquilo, sem percalços e outro pedregoso, com alguns buracos, escolheria o primeiro. Talvez fosse menos digno de admiração, mas ela sempre achou que o resultado final seria o mesmo, porém com menos dispêndio de energia. Shade Colby era uma estrada acidentada.

De qualquer maneira, não era apenas uma questão de escolha pessoal. Eles poderiam ter um caso — um caso fisicamente satisfatório e emocionalmente superficial. Dava certo para muita gente. Mas...

Shade não queria se envolver com Bryan muito mais do que ela queria se envolver com ele. Sentia-se atraído, assim como ela, mas não oferecia muito mais do que isso. Se oferecesse... Ela livrou-se daquela linha de pensamento como se fosse um pedaço de pedra, Especulação nem sempre é saudável.

O mais importante era que agora ela estava voltando a como sempre fora. Estava satisfeita com o trabalho que faziam desde que haviam deixado o Arizona, e mal podia esperar cruzar o Kansas no dia seguinte. O projeto, como ambos haviam acertado, era a prioridade.

Campos de trigo e tornados, pensou ela, com um risinho. a estrada de ladrilhos amarelos. Era isso o que Kansas lhe trazia à memória.

Agora tinha uma visão melhor, e queria muito encontrar a realidade. Bryan estava começando a gostar de ver suas pré-concepções serem ao mesmo tempo confirmadas e destruídas.

Isso era para amanhã. Naquele exato momento já anoitecera e ela estava enregelada.

Com agilidade, saiu do riacho e foi atrás da toalha. Shade podia se lavar enquanto ela enfiava no estômago o que quer que estivesse à disposição. Vestiu uma enorme camisa de mangas compridas e começou a abotoá-la. Foi quando viu os olhos.

Por um momento, apenas mirou-os enquanto mantinha as mãos nos botões. Então viu que havia mais do que um par de olhos estreitos e amarelados olhando para ela na quase escuridão,, Havia um corpo esguio e musculoso e dentes brancos e afiados a alguns passos de distância.

Bryan deu dois passos para trás, tropeçou em sua calça jeans e deu um berro que poderia ter sido ouvido na cidade ao lado.

Shade estava esticado numa cadeira dobrável ao lado da fogueira que acendera. Ele gostara muito daquele dia — a atmosfera nua e crua, o sol abrasador e a cerveja gelada. Sempre admirou a camaradagem que permeia as relações das pessoas que trabalham ao ar livre.

Ele necessitava da cidade — estava em seu sangue. Na maioria das vezes, preferia os aspectos impessoais das pessoas correndo de volta para suas casas, cada uma em seu ritmo. Mas era importante entrar em contato com outros aspectos da vida de tempos em tempos.

Agora ele conseguia ver, mesmo com apenas algumas semanas de viagem, que estava ficando velho. Não enfrentava mais os desafios como fazia na juventude. O tipo de desafio "leva um tiro e fica vivo". Não queria mais isso. Mas se deixara ficar complacente demais com as coisas que andava fazendo.

O projeto lhe dera a chance de explorar a si mesmo assim como o país. Pensava em sua parceira com diferentes graus de perplexidade e interesse. Ela não era nem um pouco parecida com a garota simples e

descolada que ele originalmente imaginou. Mas ainda assim, ela estava quase inteiramente afastada dele. Ele estava começando a entendê-la. Lentamente, mas estava. Ela era sensível, emocional e naturalmente gentil. Ele raramente era gentil, porque tomava todos os cuidados para não sê-lo. Ela parecia confortável consigo mesma, divertia-se facilmente, era franca. Ele aprendera muito tempo atrás que a franqueza pode atacar com unhas e dentes.

Mas ele a desejava — porque, ou apesar, dela ser diferente, ele a desejava. Todo o tempo em que se forçou a manter as mãos afastadas dela, durante aqueles dias e noites que se sucederam àquele beijo leve e interrompido na estrada de Hunter Brown, estava começando a apoquentá-lo. Ele tinha seu controle para agradecer ao fato de poder ter conseguido, o controle que afiava tão bem, que mais parecia uma prisão.

Shade jogou o cigarro no fogo e se recostou. Não perderia o controle, ou escaparia da prisão, mas isso não significava que cedo ou tarde ele e Bryan não seriam amantes. Ele queria que isso acontecesse. Simplesmente aguardaria o momento propício para que tudo acontecesse do seu modo. Enquanto estivesse segurando as rédeas, não atolaria.

Quando ele a ouviu gritando, dezenas de imagens agonizantes passaram por sua cabeça, imagens que ele vira e vivenciara, imagens que somente alguém que as vira e vivenciara poderia evocar, Antes mesmo de se dar conta de que não passavam de lembranças, já estava correndo em disparada.

Quando chegou até ela, Bryan estava se erguendo do tombo que levava. A última coisa que esperava era se levantar e se chocar com Shade. A última coisa que ela esperava era exatamente o que ela precisava. Sem fôlego, agarrou-se a ele.

— O que aconteceu? — Seu próprio pânico abafou seus ouvidos para o pânico na voz dele. — Bryan, você está machucada

— Não, não. Ele me assustou, mas depois fugiu. — Ela colocou o rosto no ombro de Shade e respirou fundo. — Oh, meu Deus, Shade.

— O quê? — Pegando-a pelos cotovelos, ele a afastou o suficiente para olhá-la. — O que a assustou?

— Um gato.

Ele não estava se divertindo. O medo se transformou em raiva, de maneira tão perceptível que Bryan pôde enxergá-la mesmo antes dele praguejar.

— Droga! Que tipo de idiota é você? Dar um berro desses por causa de um gato!

Ela respirava num ritmo forte, concentrada na raiva que estava sentindo — o medo genuíno era algo com o qual não se importa

— Não era um gato doméstico — rebateu ela. Ainda estava Trêmula, mas não o suficiente para se sentar e ser chamada de idiota. — Era um desses... não sei. — Ela ergueu uma das mãos para empurrar o cabelo, mas deixou cair porque não parava de tremer. — Preciso me sentar. — E sentou-se na grama.

— Um lince? — Shade, mais calmo, agachou-se ao lado dela.

— Não sei. Lince, puma... eu não saberia dizer a diferença. Mas era muito maior do que qualquer gatinho doméstico. — Ela baixou a cabeça até os joelhos. Talvez já tivesse ficado assustada antes, mas não conseguia se lembrar de nada comparado ao que ocorrera aqui. — Ele estava ali, me observando. Eu pensei... eu pensei que ele fosse pular no riacho. Os dentes... — Ela estremeceu e fechou os olhos. — Grandes — conseguiu dizer, não mais se importando de estar parecendo uma idiota retardada. — Bem grandes.

— Ele já se foi. — Shade guardou sua fúria. Ele deveria saber que ela não era o tipo de mulher que se assustava com sombras. Sabia o que era sentir medo e se sentir desamparado com isso. Dessa vez praguejou consigo mesmo ao abraçá-la. — Da forma como você gritou, ele já deve estar a uns quinze quilômetros daqui e ainda deve estar correndo.

Bryan assentiu, mas manteve a cabeça enterrada entre os joelhos.

— Acho que ele não era tão grande assim, mas eles ficam diferentes no zoológico. Só preciso de mais uns minutinhos para me recuperar.

— Não se apresse.

Ele descobriu que não se importava de oferecer conforto, embora fosse uma coisa que não fizesse há muito tempo. O ar estava fresco e a noite sem vento. Ele conseguia escutar o som da água correndo no riacho. Por um instante, teve um rápido flash da varanda de Brown, do tranquilo retrato de família no balanço. Ali, sentia a mesma satisfação, abraçando Bryan ao anoitecer.

Acima deles um gavião guinchou, em seu primeiro voo da noite. Bryan sacolejou.

— Calma — murmurou Shade. Ele não riu, nem mesmo sorriu. Apenas apascentou.

— Acho que estou um pouco nervosa.

Com um riso nervoso, ela ergueu novamente a mão para passar no cabelo. Só neste momento Shade percebeu que ela estava nua por baixo da camisa aberta.

A visão daquele corpo esguio e maleável por baixo do tecido fino e tremulante transformou a satisfação que ele estava sentindo num desejo de proporções cósmicas. Um desejo, descobriu ele naquele imediato instante, que era, de alguma forma, exclusivo por ela, não apenas por uma mulher com um rosto lindo e um corpo atraente, mas por Bryan. — Talvez você devesse voltar e...

Ela virou a cabeça e descobriu que seus olhos estavam a apenas alguns centímetros de distância dos dele. E neles ela viu tudo o que ele estava sentindo. Quando recomeçou a falar, ele balançou a cabeça.

Sem palavras. Sem palavras agora. Somente o desejo, somente as emoções. Ele queria sentir isso com ela. Quando sua boca colou na dela, ele não lhe deu nenhuma chance a não ser querer a mesma coisa.

Delicadeza? De onde vinha e como poderia ela dispensa-la? Estavam juntos havia quase um mês, mas ela jamais suspeitara que ele poderia ser delicado. Nem soubera tampouco o quão intensamente necessitava encontrar isso nele.

A boca dele exigia, mas tão lentamente, tão sutilmente, que Bryan já estava oferecendo antes mesmo de se aperceber. Ela já oferecera antes, não iria afastar-se novamente. Sentiu as mãos dele, quentes e firmes em sua pele nua, mas suspirou de prazer, não de protesto. Ela queria que ele a tocasse, esperara por isso, negara a espera. Agora ela se aproximava. Não haveria nenhuma negação.

Ele sabia que ela seria assim — esguia, forte, macia. Já imaginara isso umas duzentas vezes. Não esquecera do gosto que sentira antes — quente, tentador, generoso. Por duzentas vezes, ele tentou não lembrar.

-

Dessa vez ela tinha o aroma do riacho, fresco e delicioso. Ele poderia enterrar o rosto em seu pescoço e aspirar a noite de verão nela. Beijou-a lentamente, baixando os lábios para o pescoço e do pescoço para os ombros. Permanecendo ali, ele se deu o prazer de descobrir o corpo dela com a ponta dos dedos.

Era torturante. Sublime. Agonizante. Irresistível. Bryan queria que aquilo continuasse e continuasse, sem parar. Puxou-o para mais perto, adorando sentir aquele corpo duro e enxuto contra o seu, o atrito das roupas dele em sua pele, a respiração sussurrante. E acompanhando tudo, a batida rápida e estável do coração dele.

Podia aspirar nele o cheiro do trabalho naquele dia, o leve porém intenso cheiro de suor, a poeira que ele ainda não lavara. Tudo a excitava, com as lembranças de seus músculos inflando a camisa quando ele trepara numa cerca em busca de um ângulo melhor. Ela podia lembrar exatamente daquela cena, embora tenha fingido para si mesma que não havia visto nada, que não sentira necessidade de ver nada.

Ela queria sua força. Não os músculos, mas a força interior que sentira desde o início. A força que o sustentara através de tudo o que

ele havia visto, tudo o que havia vivido.

Entretanto, não era esta a força que o ajudara a ficar tão duro, a se separar emocionalmente das pessoas a sua volta? Com a cabeça girando, o corpo pulsando, ela lutava para encontrar a resposta que precisava.

Desejos não eram suficientes. Não era isso o que ela mesma dissera para ele? Deus, ela o desejava. Seus ossos se derretiam de desejo por ele. Mas não era o suficiente. Tudo o que queria era saber o que seria suficiente.

— Shade...

Quando ela tentou falar alguma coisa, ele a cortou com outro beijo, longo e esgotante.

Ela queria que ele a esgotasse. Mente, corpo, alma. Se ele o fizesse, não haveria nenhuma pergunta e não haveria necessidade de respostas. Mas as perguntas estavam lá. Mesmo com ele a abraçando daquela maneira, estavam lá.

— Shade — tentou novamente.

— Quero fazer amor com você. — Ele ergueu a cabeça, e seus olhos estavam tão nebulosos, tão intensos, que era quase impossível acreditar que suas mãos pudessem ser tão delicadas. — Eu quero sentir sua pele na minha mão, sentir seu coração disparar, olhar para os seus olhos,

As palavras eram tranquilas, incrivelmente calmas, ao passo que seus olhos eram pura paixão. Mais do que a paixão e o desejo em seus olhos, as palavras a assustaram.

— Não estou preparada para isso.

Afastando-se dele, ela quase não conseguiu proferir as palavras. Ele sentiu o desejo crescer e a raiva se instalar. Precisou de toda a sua habilidade para controlar ambos.

— Você está dizendo que não me deseja?

— Não, não estou. — Ela balançou a cabeça enquanto ajeitava a camisa. Quando começou aquele frio todo?, imaginou ela. — Não, mentir é tolice.

— Assim como evitar algo que ambos queremos que aconteça.

— Não tenho certeza se quero. Não consigo ser lógica nesse tipo de situação, Shade. — Ela juntou rapidamente as roupas e ficou abraçada a elas. — Não consigo pensar nesse tipo de assunto com a maneira metódica que você usa. Se eu conseguisse, seria diferente, mas só posso usar os meus sentimentos, meus instintos.

Havia uma calma mórbida em torno dele quando se levantou. O controle que quase perdera para ela estava de volta. Uma vez mais aceitava a prisão que construía para si mesmo.

— E?

Ela tremeu, sem saber se era por causa do frio exterior ou do frio interior.

— E meus sentimentos me dizem que preciso de mais tempo. — Quando novamente levantou o olhar para ele, o rosto dela transmitia honestidade e seus olhos estavam eloquentes. — Talvez eu queira que isso aconteça. Talvez esteja apenas um pouco amedrontada do quanto desejo você.

Ele não gostou dela ter usado a palavra amedrontada. Ela o fazia sentir-se responsável, com obrigações. Na defensiva.

— Não tenho nenhuma intenção de magoá-la.

Ela deu a si própria alguns instantes. Sua respiração estava mais tranquila, embora a pulsação continuasse instável. Sabendo ou não disso, Shade já lhe dera a distância que ela precisava para resistir a ele. Agora ela conseguia olhá-lo com mais calma.

— Não, acho que não, mas poderia, e tenho um medo básico de hematomas. Talvez eu seja uma covarde emocional. Não é uma imagem agradável, mas pode ser verdade. — Com um suspiro, ela levou ambas as mãos ao cabelo e o jogou para trás. — Shade, temos ainda pela frente

pouco mais de dois meses de viagem. Não vou poder suportar passar esse tempo me despedaçando internamente por sua causa. Meus instintos me dizem que você poderia facilmente fazer isso comigo, consciente ou inconscientemente.

Ela sabia como acuar um homem, pensou ele, frustrado. Ele poderia insistir, afrouxar o nó que ela apertara em seu estômago. E, ao fazer isso, ele correria o risco de ter as palavras dela ecoando em sua cabeça por muito tempo ainda. Só foram necessárias algumas palavras dela para lembrá-lo como era se sentir responsável por outra pessoa.

— Volte para a van — disse ele e virou-se para retirar a camisa, — Tenho de me lavar.

Ela começou a falar, mas então percebeu que não havia mais nada que pudesse falar. Em vez disso, ela o deixou e seguiu a trilha estreita e iluminada pela lua até chegar na van.

Capítulo 7

Campos de trigo. Ao passarem pelo Meio-Oeste, as concepções de Bryan não foram abaladas, mas sim reforçadas. Kansas era um campo de trigo.

Tudo o que Bryan via ao cruzar o estado eram os ondulados e intermináveis trigais dourados que a cativaram de imediato. Cor, textura, forma, relevo. Emoção. Havia cidades, é claro, cidades com edifícios modernos e casas suntuosas, mas ao ver a cultura americana básica, com aqueles grãos tendo o céu como pano de fundo, Bryan via tudo.

Algumas pessoas poderiam achar um pouco monótona a contínua expansão da enorme onda de trigo sendo amadurecido pelo sol por quilômetros e quilômetros. Não havia nenhum relevo montanhoso, nenhum vistoso arranha-céu, nenhuma autoestrada cheia de curvas, para quebrar a monotonia da paisagem. Aqui era espaço, tão espantoso quanto a extensão de terra do Arizona, porém mais luxuriante e, de certa forma, mais calmo. Ela olhava e se maravilhava.

Nos campos de trigo e de milho, Bryan viu o coração e o suor do país. Nem sempre era uma cena idílica. Havia insetos, sujeira, máquinas encardidas. As pessoas ali trabalhavam com as mãos, com as costas.

Nas cidades, ela via o ritmo intenso e a energia. Nas fazendas, ela via a rotina que faria um executivo murchar. Ano após ano, o fazendeiro se entregava à terra e esperava que a terra lhe recompensasse.

Com o ângulo certo, com a iluminação apropriada, ela poderia fotografar um campo de trigo e fazê-lo parecer interminável, poderoso. Com as sombras do final da tarde, poderia dar uma sensação de serenidade e continuidade. Afinal, era apenas trigo, apenas talos crescendo para ser cortados, processados, utilizados, Mas o grão tinha vida e beleza próprias. Queria mostrá-las como as enxergava.

Shade via a tênue e inescapável dependência do homem em relação à natureza. O lavrador, o mantenedor e o coletor do trigo, estavam irrevogavelmente presos à terra. Era ao mesmo tempo sua liberdade e sua prisão. O homem que estava dirigindo o trator sob o sol do Kansas, molhado de um saudável suor, com o corpo enxuto devido aos anos de trabalho, dependia da terra como a terra dependia dele. Sem o ser humano, o trigo cresceria de modo desordenado. Cresceria, mas definharia e morreria. Era essa a ligação que Shade sentia, e a ligação que registraria.

Entretanto, pela primeira vez desde que haviam deixado Los Angeles, ele e Bryan não estavam fotografando como entidades separadas. Talvez ainda não tivessem percebido, mas suas emoções, percepções e necessidades os estavam conduzindo aos mesmos objetivos.

Cada um fazia o outro pensar. Como ela estaria vendo esta cena? O que ele estaria achando deste cenário? Onde ambos antes concebiam suas fotos separadamente, agora, de repente, inconscientemente, começaram a fazer duas coisas que melhorariam o resultado final: competir e pedir a opinião um do outro.

Haviam passado um dia e uma noite em Dodge City para as comemorações do Quatro de Julho, uma cidade típica do Velho Oeste. Bryan pensou em Wyatt Earp, em Doc Holliday e nos facínoras que devem ter invadido a cidade diversas vezes, mas o que mais chamou-lhe a atenção foi o desfile de rua que poderia estar sendo realizado em qualquer cidade dos Estados Unidos.

Foi ali, no meio da pompa e da distinção, que ela pediu a opinião de Shade sobre o melhor ângulo para fotografar um cavalo e o cavaleiro, e ele, por sua vez, pegou o conselho dela para capturar uma pequenina tocadora de tambor vestida a caráter.

O estágio que ambos ultrapassaram não foi percebido por nenhum dos dois naquele momento. Mas ficaram lado a lado, encostados no parapeito com o desfile passando, a música soando e os bastões voando. As fotografias ficaram bem diferentes — Shade buscou uma

visão geral dos desfiles, enquanto Bryan focou as reações individuais. Mas ficaram lado a lado.

O que Bryan sentia por Shade tornara-se mais complexo, mais pessoal. Quando ou como a mudança começara, ela não poderia dizer. Mas como seu trabalho era normalmente um resultado direto de suas emoções, as fotos que estava tirando começaram a refletir não só a complexidade, mas também a intimidade. As visões de ambos sobre o campo de trigo podiam ser radicalmente diferentes, mas Bryan estava determinada a garantir que, quando as fotos fossem colocadas lado a lado, a sua teria um impacto semelhante.

Ela nunca foi uma pessoa agressiva. Simplesmente não fazia seu estilo. Mas Shade introduzira nela uma necessidade de competir — como fotógrafa e como mulher. Se era para ela viajar várias semanas em contato íntimo com um homem que agredia seu profissionalismo e excitava seus desejos femininos, deveria lidar com ele diretamente — por conta dos dois. Diretamente, decidiu ela, mas a seu próprio modo e em seu próprio ritmo. À medida que os dias passavam, Bryan começava a imaginar se seria possível ter ao mesmo tempo o sucesso e Shade sem perder alguma coisa vital.

Ela estava calma demais! Isso o levava à loucura. Cada dia e cada hora que passavam juntos conduziam Shade cada vez mais a seu limite. Não estava acostumado a querer tanto uma pessoa. Não gostou de descobrir que podia, e que não havia nada que pudesse fazer a respeito. Bryan o colocou numa posição de desejar, e depois ter de negar a si próprio. Havia momentos em que quase acreditava que ela agia assim de propósito. Mas jamais conheceu alguém tão pouco propensa a esquemas do que Bryan. Ela não pensaria nisso — e se pensasse, acharia tudo uma chateação muito grande.

Agora, enquanto atravessavam o Kansas durante o crepúsculo, ela estava esticada ao seu lado, dormindo profundamente. Era uma das raras ocasiões em que ela deixava o cabelo solto. Normalmente cheio, ondulado e viçoso, ele não passava agora de um dourado tímido com a fraca luminosidade do anoitecer. O sol proporcionara a sua pele toda a cor de que precisava. Seu corpo estava relaxado, solto como o cabelo.

Shade imaginou se alguma vez tivera a capacidade de deixar sua mente e seu corpo ficarem em tal lassidão. Seria isso o que o atraía, o que o motivava? Estaria ele sendo simplesmente empurrado a encontrar aquela centelha de energia que ela podia ligar e desligar ao seu bel-prazer? Ele queria resolver isso para a sua vida. Para si próprio.

Tentação. Quanto mais ele se continha, mais intenso o desejo ficava. Possuí-la. Explorá-la. Absorvê-la. Quando o fizesse — ele não mais usava o termo se — a que custo seria? Nada era de graça.

Uma vez, pensou enquanto ela suspirava no sono. Apenas uma vez. A seu modo. Talvez o custo fosse alto, mas não seria ele o encarregado de pagar. Suas emoções eram treinadas e disciplinadas.

Não seriam tocadas. Não havia uma única mulher no mundo que pudesse magoá-lo.

Seu corpo e sua mente ficaram tensos assim que Bryan começou lentamente a acordar. Grogue e contente por estar assim, ela bocejou. O cheiro de fumaça e tabaco era perceptível no ar. No rádio, um tema jazzístico baixo e suave. As janelas estavam parcialmente abertas, e quando ela mudou de posição, o golpe do vento a despertou mais rápido do que era de seu interesse.

Já estava completamente escuro agora. Surpresa, Bryan espreguiçou-se e olhou pela janela para a lua crescente um pouco encoberta por nuvens.

— Já é tarde — disse ela, bocejando novamente. A primeira coisa que ela lembrou assim que sua mente clareou foi que não haviam comido. Passou a mão no estômago. — Jantar?

Ele olhou-a o tempo suficiente para vê-la sacudindo o cabelo. Caiu pelos ombros e pelas costas. Enquanto observava, teve de combater o desejo de tocá-lo.

— Quero atravessar a fronteira ainda hoje.

Ela percebeu a tensão e a irritação na voz dele. Bryan não sabia o que desencadeara aquilo e, naquele momento, nem queria saber.

Franziu a testa. Se ele estava com pressa de chegar a Oklahoma e disposto a dirigir a noite toda para chegar lá, problema dele. Montara um pequeno gabinete na parte de trás da van com itens essenciais exatamente para momentos como esse. Bryan estava começando a se encaminhar para lá quando ouviu uma buzina e um motor.

O velho e batido Pontiac tinha um buraco tão grande no silencioso que dava até para enfiar uma bola de beisebol. O som do motor fazia um ruído semelhante ao de um avião mal regulado. Ele deu uma guinada perto da van numa velocidade perigosa, fez um rabo-de-peixe e depois saiu em disparada com o rádio em alto volume. Enquanto Shade xingava, Bryan deu uma olhada rápida e percebeu que o carro caindo aos pedaços estava cheio de adolescentes.

— Noite de sábado no mês de julho — comentou ela.

— Idiotas — disse ele entre dentes, observando as luzes traseiras serpenteando à frente.

— São mesmo. — Ela franziu o cenho enquanto observava o carro em alta velocidade e soltando fumaça. — São só adolescentes, espero que eles não...

No exato momento em que ela pensava, aconteceu. O motorista resolveu apostar demais na sorte ultrapassando outro carro por cima da dupla linha amarela. O caminhão que vinha na direção dele buzinou e deu uma guinada. Bryan gelou.

Shade já estava pisando no freio quando o Pontiac derrapou. Mas já estava fora de controle. O Pontiac patinou para o lado, resvalou no para-lama do carro que estava tentando ultrapassar e bateu num poste telefônico.

O som de pneus derrapando, vidro quebrado e metal arrebatado girou na mente dela. Bryan já estava de pé do lado de fora da van antes mesmo de Shade parar por completo o veículo. Ela podia ouvir uma menina gritando, outras choramingando. Mesmo com o som ainda lhe dando arrepios, disse para si mesma que aquilo significava que estavam vivos.

A porta do lado do carona arrebentara-se contra o poste telefônico. Bryan correu para o lado do motorista e deu um puxão na porta. Sentiu o cheiro de sangue antes de vê-lo.

— Meu Deus — sussurrou ela enquanto conseguia puxar a porta na segunda tentativa. Então Shade apareceu e jogou-a para o lado.

— Pegue alguns cobertores na van — ordenou ele, sem olhar para ela.

Ele só precisou dar uma olhada rápida para o motorista para saber que a coisa não seria nada bonita. Tentou bloquear o quanto pôde a visão de Bryan e depois foi verificar o pulso no pescoço do motorista enquanto a via voltar para a van. Vivo, pensou ele, e em seguida concentrou-se no que deveria ser feito. Trabalhou rapidamente.

O motorista estava inconsciente. O corte em sua cabeça era sério, mas não preocupou tanto Shade quanto a probabilidade de ferimentos internos. E nada o preocupava mais do que o cheiro de gasolina que começava a impregnar o ar. Em outras circunstâncias, Shade teria relutado em retirar o garoto. Ali ele não tinha escolha. Prendeu os braços embaixo das axilas do garoto e o puxou para fora. No momento em que Shade começou a arrastá-lo, o motorista do caminhão apareceu e pegou as pernas do garoto.

— Tenho um radiocomunicador no caminhão — disse ele para Shade, quase sem fôlego. — Chamei uma ambulância.

Shade assentiu com a cabeça e depositou o garoto no chão. Bryan já estava lá com o primeiro cobertor.

— Fique aqui. O carro vai explodir. — Disse isso calmamente. Sem olhar para trás, voltou para o Pontiac destruído.

O terror a dominou. Em segundos, Bryan estava no carro ao lado dele, ajudando a tirar os outros acidentados.

— Volte para a van! — gritou-lhe Shade enquanto Bryan carregava uma garota aos prantos. — Fique lá!

Bryan falou com tranquilidade, cobriu a garota com um cobertor e correu de volta para o carro. O último passageiro estava inconsciente. Um garoto, viu Bryan, de não mais do que 16 anos. Ela quase precisou engatinhar para alcançá-lo. No momento em que o puxou pela porta aberta, já estava molhada de suor e exausta. Shade e o motorista carregaram os outros passageiros feridos. Shade acabara de colocar uma menininha na grama quando se virou e viu Bryan em dificuldades com a última vítima.

O medo foi instantâneo e perturbador. Mesmo correndo, sua imaginação trabalhava. Em sua cabeça, Shade podia ver as labaredas da explosão, ouvir o som do metal estourando e se partindo e vidro voando pelos ares. Sabia exatamente como seria o cheiro que ficaria no ar no momento em que a gasolina entrasse em contato com o fogo. Quando alcançou Bryan, Shade ergueu o garoto inconsciente como se este não pesasse nada.

— Corra! — gritou ele para ela. Juntos, correram para longe do Pontiac.

Bryan não viu a explosão. Porém ouviu, mais ainda, sentiu. Uma forte lufada de ar quente bateu em suas costas e fez com que se jogasse no acostamento. Ouviram um zumbido de metal no instante em que alguma coisa quente e retorcida voou sobre suas cabeças. Uma das adolescentes gritou e enterrou o rosto nas mãos dela.

Aturdida, Bryan ficou deitada de bruços por um momento, em busca de ar. Em meio ao barulho da explosão, ouviu o som de uma sirene.

— Você está ferida?

Shade deu um jeito de colocá-la de joelhos. Ele vira o pedaço de metal voando por cima da sua cabeça. As mãos, que estavam firmes como rocha momentos antes, tremeram ao segurá-la.

— Não. — Bryan balançou a cabeça e, reencontrando o equilíbrio, voltou-se para a garota que choramingava a seu lado. Um braço quebrado, reparou ela ao ajeitar o cobertor embaixo do queixo da

garota. E o corte na cabeça ia precisar de uns pontos, — Calma — murmurou Bryan e apanhou um pedaço de gaze do estojo de primeiros socorros que trouxera da van. — Você vai ficar legal. A ambulância está chegando. Consegue me ouvir?

Enquanto falava, ela pressionava a gaze na ferida para estancar o sangramento. Sua voz estava calma, mas os dedos tremiam.

— Bobby. — Lágrimas desciam pelo rosto da garota enquanto ela grudava-se em Bryan. — Bobby está bem? Ele estava dirigindo.

Bryan deu uma olhada em volta e depois olhou diretamente para Shade antes de mirar o garoto inconsciente.

— Ele vai ficar legal — disse ela e sentiu-se desamparada.

Seis adolescentes desamparados, pensou, analisando o grupo que estava sentado ou deitado na grama. O motorista do outro carro estava sentado em frente a eles, atordoado, segurando um pedaço de pano em seu próprio ferimento. Por um momento, um longo e inerte momento, a noite ficou tranquila — quente, quase revigorante. Estrelas brilhavam no céu. O luar estava intenso e belo. Alguns metros adiante, o que restava do Pontiac estava em chamas. Bryan colocou o braço nos ombros da garota e observou as luzes da ambulância que chegava em alta velocidade.

Enquanto os paramédicos começavam a trabalhar, outra ambulância e o corpo de bombeiros foram chamados. Por vinte minutos, Bryan ficou sentada ao lado da garota, conversando com ela, segurando sua mão enquanto seus ferimentos eram examinados e tratados.

Seu nome era Robin. Tinha 17 anos. Dos seis adolescentes que estavam no carro, seu namorado, Bobby, era o mais velho, com 19 anos. Estavam apenas comemorando as férias de verão.

Enquanto a ouvia e a tranquilizava, Bryan levantou os olhos e viu Shade calmamente montando seu equipamento. Atônita, ela o observou focalizar e enquadrar os feridos com todo o cuidado. De modo desapaixonado, ele registrou a cena do acidente, as vítimas e o que

restou do carro. Quando a surpresa arrefeceu, Bryan sentiu a raiva crescendo dentro de si. Quando Robin foi levada para a segunda ambulância, Bryan pôs-se de pé.

— Que diabo você está fazendo?

Ela agarrou o ombro dele, o que o fez estragar uma foto. Mantendo a calma, Shade voltou-se para ela e analisou-a rapidamente.

Ela estava pálida. Seus olhos mostravam não só tensão mas também raiva. E, pensou ele, um sombrio estado de choque. Pela primeira vez desde que a conhecera, Shade viu o quanto o corpo de Bryan podia ficar tenso.

— Estou fazendo o meu trabalho — disse ele com tranquilidade e reposicionou a câmera.

— Os garotos estão sangrando! — Bryan agarrou seu o ombro de novo e girou o corpo até ficar cara a cara com ele. — Eles estão com alguns ossos quebrados. Estão feridos e assustados. Desde quando o seu trabalho é tirar fotos da dor que estão sentindo?

— Desde que escolhi a fotografia como meio de vida.

Shade baixou a câmera. De qualquer modo, já tirara muitas fotos. Não gostava da sensação que estava tendo, a tensão atrás dos olhos. Mas, principalmente, não estava gostando da maneira com a qual Bryan olhava para ele. Repugnância. Ignorou aquilo.

— Tudo o que você deseja nesse projeto, Bryan, é tirar fotos de Sol e diversão. Você viu O carro, aqueles garotos. Tudo isso também faz parte. Faz parte da vida. Se não consegue lidar com isso, é melhor ficar com suas fotos de celebridades e deixar o mundo real em paz.

Deu dois passos na direção da van, mas foi seguido por Bryan. Ela podia ter o hábito de evitar confrontos, escolher o mínimo de resistência possível, mas havia ocasiões em que partia para a luta, E quando o fazia, usava todos os recursos.

— Posso lidar com isso. — Ela não estava mais pálida. Seu rosto brilhava de raiva, assim como os olhos. — Não posso lidar é com os

urubus que adoram correr atrás da carniça alheia, lucrando com a miséria em nome da arte. Havia seis pessoas naquele carro. Pessoas — repetiu, enfurecida. — Talvez tenham agido de modo tolo, talvez tenham merecido o que aconteceu, mas juro por Deus que nunca os julgaria. Você acha que essa sua frieza, esse seu profissionalismo em congelar a dor que aquelas pessoas estão sentindo num pedaço de papel, o tornam um fotógrafo melhor? É assim que espera receber outra indicação para o Pulitzer?

Agora ela estava chorando, com muita raiva, bastante abalada pelo que vira para notar as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto, contudo, as lágrimas faziam-na parecer mais forte. Encorpavam e davam impacto a sua voz.

— Vou dizer-lhe o que isso o torna — prosseguiu ela, enquanto Shade permanecia calado —, isso o torna vazio. Seja lá que tipo de compaixão que possa ter nascido com você, Shade, morreu em alguma parte da sua vida. Sinto pena de você.

Ela o deixou ali, parado no meio da estrada.

Quase três da manhã. Shade aprendera que a mente está sempre em seu maior grau de impotência nas primeiras horas da manhã. A van estava escura e quieta, estacionada num pequeno acampamento perto da fronteira de Oklahoma. Ele e Bryan não trocavam uma palavra desde o acidente. Cada um fora dormir em silêncio e embora ambos tenham ficado acordados por um tempo, nenhum dos dois falou nada. Agora dormiam, mas apenas Bryan dormia sem sonhar.

Houve um tempo, durante os primeiros meses depois de seu retorno do Camboja, que Shade tinha regularmente aquele sonho. Ao longo dos anos, foi se tornando cada vez mais raro. Frequentemente, conseguia forçar-se a permanecer acordado para lutar contra o sonho antes de ele aparecer. Mas agora, naquele pequeno acampamento em Oklahoma, estava impotente.

Sabia que estava sonhando. Assim que as figuras e formas começavam a aparecer em sua cabeça, Shade compreendia que não eram reais — que já não eram mais reais. Não evitava o pânico ou a dor.

O Shade Colby no sonho experimentava as mesmas coisas que ele experimentara todos aqueles anos e que conduziam ao mesmo desfecho. E no sonho não havia nenhum elemento suavizante, nenhuma bruma para diminuir o impacto. Ele vivenciava tudo da maneira como havia acontecido, com excesso de luz.

Shade saiu do hotel em direção à rua com Dave, seu assistente. Entre eles, toda a bagagem e o equipamento. Estavam indo para casa. Depois de quatro meses de trabalho duro e quase sempre perigoso numa cidade devastada, destruída e em chamas, estavam indo para casa. Ocorrera a Shade que estavam se arriscando demais — mas ele já se arriscara demais antes. Cada dia que permaneciam aumentava o risco de não poderem mais sair. Mas sempre havia mais uma foto a tirar, mais alguma coisa a dizer, E havia Sung Lee.

Ela era tão jovem, tão ávida, tão inteligente. Como contato na cidade, fora inestimável. Fora igualmente inestimável para Shade, pessoalmente. Depois da separação turbulenta e degradável de uma mulher que queria mais glamour e menos realidade, Shade precisava daquele trabalho longo e difícil. E precisava de Sung Lee.

Ela era devotada, doce, não exigia nada. Quando a levou para a cama, Shade finalmente conseguiu distanciar-se do resto do mundo e relaxar. A única coisa que o desagradava ao pensar em voltar para casa era o fato de ela não estar disposta a deixar seu país.

Quando pisaram na rua, Shade estava pensando nela. Haviam se despedido na noite anterior, mas ainda pensava nela. Talvez, se não estivesse, teria percebido alguma coisa. Nos meses que se seguiram, ele se fez essa pergunta centenas de vezes.

A cidade era calma, mas não tranquila. A tensão no ar podia surgir a qualquer momento. Os que estavam de saída, o faziam com pressa. No dia seguinte as portas poderiam estar fechadas, Shade tirou uma última foto ao caminharem na direção do carro. Uma última foto, pensou ele, da calma antes da tempestade.

Falou algumas coisas com Dave e ficou lá, sozinho, em pé no parapeito, retirando a câmera do estojo. Riu quando Dave praguejou e

lutou com a bagagem a caminho do carro. Apenas mais uma foto. A próxima vez em que tiraria uma foto seria em território americano.

— Ei, Colby! — Dave, jovem e dando um risinho, estava em pé do lado do carro. Parecia um universitário nas férias escolares.

— Que tal tirar uma de um fotógrafo, futuro vencedor de vários prêmios, deixando o Camboja?

Rindo, Shade ergueu a câmera e enquadrou seu assistente. Ele lembrava exatamente de sua aparência. Louro, bronzeado, meio magricela, com dentes tortos e uma camiseta da universidade em que estudava.

Ele tirou a foto. Dave girou a chave na porta do carro.

— Vamos para casa — gritou seu assistente, um segundo antes do carro explodir.

— Shade, Shade! — Com o coração disparado, Bryan o sacudiu.

— Shade, acorde, você está sonhando. — Ele a agarrou com tanta força que chegou a deixar marcas em seu braço, mas ela continuou a falar. — Shade, sou eu, Bryan. Você está tendo um sonho. Apenas um sonho. Estamos em Oklahoma, na sua van. Shade. — Ela pegou o rosto dele nas mãos e sentiu a pele fria e úmida. — É só um sonho — disse ela, calmamente. — Tente relaxar. Eu estou aqui.

Sua respiração estava a mil. Shade descobriu-se sem ar e forçou-se a se acalmar. Meu Deus, estava gelado. Ele sentiu o calor da pele de Bryan em suas mãos, ouviu a voz dela, calma, baixa, tranquilizadora. Praguejou, deitou-se novamente e ficou à espera do tremor passar.

— Vou pegar água para você.

— Uísque.

— Tudo bem.

O luar garantia uma luminosidade suficiente para ela encontrar o copo de plástico e a garrafa. Serviu a bebida. Atrás dela, ouviu o barulho do isqueiro no momento em que ele acendia um cigarro. Quando Bryan

se virou, ele estava sentado no assento que servia de cama, recostado na van. Não tinha nenhuma familiaridade com quaisquer dos traumas que assombravam Shade, mas sabia como acalmar pessoas nervosas. Deu-lhe o drinque e, sem perguntar, sentou ao lado dele. Esperou até que tivesse tomado o primeiro gole.

— Melhor?

Ele deu outro gole, maior.

— Estou.

Ela tocou levemente o braço dele, mas o contato foi estabelecido.

— Conte-me.

Ele não queria falar sobre aquilo, com ninguém, nem com ela. Mesmo com a recusa tomando forma em seus lábios, ela intensificou o aperto no braço dele.

— Nós dois vamos nos sentir melhor se você contar. Shade... — Ela teve de esperar uma vez mais, dessa vez, para ele se virar e olhar para ela. A pulsação dela voltara ao normal, e também a dele, como pôde sentir segurando seu pulso. Mas Shade ainda suave um pouco. — Nada melhora ou acaba se você mantiver fechado dentro de si.

Ele mantivera por anos. E jamais acabara. Talvez jamais acabaria. Talvez fosse a compreensão suave na voz dela, ou o adiantado da hora, mas ele pôs-se a falar.

Contou-lhe sobre o Camboja e, embora sua voz estivesse equilibrada, ela pôde ver o país da mesma forma como ele vira. A ponto de explodir, à beira da destruição, enraivecido. Longos e monótonos dias interrompidos por momentos de terror. Contou-lhe como ele, relutante, levava um assistente, e como depois aprendeu a gostar e admirar o jovem recém-saído da universidade. E falou de Sung Lee.

— Cruzamos com ela num bar que a maioria dos jornalistas frequentava. Só muito tempo depois pude perceber como aquele encontro havia sido conveniente. Ela tinha vinte anos, era bonita, triste.

Por quase três meses nos deu várias dicas que, aparentemente, conseguia de um primo que trabalhava na embaixada.

— Você estava apaixonado por ela?

— Não. — Ele tragou o cigarro até não restar mais nada além do filtro.—Mas gostava dela. Queria ajudá-la. E confiava nela também.

Depositou o cigarro num cinzeiro e concentrou-se na bebida. O pânico passara. Jamais teria imaginado que pudesse falar, ou mesmo pensar, sobre o assunto com tanta tranquilidade.

— As coisas começavam a esquentar, e a revista decidiu chamar de volta a equipe. A gente estava indo para casa. Na saída do hotel, parei para tirar algumas fotos. Como um turista. — Praguejou e acabou com o uísque. — Dave chegou antes no carro. Tinham colocado uma bomba.

— Oh, meu Deus.

Sem perceber, ela aproximou-se dele.

— Ele tinha vinte e três anos. Carregava uma foto da namorada com quem ia se casar.

— Sinto muito. — Ela encostou a cabeça no ombro dele e o abraçou. — Sinto muito mesmo.

Retesou-se para receber a onda de solidariedade. Não estava preparado para isso.

— Tentei encontrar Sung Lee. Ela tinha sumido; seu apartamento estava vazio. O que aconteceu foi que eu era o alvo dela. O grupo para o qual trabalhara deixara vaziar algumas informações, de modo que eu pudesse ficar tranquilo e confiar nela. Tinham por objetivo chamar a atenção de todos mandando pelos ares um importante jornalista americano. Erraram o alvo comigo. Um fotógrafo-assistente em seu primeiro trabalho internacional não causava o mesmo impacto. O garoto morreu por nada. -

E ele vira o carro explodir, pensou ela. Da mesma maneira que vira o carro explodir hoje à noite. O que aquilo fizera com ele — na época e

agora? Seria por isso, imaginou, que ele pegara a câmera com a maior calma do mundo e começara a fotografar o acidente? Ele estava totalmente determinado a não mais sentir.

— Você culpa a si mesmo — murmurou ela. — Não deveria.

— Ele era um garoto. Eu deveria ter cuidado dele.

— Como? — Ela mudou de posição, de modo a ficar novamente cara a cara com ele. Seus olhos estavam nebulosos, cheios de um rancor frio, e também de frustração. Ela jamais esqueceria a aparência deles naquele momento. — Como? — repetiu ela.— Se você não tivesse parado para tirar aquelas fotos, teria entrado no carro com ele. Ele teria morrido de qualquer maneira.

— Verdade.

Subitamente cansado, Shade passou as mãos pelo rosto dela. A tensão havia passado, mas não a amargura. Talvez fosse disso que ele estivesse cansado.

— Shade, depois do acidente...

— Esqueça isso.

— Não. — Dessa vez, ela segurava as mãos dele. — Você estava fazendo o que tinha de fazer, por seus próprios motivos. Eu disse que não julgaria aqueles garotos, mas estava julgando você. Desculpe.

Ele não queria desculpas, mas Bryan deu. Não queria que o absolvesse, mas ela estava purgando a culpa dele. Já vira bastante — bastante — o lado ruim da natureza humana. Ela estava lhe oferecendo a luz. Era tentador, e ao mesmo tempo aterrorizante.

— Nunca verei as coisas como você — murmurou ele. Após um instante de hesitação, enlaçou os dedos nos dela. — Nunca serei tão tolerante.

Confusa, ela franziu a testa no momento em que se olharam.

— Não, acho que não. Não acho que deva.

— Você estava certa quando disse que a minha paixão estava morta. Não tenho nenhuma. — Ela começou a falar, mas ele balançou a cabeça. — Não tenho nenhuma paciência, e sou muito pouco solidário.

Será que ele vê as próprias fotos?, imaginou ela. Não via a emoção cuidadosamente calculada que colocava nelas? Mas não disse nada, deixou-o levantar as questões que mais lhe conviessem.

— Parei, muito tempo atrás, de acreditar na intimidade, na genuína intimidade entre duas pessoas. Mas acredito em honestidade.

Ela deveria ter se afastado. Havia algo na voz dele que a alertava, mas permaneceu no mesmo lugar. Os corpos estavam próximos. Ela podia sentir o coração dele batendo num ritmo estável, ao passo que o dela começava a disparar.

— Creio que a continuidade dá certo para algumas pessoas. — Era mesmo sua voz dizendo isso?, imaginou ela, tão calma, tão prática. — Parei de procurar isso para mim mesma.

Não era isso o que ele queria ouvir? Shade baixou os olhos para as mãos unidas e imaginou por que as palavras dela o deixaram insatisfeito.

— Então fica entendido que nenhum de nós deseja ou espera promessas.

Bryan abriu a boca, surpreendida por querer discordar. Engoliu em seco.

— Sem promessas — conseguiu dizer. Precisava pensar, precisava ter distanciamento para lidar com aquela situação. Sorriu, propositalmente. — Mas acho que um pouco de sono ia fazer bem a nós dois.

Ele apertou-lhe a mão dela com mais força quando ela fez menção de ir embora. Honestidade, dissera ele. Embora as palavras não fossem fáceis para ele, ele diria o que estava sentindo. Olhou um bom tempo para ela. O que restava do luar banhava o rosto dela, deixando seus

olhos na sombra. A mão dela, presa à dele, estava firme. A pulsação, não.

— Preciso de você, Bryan.

Tantas coisas que ele poderia ter dito, e para qualquer delas ela teria uma resposta. Desejos — não, desejos não são suficientes. Já dissera para ele. Exigências podiam ser recusadas ou ignoradas.

Necessidades. Necessidades são mais profundas, mais calorosas, mais fortes. Uma necessidade bastava.

Ele não se moveu. Esperou. Ao observá-lo, Bryan se deu conta de que Shade deixaria que ela tomasse a decisão de prosseguir ou de recuar. Escolhas. Ele era um homem que as exigia para si mesmo, ao mesmo tempo em que era capaz de fazê-las. Como poderia saber que ela não teria nenhuma quando ele falasse?

Lentamente, ela afastou sua mão. Com a mesma lentidão, ergueu as mãos para o rosto dele e o beijou. Com os olhos abertos, trocaram um longo e tranquilo beijo. Foi algo que os dois se dispuseram a oferecer e a receber.

Ela oferecia, com suas mãos tocando com leveza a pele dele. Ela recebia, com sua boca calorosa e determinada. Ele aceitava. Ele dava. E então, no mesmo instante, ambos esqueceram as regras.

Os cílios dela desceram lentamente, seus lábios se abriram. Sem pensar, ele a puxou para si até que os corpos esmagassem um ao outro. Ela não resistiu, ao contrário, deslizou com ele do assento para o tapete.

Ela queria isso — o triunfo e a fraqueza de ser tocada por ele. Queria a glória de deixar-se ir, de dar liberdade ao desejo. A boca faminta de Shade fazia com que ela não precisasse pensar em nada, não precisasse refrear nada do que estava desesperadamente querendo dar a ele. Somente para ele.

Pegue mais. Sua mente girava no sentido das exigências de seu corpo. Ela podia senti-lo arrancando sua camisa, até deixar os ombros nus e vulneráveis à sua boca. Mais ainda. Ela passou as mãos pelas

costas dele, nuas e quentes por causa da brisa noturna que entrava pelas janelas.

Ele não era um amante fácil. Bryan não sabia disso? Não havia nenhuma paciência nele. Shade não lhe dissera? Ela já sabia, mas já percebera também que jamais conseguiria relaxar com Shade. Ele a conduzia com rapidez e fervor. Enquanto experimentava tudo isso, não lhe restava tempo para sentir separadamente todas as sensações, Elas vinham em blocos, num redemoinho que dominava seu corpo.

Sabores... os lábios dele, a pele dele — sabor de escuridão. Aromas... flores, carne — doce e pungente. Texturas... o tapete roçando suas pernas, as duras carícias da palma da mão dele, a suave quentura de sua boca. Sons... a batida de seu coração retumbando em sua cabeça, o murmúrio de seu nome no sussurro que saía da boca dele. Ela via sombras, luar, o brilho em seus olhos antes que a beijasse de novo. Tudo se misturava e se fundia até se tornar uma única sensação esmagadora. Paixão.

Ele baixou-lhe a camisa até prendê-la na altura dos braços. Por um instante, Bryan ficou totalmente desamparada enquanto ele deslizava os lábios pelos seios, parando para saboreá-los, saboreá-los intensamente, com lábios, língua, dentes. Algumas mulheres o achariam impiedoso.

Talvez tenha sido o som do gemido que ouviu sair da boca de Bryan que o fez demorar-se ali, quando já estava preparado para apressar-se em outras paragens. Ela era tão delgada, tão lisa. O luar, filtrado pela janela, permitia-lhe identificar onde o bronzeado se transformava numa pele mais branca, mais vulnerável. Uma vez ele já virara a cara para a vulnerabilidade, ciente de seus riscos. Agora ela o atraía — a suavidade dela. O aroma de Bryan estava lá, grudado aos seios, onde podia não só cheirá-los como também saboreá-los. Sexy, tentador, sutil. Era exatamente como ela, e ele estava completamente perdido.

Sentiu que perdia o controle. Implacavelmente, ele o trouxe de volta. Fariam amor uma vez — cem vezes naquela noite —, mas Shade

manteria o controle. Como agora, pensou ele, no instante em que ela se colocava embaixo dele. Do jeito que ele prometera a si mesmo que sempre seria. Ele a conduziria, mas não seria, não poderia ser, conduzido por ela.

Retirou-lhe completamente a camisa e explorou cada centímetro dela, sem perdão. Não sentiria perdão. Já estava acima do pensamento, e ele sabia disso. A pele dela estava quente e, de alguma maneira, ficara ainda mais macia com o calor; seu aroma também se intensificou. Ele podia percorrer aquela boca, que se abria em beijos para ele, quando bem entendesse.

As mãos dela estavam livres. Energia e paixão consumiam freneticamente seu corpo. Ela vivenciou o primeiro êxtase, forte e ofegante. Agora ela podia tocar, agora podia enervá-lo, provocá-lo, enfraquecê-lo. Moveu-se rapidamente, exigindo quando ele esperava rendição. Foi repentino demais, atordoante demais, permitir que ele abraçasse inteiramente a ideia. Mesmo chegando ao segundo clímax, ela percebeu a mudança nele.

Shade não tinha como parar. Ela não permitiria que ele recebesse sem dar. A cabeça dele estava imersa em devaneios. Embora tentasse clarear tudo, lutasse para se conter, ela seduzia. Não seu corpo, isso ele teria dado livremente. Ela seduzia-lhe a mente para seu próprio ritmo. A emoção o invadiu. Clara, quente, forte.

Com os corpos e as mentes unidos e entrelaçados, conduziram-se às alturas.

Capítulo 8

Estavam ambos cautelosos. Nem Bryan nem Shade queriam dizer qualquer coisa que o outro pudesse compreender errado. Haviam feito amor, e para cada um deles, fora a coisa mais intensa, mais vital, que jamais haviam experimentado. Tinham estabelecido as regras, e para cada um deles a necessidade de segui-las era o mais importante de tudo.

O que acontecera entre os dois deixou um pouco mais do que aturdidos, e mais cautelosos do que nunca.

Para uma mulher como Bryan, acostumada a dizer o que queria, a fazer o que lhe agradava, não era fácil pisar em ovos 24 horas por dia. Mas haviam deixado isso bem claro um para o outro antes de fazerem amor, lembrou a si mesma. Sem complicações, sem compromissos. Sem promessas. Ambos haviam falhado uma vez no mais importante dos relacionamentos, o casamento. Por que deveriam arriscar um novo fracasso?

Viajaram por Oklahoma, reservando um dia inteiro para um rodeio numa cidadezinha. Desde as comemorações do Quatro de Julho no Kansas, Bryan não se divertia tanto. Ela gostou de assistir à prova de calor, ao confronto dos homens com os animais e dos homens com os outros homens e com o relógio. Todos os que subiram num cavalo indomável ou num touro estavam determinados a permanecer até a campainha tocar.

Alguns eram jovens, outros um pouco mais rodados, mas todos tinham a mesma meta, vencer e depois partir para a próxima prova. Ela gostou de ver que um jogo podia se transformar num estilo de vida.

Bryan não resistiu e comprou um par de botas de vaqueiro, com desenhos bordados e salto alto. Como a van era muito pequena para permitir que comprassem um sem-número de lembranças, ela se contivera até aqui. Mas não havia motivo para se martirizar com isso.

As botas a deixaram feliz, mas resistiu a comprar para Shade um cinto de couro com uma gigantesca fivela de prata. Era exatamente o tipo de postura que ele não entenderia. Não, não dariam um para o outro nem flores nem bugangas nem palavrinhas bonitas.

Ela dirigiu para o sul na direção do Texas enquanto Shade lia o jornal ao seu lado. No rádio, ouvia-se uma irritante e despudoradamente sexy canção de Tina Turner.

O verão atingira o estágio em que o calor começava a entrar em ponto de ebulição. Bryan nem precisava ouvir o locutor da rádio anunciar que a temperatura estava em 35 graus e subindo, mas ela e Shade haviam combinado que não usariam muito o ar-condicionado nas longas viagens. Na estrada, a brisa era quase suficiente. Para se proteger, usava um sumário top e shorts, e ainda dirigia descalça. Pensou em Dallas e em quartos de hotel com ar condicionado, lençóis geladinhos e colchões macios.

— Nunca estive no Texas — disse ela. — Não consigo imaginar um lugar com cidades uns cem quilômetros distantes umas das outras. Uma corrida de táxi até o centro deve custar uma semana de salário.

Shade virou a página do jornal.

— Se mora em Dallas ou em Houston, você tem um carro.

Era típico dele dar esse tipo de resposta curta e prática, e ela começava a aceitar isso.

— Estou contente por podermos parar alguns dias em Dallas para ampliar algumas fotos. Já passou algum tempo lá?

— Um pouco. — Ele deu de ombros e pegou outra parte do jornal. — Dallas, Houston... essas cidades são o Texas. Grandes, espalhadas, ricas. Um monte de restaurantes mexicanos, hotéis de luxo e um sistema de autoestradas que enlouquece quem não conhece as cidades. É por isso que coloquei também San António no roteiro. É algo bem diferente do resto do Texas. É elegante, serena, mais europeia.

Ela assentiu com a cabeça, olhando para os sinais na estrada.

— Você já trabalhou no Texas?

— Tentei morar em Dallas por alguns anos, entre um e outro período no exterior.

Ela ficou surpresa. Simplesmente não conseguia visualizá-lo em qualquer outro lugar que não fosse Los Angeles.

— E aí, gostou?

— Não é o meu estilo — disse ele. — Minha ex-mulher ficou por aqui e se casou com o petróleo.

Era a primeira vez que ele fazia alguma referência ao seu casamento. Bryan enxugou as mãos úmidas no short e imaginou como lidar com a situação.

— Você não se incomoda de voltar?

— Não.

— O fato... — Ela parou, imaginando se estava indo mais fundo do que devia,

Shade jogou o jornal para o lado.

— O quê?

— Bem, o fato de ela ter se casado novamente o incomoda? Você não lembra o passado tentando descobrir o que foi que deu errado?

— Sei o que deu errado. Não tem sentido ficar pensando no assunto. Depois que você admite que cometeu um erro, é preciso, seguir em frente.

— Eu sei — ela endireitou os óculos de sol. — É que às vezes fico imaginando por que algumas pessoas conseguem ser tão felizes vivendo juntas enquanto outras são tão infelizes.

— Algumas pessoas simplesmente não combinam umas com as outras.

— E, mesmo assim, sempre parece que combinam, até que o casamento acaba.

— Casamento não dá certo para alguns tipos de pessoas. Nós, por exemplo?, imaginou Bryan. Afinal, ambos fracassaram nisso. Talvez de estivesse certo, e tudo fosse simples assim.

— Eu estraguei o meu — comentou ela.

— Você sozinha?

— Parece que sim.

— Então você ferrou com tudo e se casou com o Sr. Perfeito.

— Bem, eu... — Ela levantou os olhos e percebeu que ele a observava, com uma sobrancelha levantada e um suave olhar de antecipação no rosto. Ela esquecera que ele podia diverti-la, além de magoá-la. — Sr. Quase Perfeito, para falar a verdade. — Ela deu um risinho. — Teria sido mais inteligente da minha parte procurar alguém com defeitos.

Depois de acender um cigarro, ele descansou os pés no painel, como Bryan sempre fazia.

— E por que não procurou?

— Eu era muito jovem para perceber que seria mais fácil lidar com defeitos. E eu o amava. — Ela não havia percebido o quanto era tranquilo dizer isso, colocar tudo no passado. — Amava realmente — murmurou ela. — De um jeito ingênuo e romântico. Na época não percebi que teria de fazer uma escolha entre a visão que ele tinha do casamento e o meu trabalho.

Ele entendeu perfeitamente. Sua mulher não fora cruel, não fora vingativa. Simplesmente queria coisas que ele não podia dar.

— Quer dizer que você casou com o Sr. Quase Perfeito e eu casei com a Sra. Alpinista Social. Eu queria tirar fotos importantes e ela queria entrar de sócia no Country Club. Nada de errado com nenhuma das metas... só que elas não se misturam.

— Mas, às vezes, não se arrepende por não ter conseguido fazer com que as coisas se encaixassem?

— Sim. — A resposta saiu de modo inesperado, surpreendendo muito mais a ele do que a ela. Não havia percebido que tinha arrependimentos. Não se permitira ter.—A gasolina está acabando — disse abruptamente. —Vamos parar na próxima cidade para abastecer.

Bryan ouvira falar de cidades equestres, mas nada se encaixava mais perfeitamente na frase do que o tropel de cavalos perto da fronteira de Oklahoma com Texas. Tudo parecia estar empoeirado e amortecido pelo calor. Até mesmo os edifícios pareciam cansados. O estado podia estar rico por causa do petróleo e do crescimento, mas este cantinho ficara de lado.

Por hábito, Bryan pegou a câmera assim que saiu para esticar as pernas. Quando contornou a van, o frentista jovem e magricela arregalou os olhos para ela. Shade viu o olhar intenso do garoto e o sorriso no rosto de Bryan antes de entrar na pequena loja refrescada por ventiladores que ficava atrás das bombas de gasolina.

Bryan encontrou um pequeno jardim cercado do outro lado da rua. Uma mulher com um vestido caseiro de algodão e um avental escurecido regava o colorido espaço — um grupo de amores-perfeitos ao longo da casa. A grama estava amarela, queimada pelo sol, mas as flores estavam viçosas e frondosas. Talvez fossem tudo o que a mulher necessitava para ficar contente. A cerca precisava de uma pintura urgente e a porta de tela que dava para a casa estava com diversos buracos, mas as flores eram um oásis resplandecente e alegre. A mulher ria enquanto regava.

Grata por ter pego a câmera com o filme colorido, Bryan tentou diversos ângulos. Queria pegar a madeira da casa, envelhecida e gasta pelo sol e o gramado manchado, ambos contrastando com aquele buquê de esperança.

Insatisfeita, mudou novamente de posição. A luz estava boa, as cores perfeitas, mas a foto saíra equivocada. Por quê? Deu um passo para trás e enquadrou tudo uma vez mais, fazendo a si mesma todas as perguntas relevantes. O que estou sentindo?

Então encontrou a solução. A mulher não era necessária, apenas uma ilusão dela. Sua mão segurando o regador, nada mais, Ela podia ser qualquer mulher, em qualquer lugar, necessitando de flores para completar sua casa. As flores e a esperança que elas simbolizavam é que eram importantes, e foi isso o que Bryan finalmente registrou.

Shade saiu da loja com uma sacola de papel. Viu Bryan do outro lado da rua, testando ângulos. Contente de esperar, colocou a sacola na van e pegou a primeira lata gelada antes de se virar para pagar o frentista. O garoto, reparou Shade, estava tão ocupado olhando para Bryan, que quase não dava conta de girar a bomba de gasolina.

— Legal a sua van — comentou ele, mas Shade não imaginou que ele tivesse olhado para o carro.

— Obrigado.

Ele fez com que seu olhar seguisse o do garoto até chegar no de Bryan. Não conseguiu evitar o riso. Ela era uma visão que chamava bastante a atenção, naquela amostra de tecido que ela chamava de short. Aquelas pernas, meditou ele. Pareciam começar na cintura e seguir sem parar. Agora ele sabia como elas eram sensíveis — na parte interior do joelho, pouco acima do tornozelo, na pele quente e lisa no alto da coxa.

— Você e sua mulher estão indo para longe?

— Hein?

Shade esquecera do frentista, fascinado que ficara com Bryan.

— O senhor e a senhora — repetiu o garoto, suspirando um pouco ao contar o troco de Shade — estão indo para longe?

— Dallas — murmurou ele. — Ela não é... — Ele começou a corrigir o erro do garoto em relação a seu estado civil, mas parou. A senhora. Palavra curiosa, e de certa forma, atraente. Pouco importava que um garoto numa cidade de fronteira pensasse que Bryan pertencia a ele. — Obrigado — disse ele desligado e, guardando o troco no bolso, foi ao encontro dela.

— Timing perfeito — disse ela, atravessando a rua. Encontraram-se no meio da rua.

— Descobriu alguma coisa?

— Flores. — Ela sorriu, momentaneamente esquecida do sol inclemente. Se inspirasse fundo, podia senti-las além de toda aquela poeira. — Flores num lugar insólito. Acho que... — Ela sentiu as palavras restantes deslizarem de volta para a boca no instante em que ele se aproximou e tocou seu cabelo.

Ele jamais tocava nela, não de forma casual. A menos que estivessem fazendo amor, mas nesse caso não era nunca casual. Nunca havia nenhuma roçada de mãos, nenhum aperto delicado. Nada. Até agora, no meio daquela rua, entre um jardim ressecado e um posto de gasolina imundo.

— Você é linda. Às vezes isso me deixa aturdido.

O que poderia ela falar? Ele jamais falava palavras suaves. Agora elas escapavam em ondas enquanto os dedos acariciavam-lhe o rosto. Os olhos dele estavam tão nebulosos. Não fazia a menor ideia do que via quando olhava para ela, ou o que ele sentia. Jamais perguntara. Talvez pela primeira vez, ele estava lhe dando a oportunidade, mas ela não conseguia falar, apenas olhar.

Ele talvez lhe dissesse que via honestidade, gentileza, força. Talvez lhe dissesse que sentia desejos que estavam ultrapassando todas as fronteiras que estabelecera entre ele e o resto do mundo.

Se ela tivesse perguntado, ele talvez lhe dissesse que ela estava operando uma diferença em sua vida que ele não previra, mas que não podia mais evitar.

Pela primeira vez, ele se inclinou para beijá-la, com uma delicadeza não usual. O momento exigia isso, embora não estivesse certo do motivo. O sol estava quente e forte, a estrada empoeirada, e o cheiro de gasolina intenso. Mas o momento exigia delicadeza da parte dele. E ele deu, surpreso de poder oferecer aquilo.

— Eu dirijo — murmurou ao pegar as mãos dela. — É uma longa viagem até Dallas.

Os sentimentos dele haviam mudado. Não por causa da cidade para onde estavam se dirigindo, mas por causa da mulher sentada ao seu lado. Dallas mudara desde que morara lá, mas Shade sabia por experiência própria que a cidade parecia estar sempre em mudança. Apesar de ter vivido lá por um curto período, a sensação que tivera era de que um prédio novo parecia surgir de um dia para o outro. Hotéis, prédios de escritório, apareciam onde houvesse espaço, e Dallas parecia ter uma interminável oferta de espaço. A arquitetura inclinava-se para o futurístico — vidro, espirais, pináculos. Mas não era necessário procurar muito para encontrar aquele característico sabor do sudoeste. Homens usavam chapéus de vaqueiro com a mesma facilidade com que usavam terno e gravata.

Eles concordaram em ficar num hotel no centro da cidade porque de lá podiam ir a pé para o laboratório que alugaram por dois dias. Enquanto um fazia trabalho de campo, o outro se utilizava do equipamento para revelar e ampliar. Depois trocavam de posição.

Bryan olhou para o hotel com uma quase reverência assim que pararam o carro em frente. Água quente, travesseiros de pena. Serviço de quarto. Ela desceu do carro e começou a tirar sua parte de equipamento e bagagem.

— Mal posso esperar—disse ela, pegando outra caixa e sentindo o suor escorrendo pelas costas. — Vou me jogar na banheira. De repente até durmo nela.

Shade pegou seu tripé, depois o dela.

— Você quer uma só sua?

— Só minha?

Ela ajeitou a alça da bolsa num dos ombros.

— Uma banheira só sua.

Ela levantou os olhos e viu o olhar dele, calmo e questionador. Ele não admitiria que fossem dividir um quarto de hotel como dividiram a van. Podiam ser amantes, mas a falta de obrigações ainda era muito, muito clara. Sim, haviam acertado que não haveria promessas, mas talvez já fosse o momento dela dar o primeiro passo. Inclinou a cabeça e sorriu.

— Depende.

— De quê?

— De você concordar em lavar as minhas costas. - - Ele deu um de seus raros sorrisos espontâneos no instante em que ela pegava o restante da bagagem.

— Parece razoável.

Quinze minutos depois, Bryan jogou suas caixas no quarto do hotel. Com a mesma negligência, tirou os sapatos. Nem se importou em ir até a janela dar uma olhada na vista. Haveria tempo para isso mais tarde. Havia um aspecto vital do quarto que demandava atenção imediata. Caiu na cama.

— Dos céus — decidiu ela e fechou os olhos para suspirar. — Totalmente dos céus.

— Algum problema com seu assento na van?

Shade empilhou seu equipamento num canto antes de abrir a cortina.

— Nenhum. Mas há um mundo de diferença entre um assento de van e uma cama. — Rolou na cama e ficou deitada de costas, esticada em diagonal. — Está vendo? É simplesmente impossível fazer isso num assento de van.

Ele olhou com suavidade para ela enquanto abria sua maleta.

— Você também não vai conseguir fazer isso na cama dividindo-a comigo.

A mais pura verdade, pensou ela enquanto o observava abrir as malas metodicamente. Olhou com distanciamento para sua própria maleta. Aquilo podia esperar. Com o mesmo entusiasmo que tivera quando vira a cama, Bryan se levantou.

— Banho quente — disse ela, e desapareceu no banheiro. Shade colocou seu kit de barbear na cômoda enquanto ouvia o som da água correndo. Parou um momento e ficou escutando. Bryan já estava começando a cantarolar. A combinação de sons era estranhamente íntima — a voz baixa de uma mulher, o barulho da água. Estranho como algo tão trivial podia excitá-lo tanto.

Talvez tenha sido um erro pegar apenas um quarto de hotel. Não era exatamente a mesma coisa que compartilhar a van num acampamento. Aqui eles teriam uma chance, uma chance de privacidade e distância. Antes do dia terminar, meditou ele, os pertences dela estariam todos espalhados pelo chão. Não era característica dele aceitar livremente a desordem. Mas havia aceito.

Levantou os olhos e se enxergou no espelho, um homem moreno com corpo e rosto magros. Olhos um pouco duros demais, boca um pouco sensível demais. Estava muito acostumado com seu próprio reflexo no espelho para imaginar o que Bryan via quando olhava para ele. Ele via um homem com uma aparência fatigada demais e que precisava se barbear. E não queria imaginar, embora estivesse olhando para si mesmo como um artista olha para seu modelo, se estava vendo um homem que já dera o passo definitivo e incontornável em direção à mudança.

Shade olhou para seu rosto, refletido atrás de si no quarto do hotel. Ali estavam as caixas de Bryan e os sapatos que carregara para lá. Num rompante, imaginou que tipo de imagem sairia se pegasse sua câmera e tirasse uma foto de seu reflexo e do quarto com todas aquelas coisas atrás de si. Sepultou a ideia, atravessou o quarto e caminhou na direção do banheiro.

A cabeça dela se moveu, nada além disso. Embora sua respiração tenha ficado em suspenso quando ele entrou, Bryan manteve o corpo

parado e submerso. Este tipo de intimidade era novo e a deixava vulnerável. Tola, desejou ter preparado uma camada de espuma para garantir algum simbolismo.

Shade recostou-se na pia e observou-a. Se fizera planos para se lavar, não estava com a menor pressa. O pequeno pedaço de sabonete continuava embalado em seu lugar e ela, deitada nua na banheira. O fato de que aquela era a primeira vez em que ele realmente a via com luz suficiente chamou a atenção de Shade. O corpo era uma linha longa e sedutora. O banheiro era pequeno e estava enfumaçado. Ele a desejava. Shade imaginou se um homem podia morrer de desejo.

— Como está a água?

— Quente.

Bryan disse para si mesma que deveria relaxar, agir com naturalidade. A água que a apascentara, agora começava a excitá-la.

— Bom.

Calmamente, ele começou a tirar a roupa.

Bryan abriu a boca, mas fechou novamente. Jamais o vira se despir. Sempre mantiveram o estrito código de ética. Quando acampavam, cada um trocava de roupa no chuveiro. Desde que haviam se tornado amantes, passaram a ficar vítimas de uma irrefreável urgência ao final de cada dia. Cada um se despindo e despindo o outro na escuridão da van enquanto faziam amor. Agora, pela primeira vez, poderia ver seu amante revelar o corpo para ela com a maior naturalidade.

Sabia como ele era. Suas mãos lhe haviam ensinado. Mas era uma experiência completamente diferente visualizar os declives, os contornos. Atlético, pensou ela, como um maratonista ou um corredor de obstáculos. Supôs que era suficientemente apropriado. Shade sempre esperaria o próximo obstáculo preparado para superá-lo.

Ele deixou as roupas na pia mas não fez nenhum comentário quando foi obrigado a pular por cima das roupas dela que estavam espalhadas pelo chão.

— Você disse qualquer coisa sobre eu lavar suas costas — comentou ele, encaixando-se atrás dela. Então praguejou levemente, reclamando da temperatura da água. — Você gosta de perder algumas camadas de pele quando toma banho?

Ela riu, relaxou e mudou de posição para melhor acomodá-lo. Quando o corpo dele deslizou e grudou-se no dela, ela decidiu que havia algo de bom nas banheiras pequenas. Satisfeita, aconchegou-se nele, o que primeiro o surpreendeu e depois o agradou.

— Somos os dois um pouco longos demais — disse ela, ajustando as pernas —, mas o fato de sermos magros até ajuda.

— Continue comendo. — Não resistiu ao desejo de beijá-la no alto da cabeça. — Cedo ou tarde a gordura aparece.

— Nunca apareceu. — Ela passou a mão ao longo de sua coxa e foi em direção ao joelho. Uma carícia leve e despretensiosa que quase o levou à loucura. — Prefiro acreditar que queimo calorias pensando. Mas você...

—Eu?

Com um suave suspiro, Bryan fechou os olhos. Ele era tão complexo, tão... intenso. Como poderia ela explicar isso? Ela sabia tão pouco sobre as coisas que ele vira e pelas quais passara. Somente um incidente isolado, pensou ela. Somente uma cicatriz. Ninguém precisava lhe dizer que existiriam outras.

— Você é bastante corpóreo — disse ela por fim. — Até mesmo o seu padrão de pensamento possui uma força física inerente a ele. Você não relaxa. É como... — Ela hesitou por um instante, e então mergulhou. — É como se fosse um lutador de boxe. Mesmo entre um round e outro você se mantém tenso esperando a luta recomeçar.

— É assim a vida, não é? — Mas ele se descobriu acariciando o pescoço de Bryan com um dedo. — Uma longa partida. Você dá uma respirada rápida e depois volta para a dança.

— Nunca olhei as coisas dessa maneira. É uma aventura — disse ela, lentamente. — Às vezes não tenho energia para isso, então fico sentada olhando todos os outros saírem à luta. Talvez tenha sido por isso que eu quis ser fotógrafa, para poder pegar pedacinhos da vida e mantê-los comigo. Pense nisso, Shade.

Ela mudou levemente de posição e virou a cabeça para poder fitá-lo.

— Pense nas pessoas que a gente encontrou, os lugares que a gente viu, onde a gente esteve. E só estamos na metade do caminho. Aqueles vaqueiros — começou ela, os olhos brilhando. — Tudo o que eles queriam era um pouco de tabaco, um cavalo mal-humorado e um punhado de céu. O fazendeiro do Kansas, dirigindo seu trator no calor do dia, suando e penando e avistando hectares e mais hectares de sua terra. Crianças brincando de amarelinha, velhos cuidando de hortas domésticas ou jogando dama no parque. A vida é isso. São mulheres com seus bebês no colo, jovens se bronzeando na praia e crianças se divertindo dentro de piscinas de plástico no quintal.

Ele tocou o rosto dela.

— Você acredita nisso?

Ela acreditava? Parecia tão simplista... idealista?, imaginava ela. Franziu a testa e observou a fumaça subindo.

— Acredito que a gente tem de pegar o que há de bom em cada coisa, o que existe de belo, e ir nessa direção. O resto a gente tem de lidar, mas não a cada minuto de cada dia. Aquela mulher de hoje...

Bryan encostou-se novamente, sem ter certeza de por que era tão importante para ela lhe dizer aquilo.

— Aquela na casa do outro lado do posto de gasolina. O jardim dela estava queimando ao sol. A pintura da cerca estava descascando. Vi que ela tinha artrite. Mas ela estava regando as flores dela. De repente, morou a vida toda naquela casinha. De repente ela nem sabe o que é entrar num carro novo e sentir aquele cheiro de couro, ou viajar de primeira classe num avião, ou fazer compras numa loja de

departamentos sofisticada. Ela plantou, cultivou e cuida daquelas flores porque isso lhe dá prazer. É algo de valor para ela, um pontinho brilhante quase insignificante para onde ela pode olhar, e sorrir. Talvez isso seja suficiente.

— Flores não nascem em qualquer lugar.

— Nascem sim. Basta querer.

Soou verdadeiro quando ela disse. Soou como algo no qual ele gostaria de acreditar. Inconscientemente, encostou o rosto no cabelo dela. Estava úmido, quente e macio. Ela o fazia relaxar. Apenas estar com ela, ouvi-la falar, já soltava alguma coisa nele. Mas lembrava as regras, as que ambos concordaram em respeitar. Vá com calma, lembrou a si mesmo. Pegue leve.

— Você sempre tem discussões filosóficas na banheira?

Ela franziu os lábios. Era tão raro e tão gratificante ouvir aquele toque de humor na voz dele.

— Acho que, se é para ter uma, é melhor que seja num lugar confortável. Agora, com relação às minhas costas...

Shade pegou o sabonete.

— Você quer o primeiro turno do laboratório amanhã?

— Hum... — Ela inclinou-se à frente, esticando-se enquanto ele passava o sabonete em suas costas. Amanhã estava muito distante para se preocupar. — Tudo bem.

— Você pode ficar lá das oito ao meio-dia.

Ela pensou em discordar do horário, cedo demais para ela, mas desistiu. Algumas coisas simplesmente nunca mudavam.

— O que você vai... — A pergunta virou um suspiro no momento em que ele esfregava sua cintura e subia até o pescoço. — Eu gosto de ser mimada.

A voz dela estava sonolenta, mas ele passou o sabonete no mamilo e sentiu o imediato tremor. Ele passava o sabonete nela em movimentos

circulares e firmes, cada vez indo mais para baixo, mais para baixo, até que todo o relaxamento cessou. Abruptamente, ela girou e o prendeu abaixo de si, sua boca fixa na dele. As mãos passeavam rapidamente pelo corpo dele, levando-o ao limite antes que pudesse estar preparado.

— Bryan... - a

— Eu adoro tocar você.

Ela deslizou a boca para baixo, na direção do peito, saboreando a carne e a água. Deu pequenas mordidas, ouvindo o ribombar do coração, depois passou o rosto pela carne molhada apenas para sentir, apenas para experimentar. Ela o sentiu estremecer e ficar imóvel por um instante. Quando fora a última vez em que permitira que alguém fizesse amor com ele?, imaginou ela. Talvez, dessa vez, ela não lhe daria escolha.

— Shade. — Ela deixou as mãos percorrerem o que bem entendessem. — Vem para cama comigo.

Antes que ele pudesse responder, Bryan se levantou. Enquanto a água escorria de seu corpo, ela sorriu e lentamente soltou o cabelo. Depois, os sacudiu e pegou uma toalha. Parecia que não tinham mais nenhuma palavra a dizer.

Esperou ele sair da banheira, pegou outra toalha e esfregou-o ela mesma. Shade não fez nenhuma objeção, mas ela sentiu que ele começava a restaurar sua muralha emocional. Não dessa vez, pensou ela. Dessa vez seria diferente.

Enquanto o enxugava, observava seus olhos. Não conseguia ler seus pensamentos, não conseguia enxergar por trás do desejo. Por enquanto, era suficiente. Pegou a mão dele e caminharam juntos para a cama.

Ela o amaria dessa vez. Pouco importava a força, a urgência do desejo, ela lhe mostraria tudo que ele a fez sentir. Lentamente, já abraçada a ele, deitou-se na cama. Assim que afundou no colchão, as bocas se encontraram.

O desejo não diminuía. Rasgava-o ao meio. Mas dessa vez, Shade não conseguia exigir, não conseguia enquadrá-la em seu ritmo. Ela o estava saciando com o luxo de ser adorada. Seus lábios o pegavam firme, mas lentamente. Aprendeu com ela que a paixão podia ser construída, camada após camada, até que não houvesse nada mais. Eles recendiam ao banho que tomaram juntos, ao sabonete que passara da pele dele para a dela. Ela parecia satisfeita de aspirar aquele aroma, inalá-lo, exalá-lo, enquanto o levava calmamente à loucura.

Era um prazer indescritível poder vê-lo à luz do entardecer. Nenhuma escuridão, nenhuma sombra. Fazer amor na luz, livre e sem barreiras, era algo que ela nem mesmo sabia que ansiava. Os ombros dele ainda estavam úmidos. Ela podia ver o brilho da água neles, sentir o gosto. Quando as bocas se encontraram, ela pôde ver os olhos dele e enxergar o desejo que ecoava o que ela própria estava sentindo. Nisso os dois eram uma coisa só, disse para si mesma. Nisso, mesmo que em nada mais, eles se entendiam.

E quando a tocou, quando viu o olhar dele seguir a trilha de sua mão, ela tremeu. Desejos, dele e dela, colidiram, estremeceram, e depois fundiram-se novamente.

Havia mais ali do que tinham se permitido um ao outro antes. Afinal, aquilo era intimidade, conhecimento compartilhado, prazer compartilhado. Ninguém conduzia, ninguém retinha. Pela primeira vez, Shade jogou fora todo o fingimento que mantinha aquela tênue barreira emocional entre eles. Ela o preenchia, o completava. Dessa vez, ele a desejava — toda ela —, mais do que jamais desejou qualquer coisa em sua vida. Desejava o humor dela, a alegria, a delicadeza. Ele desejava acreditar que isso podia fazer uma diferença.

O sol descaía nos vívidos e penetrantes olhos de Bryan, realçando-os da maneira que ele uma vez imaginara. A boca era macia, dócil. Acima dele, o cabelo dela caía, livre e selvagem. O sol parecia grudar-se na pele de Bryan, envolvendo-a com um brilho dourado. Talvez ela fosse algo que apenas existia em sua imaginação — mulher, magra, ágil e primitiva, mulher sem limitações, que aceitava suas próprias paixões.

Se ele a fotografasse assim, a reconheceria? Teria ele condições de recapturar as emoções que ela o fazia sentir?

Então ela jogou a cabeça para trás e ficou jovem, vibrante, acessível. Esta mulher ele conheceria, esta sensação ele reconheceria, mesmo que ficasse sozinho por décadas. Não precisaria de nenhuma foto para se lembrar daquele espantoso instante de mútuo prazer.

Shade aproximou-a ainda mais. Desejava-a ainda mais. Você, pensou ele, atordoado, enquanto os corpos se fundiam e os pensamentos se confundiam. Apenas você. Ele observou os olhos dela fecharem-se lentamente enquanto se entregava a ele.

Capítulo 9

Eu podia me acostumar com isso. Com a câmera no colo, Bryan esticou-se na piroga, a pequena canoa, nova em folha, que tomaram emprestado de uma família que residia no braço do rio. Alguns quilômetros adiante ficava a animada cidade de Lafayette, no estado da Louisiana, mas aqui havia uma visão mais entorpecida de verão.

Abelhas zumbindo, sombras se espalhando, pássaros trinando. Libélulas. Uma delas voou por perto, rápida demais para a câmera, mas numa velocidade suficiente para ser admirada. Líquens podiam ser vistos por todos os lados, fazendo sombra e mergulhando no rio, à medida que a água se mexia lentamente. Por que pressa? Era verão, os peixes estavam lá para ser pescados, as flores estavam lá para ser colhidas. Ciprestes surgiam da água, e eventualmente um sapo agitava-se o suficiente para se jogar na água e dar uma nadada.

De fato, por que pressa? A vida estava lá para ser aproveitada.

Como Shade dissera uma vez, Bryan se adaptava. Na correria de Dallas, ela trabalhara por longas horas no laboratório e nas ruas. Exclusivamente a trabalho. Quando necessário, ela podia ser eficiente, rápida e ativa. Mas aqui, onde o ar era pesado e a vida vagarosa, ela estava contente de estar deitada com as pernas cruzadas, à espera de qualquer coisa que viesse a acontecer.

— Deveríamos estar trabalhando — apontou ele. Ela sorriu.

— E não estamos? — Enquanto fazia movimentos circulares com os pés da forma mais preguiçosa possível, desejou que tivessem pensado em tomar emprestada também uma vara de pescar. Como seria pescar um bagre? — A gente tirou dezenas de fotos antes de entrar no barco — lembrou-lhe ela.

Tinha sido ideia dela fazer aquele desvio no braço do rio, embora estivesse quase certa de que ele a superara com as fotos que tirou da

família que os acolheu. Ela pode até tê-los seduzido para que emprestassem o barco, mas Shade venceu apenas com as fotos.

— Aquela que você tirou da sra. Bienville debulhando feijões deve estar fabulosa. As mãos dela. — Bryan balançou a cabeça e relaxou. — Nunca vi mãos assim em mulher nenhuma. Imagino que ela seja capaz de fazer o mais refinado dos suflês logo depois de ter cortado uma árvore.

— Os descendentes dos franceses que moram aqui nessa região têm um estilo de vida bem característico e regras bem próprias.

Ela inclinou a cabeça, analisando-o.

— Você gosta disso.

— Gosto sim. — Ele remava, não porque precisavam chegar a algum lugar, mas porque era bom demais. Aquecia seus músculos e relaxava sua mente. Ele quase sorriu, pensando que estar com Bryan possibilitava quase a mesma sensação. — Gosto da independência, e do fato de ela funcionar.

Bryan deitou-se, ouvindo o ruído dos insetos, os sons do rio. Haviam caminhado ao longo de outro rio em San António, mas os sons eram diferentes lá. Música espanhola suave, barulho de prata batendo em porcelana nos cafés. Era fabuloso à noite, lembrou ela. As luzes brilhavam na água, a água que vinha em pequenas ondas feitas pelos táxis de rio, os táxis que estavam cheios de pessoas contentes com a versão texana da gôndola. Ela tirara uma foto de dois amantes, recém-casados, quem sabe, agarrados um ao outro numa das pontes de pedra sobre o rio.

Quando foram para Galveston, ela vira ainda um outro Texas, um com praias de areias brancas, balsas e bicicletas cobertas. Foi mais fácil do que imaginava convencer Shade a alugar uma delas. Com um sorriso, ela pensou no quanto haviam avançado, e não se referia apenas à quilometragem percorrida. Estavam trabalhando juntos e, quando ele se distraía, brincavam.

Em Malibu, tomaram caminhos diferentes na praia. Em Galveston, depois de duas horas de trabalho, caminharam de mãos dadas na areia. Uma coisa sem muita importância para muitas pessoas, refletiu Bryan, mas não para eles dois.

Sempre que faziam amor, parecia haver algo de novo. Ela não sabia o que era, mas também não perguntava. Era com Shade que queria estar, rir e conversar. A cada dia descobria algo de novo, algo diferente, sobre o país e o povo. Descobria com Shade. Talvez esta fosse toda a resposta de que precisava.

O que poderia haver nele? Querendo ou não, havia momentos em que ela imaginava. O que poderia haver em Shade Colby que a fazia feliz? Ele nem sempre era paciente. Um momento ele podia ser generoso e quase doce, e outro, podia ser tão frio e distante quanto um estranho. Estar com ele não era algo desprovido de frustrações para uma mulher acostumada com flutuações de humor menos frequentes. Mas estar com ele era exatamente o que ela queria.

Naquele momento ele estava relaxado. Quase nunca estava, ela sabia, mas a atmosfera positiva do rio parecia ter penetrado nele. Mesmo assim ele observava. Qualquer outra pessoa se perderia naquele rio, admirando a paisagem, apreciando o efeito total. Shade dissecava o rio.

Isso ela entendia, porque também era assim. Uma árvore pode ser estudada pela textura das folhas, a granulação da madeira, o padrão de luz e sombra que estabelece no chão. Um amador pode tirar uma foto da árvore com a maior competência do mundo, mas seria apenas isso. Se for Bryan a tirar a foto, ela vai querer que a foto emocione quem a está vendo.

Ela era especializada em pessoas, lembrou Bryan enquanto observava Shade remar. Paisagens, naturezas-mortas, ela considerava uma mudança de ritmo. Era o elemento humano que a fascinava, e sempre seria assim. Se ela queria entender seus sentimentos para com Shade, talvez fosse a hora de tratá-lo da mesma forma como trataria qualquer outro objeto de trabalho.

Com os olhos miúdos, ela estudava e dissecava. Ele tinha uma aparência física bastante dominadora, meditou. Ser dominada não era definitivamente uma de suas ambições na vida. Talvez fosse por isso que se sentia quase sempre atraída por sua boca, porque ela era sensível, vulnerável.

Ela conhecia as características dele — frio, distante, pragmático. Parte disso era verdade, pensou, mas outra parte era ilusão. Uma vez ocorreu-lhe fotografá-lo em meio a sombras. Agora imaginava que tipo de estudo conseguiria se o fotografasse à luz do sol. Sem permitir-se uma chance de pensar, ergueu a câmera, enquadrou e bateu a foto.

— Apenas testando — disse suavemente quando ele franziu a testa. — E, afinal, você já tirou algumas minhas.

— Tirei.

Ele lembrou a foto que tirara dela penteando o cabelo numa rocha no Arizona. Não lhe dissera que mandara a foto para a revista, mesmo tendo certeza absoluta de que a foto faria parte do ensaio definitivo. Nem disse que aquela era uma foto que pretendia manter em sua coleção particular.

— Pare aqui um pouquinho. — Com movimentos bruscos e profissionais, ela trocou a lente, ajustou a distância e a profundidade e focalizou uma garça empoleirada no alto de um cipreste. — Um lugar assim — murmurou ao tirar mais duas fotos para garantir — faz a gente imaginar que o verão nunca termina.

— Talvez devêssemos tirar mais dois meses de viagem e trabalhar no outono.

— É uma ideia tentadora. — Ela esticou-se novamente. — Bastante tentadora. Um estudo das quatro estações.

— Os seus clientes podem ficar irritados.

— Infelizmente é verdade. Mas mesmo assim... — Ela mergulhou os dedos na água. — A gente sente falta das estações em Los Angeles. Eu gostaria de ver a primavera na Virgínia e o inverno em Montana. —

Jogou a trança para trás e se sentou. — Shade, você alguma vez já pensou em jogar tudo para o alto, arrumar as malas e sair por aí para algum lugar tipo... Nebraska, e montar um pequeno estúdio? Fotos de casamentos e formaturas, esse tipo de coisa?

Ele olhou-a fixamente por um tempo e depois disse:

— Não.

Ela deu uma gargalhada e se jogou para trás.

— Nem eu.

— Você não encontraria muitos megastars no Nebraska. Ela estreitou os olhos, mas falou suavemente:

— Essa é mais uma crítica ao meu trabalho?

— Seu trabalho — começou ele, no momento em que começava a fazer o barco voltar — é um conjunto excelente. Se não a gente não estaria trabalhando juntos.

— Muito obrigada. Acho.

— E por causa da qualidade de seu trabalho — prosseguiu ele —, fico imaginando por que você se limita a fazer fotos de pessoas bonitas.

— É minha especialidade. — Ela avistou uma porção de flores silvestres na musgosa e lamacenta beira do rio. Ajustou cuidadosamente a câmera outra vez. — E a grande maioria dos meus modelos não são bonitos... nem física nem emocionalmente. Eles me interessam — disse ela, antes que ele pudesse fazer algum comentário. — Gosto de descobrir o que está por baixo da imagem e vislumbrar.

E ela era muito habilidosa nisso, decidiu ele. Na verdade, descobrira que a admirava por isso — não somente por sua habilidade, mas por sua percepção. Ele simplesmente não conseguia racionalizar o fato de ela trilhar o caminho dos que gostam de aparecer.

— Arte e cultura?

Se ele queria ofendê-la, mesmo que levemente, errou o alvo.

— Sim. E se você perguntasse, eu lhe diria que Shakespeare fez arte e cultura. Você está com fome?

— Não. — Mulher fascinante, pensou ele, relutando como sempre em ficar fascinado. Ele ansiava por ela, era verdade. Seu corpo, sua companhia. Mas não podia resolver a fascinação constante que ela exercia nele, de uma mente a outra. — Antes da gente sair você comeu um prato de camarão com arroz que dava para alimentar uma família inteira.

— Isso foi horas atrás.

— Duas, para ser exato.

— Chato — resmungou ela, e olhou para o céu. Tão tranquilo, pensou. Tão simples. Momentos como esse devem ser saboreados. Baixou os olhos e olhou para ele. — Já fez amor em uma piroga?

Ele não conteve o riso. Ela tornava impossível não rir.

— Não, mas acho que a gente nunca deve recusar uma nova experiência.

Bryan colocou a língua no lábio superior dele.

— Vem cá.

Deixaram para trás a atmosfera preguiçosa e cheia de insetos zumbindo e chegaram na animada e estridente Nova Orleans. Trompetistas suarentos na Bourbon Street, vendedores se abanando no Farmers Market, artistas e turistas na Jackson Square — era um sabor do Sul, ambos concordavam, que era tão diferente do resto do Sul quanto San Ant3nio era diferente do resto do Texas.

De lá, viajaram para o norte até o Mississippi para sentir um pouco do m3s de julho no Deep South. Calor e umidade. Drinques longos e refrescantes e uma sombra preciosa. A vida era diferente aqui. Nas cidades, os homens suavam nas camisas brancas e com as gravatas frouxas. Nos distritos rurais, fazendeiros trabalhavam embaixo do sol abrasador. Mas se movimentavam mais lentamente do que seus pares

do Norte e do Oeste. Talvez temperaturas que chegavam aos 35 graus fossem a causa disso, ou talvez apenas um estilo de vida.

Crianças exercitavam o privilégio da juventude e não usavam quase nenhuma roupa. Os corpos eram morenos, úmidos e empoeirados. Num parque urbano, Bryan fez um dose-up de um garoto da cor de mogno dando uma risada e se refrescando numa fonte.

A câmera não o intimidou. Quando se aproximou, o garoto riu para ela, gritando e jogando a água sobre seu corpo até parecer que estava encapsulado numa redoma de vidro.

Numa cidadezinha a noroeste de Jackson, depararam com uma partida de beisebol de crianças. O campo não era dos melhores e as arquibancadas pareciam não poder suportar mais do que cinquenta pessoas por vez, mas eles saíram da estrada e estacionaram entre uma picape e um automóvel todo enferrujado.

— Isso é o máximo.

Bryan pegou sua câmera.

— Você acabou de sentir o cheiro de cachorro-quente.

— Isso também — concordou ela. — Mas é verão. A gente pode até ir ao jogo dos Yankees em Nova York, mas vamos conseguir melhores fotos aqui. — Ela enlaçou os braços dele antes que se afastasse muito. — Vou reservar as críticas para o cachorro-quente.

Shade deu uma olhada longa e abrangente. A multidão estava espalhada na grama, em cadeiras dobráveis, nas arquibancadas. Gritavam entusiasmadas, fofocavam e davam goles nos refrigerantes. Ele tinha quase certeza de que todo o mundo ali se conhecia, se não de nome, pelo menos de vista. Observou um velho de boné cuspir casualmente um pouco de tabaco no chão antes de repreender o árbitro.

— Vou dar um giro por aí — disse Shade, decidindo que ficar sentado nas arquibancadas o limitaria muito naquele momento.

— Tudo bem.

Bryan fizera sua própria avaliação e considerou as arquibancadas o ponto focal do que pretendia fazer.

Separaram-se. Shade foi na direção do velho que já lhe chamara a atenção. Bryan caminhou na direção das arquibancadas, onde ela e o restante da assistência teriam uma boa visão do jogo.

Os jogadores usavam calças brancas, já sujas de grama e empoeiradas, e chamativas camisas azuis ou vermelhas com os escudos dos respectivos times. Uma boa parte deles era bem pequena para os uniformes, e as luvas pareciam enormes ao final dos braços magricelas. Alguns usavam sapatos com travas e outros usavam tênis. Uns poucos tinham as luvas colocadas nos bolsos de trás da maneira mais profissional possível.

Os bonés, decidiu ela, é que identificavam a personalidade individual. Um podia usá-lo bem arrumado, ou jogado para trás, outro deixava-o encobrendo os olhos, de modo brincalhão. Ela queria uma foto de ação, algo que reunisse a cor e as personalidades com o esporte em si. Até que alguma ideia lhe surgisse, Bryan contentou-se em tirar uma foto do garoto na segunda base, que deixava o tempo passar até que o batedor pisasse no quadrado, escoiceasse as travas contra a joelheira e começasse a fazer bolas com o chiclete.

Ela deu uma outra corridinha e tentou as teleobjetivas. Melhor, decidiu ela, e ficou satisfeita de ver que seu garoto da segunda base tinha o rosto cheio de sardas. Acima dela, alguém mascava chiclete e assobiava quando o árbitro registrava um ponto do time adversário.

Bryan baixou a câmera e permitiu-se ficar envolvida no jogo. Se queria retratar a atmosfera, tinha de senti-la ela mesma. Era mais do que o jogo, pensou, era a sensação de comunidade. À medida que os batedores apareciam, as pessoas os chamavam pelos nomes, fazendo comentários casuais que indicavam um conhecimento pessoal. Mas as torcidas estavam bem divididas.

Pais chegaram do trabalho para ver o jogo, avós jantaram mais cedo e vizinhos preferiram o jogo a passar a noite vendo televisão.

Todos tinham seus favoritos, e não eram nem um pouco tímidos em torcer por eles.

O batedor seguinte interessou a Bryan principalmente porque era uma linda menina de mais ou menos doze anos. Olhando de relance, Bryan imaginou que ela se encaixaria muito mais numa aula de balé do que jogando beisebol. Mas quando observou a maneira com a qual a garota segurava o bastão e se colocava em posição, Bryan ergueu a câmera. Essa valia a pena ficar de olho.

Bryan pegou-a no primeiro golpe de bastão. Embora a multidão tenha lamentado, Bryan ficou impressionada com o movimento. Podia estar fotografando uma partida de beisebol infantil numa cidadezinha quase esquecida do Mississippi, mas pensava em seu trabalho no estúdio com a primeira-bailarina. A batedora se posicionou para o lance, e Bryan se posicionou para a próxima foto. Precisou esperar, cada vez mais impaciente, por duas outras bolas.

— Baixo e fora. — Ela escutou alguém resmungar ao seu lado. A única coisa que pensou foi que, se a garota saísse de onde estava ela perderia a foto que queria fazer.

Então aconteceu, rápido demais para Bryan saber onde estava a bola, mas a garota deu um belo golpe, acertando em cheio. A garota disparou e Bryan, usando o motor da câmera, seguiu-a através das bases. Quando ela atingiu a segunda, Bryan registrou seu rosto. Sim, Maria entenderia aquele olhar, pensou Bryan. Esforço, determinação e coragem, pura e simplesmente. Bryan a seguiu até ela atingir a terceira base numa nuvem de poeira e com um gingado de corpo.

— Maravilhosa! — Ela baixou a câmera, tão empolgada que nem mesmo percebeu que falara alto, — Simplesmente maravilhosa!

— Ela é nossa filha.

Distraída, Bryan olhou de relance para o casal ao lado. A mulher tinha a sua idade, talvez um ou dois anos mais velha. Estava radiante. O homem dava um risinho e mascava chiclete.

Talvez não tivesse ouvido bem. Eles eram tão jovens.

— Ela é filha de vocês?

— Nossa mais velha. — A mulher segurou a mão do marido. Bryan pôde ver as duas alianças. — Temos mais três correndo por aí, mas estão mais interessados no quiosque de comida do que no jogo.

— Não a Carey. — O pai olhou sua filha dando um curto golpe na terceira base. — Ela é superconcentrada no que faz.

— Espero que não se importem de eu estar tirando algumas fotos dela.

— Não.—A mulher sorriu novamente.—Você mora na cidade? Era uma forma educada de descobrir quem ela era. Bryan não tinha nenhuma dúvida de que a mulher conhecia todo o mundo num raio de quilômetros.

— Não, estou viajando. — Fez uma pausa no momento em que o batedor seguinte rebateu a bola para o alto e trouxe Carey de volta para seu campo. — Para falar a verdade, sou fotógrafa trabalhando para a revista LifeStyle. Talvez já tenham ouvido falar.

— Claro. — O homem fez um movimento brusco com a cabeça na direção da mulher sem tirar os olhos do jogo. — Todo mês ela compra. -
”

Bryan puxou um termo de liberação e explicou seu interesse em usar a imagem de Carey. Embora falasse pouco e em voz baixa, suas palavras ecoaram nas arquibancadas. Bryan começou a ter de responder a todo tipo de pergunta e lidar com todo tipo de curiosidade. Para resolver tudo de maneira simples, desceu das arquibancadas, mudou para uma lente grande-angular e fez uma foto do grupo. Não estava ruim, pensou, mas não estava a fim de passar a próxima hora tirando fotos de pessoas que queriam posar para ela. Para dar aos fãs de beisebol um tempo para voltar suas atenções para a partida, ela caminhou na direção do quiosque de comida.

— Teve sorte?

Ela girou a cabeça para ver Shade de pé ao seu lado.

— Sim, e você?

Ele assentiu com a cabeça, depois encostou no balcão do quiosque. O calor não aliviava, embora o sol estivesse mais baixo. A noite prometia ser tão sufocante quanto fora o dia. Pediu duas bebidas e dois cachorros-quentes.

— Sabe o que eu adoraria agora? — perguntou ela, no instante em que começava a encher o cachorro-quente de molho.

— Uma pá?

Ela o ignorou e continuou a encher o sanduíche de mostarda.

— Um mergulho refrescante numa piscina gigantesca seguido de uma margarita gelada.

— Por enquanto você vai ter de se contentar com o assento do motorista. É a sua vez de dirigir.

Ela deu de ombros. Trabalho era trabalho.

— Você viu a garota que chegou na terceira base? Caminharam pela grama desnivelada até a van.

— Uma garota que corria como uma bala?

— Essa mesma. Eu estava sentada ao lado dos pais dela nas arquibancadas. Eles têm quatro filhos.

— E aí?

— Quatro filhos — repetiu ela. — E você poderia jurar que ela não tinha mais do que trinta anos. Como essas pessoas conseguem?

— Daqui a pouco você me pergunta que eu lhe mostro. Ela riu e deu uma cotovelada nele.

— Não é disso que estou falando, embora a ideia não seja má. O que quero dizer é que esse casal, por exemplo, é jovem e atraente. Dava até para dizer que eles gostavam um do outro.

— Incrível.

— Não seja cínico — ordenou ela, abrindo a porta da van. — Muitos casais não se gostam, principalmente quando têm quatro filhos, hipoteca a pagar e dez ou doze anos de casamento nas costas.

— E agora, quem é que está sendo cínico? Ela começou a falar, mas franziu o cenho.

— Acho que eu — refletiu, ligando o motor. — De repente encontrei um universo que questionou minha visão de mundo, mas quando vejo um casal feliz, fico impressionada.

— É impressionante. — Cuidadosamente, ele guardou a câmera embaixo do painel antes de sentar. — Quando realmente dá certo.

— É.

Ela ficou em silêncio, lembrando o acesso de inveja e desejo que sentira quando enquadrou os Brown em seu visor. Agora, semanas e quilômetros depois, foi um novo choque para Bryan perceber que não havia evitado aquela sensação peculiar. Conseguira deixá-la de lado, em algum lugar nos fundos de sua mente, mas agora a coisa ressurgia enquanto ela pensava no casal nas arquibancadas de um parque numa cidadezinha.

Família, coesão. Laços. Será que algumas pessoas simplesmente conseguiam manter promessas melhor do que outras?, imaginou. Ou será que algumas pessoas eram simplesmente incapazes de juntar sua vida com a de outra, incapazes de manter os acordos, os compromissos?

Quando ela olhava em retrospecto, acreditava que tanto ela quanto Rob haviam tentado, mas cada um a seu próprio modo. Não ocorrera um encontro de mentes, mas sim dois tipos separados de padrão de pensamento que tomavam as decisões sem nunca se misturarem. Isso queria dizer que um casamento bem-sucedido dependia do encontro de duas pessoas que pensavam de acordo com os mesmos padrões?

Deu um suspiro e entrou na autoestrada que os levaria para o Tennessee. Se fosse verdade, decidiu ela, seria bem melhor continuar solteira. Embora tivesse conhecido diversas pessoas de quem gostava e

com quem podia se divertir, nunca conheceu alguém que pensasse da mesma forma que ela. Principalmente o homem que estava sentado ao seu lado já com os olhos grudados no jornal. Só nisso já eram bastante diferentes.

Ele lia este jornal, e qualquer outro jornal, do início ao fim em cada cidade que visitassem, devorando as palavras. Ela, por sua vez, passaria os olhos pelas manchetes, daria uma olhada no caderno cultural e nas colunas sociais e depois iria direto para a página de quadrinhos. Se quisesse notícias, daria preferência ao rádio e à televisão. Ler é para relaxar, e relaxar não é analisar acordos políticos.

Relacionamentos. Ela lembrou da discussão que tivera com Lee poucas semanas atrás. Não, simplesmente não nascera para relacionamentos longos. O próprio Shade dissera que algumas pessoas simplesmente não eram capazes de manter uma continuidade. Ela concordara, não? Por que deveria ficar deprimida com a verdade de uma hora para a outra?

O que quer que sentisse por Shade, e ainda precisava definir isso melhor, não ia começar, de repente, a sentir cheiro de casamento no ar. Talvez tivesse sentido algumas ferroadas quando viu casais que pareciam completar um ao outro ao invés de competir, porém nada era mais natural. Afinal, não queria começar a fazer ajustes em seu estilo de vida para acomodar outra pessoa neste estágio da vida. Estava bastante satisfeita com o rumo das coisas.

Se estivesse apaixonada... Bryan sentiu novamente a ferroadada e ignorou-a. Se estivesse, as coisas se complicariam. A questão era que estava muito feliz com o sucesso de sua carreira, sua liberdade e um amante atraente e interessante. Seria louca se não estivesse feliz. Seria insano fazer uma única mudança que fosse.

— E não tem nada a ver com ter medo — disse em voz alta.

— O quê?

Ela se virou para Shade e, para a surpresa de ambos, enrubesceu.

— Nada — resmungou. — Estava só pensando alto.

Ele olhou-a durante um bom tempo. A expressão dela assemelhava-se a um malgrado descontentamento. Ele sucumbiu ao desejo, se aproximou e tocou a mão em seu rosto.

— Você não está comendo o seu cachorro-quente.

Sentiu vontade de chorar. Por algum motivo absurdo, sentiu vontade de parar a van, jogar a cabeça no volante e se afogar em lágrimas.

— Estou sem fome.

— Bryan. — Ele a observou pegar os óculos de sol no painel e colocar no rosto, apesar do sol já estar baixo. — Você está bem?

— Ótima. — Ela respirou fundo e manteve os olhos na estrada. — Estou ótima.

Não, não estava. Embora fosse raro alguma tensão na voz dela, ele reconhecia quando ocorria. Apenas algumas semanas atrás, teria dado de ombros e voltado à leitura. Jogou o jornal no chão de propósito.

— O que está acontecendo?

— Nada.

Ela xingou a si mesma e ligou o rádio. Shade desligou em seguida.

— Pare o carro.

— Para quê?

— Pare o carro e pronto.

Com mais violência do que o necessário, Bryan deu uma guinada em direção ao acostamento, diminuiu a velocidade e parou.

— Não vamos ganhar tempo algum parando dez minutos depois de partir.

— Não vamos ganhar tempo algum até você me dizer qual é o problema.

— Não tem problema nenhum! — Então ela cerrou os dentes e recostou-se no assento.

— Não adianta nada falar que não há problema nenhum se ao mesmo tempo você rosna.

— Não sei — extravasou ela. — Estou irritada, só isso.

—Você?

Ela virou-se para ele com ares de vingança. „

— Tenho o direito de ficar de mau humor de vez em quando, Colby. Não é uma marca registrada sua.

— É claro que tem — disse ele, suavemente. — Como foi a primeira vez que testemunhei, fiquei interessado.

— Não venha com esses ares de proteção para cima de mim!

— Quer brigar?

Ela olhou pelo retrovisor.

—Talvez.

—Tudo bem. — Disposto a agradar, ele se colocou numa posição mais confortável. — Sobre alguma coisa específica?

Ela balançava a cabeça de um lado para o outro, pronta a golpear o que aparecesse.

— Você precisa enfiar a cara no jornal sempre que dirijo? Ele deu uma gargalhada.

— Preciso, querida.

Uma voz baixa saiu de sua boca enquanto ela olhava novamente pelo retrovisor.

— Pouco importa.

— Eu podia dizer que você tem o hábito de adormecer quando está sentada aqui.

— Já disse que pouco importa. — Alcançou a chave. — Pouco importa e ponto final. Você está me fazendo parecer uma idiota.

Ele colocou as mãos sobre as dela antes que Bryan pudesse girar a chave.

— Você parece uma idiota tentando desviar de algo que a está incomodando. — Ele queria pegá-la. Sem que se desse conta de quando, havia ultrapassado o ponto no qual poderia dizer a si mesmo para não se envolver e conseguir seguir o conselho. Querendo ou não, aceitando ou não, estava envolvido. Lentamente, trouxe a mão dela para sua boca. — Bryan, eu me preocupo.

Ela estava imóvel, impressionada com o fato de uma simples frase arrebatá-la com tanta força. Eu me preocupo. Ele usara a mesma palavra quando falara da mulher que causara seu pesadelo. Junto ao prazer, as palavras dele lhe trouxeram também uma inescapável sensação de responsabilidade. Ele não ia permitir preocupar-se indiscriminadamente. Ela ergueu o olhar e olhou, paciente, confusa, os olhos dele analisando seu rosto.

— Também me preocupo — disse ela. Juntou os dedos nos dele apenas um instante, mas o gesto desconcertou a ambos.

Shade deu o próximo passo com cuidado, duvidoso com relação a ela, e com relação a ele.

— É isso que a está incomodando?

Ela respirou fundo, agora tão cautelosa quanto ele.

— Um pouco. Não estou acostumada com isso... não dessa maneira.

— Nem eu.

Ela assentiu com a cabeça, observando os automóveis em disparada.

— Então acho que seria melhor nós dois tomarmos cuidado.

— Parece lógico. — E quase impossível, pensou ele. Neste exato momento, queria trazê-la para perto de si, esquecer onde estavam. Apenas abraçá-la, percebeu. Era tudo que queria fazer. Com um esforço, afastou-se. — Sem complicações?

Ela conseguiu dar um sorriso. A regra número um era a mais importante, afinal.

— Sem complicações — concordou ela. Mais uma vez alcançou a chave. —Vá ler o seu jornal, Colby — disse ela, suavemente. — Vou dirigir até o anoitecer.

Capítulo 10

Passaram por um pedaço do Tennessee — Nashville, Chattanooga — pegaram o canto oriental do Arkansas — montanhas e lendas — e seguiram em frente para o Missouri de Twain, e Kentucky. Lá encontraram folhas de tabaco, loureiros americanos, Fort Knox e Mammoth Cave, mas quando Bryan pensava no Kentucky, pensava em cavalos. Kentucky representava os lisos e acetinados puros-sangues pastando. O que a levava a pensar em potros com longas patas correndo em vastas pastagens e em fortes cavalos de carga pisando forte em Churchill Downs.

Quando cruzaram o estado em direção a Louisville, ela viu muito mais. Casas de subúrbio bem arrumadas podiam ser vistas ao longo das cidades maiores e das cidades menores, como ocorria em qualquer estado do país. Fazendas espalhavam-se por quilômetros e quilômetros — tabaco, cavalos, grãos. Cidades surgiam com seus edifícios de escritório e ruas maltratadas. Tanta coisa exatamente igual ao que haviam visto no Sul e no Oeste, mas ainda assim, tanta coisa diferente.

Daniel Boone e os cherokees — murmurou Bryan enquanto passavam por outra longa e monótona autoestrada.

— O quê?

Shade levantou os olhos do mapa que estava estudando. Quando Bryan estava dirigindo, não custava nada dar uma olhada no percurso.

— Daniel Boone e os cherokees — repetiu Bryan. Ela aumentou a velocidade para ultrapassar um enorme veículo cheio de bicicletas na parte de trás e varas de pescar na frente. E para onde estariam indo?, imaginou ela. De onde viriam? — Eu estava pensando que talvez seja a história de um lugar o que o torna diferente de outro. Talvez seja o clima, a topografia.

Shade voltou a estudar o mapa, tentando descobrir em vão o tempo e a quilometragem. Mal se dignou a pensar no veículo que

deixaram para trás.

Bryan sorriu para ele, exasperada. Um mais um sempre dava dois para Shade.

— Mas as pessoas são basicamente a mesma coisa, você não acha? Imagino que se a gente cortasse o país em quatro partes, acabaríamos descobrindo que a maioria das pessoas deseja as mesmas coisas. Um teto sobre suas cabeças, um bom emprego, umas duas semanas por ano de férias.

— Flores no jardim?

— É isso aí. — Ela deu de ombros e recusou-se a acreditar que aquilo parecia tolice. — Acho que os desejos da maioria das pessoas são bem simples. Sapatos italianos e uma viagem para Barbados seriam até bem-vindos, mas são as coisas básicas que encantam todo o mundo. Filhos saudáveis, uma boa poupança, um bife na frigideira.

— Você simplifica demais as coisas, Bryan.

— Talvez, mas não vejo nenhum motivo para complicá-las. Interessado, ele deixou o mapa de lado e se virou para ela. Talvez tivesse evitado demais descobrir coisas sobre ela, desconfiado do que poderia vir a encontrar. Mas agora, por trás de seus óculos de sol, seus olhos estavam tão diretos quanto a pergunta que fez:

— O que você quer?

— Eu... — Ela vacilou um instante, franzindo a testa enquanto conduzia a van por uma longa curva. — Não sei o que você quer dizer.

Ele achou que ela sabia, mas eles sempre acabavam criando barreiras.

— Um teto sobre sua cabeça, um bom emprego? Essas são as coisas mais importantes para você?

Dois meses atrás, talvez ela tivesse dado de ombros e concordado. Primeiro vinha seu trabalho, porque lhe dava tudo de que precisava. Foi assim que planejou tudo, foi assim que quis que as coisas

acontecessem. Não estava mais certa disso. Desde que deixou Los Angeles, vira muitas coisas, sentira muitas coisas.

— Eu tenho essas coisas — disse ela, evasiva. — É claro que quero tê-las.

— E?

Desconfortável, mudou de assunto. Não tencionara que sua especulação fútil fosse usada contra ela própria.

— Eu não recusaria uma viagem para Barbados.

Ele não sorriu como ela esperava que fizesse, mas continuou a observá-la por trás da proteção dos óculos escuros. ”

— Você continua simplificando.

— Sou uma pessoa simples.

As mãos dela eram leves e competentes na direção, e o cabelo estava com a habitual trança jogada para trás. Estava sem maquiagem e usava bermudas jeans desfiadas nas pontas com uma camiseta com o dobro do seu tamanho.

— Não é, não. Você apenas finge ser.

Ela balançou a cabeça, abruptamente cautelosa. Desde aquela explosão no Mississippi, Bryan vinha conseguindo manter-se equilibrada e, admitiu, sem pensar nas coisas com muita profundidade.

— Você é uma pessoa complicada, Shade, e acaba vendo complicações onde elas não existem.

Ela desejou poder ver os olhos dele. Desejou poder ver os pensamentos por trás deles.

— Sei o que vejo quando olho para você, e não é nada simples. Ela deu de ombros, despreocupada, mas seu corpo começava a ficar tenso.

— Sou facilmente interpretada.

Ele a corrigiu com uma palavra pequena e sucinta, calmamente pronunciada. Bryan arregalou os olhos e depois voltou sua atenção para a estrada.

— Bem, certamente não sou cheia de mistérios.

Não era? Shade observou os finos fios dourados balançando em suas orelhas.

— Imagino o que você pensa quando está deitada ao meu lado depois de fazermos amor... naqueles minutos após a paixão e antes do sono. Sempre fico imaginando.

Ela também imaginava.

— Depois de fazermos amor — disse ela, com a voz mais firme possível —, passo um tempo enorme pensando em tudo.

Dessa vez ele sorriu.

— Você está sempre com sono — murmurou ele, fazendo-a tremer. — E imagino o que poderia dizer, o que eu poderia ouvir se você falasse os seus pensamentos em voz alta.

Que eu talvez esteja apaixonada por você. Que cada dia que passamos juntos faz com que o fim esteja cada vez mais perto. Que não posso imaginar como vai ser minha vida quando não tiver mais você ao meu lado para me tocar, para conversar comigo. Estes eram seus pensamentos, mas não disse nada.

Bryan tinha seus segredos, pensou Shade. Assim como ele.

— Um dia desses, antes de terminarmos o projeto, você me conta.

Ele a estava imprensando num canto, Bryan sentia, mas ignorava o motivo.

— Por acaso já não lhe contei o suficiente?

— Não. — Não conseguindo resistir ao impulso que cada vez mais o dominava, ele tocou-lhe o rosto.

— Nem perto do suficiente.

Ela tentou sorrir, mas precisou limpar a garganta para falar. -.

— Essa é uma conversa perigosa para quem está dirigindo numa autoestrada a cem quilômetros por hora.

— É uma conversa perigosa em qualquer ocasião. — Ele retirou a mão, lentamente. — Eu a quero, Bryan. Não consigo olhar para você sem desejá-la.

Ela ficou em silêncio, não porque ele dissesse coisas que ela não estava querendo escutar, mas porque ela não sabia mais como lidar com elas, e com ele. Se falasse, talvez falasse demais, o que poderia romper quaisquer laços que porventura haviam começado a se formar. Não podia falar para ele, mas o que ela queria era um laço.

Ele esperou que ela falasse, ansiando para que falasse alguma coisa após ter ultrapassado todas as regras que haviam estabelecido no início. Risco. Ele assumira um. Será que ela não conseguia enxergar? Desejos. Ele a desejava. Será que ela não conseguia sentir? Contudo, ela continuou calada, e o passo à frente virou um passo atrás.

— A saída é logo ali em frente — disse ele. Pegou o mapa e dobrou cuidadosamente. Bryan trocou de faixa, diminuiu a velocidade e saiu da estrada.

O Kentucky a fizera pensar em cavalos; cavalos os levaram para Louisville, e de Louisville para Churchill Downs. O Derby já acabara, mas ainda havia corridas e multidões. Se tinham a intenção de incluir em seu olhar sobre o verão aquelas pessoas que passavam as tardes assistindo a corridas de cavalo e apostando, aonde mais poderiam ir?

Assim que Bryan viu o lugar, pensou em dezenas de ângulos. Podiam ser vistos domos ao estilo de catedrais, assim como edifícios que davam uma elegância tranquila ao frenesi. Aquela pista era o ponto focal, longa, ovalada e cheia de sujeira. Arquibancadas rodeavam tudo. Bryan deu uma caminhada em torno, imaginando que tipo de gente frequentaria aquele lugar, ou qualquer outro do mesmo tipo, e jogar dois dólares, ou duzentos, numa corrida que dura apenas alguns minutos. Novamente, encontrou variedade.

Havia o homem de braços vermelhos, com a camiseta molhada de suor, que examinava o programa das corridas, e um outro, com calças elegantes, que bebia alguma coisa gelada num copo longo. Viu mulheres com vestidos muito caros segurando binóculos e famílias acostumando seus filhos com o esporte dos reis. Havia um homem de chapéu cinza e cheio de tatuagens no braço e um garoto rindo em cima dos ombros do pai.

Haviam estado em jogos de beisebol, em partidas de tênis e corridas de carro por todo o país. Sempre via rostos na multidão que pareciam não ter nada em comum, exceto o jogo. Os jogos haviam sido inventados, refletiu Bryan, e transformados numa indústria. Era um aspecto interessante da natureza humana. Mas as pessoas mantinham os jogos vivos; elas queriam diversão, queriam competir.

Avistou um homem encostado no parapeito, assistindo à corrida como se sua vida dependesse do resultado. Seu corpo estava dobrado, o rosto úmido. Ela o pegou de perfil.

Uma rápida olhada ao redor fez com que descobrisse uma mulher num vestido rosa claro, usando um chapéu de verão. Ela assistia à corrida sem muito interesse, tão distraída do evento quanto uma imperatriz poderia estar de uma luta no Coliseu. Bryan a enquadrou no instante em que a multidão rugia para os cavalos que passavam na reta.

Shade apoiou-se no parapeito e fotografou os cavalos em variadas posições ao longo da pista, terminando com a investida final perto da chegada. Antes, fotografara o painel de apostas, onde os números brilhavam e seduziam. Agora, esperou a colocação do resultado final e focalizou novamente.

Antes das corridas se encerrarem, Shade viu Bryan de pé no guichê de apostas. Com a câmera pendurada no pescoço e a pule na mão, ela caminhou na direção das arquibancadas.

— Você não tem nenhuma força de vontade? — perguntou ele.

— Não. — Ela achara uma máquina de venda automática, e ofereceu a Shade uma barra de chocolate que já estava amolecendo

devido ao calor. — E além do mais, tem um cavalo no próximo páreo chamado Made in the Shade. — Quando ele franziu as sobrancelhas, ela deu um risinho. — Não deu para resistir.

Ele queria dizer que ela era uma tola. Queria dizer-lhe que ela era tão doce que mal dava para suportar. Em vez disso, baixou os óculos de sol dela até poder ver seus olhos.

— Qual é o número?

— Sete.

Shade olhou para o painel de apostas e balançou a cabeça.

— Trinta e cinco por um. Como apostou?

— No vencedor, é claro.

Pegou-a pelo braço e a conduziu de volta para o parapeito.

— Pode começar a dar adeus aos seus dois paus, apostadora espertinha.

— Ou posso ganhar setenta. — Bryan recolocou os óculos no lugar. — Aí pago seu jantar. Se perder — continuou, enquanto os cavalos eram enfileirados para a prova —, ainda vai me restar o cartão de crédito. Pago o jantar da mesma forma.

— Combinado — disse Shade, assim que tocou a campainha. Bryan observou os cavalos dispararem. Só conseguiu enxergar o número 7 quando já estavam quase na primeira curva, o terceiro de trás para a frente. Levantou os olhos para ver Shade balançar a cabeça.

— Não perca as esperanças ainda.

— Quando se aposta num azarão, meu amor, é preciso estar preparado para perder.

Um pouco aturdida pelo uso casual da palavra amor, ela voltou-se para a corrida. Shade raramente se dirigia a ela pelo nome, menos ainda por essas palavras carinhosas. Um azarão, concordou ela em silêncio. Mas não estava totalmente certa de estar preparada para perder como deveria estar.

— Ele está melhorando de posição — disse ela, rapidamente, quando viu que o número 7 acabara de ultrapassar três cavalos com passadas longas e intensas. Esqueceu-se de si mesma, encostou no parapeito e riu.

— Olhe só para ele! Já ultrapassou vários. — Ela levantou a câmera e usou as teleobjetivas como se fossem um binóculo. — Meu Deus, ele é lindo — murmurou. — Não sabia que ele era tão lindo.

Concentrada no cavalo, ela esqueceu a corrida e a competição. Ele era lindo. Podia ver o jóquei cavalgando num borrão de cores que tinha um estilo totalmente particular, mas era o cavalo, com os músculos inchados, as pernas velozes, que a deixava fascinada. Ele queria vencer, ela sentia isso. Não importava quantas corridas havia perdido, quantas vezes havia sido levado de volta para os estábulos suando. Ele queria vencer.

Esperança. Ela estava sentindo, porém não mais escutava as vozes da multidão atrás de si. O esforço do cavalo para ultrapassar

os líderes não enterrara as esperanças. Ela acreditava que ele pudesse vencer, e se acreditasse com muita fé... Numa última explosão de velocidade, ele emparelhou com o líder e cruzou a linha de chegada como um campeão.

— Não posso acreditar — murmurou Shade.

Ele percebeu que estava abraçada a Bryan enquanto observavam o vencedor fazer a volta da vitória com passadas largas e firmes.

— Lindo. — A voz dela estava baixa e densa.

— Ei — disse Shade, acariciando-lhe o queixo ao ver as lágrimas no rosto dela —, a aposta foi de dois dólares apenas.

Ela balançou a cabeça.

— Ele conseguiu. Ele queria vencer, e simplesmente não desistiu até que conseguisse.

Shade passou um dedo pelo nariz dela.

— Já ouviu falar de sorte?

— Já. — Agora mais equilibrada, ela segurou as mãos dele. — E essa vitória não teve nada a ver com isso.

Por um momento, ele a analisou. Então, balançando a cabeça, baixou a boca e a beijou suavemente.

— E isso vindo de uma mulher que afirma ser simples.

E feliz, pensou ela, enlaçando os dedos nos dele. Ridiculamente feliz.

— Vamos lá receber o dinheiro da vitória.

— Ouvi alguma coisa a respeito de alguém pagar um jantar — disse ele, enquanto saíam das arquibancadas.

— É mesmo. Também ouvi a mesma coisa.

Ela era uma mulher de palavra. Naquela noite, com o céu relampejando e ecoando os trovões de uma tempestade de verão, eles foram a um restaurante tranquilo, iluminado por velas.

— Guardanapos de linho — murmurou Bryan, assim que chegaram à mesa.

Ele riu ao pé do ouvido dela, enquanto puxava a cadeira.

— Você se impressiona facilmente.

— É verdade — concordou ela — mas eu não vejo um guardanapo de linho desde junho. — Ela retirou-o do prato e sentiu-o nas mãos. Uso e encorpado. — Não tem cadeira forrada de vinil e nem luminárias de plástico nesse lugar. Tampouco deve haver utensílios de plástico ou ketchup aqui. — Ela deu uma piscadela, bateu de leve no prato e ouviu o som. — Tente fazer isso com um prato de papel e não acontece nada.

Shade observou-a experimentar em seguida o copo.

— Tudo isso vindo da rainha do fast-food.

— Uma dieta constante de hambúrgueres não faz mal, mas também gosto de dar uma variada. Vamos tomar champanhe — decidiu

ela, assim que o garçom chegou. Deu uma olhada na carta, escolheu e voltou-se novamente para Shade, que comentou:

— Você acaba de detonar seu ganho numa garrafa de vinho.

— Chegou fácil, saiu fácil. — Ela colocou as mãos no queixo e sorriu para ele. — Eu já lhe disse que você fica maravilhoso à luz de velas?

— Não. — Divertindo-se, inclinou-se igualmente à frente. — Não deveriam ser minhas essas palavras?

— Talvez, mas você não parece ter nenhuma pressa em dizê-las. E, além do mais, sou eu que estou pagando. Entretanto... — Ela dirigiu o olhar para ele, lento, incandescente. — Se você dissesse alguma coisa agradável, garanto que não ficaria ofendida.

Lentamente, passou um dedo pela mão dele, fazendo-o imaginar por que algum homem teria objeções às vantagens da liberação feminina. Não era nenhuma tortura ter o jantar pago, bebida incluída. Nem seria nenhuma tortura relaxar e ser seduzido. O mesmo poderia ser dito, decidiu Shade, levando a mão dela até sua boca.

— Eu poderia dizer que você sempre está maravilhosa, mas hoje... — Ele percorreu seu rosto com os olhos. — Hoje, está me deixando sem fôlego.

Atordoada por um instante, ela deixou as mãos nas dele. Como ele conseguia dizer essas coisas com tanta calma, de forma tão inesperada? E como poderia ela, tão acostumada com cumprimentos casuais e inconsequentes da parte dos homens, lidar com um que parecia ser tão sério? Com cuidado, avisou a si mesma. Com muito cuidado.

— Nesse caso, vou ter de lembrar de passar o batom com mais frequência.

Ele sorriu rapidamente e beijou-lhe novamente os dedos.

— Hoje você não passou nenhum batom.

— Oh.

Surpreendida, Bryan olhou para ele.

— Madame?

O sommelier estava segurando a garrafa de champanhe com o rótulo para cima.

— Sim — deu um leve suspiro —, sim, essa está ótima. Sem deixar de olhar para Shade, ouviu a rolha sucumbir à pressão e as espumas penetrarem a taça. Deu um gole, fechando os olhos para melhor saborear. Então, assentindo com a cabeça, esperou que o garçom servisse ambos os copos. Agora com mais firmeza, Bryan ergueu a taça e sorriu para Shade.

— A quê?

— A um verão — disse ele, e tocou a borda da outra taça —, a um verão fascinante.

Ela franziu os lábios novamente, fazendo com que seus olhos refletissem o sorriso enquanto ela bebia.

— Eu imaginava que ia ser terrivelmente chato trabalhar com você.

— Jura? — Shade deixou a bebida pairar sobre a língua por um momento. Como Bryan, ela era macia e tranquila, mas cheia de borbulhas por baixo. — Eu esperava que você fosse um pé no...

— Contudo — interrompeu ela, secamente —, fiquei contente de meu prejulgamento ter sido equivocados. — Ela esperou um instante. — E o seu, foi?

— Foi — disse ele, tranquilo, e então riu ao perceber que ela estreitara os olhos para ele —, mas eu não a teria curtido tanto se tivesse sido de outra maneira.

— Gostei mais da gentileza anterior — resmungou ela e pegou o cardápio —, mas acho que já que você é tão pão-duro nesse quesito, vou ter de ficar mesmo com o que conseguir.

— Só digo o que penso.

— Eu sei. — Ela jogou o cabelo para trás enquanto estudava o cardápio. Mas eu... ih, olha só, eles têm musse de chocolate.

—A maioria das pessoas começa pelas entradas.

— Prefiro olhar de trás para frente, depois posso estimar o quanto vou querer comer e ainda deixar espaço para a sobremesa.

— Não consigo imaginar você recusando qualquer coisa com chocolate.

— Tem razão.

— O que não consigo entender é como você pode botar para dentro toda essa quantidade de chocolate e não engordar.

— Sorte, acho. — Com o cardápio aberto sobre o prato, ela sorriu para ele. — Você não tem nenhuma fraqueza, Shade?

— Tenho, sim. — Ele olhou para ela até que Bryan ficasse desconcertada e novamente aturdida. — Algumas. — E uma delas, pensou ele, olhando para ela, estava começando a ficar cada vez mais intensa.

— Já estão preparados para pedir? Distraída, Bryan olhou para o educado garçom.

— O quê?

— Já estão preparados para pedir — repetiu ele —, ou gostariam de mais um tempo?

— A senhora vai querer a musse de chocolate — disse Shade, suavemente.

— Sim, senhor. — Imperturbável, o garçom tomou nota do pedido. — Isso é tudo?

— Nem de longe — disse Shade, e deu um gole no champanhe. Bryan riu e completou seu pedido.

— Estou farta — concluiu Bryan, uma hora mais tarde, quando estavam na van embaixo de um forte temporal. — Totalmente farta.

Shade dirigia em meio à escuridão da tempestade.

— Olhar você comer é um modo incrível de passar o tempo.

— Estamos aqui para nos divertir — disse ela, levemente. Aconchegada em seu assento, cheia de champanhe na cabeça e com trovões ribombando num céu de poucos amigos, ela estava contente de poder ir para onde bem entendesse. — Foi muito simpático de sua parte me deixar comer um pedaço do seu cheesecake.

— Metade — corrigiu Shade. Ele desistiu propositalmente do acampamento no qual haviam decidido ficar. O limpador de para-brisa fazia um zunido do lado de fora. — Mas você está liberada.

— Foi muito amável. — Ela deu um suspiro tranquilo e sonolento. — Gosto de ser paparicada. A noite de hoje vai me fazer sobreviver a outro mês de cadeias de fast-food e restaurantes com comida mofada. — Satisfeita, olhou a escuridão, as ruas molhadas, as poças no meio-fio. Ela gostava da chuva, principalmente à noite, quando deixava tudo brilhando. Admirando os pingos que caíam, acabou sonhando, só despertando quando ele entrou no estacionamento de um pequeno hotel.

— Nada de acampamento hoje — disse ele, antes que ela pudesse questioná-lo. — Espere aqui até eu arranjar um quarto.

Ele já estava fora da van, correndo no meio da chuva, antes que ela pudesse ter tempo para fazer algum comentário. Nada de acampamento, pensou ela, olhando para os estreitos assentos da van. Nada de camas ruins e improvisadas e chuveiros gotejantes.

Deu um risinho, levantou-se e começou a juntar o equipamento de ambos. Esquecera completamente das malas.

— Champanhe, guardanapos de linho, e agora uma cama.—Ela riu enquanto voltava para a van, encharcada.—Vou ficar mimada.

Ele queria mimá-la. Não havia lógica nisso, somente fato. Esta noite, mesmo que fosse somente esta noite, ele queria mimá-la.

— O quarto fica lá atrás.

Enquanto Bryan levava o equipamento, ele dirigia lentamente, verificando os números nas portas.

— Aqui. Espere um minuto.

Ele colocou a bolsa com a câmera no ombro. Ela já havia pego outra mala e sua bolsa quando Shade abriu a porta dela pelo lado de fora. Para sua surpresa, descobriu que estava sendo levada nos braços por ele.

— Shade!

Mas a chuva batia em seu rosto, fazendo-a arfar enquanto ele atravessava em disparada o estacionamento até a porta do quarto.

— Era o mínimo que eu podia fazer depois que você bancou o jantar—disse ele, colocando a enorme chave no buraco da fechadura. Bryan estava rindo enquanto ele lutava para abrir a porta com ela no colo e ainda segurando as bolsas com as câmeras e os tripés.

Ele fechou a porta com o pé e colou a boca na dela. Ainda rindo, Bryan grudou-se a ele.

— Agora estamos os dois molhados — murmurou ela, passando uma das mãos pelo cabelo dele.

— Vamos secar na cama.

Antes que ela pudesse adivinhar as intenções dele, Bryan já estava aterrissando de corpo inteiro no colchão.

— Que romântico — disse ela secamente, mas seu corpo permaneceu mole. Ela ficou deitada na cama, sorrindo, porque ele fizera um raro gesto frívolo e ela tinha a intenção de aproveitar.

O vestido estava colado ao corpo, o cabelo desalinhado. Ele a vira se vestir para o jantar e sabia que estava usando uma fina anágua que ia do alto da coxa até a base dos seios, e meias muito, mas muito transparentes. Ele podia amá-la agora, por horas a fio. Não seria suficiente. Ele sabia o quanto o corpo dela podia ficar relaxado, o

quanto ela podia ser receptiva. Com tanto fogo, tanta força, tanta vibração. Ele podia desejar tudo isso, ter tudo isso.

Não seria suficiente.

Ele era especialista em capturar os momentos, as emoções, a mensagem. Liberou os próprios sentimentos e foi atrás da câmera.

— O que está fazendo?

Quando ela fez menção de se levantar, Shade virou-se para ela.

— Fique aí um minuto.

Intrigada e cautelosa, ela observou-o montar a câmera.

— Eu não...

— Fique deitada do jeito que estava—interrompeu ele.—Relaxada e bem satisfeita consigo mesma.

A intenção dele era mais do que óbvia agora. Bryan franziu a testa. Uma obsessão, pensou ela, divertindo-se. A câmera era uma obsessão para ambos. ”

— Shade, eu sou fotógrafa, não modelo.

— Faça isso por mim.

Com delicadeza, ele a empurrou de volta para a cama.

— Estou com muito champanhe na cabeça para poder discutir com você. — Ela sorriu para ele no momento em que ele apontou a câmera para seu rosto. — Pode brincar, se estiver a fim, ou tirar fotos sérias, se é o seu dever. Contanto que eu não tenha de fazer nada.

Ela não fez nada além de sorrir, e ele começou a latejar. Quantas vezes não usara a câmera como uma barreira entre o objeto e si próprio, outras vezes como a condutora de sua emoção, emoção que ele se recusava a liberar de outra forma. Agora, não era uma coisa nem outra. A emoção já estava nele, e as barreiras não eram mais possíveis.

Ele a enquadrrou rapidamente, e bateu a foto, mas não ficou satisfeito.

— Não é isso que eu quero.

Ele era tão profissional que Bryan não identificou aquilo como uma defesa, mas como seu jeito. Mas quando ele se aproximou, colocou-a sentada e abriu seu vestido, ela ficou de boca aberta.

— Shade!

— É aquele sexo sem pressa — murmurou ele, deslizando o vestido para baixo. — Aquelas incríveis ondas de sensualidade que surgem sem esforço algum, simplesmente existem. É o que vejo nos seus olhos. — Mas quando os olhos dele grudaram nos dela, Bryan esqueceu a piada que estava a ponto de contar. — É o que vejo quando a toco... assim. — Lentamente, ele passou a mão pelo ombro nu de Bryan. — É o que vejo depois de te beijar... assim. — Ele a beijou, demorando-se enquanto a mente dela esvaziava os pensamentos e seu corpo se enchia de sensações. — Assim — sussurrou ele, mais determinado do que nunca a capturar aquele momento, torná-lo tangível até poder segurá-lo com as mãos e vê-lo com seus olhos. — Assim — repetiu, dando um passo para trás, depois dois. — É como a vejo antes de fazermos amor. E como a vejo depois.

Desamparada e excitada, Bryan olhava para a lente da câmera. Ele a pegou, como a uma vítima na mira de uma espingarda, sem pensamentos, com os sentimentos confusos. Ao mesmo tempo, pegou a si próprio.

Por um instante, seu coração estava nos olhos dela. O obturador abria e fechava, e capturava. Quando ampliasse a foto, pensou ele enquanto baixava cuidadosamente a câmera, teria como ver o que estava sentindo ali? Estaria certo de seus próprios sentimentos?

Agora ela estava sentada na cama, o vestido amarrotado, o cabelo despenteado, os olhos enevoados. Segredos, pensou Shade novamente. Ambos os possuíam. Seria possível que ele tivesse trancafiado uma parcela de cada segredo deles no filme que estava na câmera?

Quando olhou para ela, naquele momento, viu uma mulher excitada, uma mulher que excitava. Podia enxergar paixão, docilidade e

aceitação. Podia ver uma mulher que ele passara a conhecer melhor do que qualquer outra pessoa. Contudo, via uma mulher que ainda estava para alcançar — uma mulher que evitara alcançar.

Foi até ela em silêncio. Sua pele estava úmida, mas quente, como ele já esperava que estivesse. Pingos de chuva estavam grudados no cabelo. Ele tocou um deles, que deixou de existir. Ela ergueu os braços.

Enquanto a tempestade rugia do lado de fora, ele a conduziu, e a si próprio, a um lugar onde respostas não eram necessárias.

Capítulo 11

Se tivessem mais tempo... Com agosto se aproximando, este era o pensamento que não saía da cabeça de Bryan. Com mais tempo, poderiam ter demorado mais em cada parada. Com mais tempo, poderiam ter passado por mais estados, mais cidades, mais comunidades. Havia tanto a ser visto, tantas coisas para registrar, mas o tempo estava se esgotando.

Em menos de um mês, a escola que ela fotografara vazia e à espera, naquela tarde luminosa, estaria cheia novamente. Folhas que estavam robustas e verdes ficariam amareladas antes de caírem. Ela voltaria para Los Angeles, para o estúdio, para a rotina que estabelecera. Pela primeira vez em muitos anos, a palavra sozinha tinha um som vazio.

Como isso acontecera? Shade Colby tornara-se seu parceiro, seu amante, seu amigo. Tornara-se, embora fosse assustador admitir, a pessoa mais importante em sua vida. De algum modo, ficara dependente dele, por sua opinião, sua companhia, pelas noites que passaram envolvidos apenas com eles mesmos.

Ela podia imaginar como seria quando voltassem para Los Angeles e seguissem cada um o seu caminho. Partes separadas da cidade, pensou ela, vidas separadas, perspectivas separadas.

A proximidade entre eles, que se desenvolvera tão lentamente e com tanta dificuldade, estaria encerrada. Não era isso o que ambos pretendiam desde o início? Fizeram um acordo entre eles, assim como fizeram um acordo para trabalhar juntos. Se os sentimentos dela haviam mudado, ela era responsável por eles, por lidar com eles. À medida que os quilômetros iam sendo percorridos e o próximo estado a ser visitado era deixado para trás, ela imaginava como começar.

Shade tinha seus próprios pensamentos para lidar. Quando entraram em Maryland, cruzaram na direção do leste. O Atlântico estava próximo, tão próximo quanto o fim do verão. Era o fim que o

perturbava. A palavra não mais significava concluído, mas sim acabado. Ele começou a perceber que não estava nem um pouco preparado para tal desfecho. Havia maneiras de racionalizar o problema. Ele tentou todas.

Deixaram de ver muita coisa. Se utilizassem o tempo para voltar, em vez de manter o plano de atravessar o país, poderiam desviar e parar em diversos lugares que haviam eliminado a princípio. Fazia sentido. Poderiam ficar uma semana na Nova Inglaterra, duas semanas após o Dia do Trabalho, no início de setembro. Depois de vários dias na van e do intenso trabalho que ambos realizaram, mereciam algum tempo de folga. Era razoável.

Deveriam fazer a viagem de volta ao invés de seguir em frente com toda aquela pressa. Se não estivessem preocupados com o tempo, com os quilômetros, quantas fotos não teriam sido feitas em função disso? Se ao menos uma delas fosse especial, teria valido a pena. Era profissional.

Quando retornassem a Los Angeles, talvez Bryan pudesse ir morar com ele, compartilhar seu apartamento da mesma forma que haviam compartilhado a van. Era possível. Não era?

Ela não queria complicar o relacionamento. Não foi isso que ela disse? Ele não queria a responsabilidade de um compromisso com alguém. Não foi isso que ele deixou bem claro? Talvez tivesse começado a sentir a necessidade da companhia dela em algum nível. E era verdade que aprendera a apreciar a maneira com a qual ela podia olhar para qualquer coisa e enxergar algo divertido e belo. Isso não era a mesma coisa que promessas, compromissos ou complicações.

Com um pouco de tempo, um pouco de distância, a necessidade fatalmente desapareceria. A única coisa da qual ele tinha certeza era que desejava adiar essa questão o máximo possível.

Bryan avistou um conversível — vermelho, chamativo. A motorista estava com o braço sobre o assento de couro branco enquanto seu cabelo louro e curto ondulava ao vento. Bryan pegou a câmera e

abaixou a janela. Meio de joelhos, meio agachada no assento, ajustou a profundidade de campo.

Queria pegá-la de trás, alongando o carro num borrão de cor. Mas não estava disposta a deixar escapar o ângulo arrogante do braço da motorista, ou o modo negligente com o qual o cabelo dela esvoaçava ao vento. Já sabia que, no laboratório, teria de dar um retoque na estrada cinza e nos outros carros. Apenas o conversível vermelho, pensou ela, focalizando.

— Tente manter exatamente essa distância — disse ela. Tirou uma foto e, insatisfeita, inclinou-se mais ainda para tirar a próxima. Embora Shade reclamasse, Bryan conseguiu sua foto antes de começar a rir e desabar de volta no assento.

Ele também agia da mesma maneira, e tinha consciência disso. Uma vez que a câmera está no lugar, você tende a pensar que ela é um escudo. Nada pode acontecer com você — você simplesmente não faz parte do que quer que esteja acontecendo ao redor. Embora Shade sempre tenha tido plena consciência disso, já acontecera muitas vezes com ele, mesmo depois das primeiras privações no exterior. Talvez essa compreensão tenha deixado sua voz suave, embora estivesse irritado.

— Não dá para fazer algo mais razoável do que trepar na janela de um carro em movimento?

— Não pude resistir. Não há nada como um conversível numa autoestrada no mês de agosto. Eu sempre brinco com a ideia de comprar um desses para mim.

— E por que não compra?

— Comprar um carro novo é uma coisa cansativa. — Ela olhou para as placas em verde e branco da estrada da mesma maneira que olhou para todas as outras que deixaram para trás. Havia cidades, estradas e caminhos dos quais ela jamais ouvira falar. — Mal posso acreditar que a gente esteja em Maryland. Já rodamos tanto e mesmo assim, sei lá, não parece que dois meses se passaram.

— Dois anos? Ela riu.

— Às vezes. Outras vezes parece dias. Não é tempo suficiente — disse ela, um pouco para si mesma. — Nunca é suficiente.

Shade não se permitiu uma chance de pensar antes de aproveitar a oportunidade para dizer:

— Fomos obrigados a deixar muitas coisas para trás.

— Eu sei.

— Passamos por Kansas, mas não Nebraska, Mississippi, mas não nas Carolinas. Não fomos para Michigan ou Wisconsin.

— Ou Flórida, estado de Washington, Dakota do Sul e do Norte. Ela deu de ombros, tentando não pensar no que havia ficado para trás. Só o hoje, disse Bryan para si mesma. Só pense no hoje.

— Estive pensando na possibilidade de parar nesses lugares na volta.

— Na volta?

Bryan virou-se para ele enquanto ele pegava um cigarro.

— Faríamos de acordo com nosso próprio tempo. — O isqueiro da van brilhou, com a ponta vermelha. — Mas acho que nós dois podíamos tirar um mês ou coisa parecida e terminar o trabalho.

Mais tempo. Bryan sentiu o súbito reaparecimento da esperança, mas logo esmoreceu implacavelmente. Ele queria terminar o trabalho do jeito dele. Era o jeito dele, lembrou a si mesma, fazer as coisas meticulosamente. Mas será que o motivo realmente importava? Teriam mais tempo. Sim, percebeu ela, olhando pela janela. O motivo importava bastante.

— O trabalho estará terminado na Nova Inglaterra — disse ela. — O verão terminou e agora o negócio é voltar para o trabalho. Meus compromissos no estúdio vão ficar um mês atrasados. Mas mesmo assim... — Ela sentiu que estava enfraquecendo, embora ele não dissesse nada, nada fizesse para persuadi-la. — Eu não me importaria de fazer alguns desvios na volta.

Shade mantinha as mãos no volante e a voz tranquila.

— Vamos pensar nisso — disse ele e encerrou o assunto que interessava tanto a ambos.

Cautelosos em relação à autoestrada, pegaram estradas secundárias. Bryan fez fotos de crianças esguichando água uns nos outros com uma mangueira de jardim; de roupa lavada estendida no varal; de um casal de idosos sentados num balanço de varanda. Shade fez suas fotos de operários de construção suados espalhando alcatrão em telhados; de trabalhadores colhendo pêssegos e, surpresa da surpresa, de dois pequenos homens de negócios de dez anos de idade vendendo limonada no jardim de casa.

Emocionada, Bryan aceitou o copo de papel que Shade lhe oferecera.

— Muito doce.

— Você nem provou ainda — comentou ele e pulou para o assento do carona. — Eles colocam pouco açúcar para diminuir as despesas gerais.

— Eu quis dizer você. — Num impulso, ela se inclinou e o beijou, levemente, confortavelmente. — Você pode ser um homem bem doce.

Como sempre, ela o emocionava, e ele não conseguia interromper o processo.

— Posso lhe dar uma lista de pessoas que não concordariam.

— O que elas sabem? — Com um sorriso, ela o beijou de novo. Dirigiu através da rua sombreada e bem cuidada apreciando a grama bem aparada, os jardins floridos e os cachorros latindo nos quintais. — Eu gosto dos subúrbios — disse ela. — Pelo menos para ver. Nunca morei num lugar assim. São tão bem arrumados. — Deu um suspiro e apontou a esquina. — Se eu tivesse uma casa aqui, provavelmente esqueceria de manter a grama e acabaria com um jardimzinho muito malcuidado. Os vizinhos fariam um abaixo-assinado. Eu acabaria vendendo a casa e me mudando para um apartamento.

— E assim acaba a carreira de Bryan Mitchell como moradora da periferia.

Ela o encarou.

— Algumas pessoas não nasceram para viver atrás de cercas.

— Verdade.

Ela esperou, mas ele não disse nada que a fizesse se sentir inconveniente — nada que a fizesse se sentir como se devesse ser inconveniente. Ela deu uma gargalhada prazerosa e depois agarrou e apertou a mão dele.

— Você é bom para mim, Shade, bom mesmo.

Ele não queria deixar que a mão dela se fosse, liberando-a com relutância. Bom para ela. Ela dissera aquilo com tanta tranquilidade, rindo. Por causa disso, ela não poderia fazer a menor ideia do que significava para ele ouvir aquilo. Talvez já fosse hora de contar para ela.

— Bryan...

— O que é? — disse ela, abruptamente, e foi na direção do meio fio. Excitada, levou o carro um pouco mais à frente até conseguir ler o cartaz colado numa cabine telefônica "Carnaval Itinerante do Rouxinol". Freou e quase pulou em cima de Shade para melhor visualizar o cartaz. "Voltara, a mulher elétrica." Quase gritando, ela cutucou Shade. — Fantástico, simplesmente fantástico. Sampson, o elefante dançarino. Madame Zoltar, Mística. Shade, dê uma olhada, é a última noite deles na cidade. A gente não pode perder. Verão sem parque de diversões não é verão. Montanha-russa, jogos de adivinhação.

— E o dr. Wren, o comedor de fogo. Era fácil ignorar o tom seco.

— Destino. — Jogou-se de volta para seu assento. — Deve ter sido o destino que nos trouxe para essa estrada. Se não, a gente teria passado em branco.

Shade olhou novamente o cartaz enquanto Bryan tirava a van do meio-fio.

— Pense nisso — murmurou ele.—A gente poderia ter atravessado o país de ponta a ponta sem ter visto um elefante dançarino.

Meia hora depois, Shade estava recostado no assento, fumando calmamente com os pés sobre o painel. Bryan, perturbada, virou em outra rua.

— Não estou perdida.

Shade deu uma preguiçosa baforada.

— Eu não disse nada.

— Sei o que você está pensando.

— Essa é a especialidade de Madame Zoltar.

— E você poderia parar com esse ar presunçoso.

— Estou assim?

— Você tem sempre esse ar presunçoso quando estou perdida.

— Você disse que não estava.

Bryan cerrou os dentes e olhou com raiva para ele.

— Por que você não pega aquele mapa e me diz onde é que a gente está?

— Fui pegá-lo dez minutos atrás e você rosou para mim. Bryan respirou fundo.

— Foi a maneira com a qual você foi pegá-lo. Você estava dando aquele sorrisinho pretensioso, e eu podia ouvir você pensando...

— Começou a entrar de novo no território de Madame Zoltar.

— Que se dane, Shade. — Mas teve de reprimir o riso enquanto passava pela longa e mal iluminada rua. — Não me importo de parecer uma idiota, mas odeio quando alguém franze a testa para mim por causa disso.

— Eu fiz isso?

— Você sabe que fez. Agora, se você pudesse...

Então enxergou pela primeira vez o brilho das luzes vermelhas, azuis e verdes piscando. Uma roda-gigante, imaginou. Tinha de ser. O som metálico surgia levemente naquele fim de tarde de verão. Um acordeão. Dessa vez foi Bryan quem pareceu presunçosa.

— Eu sabia que encontraria.

— Jamais duvidei.

Talvez ela tivesse algum comentário fulminante a fazer, mas as luzes cada vez mais próximas no início de noite e aquela música bobinha retiveram sua atenção.

— Faz anos — murmurou ela —, anos mesmo, desde a última vez em que vi algo assim. Vou ter que ver o comedor de fogo.

— E prestar atenção em sua carteira.

Ela balançou a cabeça ao sair da rua e entrar no terreno acidentado que funcionava como estacionamento.

— Cínico.

— Realista.—Ele esperou ela manobrar a van perto de uma picape do ano. — Tranque a van. — Shade pegou sua bolsa e esperou do lado de fora até que Bryan pegasse a sua. — Começamos por onde?

Ela pensou em algodão-doce, mas conteve-se.

— Por que não damos uma volta primeiro? A gente poderia até tirar algumas fotos agora, mas à noite elas teriam mais impacto.

Sem a escuridão, sem o brilho das luzes coloridas, o parque de diversões parecia muito com o que era de fato — um pouco enfadonho e mais do que um pouco brega. Suas ilusões podiam ser facilmente desmascaradas naquele momento, e não era por isso que Bryan viera. Parques de diversões, assim como Papai Noel, tinham o direito de ter sua mística preservada. Com mais uma hora, quando o sol tivesse completamente se posto atrás daquelas onduladas montanhas a oeste,

o parque de diversões adquiriria vida própria. A pintura descascando nem seria notada.

— Olhe, lá está Voltara.

Bryan agarrou o braço de Shade e levou-o correndo para ver um cartaz tamanho natural que deixava a personagem com curvas generosas e pouca roupa no momento em que era amarrada ao que parecia ser uma cadeira elétrica feita em casa.

Shade olhou para as lantejoulas pintadas sobre as curvas generosas.

— Deve valer mesmo a pena dar uma olhada.

Bryan bufou rapidamente e o puxou para a roda-gigante.

— Vamos? Do alto a gente vai poder ver todo o parque. Shade tirou uma nota do bolso.

— Esse é o único motivo de você querer passear na roda-gigante.

— Não seja ridículo. — Seguiram, e esperaram o atendente desembarcar um casal. — É uma boa maneira de cobrir todo o território e ao mesmo tempo dar uma descansada — começou ela enquanto sentava no lugar vago. — Com certeza acharemos um excelente ângulo para umas fotos aéreas, e... — Ela escorregou uma das mãos na dele quando começaram a subir. — É o melhor lugar para dar uns amassos num parque de diversões.

Quando ele riu, ela o abraçou e beijou. Alcançaram o topo e sentiram a brisa noturna. Ficaram lá por um momento — os dois — ocupados apenas consigo mesmos. Durante a descida, a velocidade aumentou e ela ficou com um frio no estômago e a mente em polvorosa. Não era diferente da sensação de ser abraçada por ele. Ficaram os dois agarrados por duas voltas inteiras.

Shade, com a cabeça dela apoiada no ombro, observava o movimento do parque se intensificar ao redor deles. Fazia anos desde a última vez que estivera abraçado com uma pessoa tão suave e feminina numa roda-gigante. No segundo grau, quem sabe?, imaginou ele. Mal

conseguia se lembrar. Agora percebia que deixara sua juventude escapar porque tantas outras coisas lhe pareceram mais importantes naquela época. Deixara tudo correr livremente, e embora não fosse, não pudesse, recuperar inteiramente o passado, talvez Bryan estivesse mostrando a ele uma maneira de recapturá-lo pedaço por pedaço.

— Adoro essa sensação — murmurou ela. Podia observar o sol se pôr numa última e espetacular explosão de arrogância, ouvir a música, as vozes, surgirem e desaparecerem à medida que a roda girava. Podia olhar para baixo e ficar suficientemente afastada da cena para melhor entendê-la. — Passear numa roda-gigante deveria ser uma exigência anual, como um checkape de rotina.

Com a cabeça no ombro de Shade, ela examinava a cena abaixo, a rua principal, as barraquinhas, os estandes de jogos. Queria ver tudo, bem de perto. Podia sentir o cheiro de pipoca, de carne grelhada, de suor, o exagerado aroma de loção após-barba do atendente, quando passavam por ele. Tinha uma visão geral. Aquilo era a vida, uma olhada oblíqua sobre a vida. Aquilo era o pequeno canto da vida onde as crianças podiam ver as maravilhas e os adultos podiam fingir por algum tempo.

Bryan pegou sua câmera e focalizou o atendente, em meio a toda a fiação do brinquedo. Ele parecia estar entediado, levantando a barra de segurança para alguns casais e baixando para outros. Para ele, um emprego, pensou Bryan. Para todas as outras pessoas, uma pequena emoção. Sentou-se novamente, contente com o passeio.

Quando já estava escuro, foram trabalhar. Havia muitas pessoas reunidas em volta da roda da fortuna, jogando uma moeda que lhes trouxesse muitas outras. Adolescentes se mostravam para suas namoradas ou amigas arremessando bolas em garrafas empilhadas. Bebês jogavam bolas de pingue-pongue dentro de aquários na esperança de ganhar um peixinho cuja expectativa de vida era curta, na melhor das hipóteses. Meninas berravam no rapidíssimo Octopus, ao passo que os meninos arregalavam os olhos para os cartazes ao longo da rua principal.

Bryan tirou uma bela foto de uma mulher levando um bebê num braço enquanto o outro de três anos a arrastava impiedosamente. Shade tirou uma outra de uma trinca de garotos com músculos bem definidos, caminhando afastados um do outro e fazendo o possível para parecer duros e distantes.

Comiam pedaços de pizza com queijo emborrachado enquanto observavam, junto com o resto da multidão, o Doutor Wren, o comedor de fogo, sair de sua tenda e dar uma rápida e sedutora demonstração de sua arte. Como os garotos de dez anos de idade que estavam atrás dela, Bryan foi iludida.

Após combinarem se encontrar na entrada em meia hora, os dois se separaram. Atraída, Bryan começou a vaguear pelo parque. Não sendo capaz de resistir a Voltara, entrou no meio do show para ver a mulher, um pouco enfasiada e com o rosto brilhante de maquiagem, amarrada numa cadeira que prometia destruí-la com uma carga de 2.000 volts.

Até que ela se saía muito bem, pensou Bryan, fechando os olhos antes da alavanca ser puxada. Os efeitos especiais não eram de primeira, mas funcionavam. Luzes azuis brilhavam em cima da cadeira e em volta da cabeça de Voltara. Fazia a pele dela ficar da cor da luminosidade do verão. Por cinquenta centavos, decidiu Bryan, ao sair da tenda, a audiência saía satisfeita.

Intrigada, foi dar um giro até o local onde os trabalhadores do parque estacionavam os trailers. Lá não havia nenhuma luz colorida, pensou ela, ao dar uma olhada nos carros parados. Nenhuma simpática ilusão. Hoje à noite empacotariam o equipamento, retirariam os cartazes e seguiriam viagem.

e as partes amassadas. As sombras apareciam nas janelas, mas podia-se ver escrito do lado: Rouxinol.

Bryan achou aquilo tocante e agachou-se para tirar uma foto.

— Perdida, mocinha?

Surpresa, Bryan levantou-se às pressas e quase colidiu com um homem baixinho e robusto vestindo uma camiseta e calças de trabalhador. Se ele trabalhava para o parque, pensou Bryan, estaria numa folga bastante longa. Se viera assistir a algum show, as luzes e os espetáculos secundários não haviam lhe chamado a atenção. Um cheiro de cerveja, quente e rançoso, estava impregnado nele.

— Não. — Ela sorriu para ele e manteve uma distância cuidadosa. O medo não participou de sua reação. O gesto foi automático e suave. Havia luzes e pessoas alguns metros adiante. E ela imaginou que talvez ele lhe desse um outro ângulo para as fotos. — Você trabalha aqui?

— Mulher não devia andar por aí sozinha no escuro. Só se estiver a fim de alguma coisa.

Não, o medo não fora a sua primeira reação, e nem estava aparecendo agora. Irritação, sim. Era isso o que estava sentindo antes de se virar para ir embora.

— Com licença.

Então ele a pegou pelo braço e ocorreu a Bryan que as luzes estavam bem mais distantes do que seria de seu interesse. Ignore e siga em frente, disse para si mesma.

— Olhe, tem um pessoal me esperando.

— Você é do tipo alta, não? — Os dedos dele eram bem firmes, mesmo que sua postura não o fosse. Ele avançou um pouco enquanto examinava Bryan. — Não me importo de olhar bem nos olhos de uma mulher. Vamos beber alguma coisa.

— Uma outra hora. — Bryan colocou sua mão no braço dele para empurrá-lo e descobriu que era sólido como um bloco de concreto. Foi então que começou a sentir medo. — Vim aqui tirar algumas fotos — disse ela, tão calma quanto pôde. — Meu parceiro está me esperando. — Tornou a empurrar o braço dele. — Você está me machucando.

— Tem mais cerveja no meu caminhão — resmungou ele enquanto começava a carregá-la cada vez para mais longe das luzes.

— Não. — Sua voz se elevou na primeira onda de pânico. — Não quero cerveja nenhuma•

Ele parou por um momento, vacilando. Quando Bryan deu uma boa mirada nos olhos dele, percebeu que estava no estágio mais alto de bebedeira que um homem pode conseguir antes de cair. Uma forte sensação de medo a acometeu.

— De repente você está a fim de outra coisa. — Ele examinou de alto a baixo o traje de verão de Bryan. — Mulher geralmente está a fim de alguma coisa quando anda assim quase nua.

O medo diminuiu quando uma fúria gélida se instalou. Bryan dardejou. Ele deu um risinho.

— Seu babaca ignorante — disse ela, antes de lhe dar uma joelhada forte e certa. Ele gemeu de dor e baixou a mão. Bryan não esperou para vê-lo se agachando. Correu.

Ainda estava correndo quando deu de cara com Shade.

— Você está dez minutos atrasada — começou ele —, mas nunca vi você correndo tanto.

— Eu estava... eu tive de... — Ela interrompeu, sem fôlego, e apoiou-se nele. Sólido, confiável, seguro. Ela podia ficar naquela posição até o sol nascer.

— O que é? — Ele pôde sentir a tensão antes de enxergá-la no rosto dela. — O que aconteceu?

— Nada, para falar a verdade. — Insatisfeita consigo mesma, Bryan tirou o cabelo do rosto. — Encontrei com um idiota que queria me pagar uma bebida mesmo sem eu estar com sede.

Os dedos dela lhe apertaram com mais força o braço, e ela piscou quando eles tocaram a área já sensível.

— Onde?

— Não foi nada — disse ela novamente, furiosa consigo mesma por não ter tido tempo para recompor-se antes de se encontrar com ele.

— Fui lá atrás dar uma olhada nos trailers.

— Sozinha? — Ele a sacudiu uma vez, rapidamente. — Mas que idiota você é! Você não sabe que parques de diversões não são somente algodão-doce e luzes coloridas? Ele a machucou?

Não foi preocupação que ela ouviu na voz dele, mas sim raiva. Ela esticou a coluna.

— Não, mas você ficou ofendido.

Ele a ignorou e começou a arrastá-la através da multidão na direção do estacionamento.

— Se você parasse de ver as coisas através dessas lentes cor-de-rosa, veria tudo com muito mais clareza. Você por acaso faz alguma ideia do que poderia ter acontecido?

— Posso cuidar de mim mesma. Sempre cuidei de mim mesma. — Quando alcançaram a van, ela soltou-se dele. — Eu encaro a vida da maneira que quiser. Não preciso dos seus conselhos, Shade.

— Você precisa de alguma coisa. — Ele tomou as chaves da mão dela e abriu a van. — É insano andar por aí sozinha, no escuro num lugar como esse. É procurar problema — resmungou ele, sentando-se no assento do motorista.

— Você está parecendo muito com o idiota que deixei esparramado no chão com as mãos entre as pernas.

Ele olhou para ela. Mais tarde, quando estivesse calmo, talvez pudesse até admirar a maneira com a qual ela se livrara de um bêbado inconveniente, mas naquele momento não conseguia enxergar nada além da falta de cuidado dela. Independência à parte, mulheres são vulneráveis.

— Eu deveria ter prestado mais atenção, não deixando que zanzasse sozinha por aí.

— Espere um pouquinho aí. — Ela girou no assento.—Você não me deixa fazer isso ou aquilo, Colbv. Se você colocou na cabeça que é O meu

protetor ou qualquer coisa do tipo, é melhor tirar agora mesmo. Eu dou satisfações a mim mesma. Somente a mim mesma.

— Pelas próximas semanas também vai dar satisfações a mim. Bryan tentou controlar a cólera que a dominava, mas não foi possível.

— Eu posso trabalhar com você — disse ela, medindo as palavras. — Posso dormir com você. Mas não lhe dou satisfações. Não dou agora. Não vou dar nunca.

Shade deu um murro no isqueiro da van.

— Vamos ver.

— Basta lembrar do contrato. — Tremendo de raiva, ela virou-se novamente para o outro lado. — Nós somos parceiros nesse projeto, meio a meio.

Ele deu sua opinião sobre o que ela podia fazer com o contrato. Bryan cruzou os braços, cerrou os olhos e obrigou-se a dormir,

Ele dirigiu por horas. Ela podia dormir, mas ele estava muito agitado para se permitir o mesmo alívio. Então dirigiu, em direção ao Atlântico.

Ela estava certa quando disse que não lhe dava satisfações. Esta foi uma das primeiras regras estabelecidas. Ele não aguentava mais regras. Ela era responsável por si mesma. Shade não exercia mais influência sobre Bryan do que ela sobre ele. Os dois eram pessoas inteligentes e independentes que queriam que as coisas fossem daquela maneira.

Mas ele quis protegê-la. Quando todo o resto deixou de existir, ele quis protegê-la. Seria tão estúpida a ponto de não enxergar que ele não ficara furioso com ela, mas sim consigo mesmo por não estar lá quando precisou dele?

Bryan lhe jogou isso na cara, pensou Shade, carrancudo, enquanto passava a mão nos olhos cansados. Ela o colocara, clara e objetivamente, em seu lugar. E o lugar dele, lembrou a si mesmo, não importava o quanto passaram a ser íntimos, ainda era distante. Era melhor para ambos.

Com a janela aberta, ele podia sentir o aroma penetrante do oceano. Atravessaram o país. Ultrapassaram mais limites do que ele apostara. Mas ainda estavam muito distantes de ultrapassar o último.

O que ele sentia por ela? Ele se fizera essa pergunta inúmeras vezes, mas sempre dera um jeito de bloquear a resposta. Será que ele queria mesmo ouvi-la? Mas eram três horas da manhã, a hora que ele bem conhecia. As defesas desabam com mais facilidade às três da manhã. Era o momento em que a verdade tinha sua chance de entrar em jogo.

Ele estava apaixonado por ela. Era tarde demais para recuar e dizer, não, obrigado. Ele estava apaixonado por ela de um modo completamente estranho a ele. Altruísta. Ilimitado.

Olhando para trás, ele podia quase apontar o momento em que percebera a verdade, embora tivesse chamado de algo diferente. Quando estava na ilha de pedra no lago do Arizona, ele a desejou, a desejou com mais intensidade do que jamais havia desejado qualquer coisa ou qualquer pessoa antes. Quando despertou do pesadelo e a encontrou simpática e sólida a seu lado, ele ansiava por ela, novamente mais do que qualquer coisa ou qualquer pessoa.

Mas quando olhou para o outro lado daquela estrada empoeirada na fronteira de Oklahoma e a viu em pé em frente a uma casinha triste com um canteiro de flores, ficou apaixonado.

Estavam bem distantes de Oklahoma agora, bem distantes daquele momento. O amor crescera, dominando-o. Não sabia como lidar com ele naquele momento. Não fazia a menor ideia do que fazer agora.

Dirigiu na direção do oceano, onde o ar estava úmido. Quando colocou a van entre duas dunas baixas, pôde ver a água, uma sombra com som a distância. Observando o mar, ouvindo o mar, adormeceu.

Bryan acordou quando ouviu as gaivotas. Rígida, desorientada, abriu os olhos. Viu o oceano, azul e tranquilo na luz matutina que já não era mais madrugada. No horizonte o céu estava rosado e sereno.

Brumoso. Ela acordou lentamente e observou as gaivotas voando na praia e depois retornando ao mar.

Shade dormia no assento ao lado, levemente virado para a porta, onde tinha a cabeça apoiada. Dirigira por horas, percebeu ela. Mas o que o motivara?

Ela pensou na discussão com uma tolerância fatigada. Saiu da van sem fazer barulho. Queria sentir o aroma do mar.

Foram apenas dois meses desde que estavam na praia no Pacífico? Estaria tudo realmente tão diferente?, imaginou ela enquanto largava os sapatos e sentia a areia, fria e áspera, sob os pés. Ele passara a noite dirigindo para chegar aqui, refletiu ela. Para chegar aqui, a um passo do fim. Agora, só precisavam dirigir pelo litoral em direção ao norte, passando pela Nova Inglaterra. Uma rápida parada em Nova York para fotos e uso de laboratório, e então Cape Cod, onde o verão terminaria para ambos.

Talvez fosse melhor, pensou ela, se terminassem lá, definitivamente. Fazer a viagem de volta, passando por alguns dos lugares que haviam descoberto na ida, enquanto estavam trabalhando, poderia ser difícil de suportar. Quem sabe, quando chegasse o momento certo, ela daria alguma desculpa e voaria de volta para Los Angeles? Talvez fosse melhor, refletiu, que ambos retomassem suas vidas separadas quando o verão terminasse.

Haviam completado todo um ciclo. Começando pela tensão e irritação do início, passando pela amizade cautelosa, a paixão frenética, e de volta à tensão novamente.

Bryan abaixou-se e pegou uma concha, pequena o suficiente para caber na palma de sua mão, mas ainda inteira.

A tensão quebrava as coisas, não quebrava? Despedaçava a inteireza das coisas, deixando-as em pedaços. Então, o que quer que você pudesse ter tido, estava perdido. Ela não queria que isso acontecesse com Shade. Suspirou, e olhou para o oceano, em parte verde, em parte azul. A neblina estava subindo.

Não, ela não queria que isso acontecesse com ele. Quando se separassem, deveriam fazê-lo da mesma maneira que fizeram ao se aproximar. Como pessoas inteiras, separadas, independentes.

Ela manteve a concha em sua mão enquanto voltava para a van. O cansaço havia terminado. Quando o viu de pé ao lado da van, olhando-a com o cabelo balançando ao vento, rosto sombreado, olhos pesados, seu coração mudou de rumo.

A separação viria logo, logo, disse para si mesma. Por enquanto, não deveria haver pressa.

Caminhou até ele, sorrindo. Pegou-lhe a mão e passou-lhe a concha.

— Se você colocar o ouvido nela, vai poder ouvir o oceano.

Ele não disse nada, mas abraçou-a. Juntos, assistiram ao nascer do sol.

Capítulo 12

Numa esquina em Chelsea, cinco crianças ousadas e cheias de energia abriram um hidrante e deixaram a água esguichar. Bryan gostou do jeito com o qual eles mergulharam no jato d'água, encharcando os tênis e os cabelos. Não era necessário pensar muito para saber o que ela estava sentindo em relação à cena. Quando ergueu a câmera e focalizou, a emoção que predominava nela era a mais pura e simples inveja.

Eles não estavam apenas frescos e deliciosamente molhados enquanto ela estava amolecida pelo calor, estavam também completamente indiferentes ao mundo. Não precisavam se preocupar se suas vidas estavam indo na direção certa, ou em qualquer direção que fosse. Era um privilégio deles aproveitar, nestas últimas ofegantes semanas de verão, sua juventude, sua liberdade e um refrescante mergulho na água da cidade.

Se ela estava com inveja, outras pessoas compartilhavam o mesmo sentimento. O que aconteceu foi que a melhor foto de Bryan foi feita aproveitando a inclusão de um passante na cena. O entregador de meia-idade numa camisa azul suada e sapatos de trabalho empoeirados olhou uma das crianças erguer os braços e receber um jato no corpo. Em um dos rostos via-se prazer, puro e irrefletido. No outro via-se diversão misturada com arrependimento por algo que não podia ser reconquistado.

Bryan seguiu pelas ruas cheias de engarrafamentos ranzinhas; por calçadas que destilavam calor na mesma medida que destilavam insultos. Nem sempre Nova York suportava o calor com rostos sorridentes.

Shade estava no laboratório que haviam alugado, enquanto ela havia optado por fazer primeiro o trabalho de campo. Estava adiando o laboratório, admitiu ela, enquanto passava por um camelô que vendia uma vasta coleção de óculos de sol de plástico. Estava adiando enfrentar sua última sessão de laboratório antes de voltarem para a

Califórnia. Após esta rápida parada em Nova York, iriam para o norte passar o último fim de semana de verão em Cape Cod.

E ela e Shade haviam voltado a ser quase insuportavelmente cuidadosos um com o outro. Desde aquela manhã em que acordaram na praia, Bryan dera um passo atrás. Deliberado, admitiu ela. Descobrira, da pior forma possível, que ele podia magoá-la. Talvez fosse verdade que ela se abria de maneira demasiada. Bryan não negaria que em algum ponto da viagem perdera a determinação de manter uma certa distância. Mas ainda não era tarde demais para recuar. Apenas o suficiente para evitar o sofrimento. Ela tinha de aceitar que a estação estava quase no fim, e quando estivesse definitivamente encerrada, seu relacionamento com Shade se encerraria junto.

Com isso na cabeça, ela serpenteou, sem muita pressa, de volta ao laboratório alugado no centro da cidade.

Shade já estava na décima fileira de provas. Colocou uma série de negativos no ampliador e começou metodicamente a selecionar e eliminar. Como sempre, era mais implacável, mais crítico com seu próprio trabalho do que seria com o trabalho de qualquer outra pessoa. Sabia que Bryan chegaria logo, então todas as ampliações teriam de esperar até o dia seguinte. Mas, mesmo assim, uma delas ele queria ver naquele instante.

Lembrou do pequeno quarto de motel que haviam ocupado naquela noite de chuva perto de Louisville. Lembrou de como estava se sentindo naquele momento — envolvido, um pouco afoito. Aquela noite não saía de sua cabeça, principalmente agora que Bryan e ele pareciam ter levantado novamente o muro. Naquela noite não houve nenhum limite entre os dois.

Encontrou a foto que desejava e a observou com lentes de aumento. Ela estava sentada na cama, o vestido caía-lhe pelos ombros, gotas de chuva grudavam-se em seu cabelo. Suave, apaixonada, hesitante. Tudo isso estava lá, na maneira dela se portar, na maneira de olhar para a câmera. Mas seus olhos...

Frustrado, ele estreitou os próprios olhos. O que havia em seus olhos? Ele queria ampliar a prova naquele instante, ampliá-la de modo que pudesse ver, estudar e compreender.

Ela agora estava recuando. A cada dia ele podia sentir isso, perceber isso. Um pouquinho a mais de distância a cada dia. Mas o que havia em seus olhos naquela noite chuvosa? Ele tinha de saber. Até que soubesse, não podia dar nenhum passo, nem para se aproximar, nem para se distanciar dela.

Quando ouviu a batida na porta, praguejou. Queria dispor de mais uma hora. Com mais uma hora, teria a ampliação, e quem sabe a resposta. Achou que poderia simplesmente ignorar a batida.

— E aí, Shade? Mudança de turno.

— Volte daqui a uma hora.

— Uma hora! — Do lado de fora, Bryan bateu novamente. — Olhe, eu estou derretendo aqui. Além do mais, eu já te dei 20 minutos a mais do que a sua cota.

Assim que ele escancarou a porta, Bryan sentiu a onda de impaciência. Como não estava disposta a encará-la, apenas franziu a testa e desviou o assunto. Se ele queria ficar de mau humor, tudo bem. Contanto que ficasse com ele. Depositou a câmera e o copo de refrigerante com gelo na mesa como se nada estivesse acontecendo.

— E aí, como foi?

— Não terminei ainda.

Ela deu de ombros e começou a retirar da bolsa as embalagens de filme não revelado.

— Você pode terminar amanhã.

Ele não queria esperar até o dia seguinte, não, descobriu ele, não por apenas mais um minuto.

— Se você me der o resto de tempo que eu quero, eu não vou precisar fazer isso amanhã.

Bryan começou a encher de água um tubo raso de plástico.

— Desculpe, Shade. Fiquei morta de cansaço lá fora. Se não começar a trabalhar agora mesmo, o que vou fazer é voltar ao hotel e dormir o resto da tarde. O que vai atrasar todo o meu lado. O que está fazendo de tão importante?

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Nada, só queria terminar.

— E eu tenho de começar — murmurou ela, enquanto verificava a temperatura da água.

Ele a observou por um momento, a maneira profissional com a qual organizava tudo, arrumando as garrafas com os químicos de acordo com suas preferências. Pequenos cachos de cabelo, úmidos devido ao calor, colavam-se ao seu rosto. Preparando-se para trabalhar, ela retirou os sapatos. Ele sentiu uma onda de amor, de desejo, de confusão, e se aproximou para tocar-lhe os ombros.

— Bryan...

— Hein?

Ele começou a se aproximar mais ainda, porém, parou.

— Que horas você acha que termina?

Havia, ao mesmo tempo, um tom de diversão e outro de preocupação em sua voz.

— Shade, quer parar de tentar me expulsar daqui?

— Eu quero voltar para acompanhar você. Ela parou e olhou por cima do ombro.

— Por quê?

— Porque eu não quero que você fique andando por aí depois de escurecer.

— Pelo amor de Deus. — Exasperada, voltou-se para ele. — Você faz ideia de quantas vezes vim a Nova York sozinha? Eu pareço

estúpida?

— Não.

Alguma coisa na maneira com a qual ele dissera aquilo a fez estreitar os olhos.

— Olhe...

— Quero voltar para acompanhar você — repetiu ele, dessa vez tocando seu rosto. — Faça isso por mim.

Ela respirou fundo, tentou ficar irritada, mas acabou levantando a mão para encontrar a dele.

— Oito, oito e meia.

— Tudo bem. A gente pode comprar alguma coisa para comer no caminho de volta.

— Aí, sim. Pode contar comigo. — Ela sorriu e abaixou a mão antes que pudesse sucumbir ao desejo de se aproximar mais ainda. — Agora vai lá tirar algumas fotos, está bem? Tenho trabalho a fazer.

Ele ergueu a bolsa com a câmera e começou a sair.

— Se passar de oito e meia você paga o jantar.

Bryan trancou a porta atrás dele com um clique determinado.

Ela sempre prestava a atenção ao tempo enquanto estava trabalhando. O tempo era precioso demais para ela. Na escuridão, ela trabalhava com animação. Na luz âmbar, seus movimentos mantinham o mesmo ritmo. Enquanto uma série de negativos estava sendo revelada e deixada para secar, ela já ia para outra série, e depois para outra. Quando finalmente desligou a luz, Bryan arqueou as costas, esticou os ombros e relaxou.

Deu uma olhada preguiçosa em volta e percebeu que havia esquecido a bebida que trouxera. Sem se importar, deu um generoso gole no refrigerante aguçado e quente.

O trabalho a satisfazia — a precisão que ele requeria. Agora seus pensamentos concentravam-se nas ampliações. Só então sua criatividade poderia ficar totalmente satisfeita. Tinha tempo suficiente, percebeu ela, olhando rapidamente o relógio, para brincar um pouco com os negativos antes de ele chegar. Mas, se fizesse isso, colocaria a si mesma na mesma situação que ele — deixaria alguma coisa por fazer. Em vez disso, levemente curiosa, foi estudar as provas de Shade.

Impressionantes, decidiu ela, mas nem havia lhe passado pela cabeça ter outra opinião. Estava praticamente decidida a implorar por uma ampliação do velho com o boné de beisebol. Não era o estilo habitual de Shade, refletiu, inclinando-se para examinar a tira de negativos. Era bastante raro ele focalizar uma única pessoa e deixar as emoções fluírem. O homem que tirara aquela foto dissera-lhe uma vez que não tinha compaixão. Bryan balançou a cabeça enquanto examinava as outras provas. Será que Shade acreditava mesmo naquilo ou só queria que o resto do mundo acreditasse?

Então viu a si mesma e parou, atordoada e surpresa. É claro que lembrava de Shade montando a cena, divertindo-a, e depois seduzindo-a enquanto mudava ângulos e velocidades na câmera. A maneira com a qual ele a tocara... Não era algo que ela pudesse esquecer, então não poderia estar surpresa de encontrar a prova. Contudo, ficara muito mais do que surpresa.

Ainda aturdida, Bryan pegou a lente de aumento e colocou sobre o minúsculo quadrado. Olhou... receptiva. Ouviu a si mesma engolir em seco enquanto analisava a foto com mais profundidade. Olhou... com ternura. Seria sua imaginação ou, provavelmente, a habilidade do fotógrafo. Ela olhou... apaixonada.

Lentamente, Bryan baixou a lente e esticou-se. A habilidade do fotógrafo, repetiu ela, lutando para acreditar. Um truque do ângulo, de luz e sombra. O que um fotógrafo capta em filme nem sempre é a verdade. É quase sempre ilusão, quase sempre aquele vago borrão entre verdade e ilusão.

Uma mulher sabe quando ama. Foi isso o que Bryan disse para si mesma. Uma mulher sabe quando entregou seu coração. Não é algo que pode acontecer sem ser sentido.

Fechou os olhos um instante e ouviu o silêncio. Existiria alguma coisa que não sentira em relação a Shade? O quanto ainda fingiria que a paixão, o desejo, a ânsia podiam ser ignorados? O amor criara um laço entre eles. O amor cimentara a relação deles em algo sólido, forte e inegável.

Ela virou-se para onde estavam seus próprios negativos. Havia um que ela conseguira ignorar. Havia um ínfimo pedaço de filme que ela aproveitara num impulso, mas depois descartara porque ficara assustada com a resposta que talvez encontrasse. Agora, como já tinha a resposta, Bryan olhou para a foto.

Estava em negativo. Seu cabelo estava claro, o rosto estava escuro. O pequeno riacho no canto estava branco, assim como os remos em suas mãos. Mas ela podia vê-lo com clareza.

Seus olhos eram bastante penetrantes, embora o corpo estivesse relaxado. Será que algum dia ele conseguiria permitir que sua mente descansasse de fato? Seu rosto era duro, magro, com uma sensibilidade visível apenas ao redor da boca. Ele era um homem, Bryan sabia, que não tinha muita paciência com erros — seus ou dos outros. Era um homem com uma rígida noção do que era importante. E um homem capaz de refrear as próprias emoções e negá-las aos outros. O que dava, quando dava, seria decidido por ele e somente por ele.

Ela sabia, entendia, e amava, apesar de tudo.

Ela já amara antes e, então, o amor fizera mais sentido. Pelo menos parecia estar fazendo. Porém, no fim das contas, o amor não fora suficiente. O que poderia ela saber sobre como fazer o amor dar certo? Será que acreditava que, tendo fracassado uma vez, poderia ter sucesso com um homem como Shade?

Ela amava agora, e disse a si mesma que era suficientemente sábia, suficientemente forte, para deixá-lo ir. Regra número um, Bryan

lembrou a si mesma, enquanto arrumava o laboratório. Sem complicações. Era a ladainha que não saía de sua cabeça até que Shade bateu na porta. Quando ela abriu, quase não acreditou nas palavras.

Haviam chegado à última parada, ao último dia. O verão não é, como desejam alguns, interminável. Talvez o tempo continuasse bom por mais algumas semanas. Flores poderiam ainda surgir, desafiadoras, mas assim como Bryan considerara o início do verão o último dia de aula, também considerava o fim de semana do Dia do Trabalho, na primeira segunda-feira de setembro, o seu fim.

Reuniões barulhentas, festas na praia, fogueiras. Praias quentes e água fria. Isso era Cape Cod. Havia jogos de voleibol na areia e rádios portáteis ligados no último volume. Adolescentes aperfeiçoavam os bronzeados que mostrariam nas primeiras semanas de aula. Famílias entravam na água num último e frenético impulso antes do outono decretar o fim da farra. Churrascos nos quintais levantavam fumaça. O beisebol resistia, animado, antes do futebol americano entrar em cena. Como se soubesse que seus dias estavam contados, o verão caprichava no calor.

Bryan não se importava. Ela queria que este último fim de semana fosse tudo o que um verão poderia ser — quente, confuso, tórrido. Queria que seu último fim de semana com Shade refletisse isso.

O amor podia ser disfarçado de paixão. Ela podia se deixar levar por isso. Dias longos e abafados se transformavam em noites longas e abafadas, e Bryan se agarrou a elas.

Se fazia amor de maneira um pouco frenética, se seus desejos encontravam-se um pouco desesperados, podia culpar o calor. Enquanto Bryan tornava-se mais agressiva, Shade tornava-se mais delicado.

Ele notara a mudança. Embora não tivesse dito nada, Shade notara a mudança na noite em que voltara para o laboratório. Talvez porque raramente ficava nervosa, Bryan achava que podia esconder isso muito bem. Shade quase podia ver os nervos dela dando saltos a cada vez que a olhava.

Bryan tomara uma decisão no laboratório — uma decisão que ela estimava ser a melhor tanto para ela quanto para Shade. Ele também tomara uma decisão no laboratório, no dia seguinte, enquanto observava a foto de Bryan nascer lentamente.

Na viagem de ida, se tornaram amantes. Agora, na viagem de volta, ele tinha de encontrar uma maneira de cortejá-la, como fazem os homens com as mulheres com quem querem passar o resto da vida.

O cavalheirismo vinha antes, embora ele não fosse nenhum especialista no assunto. Pressão, se fosse necessária, poderia ser aplicada mais tarde. Nesse quesito ele tinha mais experiência.

— Que dia. — Depois de várias horas andando, observando tudo e fotografando, Bryan jogou-se na parte de trás da van, que estava com as portas abertas para deixar entrar a brisa. — Não consigo acreditar na quantidade de pessoas seminuas que vi. — Deu um risinho na direção de Shade e arqueou as costas. Vestia apenas seu maiô vermelho e um macacão branco e solto que pendia de um dos ombros.

— Você parece estar bem de acordo. Preguiçosamente, ergueu uma das pernas e examinou.

— Bem, é bom saber que o projeto não arruinou meu bronzado. — Bocejou e esticou-se. — Temos ainda algumas horas de sol. Por que não veste alguma coisa indecente para irmos à praia?—Ergueu-se e levantou os braços para poder abraçá-lo. — A gente podia dar uma refrescada na água. — Beijou-o levemente, provocando, escarnecendo. — Depois podíamos voltar e esquentar tudo de novo.

— Gosto da segunda parte. — Ele transformou o beijo em algo surpreendente, aumentando a pressão e mudando o ângulo. Sentiu-a suspirar. — Por que você não vai agora dar a refrescada? Tenho algumas coisas a fazer.

Com a cabeça nos ombros dele, Bryan lutou para não pedir novamente. Queria que ele fosse com ela, que ficasse com ela cada segundo que ainda tinham juntos. No dia seguinte teria de dizer que

tomara providências para voar de volta para a Costa Oeste. Esta era a última noite que tinham juntos, mas só ela sabia.

— Tudo bem. — Conseguiu sorrir e se afastar. — Não consigo resistir a ir à praia com a gente acampando tão perto. Volto daqui a duas horas.

— Divirta-se.

Ele deu-lhe um beijo rápido e distante e não olhou quando ela se afastou da van. Se tivesse olhado, talvez a visse hesitar, começar a voltar e depois virar-se de novo e seguir em frente.

O ar já estava mais fresco quando Bryan retornou à van. Seu corpo tremia, sinal seguro de que o verão estava nas últimas. Fogueiras estavam acesas e prontas para iluminar a praia. Ao longe, Bryan podia ouvir alguns hesitantes e amadorísticos acordes de violão. Aquela não seria uma noite tranquila, decidiu ao passar por dois acampamentos no caminho para a van.

Parou um momento para olhar a água e jogou o cabelo para trás. Estava sem as tranças e levemente úmido pelo mergulho no Atlântico. Pensou na possibilidade de pegar o xampu na van e dar uma rápida passada pelos chuveiros coletivos. Poderia fazer isso antes de comer um sanduíche frio. Em uma ou duas horas, quando as fogueiras já estivessem todas acesas e a música no mais alto volume, ela e Shade voltariam ao trabalho.

Pela última vez, pensou, alcançando a porta da van.

A princípio, não conseguia parar de piscar, confusa com as luzes tremeluzentes. Velas, era o que estava vendo, embasbacada. Velas e linho branco. Ali, sobre aquela pequena mesa sem equilíbrio que eles armavam entre dois assentos, havia uma toalha de mesa imaculadamente branca e dois círios vermelhos nas taças. Havia também guardanapos vermelhos de linho dobrados nos dois lados. Um botão de rosa podia ser visto num vaso de vidro estreito e transparente. No pequeno rádio atrás podia-se ouvir uma música lenta e tranquila.

Na estreita bancada improvisada, Shade, as pernas abertas, jogava um pouco de alfafa na salada.

— E aí, foi bom o mergulho? — perguntou ele casualmente, como se ela entrasse todas as noites na van com aquele aparato montado.

— Foi, eu... Shade, onde é que você arrumou tudo isso?

— Dei um pulinho na cidade. Espero que goste do camarão apimentado. Eu fiz de acordo com o meu gosto.

Ela sentia o aroma. Além do cheiro das velas e da fragrância da rosa, ela sentia o aroma rico e maduro do camarão apimentado. Rindo, Bryan foi em direção à mesa e passou o dedo num dos círios.

— Como é que conseguiu tudo isso?

— Às vezes me chamavam de entendido.

Ela olhou para a vela e depois para ele. O rosto dela estava maravilhoso, límpido. Na luz tênue, os olhos estavam escurecidos, misteriosos. Mas, acima de tudo, ele viu os lábios curvarem-se, hesitantes, quando ela se aproximou.

— Você fez isso para mim.

Ele a tocou levemente, apenas um toque no cabelo. Ambos sentiram algo incendiar.

— Também pretendo comer.

— Não sei o que dizer. — Ela sentiu os olhos se encherem de lágrimas e não se importou de piscar para se livrar delas. — Eu realmente não...

Ele levantou-lhe a mão dela e, com uma simplicidade que jamais mostrara, beijou seus dedos, um por um.

— Tente um obrigado.

Ela engoliu em seco e sussurrou:

— Obrigada.

— Com fome?

— Sempre. Mas... — Com um gesto que sempre o emocionava, ela levou as mãos ao rosto dele. — Algumas coisas são mais importantes.

Bryan o beijou. Era um sabor no qual ele poderia se afogar — um sabor no qual, agora podia admitir, desejava se afogar. Com delicadeza e sem nenhuma pressa, ele a abraçou.

Os corpos se encaixavam. Bryan sabia disso, e sofria por saber. Até mesmo a respiração de ambos parecia se misturar até que ela tivesse certeza de que os dois corações estivessem batendo exatamente no mesmo ritmo. Ele passou as mãos por baixo de sua blusa, onde a pele ainda estava úmida.

Toque em mim. Ela aproximou-o de si, como se seu corpo pudesse berrar as palavras para ele.

Saboreie o meu corpo. A boca ficou subitamente ávida, quente e aberta, como se apenas com os lábios ela pudesse conseguir o que desejava dele.

Faça amor comigo. Suas mãos se moviam pelo corpo dele como se ela pudesse tocar a emoção que desejava. Tocar, segurar, manter — mesmo que fosse apenas por uma única noite.

Ele sentia o cheiro do mar, e do verão e da noite. Sentia a paixão do corpo que se agarrava ao seu. Necessidades, exigências, desejos — podiam ser saboreados assim que sua boca deixasse a dela. Mas naquela noite descobriu que precisava ouvir as palavras. Cedo demais, avisou-lhe sua mente enquanto ele começava a perder o controle. Era cedo demais para perguntar, cedo demais para dizer. Ela precisaria de tempo, pensou, tempo e mais elegância do que ele estava acostumado a empregar.

Mas mesmo no momento em que se afastou dela, não conseguiu deixá-la ir. Baixou os olhos para Bryan e viu seu próprio começo. O que quer que tivesse visto ou feito no passado, quaisquer lembranças que tivesse tido, não eram importantes. Só havia uma coisa vital em sua vida, e ele estava com ela nos braços.

— Quero fazer amor com você.

A respiração dela já estava descompassada, o corpo trêmulo.

— Sim.

Suas mãos a apertaram com mais força enquanto ele tentava estabelecer alguma lógica.

— Espaço está valendo ouro.

Dessa vez ela sorriu e o puxou para si.

— Temos o chão.

Empurrou-o para baixo junto com ela.

Mais tarde, com a mente mais clara e o sangue mais frio, Bryan lembraria apenas o turbilhão de emoções, apenas as sensações em cascata. Não conseguiria separar a atordoante sensação da boca de Shade em sua pele do sabor inebriante que provinha do corpo dele, embaixo dela.

Ela saberia que a paixão dele jamais havia sido tão intensa, tão inexorável, mas não teria como dizer como soubera. Teria sido a maneira frenética com a qual ele dissera o nome dela? Teria sido a maneira desesperada com a qual ele arrancara-lhe a roupa do corpo, explorando-a, violando-a no processo?

Ela compreendia que seus próprios sentimentos haviam atingido um ápice que jamais conseguiria expressar em palavras. Palavras eram inadequadas. Poderia apenas mostrar a ele. Amor, arrependimentos, desejos, esperanças, tudo havia culminado num redemoinho dentro de si até grudar-se a ele. E quando deram um ao outro tudo o que podiam, ela continuou grudada, guardando o momento para si como teria feito com uma fotografia envelhecida após anos e anos sendo vista.

Enquanto estava ali deitada com ele, a cabeça no peito dele, ela sorria. Tinham dado um ao outro tudo o que podiam dar. O que mais poderia alguém pedir? Com os olhos ainda fechados, ela pressionou os

lábios no peito dele. Nada estragaria aquela noite. Esta noite teriam luz de velas e gargalhadas. Ela jamais esqueceria.

— Espero que tenha trazido muito camarão — murmurou ela. — Estou faminta.

— Comprei o suficiente para alimentar uma pessoa normal e outra esfomeada.

Ela deu um risinho e sentou.

— Bom. — Com uma rara demonstração de energia, ela entrou novamente no pesado macacão e se levantou. Curvou-se sobre o pote de camarão e respirou fundo. — Maravilhoso. Eu não sabia que você era tão talentoso.

— Decidi que já era tempo de deixar você conhecer algumas das minhas qualidades mais admiráveis.

Com um meio sorriso, ela olhou para trás e o viu vestir o short.

— Ah, é?

— É. Afinal, ainda vamos ter de viajar muito juntos. — Lançou um olhar enigmático na direção dela. — Muito mesmo.

— Eu não... — Ela interrompeu suas palavras e virou para mexer na salada. — Isso está com uma cara ótima — começou ela, animada demais.

— Bryan. — Ele a parou antes que ela pudesse pegar algumas tigelas. — O que é?

— Nada.

Por que ele sempre tinha de perceber?, quis saber ela. Será que não conseguia esconder nada dele?

Ele deu um passo à frente, pegou-lhe os braços e a encarou,

— O que é?

— Vamos falar sobre isso amanhã, certo? — A animação ainda estava lá, esforçando-se. — Estou realmente faminta. O camarão já deve

ter esfriado e...

— Agora.

Com uma rápida sacudida nela, ele lembrou a ambos que sua paciência estava no limite.

— Decidi voltar de avião — expeliu ela. — Tem um voo amanhã de tarde.

Ele ficou bem rígido, mas ela estava muito ocupada burilando sua explicação para reparar o quanto aquela rigidez podia ser perigosa.

— Por quê?

— Tive de reorganizar meus compromissos como uma louca para fazer esse projeto. O tempo extra que eu conseguiria acalmaria as coisas.

Pareceu fraco. Era fraco.

— Por quê?

Ela abriu a boca, preparada para lhe dar uma variação sobre o mesmo tema. Um olhar dele a impediu.

— Eu só quero voltar — conseguiu dizer ela. — Sei que você gostaria de ter uma companhia durante a viagem, mas o projeto está encerrado. Tudo indica que você pode chegar bem mais rápido sem mim.

Ele combateu a raiva. Raiva não era o caminho. Se tivesse sucumbido a isso, teria berrado, urrado, ameaçado. Não era o caminho.

— Não — disse ele, simplesmente, e ficou por isso mesmo.

— Não?

— Você não vai voltar de avião amanhã. — A voz dele estava calma, mas seus olhos diziam muito mais. — A gente volta junto, Bryan.

Ela se animou. Uma discussão, decidiu ela, seria fácil.

— Olhe aqui...

— Sente aí.

Ela raramente agia de modo arrogante, mas quando agia, era muito competente.

— Perdão?

Como resposta, Shade empurrou-a levemente para o assento. Sem falar nada, pegou um envelope que guardava suas mais recentes fotos reveladas. Jogou-as sobre a mesa e pegou a de Bryan.

— O que você está vendo? — perguntou ele.

— Eu mesma. — Ela limpou a garganta. — Estou vendo a mim mesma, é claro.

— Não é o suficiente

— É isso o que estou vendo — retrucou ela, mas não olhou novamente para a foto. — É só o que há nela.

Talvez o medo desempenhasse um papel em suas ações. Ele não queria admitir. Mas era o medo, medo de ter imaginado algo que não estava lá.

— Sim, você está vendo a si mesma. Uma mulher bonita, uma mulher desejável. Uma mulher — continuou ele — olhando para o homem que ela ama.

Ele a despira. Bryan teve a sensação de que ele realmente removera camada após camada de mentira, defesa, disfarce. Ela vira a mesma coisa na imagem que ele congelara na foto. Ela vira, mas o que dava a ele o direito de despi-la daquela forma?

— Você exige que eu me entregue demais — disse ela, com a voz tranquila. — Demais mesmo.

Ele teve uma sensação de alívio. Precisou fechar os olhos por um instante. Não era imaginação, não era ilusão, e sim amor. O amor estava lá, e com ele, o começo de tudo.

— Você já me entregou tudo.

— Não. — Bryan virou-se e agarrou-se ao que lhe restava. — Não entreguei, não. O que sinto é minha responsabilidade. Não pedi nada a você, e nem vou. — Respirou fundo. — Nós fizemos uma acordo, Shade. Sem complicações.

— Então parece que nós dois renegamos o acordo, não? — Ele agarrou a mão dela antes que não pudesse mais alcançá-la. — Olhe para mim. — O rosto dele estava próximo, iluminado pela luz da vela. De alguma forma, a tênue luz iluminava o que ele vira, o que ele vivera, o que ele superara. — Você não vê nada quando olha para mim? Você vê mais num estranho na praia, numa mulher na multidão, numa criança na esquina do que vê em mim?

— Não faça... — começou ela, mas foi interrompida.

— O que você vê?

— Vejo um homem — disse ela, falando rápido, apaixonada. — Um homem que precisou ver mais do que deveria. Vejo um homem que aprendeu a manter seus sentimentos cuidadosamente controlados porque não tem muita certeza do que aconteceria se perdesse o controle sobre eles. Vejo um cínico que não conseguiu eliminar completamente sua própria sensibilidade, sua própria empatia.

— Verdade — disse ele, imparcial, embora aquelas palavras fossem ao mesmo tempo mais e menos do que gostaria de ouvir. — O que mais?

— Nada — respondeu ela, quase em pânico. — Nada.

Não era suficiente. A frustração era perceptível; ela podia ver nas mãos dele.

— Onde está a sua percepção agora? Onde está a luz que a leva a ficar tão a mercê do brilho de um homem autoritário e temperamental? Quero que você me enxergue por dentro, Bryan.

— Não posso.—As palavras saíram com um tremor. — Tenho medo.

Medo? Esta hipótese jamais lhe passou pela cabeça. Ela era só emoção, procurava emoção, catava emoção. Aliviou a pegada em sua mão e proferiu as mais difíceis palavras que poderiam sair de sua boca.

— Eu te amo.

Ela sentiu as palavras como um tapa na cara. Ficou sem fôlego. Se ele dissera aquilo, era exatamente o que sentia, isso ela podia ter certeza. Será que ela estivera tão imersa em seus próprios sentimentos a ponto de não conseguir enxergar os dele? Era tentador, seria fácil, simplesmente jogar-se nos braços dele e assumir o risco. Mas lembrou que ambos haviam arriscado antes, e fracassado.

— Shade... — Ela tentou pensar com calma, mas as palavras de amor ainda badalavam em sua cabeça. — Eu não... você não pode...

— Eu quero ouvir você dizer.—Aproximou-se dela novamente. Não havia para onde ir. — Quero que você olhe para mim, sabendo que tudo o que você disse de mim é verdade, e me diga.

— Não daria certo — colocou ela rapidamente, porque seus joelhos estavam trêmulos. — Não poderia dar certo, você não enxerga isso? Eu poderia dizer que quero porque sou suficientemente idiota para pensar que, de repente, dessa vez... com você... Casamento, filhos, não é isso o que você quer, e entendo. Eu também pensava que não queria nada disso, até que tudo ficou tão descontrolado.

Ele estava mais calmo agora, ao passo que ela parecia mais desgastada.

— Você ainda não me disse.

— Tudo bem. — Ela quase berrou. — Então tudo bem, eu te amo, mas eu...

Ele a beijou, inviabilizando qualquer possibilidade de desculpa. Agora, ele poderia simplesmente beber as palavras e tudo o que elas significavam para ele. Salvação. Ele poderia até acreditar nisso.

— Que sangue frio que você tem — disse ele, junto ao rosto dela — para me dizer exatamente o que eu queria ouvir.

— Shade, por favor. — Sucumbindo à fraqueza, ela jogou a cabeça no ombro dele. — Eu não quis complicar as coisas. E nem quero agora. Se eu voltar de avião, nós dois vamos ter mais tempo para reorganizar nossas vidas. Meu trabalho, seu trabalho...

— São importantes — terminou ele —, mas não tão importantes quanto isso. — Ele esperou os olhos dela lentamente fixarem se nos seus. Agora sua voz estava calma outra vez. Continuava segurando a mão dela, mas não apertava mais com tanto desespero.

— Nada é tão importante quanto isso. Você não queria, de repente eu mesmo pensava que não queria, mas agora vejo tudo com mais clareza. Tudo começou com você. Tudo é importante. Você me deixa límpido. — Ele passou a mão no cabelo dela. — Meu Deus, você me faz ter esperanças novamente, acreditar novamente. Você acha que eu vou deixar você tirar tudo isso de mim?

As dúvidas começaram a desaparecer, lenta e tranquilamente. Segundas chances? Ela nunca deixou de acreditar nelas. Azarões, lembrou ela. Basta querer muito ganhar.

— Não — murmurou ela. — Mas eu preciso de uma promessa, Shade, aí então eu acho que a gente poderia acertar alguma coisa.

Ele assim fez.

— Prometo te amar, te respeitar. Cuidar de você, mesmo que você não goste disso. E prometo que o que sou pertence a você.

— Levantou-se e abriu o guarda-volumes. Calada, Bryan o observou pegar um pequeno pote de amores-perfeitos. O aroma era leve, doce e duradouro.

— Vamos plantá-las juntos, Bryan.

As mãos dela se fecharam sobre as dele. Não era ela que sempre acreditara que a simplicidade da vida era feita pelas próprias pessoas?

— Assim que chegarmos em casa.

Epílogo

Quer cooperar, por favor?

— Não.

Divertindo-se, mas não inteiramente satisfeito, Shade observou Bryan ajustar os para-sóis ao lado e atrás de si. Parecia-lhe que ela estava brincando com a iluminação muito mais do que o realmente necessário.

— Você disse que eu podia ter o presente de Natal que quisesse — lembrou-lhe ela, ao ajustar o medidor de intensidade de luz em seu rosto. — Eu quero essa foto.

— Foi um momento de fraqueza minha — resmungou ele.

— Inflexível. — Sem demonstrar nenhuma solidariedade, Bryan deu um passo para trás e analisou os ângulos. Ali a luz estava perfeita, as sombras estavam exatamente onde deveriam estar. Mas... Um longo e sofrido suspiro escapou de sua boca. — Shade, quer parar de fazer essa cara de ameaça?

— Eu disse que você podia tirar a foto. Não disse que ficaria bonitinha.

— Sem chance — disse ela, entre dentes.

Exasperada, ela roçou a mão no cabelo e a fina aliança de ouro em sua mão esquerda brilhou na luz. Shade olhou-a cintilar com o mesmo tipo de prazer estranho que sempre sentia quando lembrava que os dois eram uma equipe em todos os sentidos. Deu um risinho e juntou sua mão esquerda na dela, fazendo com que as duas idênticas alianças se tocassem levemente.

— Tem certeza de que você quer essa foto de presente de Natal? Eu tinha pensado em lhe dar cinco quilos de chocolate francês.

Ela estreitou os olhos, mas seus dedos entrelaçaram-se nos dele.

— Golpe baixo, Colby. Bem baixo. — Recusando-se a se distrair, ela recuou. — Eu vou tirar a minha foto — disse ela. — E se você quiser ser desagradável, eu mesmo vou comprar o chocolate. Alguns maridos — continuou ela, voltando a posicionar-se atrás da câmera — fariam todos os mimos às suas mulheres se elas estivessem na mesma condição delicada que eu.

Ele baixou os olhos para a barriga ainda sem protuberância debaixo do enorme macacão. Ainda ficava atordoado de pensar que havia vida crescendo ali dentro. Vida deles. Quando o verão chegasse novamente, estariam com seu primeiro filho. Não lhe daria a chance de saber que tinha de lutar contra a ânsia de paparicá-la, de mimá-la a cada instante. Em vez disso, Shade deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos.

— Esse aqui não — disse ele, levemente. — Você sabia com quem estava casando.

Ela olhou para ele através do visor. As mãos estavam nos bolsos, mas ele não estava relaxado. Como sempre, seu corpo estava pronto para sair correndo, e sua mente já bem longe. Mas nos olhos ela via o prazer, a delicadeza e o amor. Juntos eles estavam fazendo tudo funcionar. Ele não sorriu, mas Bryan sim, ao acionar o obturador.

— E como sabia — murmurou ela.

F I M

Outras obras da autora

Lançadas pela editora Harlequin Books:

Perigo - Uma coletânea de três clássicos do suspense romântico escritos pela rainha do gênero. O fio-condutor de Negócio de risco, Alerta da natureza e A suspeita são homens que surgem de maneira inesperada na vida de certas mulheres, tornam-se seus amantes e, acima de tudo, possuem um segredo que ameaça a vida de cada uma delas.

Volta ao Lar - O lado mais romântico de Nora Roberts é revelado em três histórias: Concerto inacabado, Ilha das flores e Sem promessa, sem compromisso. Página após página, conhecemos a vida de personagens que encontram em um relacionamento amoroso a solução para problemas profundos com suas famílias.

Manhattan, Louca e desvairada - Nora Roberts revela o coração da cidade que nunca dorme em duas histórias inesquecíveis: Jogos de espelhos e Um herói em Nova York. Em Jogos de espelhos, uma atriz em ascensão e um roteirista com o coração partido vivem um romance com alto nível de sedução e fantasia. Em Um herói em Nova York, Nora utiliza o fascinante mundo dos quadrinhos para unir o intrépido e charmoso Mitch, o pequeno Radley e sua mãe Hester Wallace.